

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**O OFÍCIO DAS REZADEIRAS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE AS
PRÁTICAS TERAPÊUTICAS E A COMUNHÃO DE CRENÇAS EM CRUZETA/RN.**



FRANCIMÁRIO VITO DOS SANTOS

NATAL/RN
MARÇO/2007

Catálogo da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Santos, Francimário Vito dos.

O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN / Francimário Vito dos Santos. - RN, 2007.
296 f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Guilherme Octaviano do Valle.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Antropologia.

Capa: André Vicente.

1. Rezadeiras - Dissertação. 2. Trânsitos religiosos – Dissertação. 3. Práticas terapêuticas - Dissertação. 4. Ritual – Dissertação. 5. Seridó (RN) – Dissertação. I. Valle, Carlos Guilherme Octaviano do. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 39:291.3

FRANCIMÁRIO VITO DOS SANTOS

O OFÍCIO DAS REZADEIRAS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE AS PRÁTICAS TERAPÊUTICAS E A COMUNHÃO DE CRENÇAS EM CRUZETA/RN.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Guilherme Octaviano do Valle

NATAL/RN
MARÇO/2007

FRANCIMÁRIO VITO DOS SANTOS

O OFÍCIO DAS REZADEIRAS: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE AS PRÁTICAS TERAPÊUTICAS E A COMUNHÃO DE CRENÇAS EM CRUZETA/RN.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRN como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Carlos Guilherme Octaviano. do Valle (Orientador/UFRN)

Prof^a. Dra. Elisete Schwade (Examinador Interno/UFRN)

Prof^o. Dr. Luiz Fernando Dias Duarte (Examinador Externo/PPGAS, Museu Nacional - UFRJ)

Suplente: Prof^a. Dra. Eliane Tânia de Freitas (UFRN)

Rezadeiras

Autoria: Francisca Veneranda (rezadeira dona Chiquinha)
22 de junho de 2006

Eu vou escrever porque
Quero improvisar uma história sagrada
Das mulheres que sabem rezar
Elas sabendo rezar
Também sabem até curar

Vamos acreditar por uma fé e verdade
Que as mulheres sabem muito bem rezar
Quando sai da sua casa
Já saem quase melhoradas

Vamos rezar, contrito de coração
Para nossas orações serem ouvidas por Deus
Porque só ele mesmo sabe
Quem protege o povo seu

Rezar é fazer uma grande caridade
Àquelas pessoas que estão a precisar
Porque precisam da saúde
Para também trabalhar

As curadeiras acreditam que Jesus Cristo existe
É por isto que as orações que elas rezam serão ouvidas
Que foi o Pai-nosso ensinado
Pelo próprio Jesus Cristo

A doença faz sofrer e incomodar demais
Por isto que os pecadores
Não agüentam mais
Corre atrás das rezadeiras para elas lhe curar.

AGRADECIMENTOS

É chegado o momento de agradecer a todos que contribuíram para a realização de mais uma conquista na minha vida acadêmica. Na verdade, mais que isso, durante este mestrado adquiri não apenas conhecimentos acadêmicos, mas conhecimentos para lidar com o outro, sobretudo aceitando as suas diferenças. Acredito que isso só foi possível porque havia um ambiente favorável para que essas discussões fossem postas em práticas. Portanto, gostaria de agradecer, inicialmente à UFRN, ao CCHLA e ao PPGAS por terem propiciado uma atmosfera de reflexão. Em seguida, agradeço imensamente ao corpo docente que compõe este departamento. Para mim é uma satisfação imensa fazer parte da história do programa, principalmente por ter feito parte do “primeiro grupo dos oito”. Agradeço também aos incentivos financeiros disponibilizados pela CAPES que possibilitou a realização desta pesquisa. Manifesto também a minha gratidão aos professores Luiz Fernando Dias Duarte (Museu Nacional/UFRJ) e Elizete Schwade (DAN/UFRN), pelas críticas construtivas e sugestões pertinentes acerca deste trabalho.

Quero registrar aqui os meus sinceros agradecimentos ao professor Carlos Guilherme, meu orientador, sobretudo pela maneira sistemática e assídua com que realizava suas observações, discussões e reflexões durante as orientações. Na verdade, a relação entre orientador e orientando é um processo que vai se estreitando ao longo do tempo. Confesso que no início dos encontros, existia uma certa tensão da minha parte, que foi sendo atenuada e diluída a partir da intensificação das reuniões. Dentre as suas qualidades, a que mais admiro é o compromisso e empenho que sempre demonstrou sobre a minha pesquisa. Ele nunca me deixou à deriva, sem rumo durante os trabalhos de campo, por exemplo. Sempre foi extremamente presente. Portanto, posso afirmar, sem sombra de dúvida, que essa dissertação é tão minha quanto sua, Guilherme.

Em todos os sentidos esse mestrado se caracterizou como um marco na minha formação pessoal. Além de eu ter conhecido novas leituras, outros horizontes, novas práticas, outros mundos, tive o que chamei de “a melhor experiência vivenciada neste mestrado”, o estágio docência. Neste período, embora curto, tive a oportunidade de sentir o ambiente de uma sala de aula. Parece soar um tanto redundante falar assim, uma vez que sempre estive numa sala de aula. Só que é diferente assumir a posição de professor, o que chamei também de “lado de cá”. Para isso, contei com a valiosa orientação da Prof^a. Dra. Angela Torresan, que soube conduzir-me neste processo com muita sensibilidade e paciência. Foi uma relação

muito proveitosa em termos acadêmicos, mas que deixou como produto final uma bonita amizade. Portanto, Ângela, além de ter tido a oportunidade de aprimorar meus conhecimentos em sala de aula, consegui uma amiga que pretendo ter ao longo dessa caminhada.

Embora, ao longo do trabalho fique visível a minha relação de proximidade as rezadeiras, gostaria de reiterar novamente os meus sinceros agradecimentos a todas elas, pois sem a valiosa contribuição dessas amigas, talvez este trabalho não tivesse acontecido. Meu muito obrigado às rezadeiras de Cruzeta. Em especial à rezadeira Barica, por ter permitido que eu permanecesse durante um mês inteiro em sua residência realizando pesquisa sobre a sua prática. Assim como ela citou em uma determinada parte do texto que eu era parte da sua família, quero acrescentar com todas as palavras que além de me sentir da sua família, eu a considero uma grande amiga. E, quero expressar aqui os meus mais profundos agradecimentos. Muito obrigado me nome de todos os cruzetenses.

Gostaria de agradecer também aos amigos que fiz durante este curso, Lea, Andreia, Cláudia, Geisa e Nilton, obrigado pela força, pois sei que torceram e continuam torcendo por mim. Não poderia deixar de externar meus melhores agradecimentos a uma pessoa que significou muito na minha vida durante este período e, acredito que vai continuar representando mais e mais. Falo da amiga e eficiente secretária, Ana Elvira. Meu muito obrigado por tudo. Ao amigo Paulo Ricardo pelo apoio que dedicou-me neste período, meu muito obrigado. Ao longo da vida somos presenteados por preciosidades que não podem ser quantificadas, refiro-me a minha grande amiga Ana Carla Vidal, que além de ser esse ser iluminado, sempre esteve presente e apoiando em todos os sentidos. O melhor disso tudo é que essa amizade veio duplamente, portanto, quero agradecer à Marla Vidal, sua filha, que teve a paciência para aturar-me na reta final na resolução dos problemas operacionais.

À minha família, que sempre me apoiou, não apenas nesta jornada, mas em tudo que me propus a realizar. Dedico grande parte deste trabalho à Maria Letície, minha mãe, que incansavelmente contribuiu para que eu conseguisse mais essa vitória. Por ela ter sido a minha grande mestra, ora como mãe, ora como professora, já que foi a responsável pela árdua tarefa de alfabetizar-me (mamãe foi minha professora de 1ª a 4ª série do antigo Ensino Primário). Portanto, eu me sinto duplamente seu fruto: filho e aluno. Dedico também a Nanda, minha irmã, a princesa da casa e uma excelente musicista. Portanto, externo aqui, os meus sinceros agradecimentos. Agradeço a Deus por ter me presenteado com sabedoria, paciência, persistência e, acima de tudo, inspiração no momento de escrever a dissertação. Todo o processo de escrita foi apreciado com muito prazer.

RESUMO

A presente dissertação aborda as práticas das rezadeiras a partir de uma perspectiva antropológica, cuja atenção estará voltada para a compreensão desta prática como um processo dinâmico, tendo Cruzeta (Seridó, RN) como contexto de pesquisa etnográfica. Para a realização da pesquisa, contei com a colaboração de vinte e quatro rezadeiras. Dentre elas, duas eram “rezadeiras evangélicas” e uma outra que era adepta do culto da jurema. As semelhanças existentes entre as rezadeiras eram visíveis, sobretudo em relação ao processo de aprendizagem e ao uso de certos objetos e técnicas rituais. No entanto, as diferenças existentes possibilitaram a realização de uma reflexão acerca da própria heterogeneidade do universo de especialistas. Além disso, tentei captar a relação das rezadeiras com as práticas terapêuticas dos profissionais da biomedicina e as práticas religiosas do padre e do pastor evangélico. Pode-se constatar a complementaridade entre práticas terapêuticas com lógicas diferentes. Essa complementaridade também é percebida a partir dos trânsitos religiosos compartilhados pelas rezadeiras evangélicas. Presente neste trabalho, a descrição dos rituais também é um fator primordial para a compreensão das práticas religiosa e terapêutica realizadas por estas mulheres. Diante do exposto, o nosso objetivo é procurar entender como as rezadeiras interpretam a saúde e a doença, sobretudo levando em consideração as “doenças ditas de rezadeiras”.

Palavras-chave: rezadeiras, trânsitos religiosos, práticas terapêuticas, ritual, Seridó (RN).

ABSTRACT

The present Master's dissertation aims to study the practices of the rezadeiras, Brazilian women healers, through an anthropological perspective. Special attention will be given to the understanding of these practices as a dynamic process in relation to those women who heal in Cruzeta (Seridó, Rio Grande do Norte), where is located our ethnographic research. For this research, twenty four rezadeiras were contacted and collaborated with our work plan. Among them, two were pentecostal rezadeiras and another one was member of the Jurema cult, an afro-brazilian religious cult. Similarities among these women healers were perceived in the research process, mostly in terms of their learning process and the use of certain objects and ritual techniques. However, apparent differences among them gave us the chance for understanding and reflecting on the actual heterogeneity of this world of specialists. Furthermore, i tried to capture the relations between the rezadeiras and the therapeutic practices from health professionals or the religious practices of religious leaders (Catholic, pentecostal, etc). It is possible to ascertain about the complementarity between therapeutic practices from different cultural logics. This complementarity is also perceived through the religious interchanges and transits among different healers, including those who have different religious beliefs. In this work, rituals are also described and they are a crucial factor to the understanding of this particular religious and therapeutic practice conducted by women. Following these ideas, our basic aim is to understand how the rezadeiras make interpretations about health and illness, specially those ones which are particular associated with their practices, the so called "doenças de rezadeiras".

Key-words: rezadeiras, religious transits, therapeutic practices, ritual, Seridó (RN).

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 15 |
| A CIDADE DE CRUZETA: ONTEM E HOJE..... | 18 |
| ESFERAS E ESTRUTURAS DE CUIDADO E SAÚDE EM CRUZETA..... | 22 |
| FESTAS E DEVOÇÕES RELIGIOSAS EM CRUZETA..... | 26 |
| AS REZADEIRAS DE ONTEM..... | 29 |
| AO ENCONTRO DA LITERATURA..... | 33 |
| AO ENCONTRO DAS REZADEIRAS: ASPECTOS METODOLÓGICOS..... | 40 |
| O MEU INTERESSE PELAS REZADEIRAS..... | 50 |
| 1 O UNIVERSO DAS REZADEIRAS: DIVERSIDADE E SEMELHANÇAS | 58 |
| 1.1 A APRENDIZAGEM DAS REZADEIRAS..... | 59 |
| 1.2 A ESCOLARIDADE DAS REZADEIRAS..... | 67 |
| 1.3 DOENÇAS DE REZADEIRAS..... | 77 |
| 1.3.1 As doenças e suas rezas..... | 79 |
| 1.4 REZA, O SABER DA ORALIDADE..... | 92 |
| 2 RITUAL DA BENZEÇÃO: É ASSIM QUE SE REZA EM CRUZETA .. | 94 |
| 2.1 O ESPAÇO DO RITUAL..... | 96 |
| 2.2 A RELIGIOSIDADE DAS REZADEIRAS DE CRUZETA..... | 102 |
| 2.2.1 Os quintais e a botânica das rezadeiras..... | 105 |
| 2.3 O DOM DE CURA E A GRATUIDADE: VETORES QUE DIFERENCIAM O CAMPO TERAPÊUTICO RELIGIOSO E MÉDICO..... | 109 |
| 2.4 INICIANDO O RITUAL: “COM DOIS TE BOTARAM, COM TRÊS JESUS BENZERIA...”..... | 113 |
| 2.5 ASPECTOS CORPORAIS: O ATO DE BOCEJAR, SALIVAR E OS ARREPIOS COMO PROVA DO MALEFÍCIO..... | 125 |
| 2.6 O RITUAL EM DOMICÍLIO..... | 128 |
| 2.6.1 A reza como prevenção dos males..... | 128 |
| 2.6.2 A complementaridade na busca da cura: o tratamento com a rezadeira e com o médico..... | 131 |
| 2.7 RITUAL DE DESCARREGO..... | 135 |
| 3 FUNDO RELIGIOSO COMUM: PLURALIDADE DE CRENÇAS ENTRE AS REZADEIRAS DE CRUZETA | 138 |
| 3.1 OS ELOS DE MEDIAÇÃO: A CIRCULARIDADE NAS TRANSMISSÕES DOS SABERES E CRENÇAS..... | 140 |
| 3.2 O DILEMA DA REZADEIRA EVANGÉLICA: “EU SOU CATÓLICA, MAS SOU CHEGADA À EVANGÉLICA”..... | 148 |
| 3.3 RE-AFIRMAÇÃO DIANTE DA RELIGIÃO CATÓLICA: A REZADEIRA DA JUREMA E O PADRE..... | 153 |
| 3.4 AS REZADEIRAS E SUA CLIENTELA..... | 156 |

| | |
|---|------------|
| 3.1.4 Perfil da clientela da rezadeira Barica..... | 157 |
| 3.5 FLUIDEZ ENTRE O SABER MÉDICO E O SABER DAS REZADEIRAS | 164 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 171 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 176 |
| ANEXOS..... | 183 |

LISTA DE ABREVIACOES

| | |
|--------|--|
| PSF: | Programa de Saúde da Família |
| UMS: | Unidade Mista de Saúde |
| UMS: | Unidade Básica de Saúde |
| IBGE: | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IDEMA: | Instituto de Desenvolvimento Econmico e Meio Ambiente |
| IIGD: | Igreja Internacional da Graça de Deus |
| EJA: | Educao para Jovens de Adultos |
| AD: | Assembléa de Deus |

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------|--|-----|
| Figura 01: | Localização da cidade de Cruzeta..... | 17 |
| Figura 02: | Pacientes na fila para garantir uma ficha para consulta médica..... | 23 |
| Figura 03: | Clientela na frente da casa da rezadeira esperando a sua vez..... | 23 |
| Figura 04: | Pacientes no hospital de madrugada enfrentando filas para conseguir um agendamento..... | 24 |
| Figura 05: | Quadro apresentando as idades das rezadeiras de Cruzeta..... | 46 |
| Figura 06: | A irmã mais velha com a criança no colo durante o ritual de cura de Joaquina..... | 65 |
| Figura 07: | Ritual para curar vento caído..... | 83 |
| Figura 08: | Manifestação cutânea do cobreiro: formação de bolhas e vermelhidão..... | 89 |
| Figura 09: | Os atendimentos realizados na sala de visita. (antes)..... | 100 |
| Figura 10: | Visão do “quartinho” da reza e os clientes aguardando a vez de serem atendidos (atualmente)..... | 100 |
| Figura 11: | Dona Gilberta ao lado da bíblia..... | 102 |
| Figura 12: | Peças de roupas deixadas pelos clientes para a rezadeiras rezar..... | 104 |
| Figura 13: | Pé de pinhão roxo plantado em frente a uma residência, cujo é objetivo é proteger dos males..... | 106 |
| Figura 14: | Barica colhendo ramos para iniciar a reza de cura..... | 108 |
| Figura 15: | Gráfico apresentando a procedência da clientela da rezadeira (dados do pesquisador)..... | 113 |
| Figura 16: | Cliente com as palmas das mãos para cima durante o ritual de cura... | 116 |
| Figura 17: | (1) Ritual para verificar se a cliente está com as <i>arcas caída</i> (antes).. | 119 |
| Figura 18: | (2) A folga é o sinal que a cliente estava com as <i>arcas caída</i> (antes).. | 120 |
| Figura 19: | (3) Após a verificação, prossegue-se o ritual agora com auxílio do ramo verde..... | 120 |
| Figura 20: | (4) Durante o ritual, além de rezar, a rezadeira Barica levantava os braços da cliente..... | 120 |
| Figura 21: | (5) Final do ritual – após nova verificação, a <i>espinhela</i> havia voltado para o lugar..... | 120 |
| Figura 22: | Dona Santa repetia as rezas três vezes e para cada uma ela usava um novo ramo..... | 122 |
| Figura 23: | Barica rezando uma cliente recém operada..... | 132 |
| Figura 24: | Local onde a rezadeira realiza o ritual de descarrego..... | 136 |
| Figura 25: | Mesa (altar) onde dona Rita de Ramim costuma realizar os trabalhos de cura..... | 141 |
| Figura 26: | Parte dos adornos que compõe o espaço terapêutico-religioso de dona Hosana..... | 141 |
| Figura 27: | O altar de dona Hosana..... | 142 |
| Figura 28: | Gráfico da profissão da clientela (dados do pesquisador)..... | 157 |
| Figura 29: | Gráfico do sexo da clientela da rezadeira Barica (dados do pesquisador)..... | 157 |
| Figura 30: | Pai acompanhando a filha durante o ritual de cura..... | 158 |
| Figura 31: | Gráfico da Faixa etária da clientela (dados do pesquisador)..... | 158 |
| Figura 32: | Gráfico da origem da clientela (dados do pesquisador)..... | 159 |
| Figura 33: | Barica rezando um cavalo..... | 160 |

| | | |
|------------|--|-----|
| Figura 34: | A mãe medicando a criança enquanto aguarda a vez de rezar a criança..... | 163 |
| Figura 35: | Barica rezando os clientes em meio à rotina doméstica..... | 166 |
| Figura 36: | A cidade de Cruzeta margeada pelas águas do açude..... | 184 |
| Figura 37: | Açudes públicos construídos pelo DNOCS no Seridó – 1912-1938... | 185 |
| Figura 38: | Quadro das doenças de rezadeiras..... | 186 |
| Figura 39: | Rezadeira Barica..... | 189 |
| Figura 40: | Rezadeiras Francisca e Sebastiana Dantas – filha e mãe..... | 189 |
| Figura 41: | Rezadeira dona Dolores..... | 189 |
| Figura 42: | Rezadeira Joaquina..... | 190 |
| Figura 43: | Rezadeira dona Rita de Ramim..... | 190 |
| Figura 44: | Rezadeira dona Santa..... | 190 |
| Figura 45: | Rezadeira dona Sebastiana..... | 191 |
| Figura 46: | Rezadeira dona Severina mãe de Joaquina..... | 191 |
| Figura 47: | Rezadeira dona Maria de Neco..... | 191 |
| Figura 48: | Rezadeira dona Hosana..... | 192 |
| Figura 49: | Rezadeira tia Romana..... | 192 |
| Figura 50: | Rezadeira dona Maria Pedro..... | 192 |
| Figura 51: | Rezadeira dona Leide..... | 193 |
| Figura 52: | Rezadeira dona Lica..... | 193 |
| Figura 53: | Rezadeira dona Maria de Chico Brito..... | 193 |
| Figura 54: | Rezadeira Marina..... | 194 |
| Figura 55: | Rezadeira dona Chiquinha..... | 194 |
| Figura 56: | Rezadeira dona Gilberta..... | 194 |
| Figura 57: | Rezadeira dona Neuza..... | 195 |
| Figura 58: | Rezadeira dona Uda..... | 195 |
| Figura 59: | Rezadeira dona Silvina de Domingo Preto..... | 195 |
| Figura 60: | Rezadeira dona Maria de Julho Bilino..... | 196 |
| Figura 61: | Rezadeira dona Giselda..... | 196 |
| Figura 62: | Rezadeira Aninha Pêdo, minha bisavó paterna..... | 197 |
| Figura 63: | Rezadeira Maricuta, minha avó paterna e filha de Aninha Pêdo..... | 197 |

INTRODUÇÃO

As rezadeiras ou benzedoras são mulheres que realizam benzeduras. Para executar esta prática, elas acionam conhecimentos do catolicismo popular, súplicas e rezas com o objetivo de restabelecer o equilíbrio material ou físico e espiritual das pessoas que buscam a sua ajuda. Para compor o ritual de cura, as rezadeiras podem utilizar vários elementos: ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulha, linha, pano e reza. Esta é executada na presença do cliente ou à distância. Neste caso, pode ser usada uma fotografia, uma peça de vestuário, ou pode apenas rezar pela intenção de alguém que se encontra distante. Essas mulheres rezam os males de pessoas, animais ou objetos, sem que, para isso, seja necessário o deslocamento dos mesmos até ela. Basta que alguém diga os seus nomes e onde moram. No caso das rezas em objetos, presenciei, durante as minhas visitas as rezadeiras, clientes pedindo para que elas rezassem os seus carros, os seus comércios, as suas casas, dentre outros.

Geralmente, o conhecimento particular e especializado de uma rezadeira é transmitido através de parentes próximos que dominavam ou dominam os saberes das rezas: as avós, as mães, as tias etc. No entanto, existem aquelas que dizem ter adquirido o conhecimento através do “dom que Deus lhe deu”. Ainda que haja diferenças quanto ao tipo de aprendizagem, que pode ser imitativa ou sobrenatural, se declaram católicas, rezam e devotam os santos populares, manejam ramos verdes e são unânimes em afirmar que não cobram pelas suas rezas. O discurso produzido pelas rezadeiras para justificar esta característica é de que a prática da reza é uma caridade, reforçada com a seguinte frase: “quando Jesus andava no mundo, curava as pessoas sem cobrar por tais serviços”.

Ao pesquisar as rezadeiras e suas práticas, muitas questões podem ser lançadas para uma análise mais substantiva. No nosso caso, escolhemos aprofundar uma questão importante: quais concepções de saúde e de doença envolvem diretamente as práticas das rezadeiras? Este trabalho contribui, assim, para entendermos práticas de saúde não-oficiais, populares, que não se confundem, com ações e saberes biomédicos. Ao contrário do que várias pessoas imaginam, as rezadeiras têm papel significativo no tratamento de diversas doenças e, muitas vezes, os pacientes buscam tanto o médico como essas mulheres. Ao invés de serem rejeitadas ou excluídas por parte das pessoas, elas agem de modo complementar às práticas dos profissionais de saúde, quando surgem enfermidades e aflições corporais e morais. Elas são vistas como agentes religiosas entre seus clientes, que são provenientes, na maior parte das vezes, do mesmo universo social delas. Como observou Boltanski (1989), o curandeiro é um membro das classes populares de cujo modo de vida e de pensamento ele participa.

A CIDADE DE CRUZETA: ONTEM E HOJE

A cidade de Cruzeta situa-se no Seridó, vasto trecho do interior do Rio Grande do Norte na fronteira com a Paraíba, “que é cortado pelo rio homônimo” (MEDEIROS, 1954, p. 09). O Seridó potiguar estabelecido pelo IBGE é formado pelas microrregiões do Seridó oriental e Seridó ocidental, compostas, respectivamente, por dez e por sete municípios. Na composição destas, destacam-se, na primeira, os municípios de Currais Novos, Acari, Carnaúba dos Dantas, Cruzeta, Jardim do Seridó, São José do Seridó, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó e Equador; e, na segunda, Serra Negra do Norte, Timbaúba dos Batistas, Ipueira, São João do Sabugi, Caicó, São Fernando e Jardim de Piranhas¹. O clima predominante é árido e seco. As precipitações pluviométricas são, portanto, consideradas baixas. Em consequência, o Seridó é extremamente castigado por longos períodos de estiagem. Sua vegetação é tipicamente de caatinga, apresentando entre as várias espécies: algaroba (*Prosopis juliflora* DC.), jurema preta (*Mimosa hostilis benth*), marmeleiro (*Croton hemiargyreus*), velame (*Croton campestre*), xique-xique (*Cephalocerus gounellei*), catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), faveleira (*Jatropha phyllacantha*), pereiro (*Aspidosperma pyriformium*)².

O povoamento da região do Seridó começou no fim do século XVII. E seus primeiros colonizadores eram provenientes dos estados de Pernambuco, da Paraíba e da Bahia, além de pessoas advindas da Metrópole Portuguesa. Nas áreas onde o povoamento era mais expressivo, ressalta Santos (2005, p. 35), foram criadas as primeiras vilas; dentre elas, a Vila do Príncipe (atual Caicó), pelo Alvará de 31 de julho de 1788.

De modo geral, duas atividades econômicas marcaram a história do Seridó: a pecuária e o cultivo do algodão. Contudo, apesar de a região mostrar-se propícia à criação de gado, “seu maior inimigo” tem sido a seca (MEDEIROS, 1954, p. 28). Além do fornecimento de carne para suprir os mercados coloniais próximos, no caso, o litoral açucareiro. Lopes (2003, p.129) lembra que a pecuária tinha outra importância econômica: “o fornecimento de couro

¹ Fonte: IBGE. Maio de 2006.

² Os nomes científicos de tais espécies de plantas foram pesquisados no Dicionário das Plantas Úteis do Brasil, 1984; e no Novo Aurélio: Dicionário da Língua Portuguesa — Século XXI. Versão 3.0 [2005]. E também no Herbário da UFRN.

para o enrolamento de tabaco e para a exportação de solas de sapateiros”. Outra atividade econômica que se adaptou bem ao clima árido dessa região foi a cultura algodoeira³.

Proveniente da Paraíba, o português Antônio Pais de Bulhões chegou às terras que hoje são parte do município de Cruzeta, no ano de 1766. Ele construiu uma fazenda à margem do Rio São José, em um lugar que ficou conhecido por Remédios. De acordo com Cascudo (1968), as terras da Fazenda Remédios foram sendo herdadas por gerações sucessivas. Góes (1971) afirma que a Fazenda Remédios, embrião da povoação que originou a cidade de Cruzeta, era de propriedade de Joaquim José de Medeiros. Distante seis quilômetros da referida fazenda ficava o Sítio Cruzeta, ponto de confluência dos rios Quimporó, Salgado e Riacho do Meio. Conforme Cascudo (1968, p. 176), “neste ponto foi estudado o açude que se construiu na fazenda Remédios, para onde transitou o nome Cruzeta”.

Segundo Góes (1971), na década de 1910, teve início o estudo do açude que, só dez anos mais tarde, recebeu o despacho para a sua construção⁴. Nessa mesma época, esclarece Moraes (2004), Joaquim José de Medeiros propôs ao Presidente Municipal de Acari, Joaquim Servita, que os trabalhos de construção do açude fossem paralelos à instituição de um povoado, para o qual se comprometia a doar as terras necessárias às moradias e à edificação de uma capela. Por essas iniciativas, Joaquim José de Medeiros foi reconhecido como fundador do município.

O povoamento do município está intrinsecamente ligado à construção do açude. Ao serem iniciadas as suas obras, Cruzeta passou a ser um ponto de atração para várias pessoas das cidades vizinhas ou da Paraíba, que vieram na perspectiva de encontrar trabalho. Moraes (2004, p. 172) indica que a importância desse tipo de obra de engenharia transcende a expectativa econômica, resvalando na dinâmica sócio-política da região, ao fomentar o surgimento de comunidades nas imediações dos reservatórios. Dessas aglomerações, destaca-se aquela formada às margens do Açude de Cruzeta e elevada ao patamar de cidade em sua evolução política.

Em 24 de outubro de 1920, foram realizadas a primeira feira e a primeira missa. E, para ser padroeira dos cruzetenses, Joaquim José de Medeiros doou uma imagem de Nossa Senhora dos Remédios, em homenagem ao Sítio Remédios, que deu origem ao município. No

³Como discorre Medeiros (1954), o algodão do Seridó é perene, arbóreo e resistente às estiagens, encontrando no solo seco e abundante reservas de salitre (nitrato de potássio), a dose necessária de minerais para fornecer uma extraordinária produtividade. Toda a região, por apresentar um solo com características semelhantes — solo pedregulho e seco —, acabava por beneficiar todos os municípios, como sendo produtores de algodão. Sobre o desenvolvimento econômico e a geografia do Seridó, veja também Moraes (2004) e Santos (2005).

⁴ A construção do açude público de Cruzeta foi iniciada no ano de 1920 e concluída em 1929, margeando boa parte do perímetro urbano da cidade (Anexo 01).

ano seguinte, em 1921, foram iniciadas as obras de construção da igreja matriz, concluídas em 1944⁵.

A propósito dos benefícios trazidos por esse tipo de construção para as regiões contempladas, Moraes (2004, p. 172) enfatiza que “a proliferação de açudes fez cintilar verdadeiros oásis, e em suas circunvizinhanças, a vida passou a brotar na forma de pomares, vazantes, peixes e animais a matar a sede”. Com as águas represadas, o homem pode cultivar alimentos e sonhos de dias melhores⁶.

Em 1958, após cinco anos da sua emancipação, o município contratou um médico para assistir à saúde da população. Apesar do Posto de Saúde ter recebido, na época, material cirúrgico, instrumentos para exames de saúde, balanças e outros equipamentos médicos, nunca chegou a funcionar. Pelo que consegui coletar com os habitantes mais antigos da cidade, lá havia um “farmacêutico prático”, chamado Bila Chacon⁷, que fazia as atividades de médico, receitando remédios e realizando partos. Seu Zequinha que, trabalhou na década de 1950 como balconista para esse farmacêutico, enfatizou que seu Bila era chamado para socorrer pessoas nos sítios, fosse para realizar partos, aplicar injeções ou fazer pequenas cirurgias. Sobre as pequenas cirurgias, esse ex-auxiliar disse que assistiu, por diversas vezes, a realização de cirurgias em pacientes portadores de doenças venéreas, sobretudo, cancro mole⁸: “Seu Bila era quem fazia as atividades de médico na cidade, era quem fazia os partos e passava remédios. Ele só receitava ‘remédios de farmácias’, não receitava ‘remédios do mato’” (informação verbal, agosto/2006). Pelo que relatou, os casos considerados graves, eram encaminhados para Dr. Odilon, em Acari, e Dr. Ramalho, em Currais Novos, sobretudo, partos difíceis, que mereciam uma atenção médica especial. No hospital de Currais Novos⁹, nessa época, já se realizavam algumas cirurgias e internações. Seu Zequinha confidenciou ainda, que seu Bila tinha grande devoção por Nossa Senhora do Bom Parto, associando-a talvez à sua profissão de parteiro. Seu Bila tinha uma clientela imensa: “ele só não ficou rico durante o período que morou em Cruzeta, porque, além de realizar os partos de *graça* para as

⁵ O povoado Remédios foi elevado a vila em 18 de agosto de 1937 e, um ano após, a Distrito do Município de Acari, pela Lei Estadual nº 603 de 31 de outubro de 1938 (CASCUDO, 1968, p.176). Cruzeta foi desmembrada de Acari, e passou à condição de município do Estado do Rio Grande do Norte, em 24 de novembro de 1953, pela Lei Estadual nº 915. A sua área territorial compreende 296 km², fazendo limites com Florânia, ao norte, com Jardim do Seridó, ao sul, com Acari, ao leste, e com Caicó ao oeste.

⁶ Veja, no anexo 02, os principais açudes construídos no período de 1912 a 1938, na região do Seridó.

⁷ Seu Bila Chacon, como era chamado pelos cruzetenses, era natural de Currais Novos, e o seu pai, o senhor Abílio Chacon, era proprietário de uma farmácia naquele município.

⁸ Doença venérea produzida pelo bacilo *Hemophilus Ducreyi*. Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. Versão 3.0 [2005].

⁹ Hoje, o Hospital Regional de Currais Novos é referência em atendimento médico para a região do Seridó.

pessoas que não podiam pagar pelos serviços, ainda dava a medicação” (Seu Zequinha, Informação verbal, agosto/2006).

Havia também o irmão desse farmacêutico, de nome Pedro Chacon, que também prestava esse tipo de “assistência médica”. Ele residia no Sítio Rio do Meio e auxiliava as parteiras da comunidade, aplicando injeções, fazendo curativos etc. Segundo dona Terezinha, ex-esposa de Pedro Chacon, ela sempre acompanhava-o às residências dos “moradores do açude”, para prestar socorro.

Segundo os informantes, esses “farmacêuticos práticos” nunca foram perseguidos pelos órgãos de saúde ou pela polícia sob a alegação de prática ilegal. Ao contrário, em um lugar onde o acesso aos serviços médicos era praticamente inexistente, o trabalho desses profissionais mostrava-se de extrema utilidade para quem vivia em uma situação de pobreza. Além das atividades terapêuticas desenvolvidas por “médicos práticos”, a população de Cruzeta também recorria aos serviços de curas oferecidos pelas rezadeiras, o que veremos com mais destaque logo a seguir.

Na década de 1960, a cidade alcançou uma série de melhorias, principalmente na área social. Houve a inauguração do Grupo Escolar, hoje Escola Estadual Joaquim José de Medeiros. Foi também uma década marcada pelo início dos trabalhos de saneamento de água da cidade, pelo funcionamento dos Correios e Telégrafos e recebeu também a energia elétrica¹⁰.

De acordo com o IBGE¹¹, no censo demográfico realizado em 2000, Cruzeta tinha uma população de 8.138 habitantes: 5.977 pessoas viviam na zona urbana; 2.161, na zona rural. A população estimada para o ano de 2005 foi de 8.303 habitantes. Quanto à renda econômica, 42,68% dos habitantes ganham até um salário mínimo; 29,21%, ganham até dois; 21,38%, mais de dois; e 6,71% não possuem rendimentos¹². Podemos supor que os aposentados e pensionistas, a maioria dos funcionários do município, os comerciários e os operários das cerâmicas instaladas no perímetro urbano ganham entre um e dois salários mínimos. Essas impressões, concebemo-las a partir dos dados sobre a renda econômica da população coletados diretamente na prefeitura e nas indústrias de cerâmica. Portanto,

¹⁰ Antes, para iluminar as ruas, era usado um motor a diesel, que fornecia energia para alimentar alguns “bicos de luz”, distribuídos no centro da cidade, das 18h às 22h. Faltando meia hora para o seu desligamento, era emitido um som (toque de recolher), alertando os moradores que as luzes seriam apagadas.

¹¹ Fonte: IBGE – www.ibge.org.br. Acesso em 25 de junho de 2006.

¹² Fonte: IDEMA – www.idemarn.gov.br/secretaria. Acesso em 25 de junho de 2006. Vale salientar que com os auxílios (bolsa família) enviados pelo governo federal, a população de baixa renda pode contar com um rendimento mensal de até noventa e cinco reais.

verificou-se que a prefeitura, com trezentos e cinquenta e quatro funcionários, e as indústrias ceramistas, com duzentos e doze trabalhadores, eram os maiores empregadores da cidade.

O comércio contribui também para gerar emprego e renda para os habitantes locais. Há, pelo menos duzentos e vinte estabelecimentos comerciais: supermercados, mercearias, bares, postos de moto-táxi etc¹³. Organizada aos sábados, a feira é evento importante para movimentar a economia da cidade. Nesse dia, a população rural vem à cidade para comprar e comercializar produtos (legumes, frutas, cereais, animais, ovos, queijos etc.). Antes da década de 1990, a feira ocorria nos domingos. Com a mudança do dia, alguns feirantes de outros municípios, que traziam mercadorias para vender, deixaram de freqüentá-la porque coincide com a feira do seu lugar de origem. Assim, em Cruzeta, essa atividade comercial tem perdido atualmente a sua magnitude econômica. Antes da mudança, ela funcionava o dia inteiro, mas, agora, apenas até o meio dia. Vale acrescentar que o setor de confecções é outro ramo da indústria que, recentemente passou a empregar mão-de-obra na cidade. Em março de 2006, foi inaugurada uma fábrica de calças jeans da empresa Hering. Apesar desse crescimento econômico, Cruzeta pode ser definida como uma cidade de pequeno porte com ainda, grande influência do mundo rural.

ESFERAS E ESTRUTURAS DE CUIDADO E SAÚDE EM CRUZETA

Hoje, Cruzeta possui um hospital, a Unidade Mista de Saúde (UMS), que presta serviços de urgência, internações, partos e pequenas cirurgias. O município conta com dois médicos clínicos gerais, três dentistas e dois enfermeiros. Além da UMS, há duas Unidades Básicas de Saúde (UBS), destinadas ao funcionamento do Programa de Saúde da Família (PSF)¹⁴. Mesmo sendo conhecido e chamado pelas autoridades de saúde local por sua sigla, a população de Cruzeta refere-se aos antigos postos de saúde como “PF”. Isso talvez seja reflexo da falta de informação prestada pelas autoridades de saúde à população. Em cada Unidade Básica de Saúde, encontra-se uma equipe formada por um médico generalista, um enfermeiro, um auxiliar de enfermagem, um dentista, um auxiliar de consultório e dez agentes de saúde. No entanto, pelo que percebi, o modelo de atendimento aplicado por esses

¹³ Fonte: Secretaria de Tributação do Município de Cruzeta.

¹⁴ Em 1994, no governo de Fernando Henrique Cardoso, o Programa de Saúde da Família foi criado como um modelo de programa de saúde, cuja ênfase seria pautada no trabalho preventivo. Veja Brasil (1997).

profissionais se limita a ações curativas e imediatistas. Salvo algumas visitas esporádicas, principalmente aos doentes idosos, tais profissionais alegam falta de tempo para cumprir à legislação do programa. Embora o PSF esteja implantado oficialmente, na prática, não são cumpridas as determinações do Ministério da Saúde, que prescrevem “visitas periódicas às famílias com o intuito de criar uma medicina preventiva e criação de vínculo com a população” (BRASIL, 1997, p. 55). São apenas realizadas consultas ambulatoriais. De fato, apesar de ouvir falar muito em PSF, quando perguntei aos moradores se os profissionais de saúde os visitavam, tive apenas respostas negativas. Algumas pessoas disseram, inclusive, que mal conheciam o agente de saúde responsável por assistir aos moradores daquela área. Assim, a sigla PSF apenas substituiu o antigo “posto de saúde”. O atendimento médico continua sendo ambulatorial e por meio de ficha.



Figura 02 - Pacientes na fila para garantir uma ficha para consulta médica.



Figura 03 - Clientela na frente da casa da rezadeira esperando a sua vez

Ao ingressar no mestrado em Antropologia Social, tinha a intenção de desenvolver uma pesquisa comparativa sobre o Programa de Saúde da Família e as rezadeiras de Cruzeta, centrando, sobretudo, nos pontos de vistas das suas clientelas. Achava que havia algo em comum entre os dois tipos de prática terapêutica: o vínculo com os clientes ou pacientes. No caso das rezadeiras, percebi anteriormente, em pesquisa realizada em outro contexto (SANTOS, 2004), uma afinidade entre elas e seus clientes. As pessoas demonstravam ter um profundo respeito e confiança em contar seus problemas pessoais, pedir conselhos e ajuda para tomar alguma decisão importante à rezadeira Barica. Ou seja, um vínculo afetivo era estabelecido claramente entre ambas as partes, o que permitia esta relação de confiabilidade. No caso das equipes do PSF, suspeitava da criação de vínculos por ser uma das prioridades estabelecidas por suas metas institucionais. Contudo, tive de refazer meus planos de pesquisa, quando soube que não existia de fato nenhuma visita das equipes profissionais de saúde do PSF às famílias e que eram diversos os impasses e dificuldades para alguém receber atendimento médico.

Nos meses de abril e maio de 2006, tive a oportunidade de realizar algumas visitas aos PSF's I, II e à Unidade Mista de Saúde, a fim de verificar *in loco* como ocorre o processo de chegada do paciente até a realização do atendimento médico. Por existir apenas dois médicos na cidade, para conseguir ficha, aquele é obrigado a chegar ao hospital por volta das três horas da manhã¹⁵.



Figura 04 - Pacientes no hospital de madrugada enfrentando filas para conseguir um agendamento.

¹⁵ Das vinte fichas distribuídas, quinze são para a população da cidade e cinco destinadas à população da zona rural. As consultas são realizadas de segunda à sexta, pela manhã, na UMS, e, à tarde, por dois dias na semana, nos PSF's, para atender às pessoas que moram na área de abrangência de cada instituição. Nesses dois “dias de médicos”, são atendidas apenas quinze pessoas por dia.

Na ocasião, conversei com uma senhora de 56 anos, residente no Sítio Riacho do Jardim, que havia pernoitado na cidade, somente para conseguir uma ficha para consulta, pois queixava-se de tonturas constantes. Muito preocupada, temia estar com problema de “pressão” e “taxas altas”, devido a elevados níveis de colesterol no sangue. Segundo essa paciente, só procurava um médico quando passava o *último pau-de-arara*, ou seja, quando o caso era sério. Portanto, “se a população espera até ‘a última hora’ para procurar o médico é também porque as pressões da vida cotidiana, particularmente as pressões econômicas tornam difíceis o abandono das tarefas domésticas” (LOYOLA, 1984, p. 127). Ao conversar comigo, relatou dificuldades que enfrentava quando precisava de cuidados médicos. Acrescentou que se alguém da família adoecia à noite, não há como trazer para o hospital. Os carros eram difíceis e os fretes eram caros. Contudo, disse que doenças como gripe e febre eram tratadas em casa. Costumava manter uma *farmacinha* em casa, com vários remédios para dores, febres e outros males¹⁶.

Sobre as relações existentes entre os médicos e as rezadeiras, observei que havia uma interação amistosa, sem conflitos aparentes. Ouvi, inclusive, várias vezes, a rezadeira Barica perguntar às mães se elas já haviam levado os filhos ao médico e o que ele tinha recomendado para a criança tomar. Também presenciei a rezadeira mandar o cliente procurar o médico, pois a doença não era para ela. Constatei casos de tratamento com a rezadeira e o médico, paralelamente¹⁷. Já com a rezadeira dona Santa, ela contou que quando os filhos de um dos médicos da cidade adoeciam sua esposa os levava para ela rezar. E a vizinha da rezadeira sempre questionava, segundo dona Santa, como a mulher de um médico levava os filhos para uma rezadeira, se tinham o pai como médico.

No caso das rezadeiras, percebi que havia, por outro lado, um laço de afinidade entre elas e os seus clientes. E esse vínculo não se encontrava na rotina das equipes de saúde do PSF, apesar das normas e diretrizes previstas. Conseqüentemente, resolvi centrar a minha análise sobre as práticas das rezadeiras, fazendo, porém, alguns contrapontos com as da medicina oficial, prestadas na cidade.

¹⁶ Sobre a prática do uso da farmácia familiar, veja Loyola (1984).

¹⁷ Cito, como exemplo, uma cliente que se tratava de uma infecção urinária, cujo diagnóstico só conheceu porque seguiu os conselhos da rezadeira, que a mandou procurar o médico para fazer exames. Mesmo fazendo o tratamento à base de antibiótico com o médico, também procurava a rezadeira para curar-se.

FESTAS E DEVOÇÕES RELIGIOSAS EM CRUZETA

A maioria da população de Cruzeta define-se como católica. De acordo com o último censo do IBGE, do total de habitantes do município, 7.859 são católicos, 191 são evangélicos e 88 declararam-se sem religião¹⁸. Em outubro, os fiéis homenageiam a santa padroeira, Nossa Senhora dos Remédios. São nove dias de festas religiosas e profanas. Em cada dia, celebra-se um novenário. O encerramento é marcado pela procissão que percorre as principais ruas da cidade. Geralmente, o último fim de semana da festa reúne os “filhos ausentes”, pessoas nascidas em Cruzeta, mas residentes em outros lugares. Elas retornam à cidade, para comungar da festa, rever amigos e familiares e divertirem-se. Em junho, há outro evento religioso: a Festa da Colheita ou dos Agricultores, cujo objetivo principal é a celebração do bom ano de inverno e a fartura das colheitas. Os agricultores expõem seus melhores produtos colhidos dos roçados e presenteiam para serem leiloados em prol de Nossa Senhora dos Remédios. Há várias irmandades religiosas católicas em Cruzeta. As várias rezadeiras que colaboraram com esta pesquisa são associadas às irmandades.

Na semana santa, período em que os católicos revivem através das suas crenças o sofrimento de Jesus Cristo, acontece na matriz durante todo esse período as chamadas via sacras. Elas acontecem no interior da igreja em frente a cada uma das doze estações que retratam o martírio de Cristo. As estações são as “passagens” de extremo sofrimento que Jesus foi submetido. Embora se perceba algumas mudanças nas práticas religiosas relacionadas a este período considerado sagrado, como, por exemplo, o não cumprimento do jejum nos dias maiores (quinta e sexta-feira), persistem ainda a prática da solidariedade para o outro, o desprendimento das coisas materiais e carnavais (não varrer a casa, partilhar da vida mundana, evitar comer carnes vermelhas) etc. Existem ainda aquelas pessoas que tentam cumprir os ensinamentos sobre o comportamento moral e religioso que herdaram dos seus ascendentes. Muitas das rezadeiras com quem realizei este trabalho cumprem ano após ano alguns rituais que aprenderam com seus parentes. Dona Maria de Neco falou que esta semana é *tirada* para rezar, reviver todo sofrimento de Jesus. Portanto, tudo que é relacionado às coisas do mundo deve ser neste período deixado de lado. Então ela disse:

Eu não como carne vermelha, só peixe, faço jejum a partir da quarta feira, não varro a casa, na sexta-feira cubro os meus santos com um pano, não como doce de

¹⁸ Informações coletadas no dia 03 de agosto de 2006, na sede do IBGE, em Natal.

qualidade nenhuma, pois quando nosso senhor estava com sede deram fel de boi [líquido biliar de sabor extremamente amargo] para ele tomar e também vou à igreja rezar (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

O período da semana santa para mim é lembrado com muita expressividade, pois minha avó paterna, que também era rezadeira, seguia rigorosamente todos os rituais. Lembro que logo no domingo de ramos, que inicia a semana santa, ela mudava seus hábitos, sua rotina diária. A começar por varrer a casa apenas com galhos verdes de forma a tirar apenas a “sujeira grossa”. Não comia carne vermelha de forma alguma, açúcar, nem no café. Na quarta-feira santa, também conhecida na comunidade por “quarta-feira de trevas”, ela não tomava banho, pois acreditava que ficaria entevada, aleijada. No dia maior que é a sexta-feira, o leite excedente que era normalmente vendido para complementar as despesas da semana, era todo destinado para complementar a ceia do jejum dos pedintes e vizinhos que passavam em sua casa.

Neste período, o rádio de mesa era ligado apenas durante a missa, logo em seguida era desligado, já que a música (*toque*, como vovó chamava) estava associada à alegria, e o momento não era de diversão. A idéia era vivenciar através dos sacrifícios e da abstinência dos prazeres materiais um pouco do sofrimento que Jesus passou. E de certa forma, estas práticas reforçavam, sem sombra de dúvida, a fé católica, e conseqüentemente, daria mais disposição para enfrentar as dificuldades do dia a dia. Como lembra Peirano (2003, p. 10), os rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais.

No sábado de aleluia, sempre se tinha um carneiro (cordeiro), que se mataria para *romper a aleluia*. Geralmente, o carneiro era morto durante o sábado. Na passagem do sábado para o domingo, acordavam-se todos da casa para festejar e cear. E diziam-se a seguinte frase em coro: “Aleluia, aleluia, carne no prato, farinha na cuia!”. Na realidade, festejava-se com o mais nobre que se tinha, no caso aqui, o carneiro. E representava justamente a celebração pela ressurreição de Cristo, a fraternidade em família. A partir do sábado estava-se liberado para comer carne e desfrutar das alegrias mundanas.

Embora alguns costumes tenham sido atenuados pelo tempo, algumas rezadeiras de Cruzeta conseguem manter um pouco de suas crenças, sobretudo no que diz respeito à “guarda dos dias maiores”, como a manutenção da prática do jejum, a abstinência de carnes vermelhas, as práticas mundanas, “se voltar para as coisas de Deus”, como afirmou a rezadeira dona Santa. No entanto, como afirma Peirano (2003), as mudanças e transformações não são inimigas do ritual. A sociedade pode decidir ou não o que deve ser mantido ou

esquecido, já que as pessoas estão inseridas em contextos que se atualizam e se recriam a todo instante.

Encontram-se atualmente cinco igrejas evangélicas, em sua maioria caracterizadas como pentecostais ou neopentecostais. A primeira a estabelecer-se na cidade foi a Assembléia de Deus, por volta da década de 1980. Só no final da década seguinte e início do ano de 2000, instalaram-se mais quatro igrejas: Igreja Deus é Amor, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, Igreja Cristã Evangélica e Assembléia de Deus Madureira.

Com tantas igrejas evangélicas na cidade, pode-se imaginar as disputas travadas diariamente por fiéis, pelos representantes dessas instituições. Há um trabalho de evangelização (pregação domiciliar) constante por parte dos crentes, com o objetivo de conseguir adeptos. Logo no início da pesquisa, quando estava realizando contatos com as rezadeiras que ainda não conhecia, verifiquei, inclusive, a preocupação delas em saber se eu era ou não *crente*. Durante as conversas com algumas rezadeiras era comum ouvir indagações do tipo: “meu filho, você é crente?”. Nesse momento, eu afirmava que, assim como elas, eu também era católico. Dona Santa foi uma das que fizeram esse tipo de pergunta, mas antes que eu explicasse, ela afirmou: “Não, você não é crente, estou vendo pelas roupas, eles só andam engravatados” (Informação verbal, maio/2006). Realmente, eu estava trajando bermuda, camiseta e sandálias de dedo. Enquanto os crentes que costumavam pregar em domicílio vestiam camisas sociais, gravatas, calça e sapatos. Uma outra, dona Joaquina, afirmou que *crentes* constantemente passavam na sua casa. Mandavam que ela jogasse fora as suas imagens de santos e diziam que essas nada faziam pelas pessoas: “só Jesus tinha poder de ajudá-las”. Dona Joaquina rebatia: “Eu nasci na minha lei (católica) e vou morrer nela”. Como a maioria das rezadeiras residia na periferia da cidade, esse era o lugar ideal para os missionários atuarem. Elas eram constantemente abordadas e criticadas por exporem as imagens de vários santos de devoção e por realizarem suas rezas e curas. Dona Santa contou que, uma vez, um missionário crente chegou à sua casa, quando ela rezava uma criança. Quando ele estava na porta, viu a cena e recuou rapidamente. Outro dia, o mesmo crente retornou à sua casa. Ela perguntou-lhe o motivo de ter-se retirado ao vê-la rezando a criança. Para a sua surpresa, ele falou que ela estava pecando, pois adorava dois deuses. Então, dona Santa falou para o crente que não estava servindo a vários deuses, já que quem tinha o poder de curar era Deus, mas ela apenas dizia as palavras, sendo um mero instrumento de Deus.

Dessa forma, a relação entre as rezadeiras e os crentes não é o que se pode chamar de amistosa. A começar pela forma como esses se referem às imagens de santos católicos presentes nas residências das rezadeiras. Em geral, eles desqualificam os santos, chamando-os

de *pedaços de paus*, afirmou dona Joanhina. Outra postura dos crentes que as rezadeiras não concordam é quando, em seus discursos, eles enfatizam que “já estão salvos”. De acordo com dona Santa, nenhum pecador pode dizer que está salvo, no céu. Para ela, só quem tem esse poder é Jesus. Embora exista uma tensão entre as duas práticas religiosas, a rezadeira Barica disse não fazer distinção entre os clientes, recebendo toda *qualidade de gente* em sua casa. Basta que chegue com respeito.

Por outro lado, as relações que as rezadeiras mantêm com a Igreja Católica, representada pelo padre, não se mostram apenas cordiais, mas essenciais à manutenção do ofício da reza. É nesse universo religioso que elas encontram elementos sagrados para alimentar seus rituais de cura, uma vez que se denominam católicas. O exemplo mais claro desse intercâmbio é o uso das rezas do catolicismo, a denominação de santos como protetores, enfim se alicerçam nos dogmas da instituição para legitimar suas práticas.

AS REZADEIRAS DE ONTEM

O passado de Cruzeta não pode ser somente lembrado através de seu símbolo mais ilustre: o açude. Para Góes (1971), deve-se saber que a cidade teve também rezadeiras na sua história. Entre elas, a autora destaca Sinhá Alexandrina¹⁹, que era famosa pelas curas que fazia de mau olhado, ventre caído, quebrante, dor de dente e de ventosidade, retirada de espinha de peixe da goela, dor e ferida de goela, nervo trilhado etc. Através de pessoas que chegaram a conhecê-la, constatei que ela tanto rezava as “doenças de rezadeira” (Anexo 03) como realizava rituais de cura para aparecer objetos e animais furtados, fazer casais separados se reaverem, namorados se reconciliarem, além de *botar feitiço*, usando para tal fim *sapos vivos com as bocas cozidas*²⁰. Denominei “doenças de rezadeiras” os males que são tratados pelas rezadeiras. Além desta rezadeira, destaco também dona Salvina, considerada por algumas pessoas especialista em fazer aparecer objetos roubados, animais perdidos etc. A rezadeira dona Giselda disse que ela tinha uma reza tão “forte” que uma vez roubaram uma “corrente de ouro” de uma amiga sua e dona Salvina, através das rezas, fez a pessoa que roubou devolver a peça no mesmo local.

¹⁹ Dona Alexandrina faleceu aos 104 anos de idade, em 1987.

²⁰ O sapo era tão poderoso na feitiçaria, que até determinava um processo de adivinhar. Veja Cascudo (1978,195).

Uma moradora de Cruzeta, dona Zefa de Profira, sessenta e oito anos, contou-me ter conhecido e freqüentado a casa de sinhá Alexandrina. Segundo dona Zefa, esta rezadeira era considerada uma *feiticeira* pelas pessoas da cidade, embora fosse também rezadeira. Supostamente, fazia *trabalhos* a pedidos dos clientes e rezava para curar as doenças. “Ela tanto botava quanto tirava”, acrescentou Maria Lúcia, quarenta e quatro anos, que também a conheceu. Sua reza era muito *forte*, porque ela era uma *rezadeira boa* (competente). Muita gente tinha, porém, medo dela, porque criava sapos para fazer feitiço. Falou também que havia muitas bonecas de pano de cor preta no quarto em que dona Alexandrina rezava²¹. Percebe-se no discurso dessa informante, um misto de prestígio e temor que existiam em torno das práticas realizadas por esta rezadeira. Por sua vez, para complementar a descrição, Ana Lúcia, sua neta, disse-me que sua avó passava o dia inteiro rezando, trancada em um quarto cheio de santos e oratórios: “Ela rezava muito, era um rosário atrás do outro” (Informação verbal, maio/2006). Afirmou também que, a quantidade de pessoas em frente à casa da sua avó, à espera de atendimento, era tanta, que tinha dificuldade para conseguir entrar. Após todas essas conversas, alguns questionamentos começaram a surgir. Em primeiro lugar, como diferenciar entre uma rezadeira e uma feiticeira? Quais elementos podem ser elencados para que tal classificação seja efetuada? Por que as pessoas classificam uma mulher como sendo apenas rezadeira e outra como sendo rezadeira e feiticeira? O que seria o feitiço para essas pessoas? Estas são algumas das questões que devo abordar na etnografia que realizo entre as rezadeiras de Cruzeta.

O relato criado pelas pessoas da cidade a respeito da diferença entre rezadeira e feiticeira está relacionado à conduta e aos elementos mágicos que cada rezadeira manipula no seu cotidiano. “Feiticeira, bruxa é aquela pessoa que tanto tira quanto bota, e a rezadeira é de rezar para olhado, quebranto, uma dor, uma pancada, uma reza diferente, assim como Jesus andava curando as pessoas” (Informação verbal, maio/2006).

Para auxiliar na análise dessas duas categorias, busco os conceitos de benzedor e curador elaborados por Loyola (1984, p. 94). A rezadeira é aquela mulher que, em seus rituais, usa somente as rezas do catolicismo, é caridosa, não roga praga e frequenta a Igreja Católica, ou seja, limita-se a rezar e fazer cruces na cabeça do cliente. Enquanto a curandeira e a feiticeira, se utiliza de trajes especiais, se revestem de gestos, usam implementos religiosos como cálices, garrafas com cobras mergulhadas em álcool, velas acesas, rosários, santos. Na

²¹ Uma rezadeira boa, de acordo com esta moradora, é aquela cujas rezas têm resultados imediatos. Esse tipo de adorno também estava presente na casa da rezadeira dona Hosana. Em uma mesinha na sala, a boneca preta, de pano, completa a paisagem em meio às imagens dos santos.

visão das pessoas de Cruzeta, as feiticeiras transmitem um aspecto de mistério e têm fama de fazer feitiço para prejudicar pessoas. Um exemplo é o caso de dona Rita de Ramim, que afirmou receber *caboclos brabos*. Na sala da sua casa, há um altar com várias imagens; entre elas, a de Nossa Senhora Aparecida, medindo meio metro de altura, jarros com flores artificiais, copos com água e velas brancas. No entanto, apenas uma rezadeira manifestou sua opinião a respeito de dona Rita de Ramim. Falou que ela não era rezadeira, uma vez que *rezadeira não recebia espírito*. Contudo, não chegou a acusá-la de feitiçeira, enfatizando que as pessoas tinham livre escolhas.

De acordo com a opinião de alguns clientes, as rezadeiras não se caracterizam como feitiçeras, pois usam apenas as rezas da igreja católica e o ramo verde: “Eu venho pra rezadeira Barica porque ela não trabalha com essas coisas... Ave-maria eu morro de medo dessas coisas” (Informação verbal, cliente, fevereiro/2006). Nas entrelinhas, percebe-se que a cliente estava se referindo ao ato de manifestar espíritos, ficar possuída por entidades etc. Realmente, no ritual de cura de Barica, o que fica mais evidente é o uso das rezas audíveis, súplicas aos santos, seguida do uso do ramo. Ela não se manifesta ou cultua entidades pertencentes aos ritos afro-brasileiros. No entanto, tenho conhecimento que ela afirma possuir características que as ditas feitiçeras possuem, que são a vidência e o poder de sentir as coisas. Em geral, quando os clientes chegam à casa dela para serem rezados, dizem o seguinte: “Barica, eu quero que você *veja* como está tal coisa para mim”. Esse pedido é amplo e, envolve problemas relacionados às questões pessoais, amorosas ou profissionais.

Um outro fato marcante na prática das rezadeiras é a construção de um discurso que as aproxima dos dogmas da Igreja Católica. Mesmo que haja elementos de outras religiões presentes nos rituais, cuja ênfase contempla o uso de termos, como o *olhado*, *feitiço*, *carregado* etc., notei que existe a preocupação de esconder tais semelhanças e, com isso, tornar essa prática composta somente por elementos compartilhados pelos católicos. Quando se tratava de escolher uma rezadeira, observei alguns clientes afirmarem o seguinte: “eu gosto da rezadeira fulana, porque ela só usa as rezas da igreja, não mexe com essas coisas de feitiços, não trabalha para fazer mal às pessoas” (Informação verbal, fevereiro/2006). As rezadeiras procuram solucionar os problemas, utilizando elementos da religião católica, sobretudo do catolicismo popular (rezas, preces, súplicas e devoções aos santos que fazem parte da religiosidade do povo, como Frei Damião, Padre Cícero, as almas dos vaqueiros²², dentre outros).

²² A rezadeira dona Rita de Ramim é devota dessas almas, e tem como obrigação, toda segunda-feira, dia destinado às almas, acender velas na intenção delas.

Só após algumas leituras consegui refletir a respeito da diferenciação entre rezadeira e feiticeira estabelecida pelas pessoas da comunidade. A dúvida crucial era a seguinte: para algumas pessoas, determinada mulher era rezadeira, já para outras essa mesma mulher era temida, considerada catimbozeiro, feiticeira etc. Confesso que foi difícil entender esta dinâmica, mas, aos poucos, passei a entender melhor esse problema de diferenciação situacional. A ideia de situacionalidade, que não é necessariamente um conceito, mas uma perspectiva, ajudou-me a entender a relação. Evans-Pritchard (1978), mostra que a situacionalidade é uma perspectiva para se ver a política e as distinções de identidade. Por exemplo, um aldeão de tal aldeia é diferente em certo contexto, diante do aldeão de outra linhagem. Seguindo esta linha de pensamento, mas fazendo ressalva de que os contextos são bem distintos, a perspectiva da situacionalidade possibilitou entender porque algumas mulheres são vistas como rezadeiras e outras acusadas de feiticeiras. As acusações acontecem a partir dos contextos, com as próprias relações que as pessoas mantêm entre si. Pode existir na cidade uma rezadeira que é considerada por um cliente como um primor, muito sabida, reza boa etc. Mas esta mesma rezadeira pode ser difamada como feiticeira por outro cliente, que não obteve sucesso através de sua reza. Neste sentido, esta perspectiva ajudou a compreender como funcionam os conflitos internos a respeito das acusações. Sempre que estiver tratando destas duas categorias de entendimentos, a perspectiva da situacionalidade estará como pano de fundo.

Não foi preciso fazer grande esforço para coletar relatos de pessoas que conheceram algumas das rezadeiras já falecidas e que residiram em Cruzeta. Dona Salvina, que faleceu aos 101 anos de idade, era conhecida por suas rezas, sobretudo porque fazia aparecer objetos roubados, animais desaparecidos etc., além de rezar para doenças como: olhado, quebranto, carne triada, espinhela caída e engasgo. No sítio Cruzeta Velha ou Açude, como se costumavam chamar, havia também uma rezadeira de nome Aninha Pêdo. Duas de minhas informantes, aprenderam a rezar com ela: dona Gilberta e Tia Romana. Sendo esta, a filha mais nova de Aninha Pêdo²³.

A tentativa de fazer este resgate histórico não é buscar uma possível origem ou gênese para a prática da benzeção. Quero mostrar que existiram outras rezadeiras no município que, de certa forma, influenciaram diretamente ou indiretamente algumas das minhas informantes. Até porque a ênfase que perpassa este trabalho visa entender a dinâmica desta prática como um processo.

²³ Essa rezadeira era minha bisavó paterna. Ver anexo 05.

As informações supracitadas servem como base para perceber as práticas de benzeção como um processo que se mantém e se reelabora concomitante com a dinâmica histórica do município. “A benzedeira articula seu trabalho, na cidade, de modo diferente de como fazia na roça, seu lugar de origem” (OLIVEIRA, 1985b, p. 27). A observação da autora, de certa forma, traduz o contexto das rezadeiras de Cruzeta. Primeiro, porque, assim como a minha pesquisa, a dela também apresenta como sujeitos as rezadeiras da zona urbana; e segundo, porque na cidade, elas dividem o campo terapêutico com agentes da medicina oficial e agentes religiosos, no caso, os crentes.

AO ENCONTRO DA LITERATURA

Antes de iniciar a pesquisa de campo, realizei o levantamento de estudos e trabalhos que abordassem o tema mais geral das rezadeiras ou benzedadeiras em bibliotecas diversas, livrarias e até em sebos da cidade de Natal. Durante o mês de janeiro de 2006, conduzi uma pesquisa minuciosa nos acervos e coleções da Biblioteca Municipal Câmara Cascudo, da Biblioteca Central Zila Mamede (UFRN), da Biblioteca Setorial do CCHLA e da Biblioteca Municipal Terezinha Góes (Cruzeta). Realizou-se também a busca de material a respeito do tema na internet. Ao acessar o Banco de Teses eletrônico da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), encontrei dez teses/dissertações que discorriam sobre o tema rezadeiras. No campo das ciências humanas e sociais, seis trabalhos tratavam das rezadeiras ou benzedadeiras: dois deles ligado à educação (CRUZ, 2001; SOUZA, 2003), três à história (WITTER, 1999; PINTO, 2004; SOUSA, M, 2004), dois às ciências sociais (SOUZA, 1999; WEIGAND, 2002), outro à sociologia rural (MARTÍN, 1998) e duas dissertações de mestrado em antropologia social (VIEIRA, 2001; SOUZA, C, 2004). Os demais trabalhos pertenciam às áreas de enfermagem, saúde coletiva e extensão rural.

Apesar do número reduzido de dissertações ou teses relacionadas às rezadeiras, consegui trabalhos de vários autores brasileiros que enfocam direta ou indiretamente a temática das rezadeiras e dos agentes populares de cura. Podem ser citados: Oliveira (1985 a; 1985b), Loyola (1984), Araújo (2004), Cascudo (1978; 2001), Bethencourt (2004), Richeport (1985) e Weber (1999).

Para introduzir a discussão acerca das rezadeiras busquei na literatura produzida por pesquisadores e folcloristas que tratam do tema de uma forma ampla. Como ponto de partida,

foi fundamental o uso do conceito de rezadeira discutido por Cascudo (2001, p. 587), em sua obra o *Dicionário do Folclore Brasileiro*:

Mulher, geralmente idosa, que tem poderes de cura por meio de benzimento. A rezadeira, especialista em quebranto, mau-olhado, vento caído, enquanto reza em cruzeiros sobre a cabeça do doente com pequenos ramos verdes, que vão murchando por adquirir o “espírito” da doença que fazia mal.

Este conceito, elaborado por um dos grandes estudiosos da cultura popular, traduz com precisão quem são estas mulheres que benzem ou rezam nas pessoas. De acordo com a definição acima, as rezadeiras utilizam praticamente o ramo verde, os gestos em cruzeiros e as rezas. O mesmo ocorre com as mulheres consideradas rezadeiras no município onde estamos realizando a pesquisa. Araújo (2004, p. 247), em seus estudos sobre medicina popular, fortalece a definição do autor supracitado, quando estudando as rezadeiras, conceitua-as como sendo “mulheres idosas e já após a menopausa”.

Além da preocupação com a definição do conceito de rezadeira, Cascudo (1978), em sua obra “Meleagro”, constrói um panorama, com intuito de mostrar como a prática das rezadeiras se constituiu historicamente. Então, o ritual de fazer uso da “soleira da porta”, como é o caso da cura para ventre caído, por exemplo, pode ter sido herdado dos europeus. “Para as bruxas de Roma, enterrar sob a soleira roupas e os objetos que pertencesse a alguém era obrigá-lo a vir, atraído pela irresistível força magnética do encanto” (CASCUDO, 1978, p. 138). Isso é interessante para pensar sobre o ritual de cura para *vento caído*, porque algumas rezadeiras também usam este espaço simbólico da casa como recurso terapêutico.

Embora a grande preocupação dos folcloristas esteja centrada na busca das origens das práticas e manifestações culturais, o que nos interessa é, na verdade, como estas práticas acontecem no dia a dia das pessoas, a dinâmica e o contexto em que estas práticas estão inseridas. No entanto, não se pode deixar de recorrer aos trabalhos destes estudiosos, pois são graças aos estudos produzidos por eles que os pesquisadores contemporâneos encontram os pontos de partida para iniciar suas reflexões. Como enfatiza Geertz (1989, p. 102), estas discussões servem como ponto de partida num contexto muito mais amplo do pensamento contemporâneo.

Um exemplo disso é quando Oliveira (1985 a, p. 15) aponta que as rezadeiras tiveram que se adaptar e criar estratégias para coexistirem no meio urbano. “Elas criam e recriam um aspecto importante da cultura popular: o de produzir curas e o de tornar vivas e sólidas as relações entre as pessoas” (OLIVEIRA, 1985 a, p. 15). A população rural quando mudou-se

para a cidade, trouxe em suas malas, práticas culturais que, ao se depararem com o contexto urbano, se readaptaram.

Outro fator importante que a autora trata é que a maioria das rezadeiras se considera católica, mas nem sempre frequenta a igreja. Porém, durante a pesquisa que realizei, percebi que grande parte delas se dizia católica com exceção da evangélica. O dom de cura que elas desenvolvem está relacionado com algum acontecimento marcante em suas vidas, como uma doença, um aviso do além, um sonho etc. E que o dom impõe um ofício: “o ofício da benzeção” (OLIVEIRA, 1985b, p. 36). Geralmente, os clientes procuram por tais serviços quando apresentam um problema que sabem, previamente, que é para as rezadeira resolver.

A rezadeira, além de interagir com o cliente, também realiza súplica, faz preces aos santos e a outros seres considerados sagrados. Amorim (2000, p. 04), acrescenta que a benzeção é:

É um ato de súplica, de imploração, de pedido insistente, aos deuses para que eles se dispam dos seus mistérios e se tornem mais concretos. Para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais. A bênção é um veículo que possibilita ao seu executor (a rezadeira) estabelecer relações de solidariedade e de aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos.

Outra questão presente no ritual de cura é o pagamento pelas rezas. Segundo alguns depoimentos, percebi que as rezas, por serem revestidas de elementos sagrados não podem ter um *preço* ou serem *vendidas*. Abordaremos esta questão como mais profundidade no capítulo referente ao ritual das rezadeiras.

Quintana (1999), traz uma discussão a respeito do processo de iniciação das rezadeiras. A aprendizagem ou iniciação na formação destas é o processo pelo qual são obtidos os ensinamentos sobre as técnicas da benzeção e das rezas. A forma como estes ensinamentos são repassados podem variar de acordo com cada caso. Algumas aprendem o ofício com as rezadeiras existentes no seio familiar, como avós, tias ou com as próprias mães, e vizinhas; outras através de seres sobrenaturais, em forma de sonhos, vozes e visões. As que tiveram esta última experiência são consideradas escolhidas por Deus para rezar as pessoas, já que não aprenderam o ofício com nenhuma outra rezadeira. Assim sobre estes dois tipos de aprendizagens, Quintana (1999, p.53) afirma:

Em todos os casos estudados, a formação da benzedeira depende de uma aprendizagem assistemática, mas que, a rigor, pode ser dividida em dois tipos: aquela que é resultado de um processo imitativo e a que é consequência de uma experiência sobrenatural.

Sabendo que as rezadeiras são agentes do catolicismo popular, Silva (2002, p. 03), teceu um comentário pertinente a respeito das bases deste catolicismo popular que, “mesmo com a intolerância costumaz do clero, traços católicos, africanos e indígenas misturavam-se, tecendo uma religião sincrética e inseria-se no cotidiano das pessoas”. O catolicismo popular²⁴ não pode ser confundido com as práticas oficiais da igreja católica. Enquanto a Igreja Católica realiza seus eventos baseados em dogmas instituídos secularmente, no “catolicismo popular praticado pelo povo é muito difícil distinguir o que é religião e o que é medicina” (ARAÚJO, 2004, p. 87). Isso porque os santos de devoção são seres sagrados invocados para trazer a saúde, a fartura, a felicidade, etc. Daí, a existência de santos para qualquer tipo de situação desesperadora e para livrar das doenças e pragas. Além disso, “o fiel deve respeito ao santo e o único pecado que um santo pune é a falta de respeito, nunca pune a infração dos dez mandamentos” (RICHEPORT, 1985, p. 37).

Uma idéia interessante abordada por Minayo (1994, p. 68) quando se reporta aos devotos, é que “a presença coletiva destes no centro de peregrinação e o testemunho das graças recebidas na sala dos milagres reforçam a fé dos crentes e reafirmam suas crenças e práticas”. Percebe-se nesta reflexão a mesma lógica que está presente na construção social das rezadeiras. Ou seja, os próprios clientes quando relatam para os vizinhos, amigos e parentes que determinada rezadeira realizou tal cura, por exemplo, eles estão, de certa forma, contribuindo para que a crença naquela prática e, sobretudo, na rezadeira seja enaltecida. No entanto, o caminho inverso também ocorre, como afirma Oliveira (1985b, p. 42):

A rezadeira também manipula mecanismos de legitimação do seu ofício, como aumentar a quantidade dos seus clientes, a distância que eles percorrem para vê-la, a composição social da sua clientela, incorporando os filhos de médicos, ou aqueles que o farmacêutico lhe manda.

Durante a realização da pesquisa de campo, era comum as rezadeiras enfatizarem que determinada pessoa de destaque social da cidade ou de outras cidades vinha procurar por suas rezas. Uma delas contou-me com orgulho os casos que o próprio médico da cidade encaminhava para ela curar: “Já aconteceu aqui de chegar mães com crianças até de 5h30 da manhã se curar mandada por dr. fulano” (Informação verbal, maio/2006).

E, por falar em cura, como as questões que envolvem saúde e doença são tratadas pelas rezadeiras? As doenças são vistas como males que, tanto afetam a parte física (doenças do corpo), a esfera espiritual (doenças do espírito) e a esfera social (das relações sociais,

²⁴Araújo (2004), referindo-se ao catolicismo popular, denominou de catolicismo brasileiro ou de Folk.

econômicas etc). Na verdade, esta classificação sobre o que seja a doença, elaborada pelas rezadeiras é abordada por alguns autores como uma desordem na vida do indivíduo. Para Montero (1985), a doença configura-se como desordem, pois não atinge apenas a esfera material ou o corpo, mas afeta a vida cotidiana como um todo. Nesta perspectiva, as análises de outros autores (Cf. LOYOLA, 1984; QUINTANA, 1999; WEBER, 1999) também convergem para ampliar a discussão.

Apesar de aproximarem-se mais dos dogmas da religião católica, percebe-se que as rezadeiras utilizam uma série de elementos em seus rituais advindos do catimbó. Para Cascudo (1978, p. 90): “O catimbó provirá inicialmente do feiticeiro solitário, individualista, cioso dos processos bruxos europeus e das macumbas negras...”. Então, dentro da prática das rezadeiras são notáveis alguns elementos herdados das diversas matrizes culturas brasileiras, por exemplo, o uso de ervas (ramos), as rezas fortes, que algumas rezadeiras dizem somente rezar em situações de “grandes aperreios²⁵”. O que caracteriza estas rezas como sendo fortes é o segredo da transmissão, de forma que elas só podem ser ensinadas entre pessoas de sexo oposto.

Após a discussão de autores, cujas obras tratam de temas gerais que envolvem as rezadeiras, tive acesso aos seguintes trabalhos produzidos por pesquisadores norte rio-grandenses, que discutem este assunto mais particularmente. Dentre estes, destacam-se: “Terapias Alternativas num Bairro de Natal: estudo na antropologia médica”, de autoria da pesquisadora Madeleine Richeport (1985); duas monografias apresentadas no curso de Ciências Sociais da UFRN, uma de Bruna Tayse Q. de Melo (2003), cujo título é “Rezadeiras: Representações e Recontextualizações”, e a outra realizada por mim mesmo (SANTOS, 2004), cujo título é “Rezadeiras: prática e reconhecimento social”; duas dissertações de mestrado apresentadas no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRN. Uma de autoria de Maria Rita de Cássia Oliveira (2003), cujo título é “Cachimbo, Rede e Rosário: mudanças sociais, memórias e tradições”, e a outra de Glória Cristina de Oliveira Moraes (2005), intitulada “Entre parentes: cotidiano, religiosidade e identidade na Serra de Porta Alegre/RN”.

Na realidade, a pesquisa de Richeport (1985) é interessante para pensar o tema das rezadeiras por dois motivos. Primeiro, porque esse trabalho foi realizado em um bairro de Natal, portanto no meio urbano. Segundo, porque traz algumas questões sobre a prática da reza nesse contexto. Entre os agentes de cura popular existentes no bairro, a autora destaca

²⁵ Desesperos (credo às avessas, oração de Santa Helena), perda de sangue (reza para tomar sangue de palavra), brigas (oração de Santo Amâncio). Francisca de Sebastiana (Informação verbal, abril/2006).

mães-de-santo, parteiras, farmacêuticos leigos e rezadeiras. Com relação à prática da benção, Richeport (1985, p. 49) destacou a concepção de saúde e doença e o diagnóstico elaborados pela rezadeira Dona Lourdes, sua informante.

Ela reza, principalmente, pelas crianças para tirar mau olhado que ela diagnostica baseado nos sintomas que são febre, frio, dor de cabeça e diarreia; ventre caído com sintomas de diarreia e vômito; espinhela caída com sintomas de dor nas costas e dor no peito; dor de dente e dor de cabeça. Quando a rezadeira não diagnostica a doença como uma das mencionadas acima, encaminha a criança ao médico.

O curioso é que se percebeu uma forte semelhança na forma de diagnosticar os vários tipos de males entre essa rezadeira, tratada pela autora, e as rezadeiras de Cruzeta. No contexto de Cruzeta, também são recorrentes as doenças: *olhado*, *vento caído*, *espinhela caída*, dentre outras que a autora não mencionou: *cobreiro*, *peito aberto*, *engasgo*, *isipa*, *ferida de boca*, *mau de monte*, *fogo selvagem*, *carne triada* etc. Veja, no anexo 3, mais detalhes sobre as causas, tratamentos e sintomas destas doenças, cujo diagnóstico e cura são exclusivos das rezadeiras.

Um outro texto relevante para a construção teórica e para a compreensão da prática das rezadeiras é trabalho de Melo (2003). Na ocasião, a autora aborda o contexto de três rezadeiras: uma rezadeira católica, outra umbandista e, por último, uma evangélica (Igreja dos Mormons). Como há entre as minhas informantes uma rezadeira evangélica, considero relevante essa leitura como suporte teórico para entender a pluralidade de crenças dessa rezadeira, que se disse evangélica. Essa rezadeira que, atualmente, se diz evangélica já foi católica (praticante). Hoje, ela se considera mais evangélica porque não compartilha de algumas atividades da religião católica, como confessar-se e assistir às missas. Vai mais aos cultos e assiste pela televisão os programas da igreja evangélica. No entanto, dona Gilberta, disse o seguinte:

Agora, sabe por que eu não sou evangélica legítima... porque não acho bom quando eles desfazem dos santos... de nossa senhora dos Remédios, de Frei Damião. Eu não vejo nenhum problema em frequentar a igreja evangélica, e quando chega alguém aqui em casa eu rezo.

O trabalho monográfico realizado por mim (SANTOS, 2004) na cidade de Cruzeta a respeito das rezadeiras, discute algumas questões sobre a prática dessas mulheres, tais como o ritual, o cotidiano, a iniciação, as doenças, dentre outros. Abordo também um ponto crucial, que é o reconhecimento social, ou seja, como a fama de uma determinada rezadeira se estabelece nesta localidade. Quais elementos a clientela elege sobre a rezadeira que a torna

renomada dentre as demais? Além disso, foi a partir deste trabalho de pesquisa que tive os primeiros contatos com muitas das rezadeiras de Cruzeta. Na verdade, este pesquisa, além de ter possibilitado a vivência de um exercício etnográfico, permitiu que se estabelecesse um vínculo entre eu e a maioria das informantes que participa deste novo trabalho.

Ainda no que se refere à produção literária sobre o tema, o trabalho de pesquisa de Oliveira (2003), realizado na comunidade do Lajedo de Soledade/RN, na região Oeste do estado, trouxe contribuições pertinentes. O recorte que ela optou por aprofundar foi sobre as rezadeiras que recebiam as entidades de caboclos. Ou como ela denominou: “rezadeiras de cura de roda ao invés de rezadeira de cura de ramo” (OLIVEIRA, 2003, p. 22). Mas, independente do viés que a autora seguiu, o que me interessou neste trabalho foi a forma como as rezadeiras eram reconhecidas e preparadas para desenvolver esta prática, ainda no ventre da mãe. No contexto dessa comunidade, a transmissão social do conhecimento das rezadeiras adquiriu peculiaridades. Segundo a autora, quando as mulheres engravidavam, eram aconselhadas pelas mulheres mais velhas, geralmente parteiras ou rezadeiras, a ficarem atentas a qualquer sinal de *choro de criança*, ainda no ventre da mãe. Caso a gestante percebesse algum sinal, deveria convidar uma mulher mais experiente da comunidade para ouvir e comprovar o fato. Então, este aviso, dotava a criança de qualidades de “vidência”. Após o nascimento, esta criança era iniciada pela mesma rezadeira que presenciou o sinal. Em conversas com dona Santa, ela afirmou ter sido uma “rezadeira escolhida por Deus”, pois havia chorado na barriga de sua mãe. Este era o primeiro indício de que a criança seria uma futura rezadeira ou um futuro curador. Após a criança nascer, acontecia a *última prova*, assim prossegue Oliveira (2003, p. 22):

Quando a criança tem por volta de três anos de idade, a mãe chama a rezadeira, juntas mostram-lhes três roupinhas de bebê, inclusive o traje do batismo. E a madrinha pede que a criança lhe aponte qual roupa usou no batismo. Se a menina apontar o “trajo certo”, a rezadeira deve começar a protegê-la, fazendo na criança todas as curas.

Na realidade, mesmo que a futura rezadeira não tenha aprendido as rezas a partir de uma origem especial, sagrada²⁶, ela faz parte das rezadeiras dotadas de conhecimentos sobrenaturais. Pois o fato de ter chorado, ainda na barriga da mãe, torna-a detentora de qualidades especiais.

Um outro trabalho que traz contribuições para pensar este tema é o de Morais (2005), cujo capítulo intitulado “Festas católicas, rezadeiras, curandeiras e encantados”, trouxe

²⁶ Aqui incluem visões, sonhos, doenças, que antecedem e indicam a predisposição para se tornar uma rezadeira.

algumas considerações a respeito das práticas da benzeção em Porta Alegre/RN. Com relação à escolha das rezadeiras pelos clientes, a autora diz que “a preferência é por aquelas que sejam vizinhas, comadre ou amiga” (MORAIS, 2005, p. 69). Embora no contexto de Cruzeta tenha-se percebido também estas características, no momento de decidir qual agente de cura buscar ajuda, outros fatores são levados em consideração pelos clientes. Na verdade, foi justamente para entender estas questões que influenciam na decisão de procurar os serviços de uma rezadeira que realizei uma pesquisa sobre as rezadeiras de Cruzeta no ano de 2003. O que se observou foi a existência da comunhão de alguns fatores que favorecem no momento de procurar uma rezadeira, dentre eles: o diagnóstico preciso, o tipo de aprendizagem, a eficácia da cura e, acima de tudo o reconhecimento social que estas mulheres têm perante a comunidade²⁷.

Para compor esta discussão teórica, ao longo do texto, outros autores serão convidados a dar sua contribuição, sobretudo Marcel Mauss, Émile Durkheim, Max Weber, entre outros.

AO ENCONTRO DAS REZADEIRAS: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em fevereiro de 2006, iniciei o exercício da observação participante pela residência da rezadeira Barica. Além de acompanhar de perto o ofício dela em seu dia a dia, queria conhecer sua clientela, as pessoas que buscavam pelos seus serviços de cura. O principal objetivo era a realização de uma pesquisa qualitativa, etnográfica da prática dessa rezadeira. Na ocasião, o interesse era fazer observações, conversar com a clientela, interagir com os familiares de Barica, observar o comportamento dos clientes no momento que antecedia o ritual, o próprio ritual acontecendo etc. Viu-se a possibilidade de realizar também uma pesquisa quantitativa com esta clientela. Assim, elaborei um “questionário formal ou agenda padronizada²⁸” (ELLEN, 1984, p. 230), contendo as seguintes variáveis: o sexo; a idade; a escolaridade; a procedência; o problema; o diagnóstico da rezadeira; se era primeira vez ou retorno; o tempo que freqüentava; a classificação dos males em doença do corpo, do espírito e psicossocial; se já havia procurado o médico; e se procurava primeiro o médico ou a rezadeira. A variável psicossocial foi substituída, depois pela categoria “físico moral”, usada

²⁷ Maiores detalhes ver Santos (2004).

²⁸ As citações de referências bibliográficas cujo original encontra-se em inglês, como neste caso, foram traduzidas livremente por mim.

por Duarte (1994), por entender que esta retratava melhor a realidade dos clientes da rezadeira Barica. E também, porque estavam associadas a esta categoria, diversas perturbações, tais como, depressão provocada por stress, sofrimento causado por doenças, casos amorosos, brigas familiares, alcoolismo e desempregos. Nesse caso, “males que estão relacionados com as condições de vida — sociais e econômicas — e as perturbações — doença, sofrimento e aflição” (DUARTE, 1994, p. 88).

Em termos práticos, adquiri um “livro de caixa”, com folhas pautadas do tipo A4, que foram divididas em seções. Nestas, escreveu-se as variáveis e, em cada linha, registrou-se os dados do cliente, após o ritual de cura. Resolvi denominá-lo de “Livro da rezadeira Barica”, embora tenha sido uma ferramenta criada e utilizada por mim que auxiliou na coleta de dados sobre a prática da rezadeira. Depois de tabulados, os dados possibilitaram traçar um perfil sobre a sua clientela. A organização desses dados e a escritura da dissertação é um processo que, segundo Geertz (2002), não pode ser dissociado do trabalho empírico²⁹.

A aplicação do questionário foi realizada por mim e segui os seguintes procedimentos: depois do cliente ter sido rezado, eu convidava-os para conversar, então explicando do que a pesquisa tratava. Quando era uma criança que tinha sido rezada, os dados coletados foram os da criança, mas era a mãe quem respondia. E, por último, embora tenha tido “retornos” de um mesmo cliente, contabilizei como atendimentos realizados. Assim, pude conversar com a clientela; ouvir as dificuldades que ela encontrava ao recorrer aos serviços médicos locais; as experiências relatadas e compartilhadas com os outros clientes, os casos de sucessos que a rezadeira realizou, etc. Enfim, essa foi a minha primeira pesquisa onde consegui criar uma rotina durante um período razoável. Observei também que, enquanto aguardavam a vez de serem rezados, os clientes reclamavam da falta de atendimento médico e, principalmente, dos insucessos dos tratamentos ministrados pelos médicos.

Um fato curioso que ocorreu nesse período esteve relacionado com as impressões produzidas em “campo”, entre eu, enquanto pesquisador, minhas informantes e os clientes. As leituras de Goffman (1975) e Berreman (1975) foram de grande contribuição para o entendimento das relações que se estabelecem no campo, entre o pesquisador e seus interlocutores³⁰. Sobretudo, quando atentei para o que esclarece Berreman (1975, p. 125):

Tanto a apresentação do pesquisador diante do grupo quanto a interpretação que faz do outro envolvem controle de impressões e interpretação de impressões, impressões estas manifestadas pelo etnólogo e seus sujeitos.

²⁹ “Estar lá” — o momento da coleta de dados, e “Estar aqui” — momento em que o pesquisador retorna para o convívio entre os seus colegas e reflete sobre o material coletado (o ato de escrever).

³⁰ Ver Cardoso de Oliveira (1998, p. 23).

Nas interações sociais, as pessoas buscam “dar a impressão desejada de si próprio” (BERREMAN, 1975, p. 126). Nas relações entre pesquisado e pesquisador, este tipo de estratégia é muito recorrente. No contato com estranhos, pode-se representar algo que não faz parte do cotidiano com seus pares. Alguém pode, por exemplo, autocensurar-se, procurando por palavras que, muitas vezes, não pronunciava no dia a dia, omitir gestos etc³¹.

Atentei para os modos de percepção da clientela e da rezadeira sobre mim e o próprio trabalho de pesquisa. No caso da rezadeira Barica, algumas vezes, ouvi-a afirmar para alguns clientes: “Francimário é mesmo que ser de casa ... é de minha confiança e está fazendo uma pesquisa sobre minha reza.... ele já faz parte da família” (Informação verbal, fevereiro/2006). Isso de certa forma me deixava tranquilo por perceber que havia se estabelecido uma empatia, mas por outro lado preocupava-me, pois temia que ela pudesse estar usando este discurso para dar credibilidade à sua reza, uma espécie de “selo”, de promoção.³²

Com relação à percepção da clientela e da vizinhança de Barica, aconteceu um caso interessante. Ao retomar as observações após o almoço, costumava ficar sentado à sombra do nin indiano (*Azadirachta indica A juss*), uma árvore em frente à casa da rezadeira, de onde, muitas vezes, ela retirava os ramos verdes para rezar. Era o único lugar que circulava um pouco de ar fresco, pois o calor era escaldante. Permanecia sentado ali até chegar algum cliente. Quando foi um dia, uma senhora aproximou-se de mim e falou: “meu filho, quem é você e o que faz aqui, todos os dias, sentado na frente da casa de Barica? Não me agüentei de curiosidade e resolvi lhe perguntar”. Apesar do pouco tempo de pesquisa de campo, pode-se notar algumas impressões a respeito da presença constante do pesquisador. Assim, as impressões que os vizinhos da rezadeira tinham a meu respeito, eram de curiosidade e, porque não, de estranhamento.

A pesquisa foi bastante criteriosa. Coletei informações de todos os que foram rezados. Para isso, acompanhei o horário em que a rezadeira iniciava as atividades de reza. Chegava sempre às sete horas, dando uma pausa para o almoço, por volta das onze horas. Retornava às treze horas e ficava até às dezoito horas. Houve, porém, um dia que fiquei até às vinte horas. Este foi um dia cansativo, isso porque a minha tarefa era somente fazer observações e

³¹ Ver Goffman (1975).

³² Como no processo etnográfico temos que ficar atento a todos os detalhes, sempre confiar, mas ao mesmo tempo, desconfiando. Nesta situação bateu-me um dilema: Será que Barica estava utilizando o meu trabalho para atrair clientes? Só que depois, analisando com mais calma, cheguei a conclusão de que entre nós havia se estabelecido uma relação pautada em muita amizade e confiança. Portanto, ela não teria interesse de tirar proveito da situação. E mesmo se tivesse, eu também não estava me apoiando nela para a realização de um trabalho acadêmico? Nada mais justo. Na verdade são trocas.

conversar com os clientes. Imagine Barica que, além de rezar em voz alta, ouvia os mais diversos problemas dos clientes! Ela não rezava aos domingos, exceto em casos excepcionais, por exemplo, “uma criança com muito olhado”, que não possa esperar até à segunda-feira. Nesse dia de folga, eu aproveitava para organizar e analisar os dados coletados durante a semana. Além disso, tive a oportunidade de acompanhar Barica em visitas domiciliares. Destaco a visita que acompanhei a uma família na cidade de Acari/RN. Exponho com mais detalhes no segundo capítulo.

Durante os meses de abril a junho, retornei ao “campo” para nova coleta de dados. Desta vez, tinha o intuito de passar, aproximadamente, um período de dois meses. Quais critérios foram estabelecidos para contatar as rezadeiras que ainda não conhecia? Com a maioria delas já havia firmado vínculo durante a pesquisa de graduação e também por laços de amizades e parentesco. Nessa época, contei com a preciosa ajuda de Maria Lúcia, uma amiga, também informante, que se encarregou de apresentar-me às rezadeiras. Sua companhia facilitou a aproximação com as informantes que eu ainda não conhecia. A partir deste momento, fiquei mantendo contato com elas e, sempre que retornava à Cruzeta, fazia questão de visitá-las. Isso contribuiu para o estreitamento dos laços e reforçar a confiança delas sobre a minha pessoa.

Para a realização da pesquisa atual, não foi necessário a ajuda desta amiga. Resolvi criar estratégias para aproximar-me das rezadeiras que ainda não tinha estabelecido contato. Assim, para chegar até elas, busquei conversar com os próprios moradores de Cruzeta a respeito de quem rezava na cidade. Muitas vezes, à medida que ia conhecendo uma rezadeira, esta já indicava outra: “Olha, você já foi lá em comadre ‘fulana’ [falava o nome], ela também reza” (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador). Assim, consegui mapear algumas mulheres que a comunidade definia como rezadeira. O propósito era contatar o maior número de rezadeiras possíveis. É impossível afirmar que foram mapeadas todas as rezadeiras da cidade, pois como estamos falando de uma prática que está em constante processo, supõe-se que novas rezadeiras estarão surgindo ou em processo de aprendizagem.

Agora, como saber se uma determinada mulher era rezadeira ou não? Obviamente, estive atento às formas de categorização das rezadeiras, elaboradas pelos autores que trabalham com o tema. Mas também atento às informações dadas pelos moradores de Cruzeta sobre estas mulheres, como eles as definiam. “Pra mim rezadeira é aquela que só usa as rezas da igreja, não mexe com coisa de feitiço” (Informação verbal, abril/2006). Agregando estas duas formas de entender a prática das rezadeiras, cheguei a vinte e quatro rezadeiras que

viviam na cidade e uma que residia na zona rural. Ao todo, foram contatadas vinte e quatro mulheres.

Não é rezadeira quem quer³³. Além da existência de uma conduta moral voltada para os valores maternos³⁴ e religiosos, estas mulheres para se tornarem rezadeiras têm que receber o consentimento da coletividade. Pois eram as pessoas quem as instituíam em sua função. Portanto, para algumas pessoas da comunidade que buscam tais serviços, uma rezadeira é aquela pessoa que nos seus rituais de cura só usa as rezas da igreja e não faz feitiço. Para outros, é aquela pessoa que recebe bem, conversa, e que ao terminar de rezar fala o que se passa de ruim com o cliente. Para outros, a questão da gratuidade e a comunhão com os dogmas da religião católica são fundamentais.

A rezadeira é aquela mulher que reza sem querer pagamento em troca. Só tenho fé em rezadeira que não cobra, as rezas não têm um preço. A gente dá o que quiser. E também não tenho fé em rezadeira que mexe com essas coisas...de espiritismo (Informação verbal, Maria Lúcia, abril/2006).

Para as próprias rezadeiras, ser *rezadeira* não fugia muito da percepção elaborada pela clientela. De acordo com dona Chiquinha, ser solidária e seguir os preceitos da religião católica eram critérios básicos para exercer essa função. Como ela mesma colocou, ter compaixão pelas pessoas que chegam doente à sua casa em busca de reza é tarefa que a deixava muito feliz. E mais feliz ainda de saber que os clientes ficavam curados depois da reza.

Na concepção da rezadeira Barica, a prática da reza está associada com a bondade e conduta ética.

A rezadeira quando senta pra rezar já vai preparada pensando em Deus. Porque é assim, na hora que eu me sento pra curar você, ali eu não vou olhar o que tá na mão, o que você tem no bolso. Eu vou me concentrar e pedir força para que as palavras de Deus voquem em cima do seu corpo. Que é para quando você chegar em casa dizer aos vizinhos que foi à rezadeira e está se sentindo bem. Se você tem fé, e junta com a minha a gente chega lá (Informação verbal, abril/2006).

A rezadeira Barica, dentre as entrevistadas foi a que alcançava maior visibilidade, inclusive algumas outras rezadeiras fizeram elogios e opinaram sobre sua reza. Dona Maria Pedro contou que já buscou ajuda desta rezadeira com intuito de ter notícias de alguns objetos que foram roubados de sua residência.

³³ Ver Balandier (1997).

³⁴ Deve ter tido a experiência da maternidade, o cuidado com os filhos. As que não eram mães, como foi o caso de Joaninha, cuidaram dos sobrinhos e afilhados.

Aqui tem uma rezadeira medonha. Descobre tudo que uma pessoa roubou. Faltou aqui cinquenta reais e um relógio... fui bater lá na casa de Barica. Aí, ela disse tudo direitinho...deu toda explicação. Foi um homem. Eu abafei o caso até hoje³⁵ (Informação verbal, fevereiro/2006).

Dona Giselda, embora nunca tenha ido se rezar com Barica, demonstrou interesse pelas curas dela, a partir do que ouviu dos vizinhos:

Barica cura muito bem. Ela disse a meu vizinho que ele tem um olhado muito grande. Tem uma pessoa que tem muita inveja dos negócios dele. Eu tenho vontade dela me curar porque disseram que ela cura de “sol na cabeça”³⁶ (Informação verbal, novembro/2006).

Com o mapeamento das rezadeiras da cidade, obtive informações para traçar o perfil sócio-econômico destas mulheres³⁷. Estabeleci, assim, o contato, ponto primordial para a realização de uma pesquisa etnográfica. Iniciei as visitas às rezadeiras no final do mês de abril. Mas, optei por começar pelas informantes que eu já tinha uma relação de proximidade. Quando cheguei em Cruzeta, o cronograma anteriormente, elaborado teve que ser reformulado. Além delas se empolgarem com as conversas, algumas não estavam em casa ou se encontravam doentes. Neste período, houve um surto de gripe e algumas rezadeiras adoeceram, retardando o andamento da pesquisa. Mesmo com estes imprevistos, concluí o mapeamento na segunda quinzena do mês de maio de 2006. O que eu antes imaginava fazer em oito dias, levou, aproximadamente, vinte dias.

³⁵ Na verdade, de acordo com as pistas que a rezadeira lhe forneceu, dona Maria chegou a conclusão que os objetos teriam sido levados por alguém do seu convívio. E para não magoar a pessoa, preferiu não falar nada. Neste caso, ela já desconfiava, apenas queria uma confirmação.

³⁶ De acordo com dona Giselda, “sol na cabeça” é uma dor de cabeça que inicia-se a partir do nascer do sol e só cessa quando ele se põe.

³⁷ Durante este primeiro contato, coletou-se informações, tais como: idade, escolaridade, estado civil, origem, profissão, religião, renda, números de filhos, netos e afilhados, com quem aprendeu as rezas e para quais doenças rezavam.

| Nomes das rezadeiras | Idade |
|-----------------------------|--------------|
| Dona Maria de Chico Brito | 87 anos |
| Sebastiana Dantas | 87 anos |
| Dona Severina | 86 anos |
| Tia Romana | 83 anos |
| Maria de Júlio Bilino | 82 anos |
| Maria Pedro | 81 anos |
| Dona Neuma | 75 anos |
| Dona Gilberta | 74 anos |
| Dona Hosana | 74 anos |
| Dona Giselda | 73 anos |
| Dona Lica | 72 anos |
| Dona Santa | 72 anos |
| Dona Chiquinha | 70 anos |
| Silvina de Domingo Preto | 70 anos |
| Dona Maria de seu Neco | 66 anos |
| Dona Dolores | 64 anos |
| Dona Leide | 62 anos |
| Dona Sebastiana | 62 anos |
| Dona Rita de Ramim | 59 anos |
| Dona Uda | 59 anos |
| Marina | 56 anos |
| Joaninha | 49 anos |
| Chica de Sebastiana | 49 anos |
| Barica | 49 anos |

Figura 05 - Quadro apresentando as idades das rezadeiras de Cruzeta

Na realidade, pensei inicialmente em mapear o maior número rezadeiras da cidade e, em seguida, escolher três ou quatro para aprofundar as entrevistas e passar um período de uma semana na casa de cada uma delas, para acompanhar o ritual de cura e observar a clientela. Esse inventário iria apontar quais delas atendiam o maior número de clientes. No levantamento, porém, outros aspectos apareceram e mereceram uma atenção especial. Por exemplo, encontrei duas rezadeiras evangélicas, uma poetisa, uma rezadeira adepta do culto da jurema (*recebia caboclos*), uma médium, uma ex-parteira etc. Com esta heterogeneidade, desloquei o foco da pesquisa da clientela para centrar nas próprias rezadeiras. Veja, no anexo 04, as rezadeiras que eu já conhecia e as que passei a conhecer durante esta pesquisa.

A partir dessa variedade de experiências e descobertas, elegi algumas rezadeiras para aprofundar as observações e as entrevistas. Ao invés de três ou quatro rezadeiras como havia previamente determinado, resolvi aumentar o número de informantes. Para isso, realizei entrevistas em profundidade com as seguintes rezadeiras: Barica, Joaninha, dona Chiquinha, dona Gilberta, dona Maria de Neco, dona Rita de Ramim, Silvina de Domingo Preto, dona Maria Pedro, Tia Romana, Francisca de Sebastiana e dona Giselda. Em função do contato

com essas rezadeiras evangélicas, a pesquisa teve de ser ampliada. Esse foi um fato curioso e gratificante. Curioso, porque dentre as rezadeiras de Cruzeta, estas eram as únicas que se diziam não católicas. Além disso, sabemos como os evangélicos desqualificam este tipo de prática. Uma delas contou que já foi católica praticante há anos, mas foi convidada por uma vizinha para participar de um culto evangélico:

Eu gosto de freqüentar cultos. Já fui na Assembléia de Deus. Eu gosto mais do evangélico. Eu me considero mais pro lado do evangélico, sabe por quê: eu não sou muito chegada a ir à missa, não me confesso. Mas, eu não gosto de um lado da lei evangélica, porque alguns desfazem dos santos (Informação verbal, dona Gilberta, maio/2006).

O fato gratificante é que esta rezadeira aprendeu a rezar com sua mãe já falecida, que, por sua vez, aprendeu as rezas com Aninha Pêdo (Anexo 05), minha bisavó paterna, também já falecida. Então, dona Gilberta se considerava evangélica, mas se chegasse uma pessoa para se rezar na sua casa, ela realizava a reza sem problema. Atualmente, freqüentava os cultos dominicais de uma certa igreja, cujo pastor mantém uma relação amistosa com o padre da cidade. Ela enfatizou com orgulho o momento que o líder evangélico *rezou* a oração do Pai-nosso e ofereceu às pessoas católicas.

Tempos depois, retornei à Cruzeta para fechar alguns pontos da pesquisa e conversando com dona Gilberta, ela falou-me expressando muita felicidade, pois ficou sabendo que estava sendo construído na cidade um templo evangélico da Igreja Internacional da Graça de Deus.

Resolvi realizar entrevistas com um pastor evangélico e alguns crentes, para saber deles, quais as opiniões a respeito das rezadeiras. Portanto, entrevistei o pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e uma mulher que freqüentava a Igreja Assembléia de Deus. Na entrevista com o pastor Marcos, ele falou-me a respeito deste episódio. Na ocasião, alguns crentes o criticaram por realizar tal atitude, sobretudo, no tocante ao oferecimento da oração à comunidade católica. No entanto, percebi nessa conversa que ele não aceita a prática da reza. E enfatizou, se soubesse que alguma de suas adeptas era rezadeira, iria ter uma conversa com ela, caso continuasse na prática seria convidada a deixar a igreja.

Após entrevistar o pastor, tive a necessidade de saber qual era a opinião do padre da cidade sobre a prática das rezadeiras. Na ocasião, padre Amaurilo, quarenta e quatro anos, relatou que estava dirigindo, junto aos missionários³⁸ da igreja, um projeto chamado “Santas Missões Populares”. Dentro da programação deste evento, havia a tarefa de mapear as pessoas

³⁸ Um grupo de mulheres e homens que realizam evangelizações nas periferias.

que trabalhavam com medicina popular: rezadeiras, curadores, parteiras etc. E acrescentou que havia um interesse de conhecer a realidade da comunidade: “no sentido de criar uma linha de ação para discutir o que vai ser feito, o que é preciso para ajudar e motivar, e, se é realmente, uma coisa (a prática) que produz um efeito benéfico para a sociedade local” (Informação verbal, maio/2006). Pelo que observei, esta atividade soou como um instrumento de controle, estratégia esta, que a Igreja Católica sempre se utilizou para manter-se informada das ações dos seus fiéis. Depois, conversando com algumas pessoas fiquei sabendo que o verdadeiro intuito deste “projeto evangelizador” era conseguir adeptos e reforçar a doutrina católica nas comunidades mais afastadas (zona rural). Para tanto, mobiliza voluntários que assumem o papel de disseminadores nessas comunidades.

Achei pertinente entrevistar também um dos quatro dentistas da cidade, porque durante o período que passei na casa de Barica, alguns clientes procuraram os serviços de cura para tratar de dores de dente³⁹. Na ocasião, uma cliente comentou que já tinha procurado todos os dentistas da cidade, e eles diagnosticaram que ela não tinha nenhum problema dentário. De acordo com a rezadeira Barica, o problema do dente *era de dentro para fora, pois não havia nada cariado no dente*. Desesperada, a jovem de vinte e dois anos disse: “Se eu for dar gosto, eu tomo um frasco de dipirona por dia, e a dor não passa. Eu já acordo com dores” (Informação verbal, cliente, fevereiro/2006).

Estabeleci contato com outros profissionais de saúde que poderiam contribuir com a pesquisa. Foi o que aconteceu com os médicos da cidade. Durante os contatos com as rezadeiras, passei pelo hospital para agendar uma entrevista com seus médicos⁴⁰. De acordo com os depoimentos de alguns moradores, a atitude do médico de conversar, ouvir, examinar e perguntar eram qualidades de um bom profissional⁴¹. Para Helman (2003, p. 114), a perturbação seria o que o paciente sente ao procurar o médico e a patologia é o que o paciente tem ao sair do consultório, o diagnóstico. Portanto, o médico precisa entender a pessoa doente

³⁹A dor de dente é um mal que as rezadeiras usam as rezas costumam curar, inclusive, Cascudo (1978, p. 157), cita a oração para livrar deste tipo de dor: “Estava Senhora santa Pelonha em sua cadeira de ouro sentada com a mão posta no queixo. Passa Nosso Senhor Jesus Cristo. Perguntou: — O que te dói, Pelonha? — Um dente, Senhor! — Pois, Pelonha, do sul ao norte e do nascente ao poente, ficará esta criatura livre, sã e salva de dor de dente, pontada, nervralgia, estalicado e força de sangue. Reza um Pai-nosso e uma Ave-maria, oferecendo às cinco chagas de Jesus Cristo”.

⁴⁰ Para falar com dr. Sérgio, tive que ir ao hospital e esperar por ele atender até o último paciente. O curioso é que neste período (chuvoso), havia muitas pessoas no pronto socorro com sintomas de virose. Pelo que percebi, os pacientes que procuravam o atendimento médico se queixavam de febre, dores de cabeça, diarreia e vômito. A enfermeira Jacira, filha de seu Varão, ao ver-me esperando por algumas horas, conseguiu que eu fosse atendido pelo médico entre a consulta de dois pacientes. O médico achava que se tratava de um paciente e, foi logo pedindo para eu sentar, demonstrando simpatia e acessibilidade.

⁴¹Ver também Boltanski (1989).

não apenas a partir dos princípios patológicos (sintomáticos), mas procurar compreender e saber ouvir o doente.

Veza ou outra realizava visitas ao hospital e acabei percebendo que o número de pacientes diminuiu. Procurei novamente o médico para realizar a entrevista. Desta vez, pretendia saber quais eram os dias em que ele realizava atendimento no PSF I. Neste dia, após o médico atender vinte pacientes, consegui entrevistá-lo. Na ocasião, dr. Sérgio falou das dificuldades que o setor de saúde enfrentava no município, ressaltando que elas eram causadas pela realidade nacional. Mas, os gestores que administram o setor têm se mostrados sensíveis em mudar a situação localmente. Falou, inclusive, das instalações precárias onde funcionava o PSF⁴² e, que a prefeitura já se mobilizava para construir dois prédios com instalações apropriadas, para abrigar o programa e seus serviços. Consegui realizar entrevista com o outro médico, dr. João Nicácio, que está na cidade desde a década de 1970⁴³.

Nesse período de pesquisa de campo, tive a oportunidade de ir, várias vezes, à fila do hospital durante a madrugada, com o intuito de observar os pacientes que chegavam para garantir uma consulta. Ao todo, eram distribuídas vinte fichas para atendimentos médicos. Destas, cinco eram destinadas à população da zona rural. As fichas só começavam a ser distribuídas por volta das 06h, quando chegava um funcionário para realizar tal tarefa. As pessoas chegavam com seus lençóis para driblar um pouco o frio da madrugada e se sentavam embaixo da marquise do hospital. Quem chegava, procurava logo saber se já tinha completado o número de fichas.

Para a realização dessa tarefa, precisei acordar, por volta das 03h30 da manhã e seguir em direção ao hospital⁴⁴. Em princípio, nos primeiros dias de visitaçã, fiquei apenas observando os tipos de comportamentos, ouvindo as conversas, as experiências trocadas sobre doenças, os tratamentos que foram eficazes etc. Quando eu não me identificava, era confundido com um paciente que pleiteava uma ficha. Ouvia-se assim: “Quem é o último da fila?” Às vezes, respondiam: “é este rapaz”.

⁴² Na realidade, os PSF I e II, funcionam em casas com algumas adaptações precárias (divisórias de madeiras, tetos sem lajes, paredes sem revestimentos, piso de cimento etc.). Somente o consultório (um dos quartos da casa), possuía um aparelho de ar condicionado e placas de gesso no teto.

⁴³ Chegou recém-formado à cidade, em janeiro de 1970. Segundo ele, já conhecia todos moradores, inclusive os tipos de doenças que cada um dizia ser portador. Além de clinicar em Cruzeta, também prestava atendimentos nas cidades de Acari e Parelhas.

⁴⁴ O hospital de Cruzeta recebeu o nome de Abílio Chacon em homenagem aos serviços de saúde prestados por seu Bila.

O MEU INTERESSE PELAS REZADEIRAS

Não é possível datar com precisão a curiosidade pela prática da reza, mas posso afirmar que vem de muito tempo. Desde a infância, presenciava a minha avó paterna (Anexo 05) rezando as pessoas. Assim, o interesse em estudar a prática das rezadeiras foi resultado dessa vivência. Para ampliar as reflexões sobre a minha relação de proximidade com as rezadeiras, a discussão que Silva (2000) é crucial para entender as implicações do antropólogo, quando este é também um “iniciado”. Embora o autor esteja refletindo sobre a “iniciação” pela qual alguns antropólogos passaram ao decidirem-se realizar pesquisas no campo religioso⁴⁵. Ele também enfatiza que “a pesquisa de campo é muito mais que uma investigação, ela é uma iniciação” (SILVA, 2000, p. 26). Isso porque o pesquisador nunca mais será o mesmo depois desta experiência. A pesquisa é o divisor de águas, ela marcará a vida do antropólogo em um antes e um depois.

Analisando as colocações de Silva (2000, p. 29), percebi que ele afirma ter encontrado dificuldade para realizar a sua pesquisa, sobretudo quando os problemas que enfrentou em campo, por pertencer ao universo do terreiro e da academia, marcaram a sua experiência de pesquisador. Essa trajetória pode seguir um percurso, que vai do meio acadêmico para o campo empírico, ou pode ser o inverso, como foi o caso deste autor, que era iniciado no candomblé e realizou uma dissertação de mestrado sobre o desenvolvimento desta religião em São Paulo. Em ambos os casos, como adverte (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2004, p. 31), “não podemos deixar de nos valer da capacidade reflexiva de nossa disciplina”. É evidente que, o conhecimento empírico acumulado que eu detinha sobre as rezadeiras ajudou no processo da pesquisa de campo. Ou seja, o fato de já ter estabelecido contatos com algumas informantes anteriormente, seja através das relações afetivas, seja através de pesquisa acadêmica, facilitou a realização deste trabalho. Mas, como bem observou Geertz (1997), ser *nativo* também tem suas implicações. Uma delas é que o *nativo* não pensa a partir da ciência, o que vai nortear o pesquisador em campo é o referencial teórico. Com isso quero mostrar que a minha trajetória de pesquisa também é um pouco balizada por esta discussão, ou seja, eu, de certa forma, compartilhei diretamente do convívio com as rezadeiras e estou buscando refletir

⁴⁵ Entre os vários antropólogos que se iniciaram em cultos religiosos, Silva (2000) destaca: Ismael Giroto, Rita de Cássia Amaral, Roberto Motta, entre outros.

junto à academia a respeito da prática destas mulheres. Na realidade, é um exercício que exige uma capacidade de refletir com um pouco mais de sensibilidade a respeito da minha própria posição e situação.

O um dos teóricos que consegue abordar esta situação com extrema delicadeza e conhecimento de causa é Pierre Bourdieu (2005), em seu livro “Esboço de auto-análise”. Em verdade, como o próprio nome da obra sugere, ele faz uma análise da sua trajetória desde criança, quando teve uma infância pobre, filho de pais camponeses, até chegar à academia francesa. Suas influências teóricas e como se deu a sua passagem da filosofia à sociologia. Mas, acredito que o grande presente que este autor me proporcionou com esta análise foi justamente mostrar o quanto é valioso estar vigilante para a prática reflexiva sobre a pesquisa. Portanto, para Bourdieu (2005, p. 56):

Só se consegue sobreviver, em sentido estrito, em tal situação ao preço de uma reflexividade permanente e prática [...] para interpretar e ajuizar instantaneamente a situação, os saberes e o saber fazer adquiridos na experiência social da infância.

Embora o autor esteja se referindo ao contexto de guerra, ao que vivenciei, o exercício reflexivo e crítico permite enxergar com maior precisão a posição do pesquisador em relação ao objeto de estudo. O fato de Bourdieu ter saído da sua comunidade, deixado a família, os amigos de infância e ter alçado vôo rumo ao mundo dos intelectuais e, posteriormente, retornar às suas origens como pesquisador, tudo isso fez-me refletir um pouco sobre a minha trajetória de pesquisa. Obviamente, antes de tudo, quero chamar atenção sobre as diferenças contextuais e a singularidade dos relatos do autor. Em momento algum, tive a pretensão de equiparar-me a ele, no que tange às suas experiências como teórico e pesquisador.

Como já coloquei anteriormente, o contexto social e o meio cultural onde passei minha infância e juventude foram influenciados pela presença de mulheres que rezavam. Convivi com minha avó paterna que era rezadeira. Minha mãe levava meus irmãos para esta mulher curá-los. Sempre fui fascinado em observar uma rezadeira realizando suas curas, sobretudo quando via as mães trazerem seus filhos em estado grave e após a reza, a criança ficar curada. Não conseguia obter respostas que fossem suficientemente contundentes sobre o que resultava à cura. Passado alguns anos, cheguei à universidade, e tive a possibilidade de investigar este fenômeno munido do “olhar” crítico da academia. Na verdade, realizei a seguinte trajetória: retirei-me do “meio familiar”, adentrei a universidade e comunguei dos seus saberes e, em seguida, retornei ao seio familiar, minha terra natal, para realizar pesquisa com as rezadeiras.

Pessoas, dentre as quais convivi, como é o caso da rezadeira Tia Romana, minha tia avó. Na minha meninice, suas filhas costumavam levar-me para sua casa. Para dar uma idéia do que seja este trajeto, Bourdieu (2005, p. 90) diz o seguinte:

Eis a prova de que o trajeto heurístico também tem algo de um percurso iniciático pela imersão total e pela felicidade dos achados que lhe é concomitante, sucede uma reconciliação com coisas e pessoas das quais insensivelmente me afastara por conta do ingresso em outra vida e as quais a postura etnográfica obriga naturalmente a respeitar, os amigos de infância, os parentes, suas maneiras, suas rotinas, seu sotaque.

Com relação a este retorno, sinto-me honrado estar realizando um trabalho que não é apenas meu. Grande parte, senão o conjunto da obra, só foi possível graças à preciosa colaboração das rezadeiras e também dos que fazem parte desse grande “meio familiar”. É interessante pensar que a etnografia permite este trânsito de idas e vindas, uma aproximação com o mundo familiar e, porque não, um percurso iniciático como bem colocou o autor. E, mais, permite ao pesquisador refletir criticamente a respeito do seu papel de pesquisador. Em verdade: “Tudo contribui, assim para favorecer uma grande certeza de si individual e coletiva, que envolve um profundo desapego pelo mundo exterior, por seus juízes e sanções” (BOURDIEU, 2005. p. 96).

O ato de retornar, ao meio dos entes queridos para realizar uma pesquisa sociológica é, para Bourdieu (2005, p. 90), o preenchimento de um vazio: “é toda uma parte de mim que me é devolvida”. Com relação a mim mesmo, não sei se aconteceu da mesma forma, mas, sem dúvida, o distanciamento, as leituras e as discussões realizadas na universidade, fizeram-me enxergar mais detalhadamente as coisas óbvias. E por estar tão próximo delas, não conseguia enxergá-las. Outra questão crucial que só pude atentar depois de entrar na academia, é que embora o conhecimento científico seja o mais aceito, o mais límpido, o oficial, há outros tipos de saberes, mas de lógicas diferentes. Refiro-me, assim também ao ofício das rezadeiras. Esse retorno às origens, como bem frisa Bourdieu (2005), contribuiu para exercitar também o senso relativizador do saber científico.

Outra discussão que permite uma reflexão sobre a minha situação de familiaridade e proximidade entre as rezadeiras é elaborada por Velho (1981; 2003). Embora a realidade tratada pelo autor seja direcionada a um contexto específico de uma metrópole, a cidade do Rio de Janeiro, algumas idéias foram relevantes para ajudar a compreender a relação de familiaridade estabelecida entre eu e as minhas informantes. Com isso temia correr o risco de cair no extremo oposto, ou seja, por pensar que conhecia uma determinada situação, por estar

o tempo inteiro observando e convivendo com o familiar. Para evitar este tipo de situação, o exercício de “estranhar o familiar”, discutido por Gilberto Velho, foi indiscutivelmente relevante para prosseguir adiante. De acordo com Velho (1981), o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar, intelectualmente e emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações. Portanto, é “necessário desnaturalizar noções, impressões e categorias que estejam contidas na sua visão de mundo” (VELHO, 2003, p. 15). No meu caso, isso foi crucial, pois a familiaridade com estas mulheres me impulsionou a refletir sobre as suas práticas.

Prosseguindo com a noção de familiaridade, desta vez abordando um assunto mais direcionado. Trago um pouco da discussão sobre a afetividade entre avós e netos, trabalhada por Lins de Barros (1987). Antes, porém, gostaria de chamar a atenção, outra vez, para as diferenças da pesquisa da autora e da minha, uma vez que ela trabalha as relações entre avós e netos pertencentes às camadas médias da cidade do Rio de Janeiro. Contudo, vivenciei uma experiência curiosa e similar. A relação de proximidade entre eu e minha avó paterna, num contexto rural, foi essencial na escolha do objeto de estudo. As reflexões da autora estimularam-me a lembrar de algumas experiências compartilhadas com “vovó Maricuta”. Embora, estas tivessem sido retratadas em um contexto rural, Lins de Barros (1987, p. 125) afirma que, “a casa dos avós é o espaço privilegiado para a construção e vivência das relações de amizade, cumplicidade, afeto, e brincadeira entre avós e netos”. Normalmente, passava o dia com ela, e no final da tarde, voltava para casa na companhia do meu pai. Quando anoitecia e, ele não chegava, eu começava a entrar em desespero. Daí, minha avó, com intuito de distrair-me, contava histórias e deixava que eu brincasse com seus santos que viviam guardados no oratório.

Para discorrer sobre meu interesse pelo tema das rezadeiras, é necessário citar algumas experiências vividas junto a esta minha avó rezadeira. Fiquei meio receoso de reviver algumas situações junto a ela e, com isso, comprometer o caráter científico da pesquisa, haja vista, conter elementos subjetivos envolvidos. No entanto, como afirma Ellen (1984, p. 228), “o sucesso do etnógrafo não depende apenas dos conhecimentos intelectuais adquiridos na academia, mas da competência com que este profissional pode interagir socialmente com os membros do campo de estudo”. Por outro lado, será oportuno expor este “quebra cabeça” para mostrar a origem do interesse e a vontade de entender o universo das práticas religioso-terapêuticas, realizadas por estas mulheres.

Mas, como a curiosidade sempre foi uma das qualidades inerentes à minha personalidade, nunca foram suficientes respostas como: *meu filho quem cura é a fé; meu filho*

não precisa tomar remédio, a reza cura, tal qual dizia minha avó. Queria ouvir algo mais convincente e explicativo, ao menos para mim, embora eu fizesse parte da mesma comunidade e, na época, morasse no Sítio Cruzeta Velha, distante da cidade de Cruzeta sete quilômetros, ou seja, compartilhando das mesmas “teias de significados” (GEERTZ, 1989, p.15). Sempre procurei ver as coisas além do que elas se apresentavam aos sentidos. Enxergava nuances que os outros não viam durante o ritual de cura. As pessoas que procuram as rezadeiras não estão preocupadas com os gestos, os tipos de ramos etc. Seus interesses estão alicerçados em uma relação de causa e efeito, ou seja, na cura do mal. No meu caso, era diferente. Eu procurava, por exemplo, observar como a rezadeira se portava diante do doente, quais palavras ela pronunciava (isso era difícil porque ela apenas cochichava), os gestos e as reações da criança no momento do ritual. Lembro que minha avó após o ritual colocava os ramos para secar próximo ao fogão a lenha. De acordo com suas representações, na medida que os ramos iam ficando secos com o calor do fogo, o doente, conseqüentemente, iria ficando curado.

Quando criança, minha mãe sempre me deixava com minha avó. Na época, eu devia ter uns quatro ou cinco anos de idade. “Vovó Maricuta”, como era carinhosamente chamada pelos netos, era católica fervorosa e rezava muito. Ela mantinha em volta do pescoço um rosário de Nossa Senhora da Conceição e, ao anoitecer, iniciava as suas orações. Logo cedo, por volta das 03h, ela acordava e ficava deitada na rede rezando com seu rosário na mão⁴⁶. Como ela rezava *baixinho*, não dava para ouvir quais eram as orações e os santos mencionados por ela. Mas uma coisa era certa, ela rezava um rosário atrás do outro.

Apesar de acordar ainda de madrugada, vovó só levantava, para realizar os afazeres domésticos depois das 08h. Todos os dias, a minha tarefa era levar o leite para ela. Ao chegar em sua casa, costumava observá-la pela fresta da porta da sala, na tentativa de ouvir as suas orações. Muita coisa eu não compreendia, mas algumas passagens davam para ser entendidas. Por exemplo, ela fazia preces⁴⁷ e encomendava, a Deus e aos santos, todos os familiares, parentes, vizinhos, inclusive os que já haviam falecidos. Ao lado de sua rede, havia um oratório⁴⁸ com várias imagens de santos em estilo barroco: dois crucifixos, Santa Bárbara,

⁴⁶ Com o rosário, reza-se quinze Pai-nossos e cento e cinquenta Ave-marias, enquanto no terço reza-se somente cinco Pai-nossos e cinquenta Ave-marias. O rosário acompanha a cor das vestimentas (o manto) de Nossa Senhora: as contas azuis são as Ave-marias e as contas brancas os Pai-nossos. O terço, por sua vez, é encontrado em todas as cores e materiais, inclusive feito de madeira.

⁴⁷ Sobre a prece, ver Mauss (1996).

⁴⁸ Este objeto sagrado e as imagens estão sob meu poder. Ela me presenteou ainda quando estava viva, mas só veio para minha casa quando ela faleceu, em 1994.

Nossa Senhora da Conceição, duas pombas do Divino Espírito Santo, Santo Antonio e São Sebastião.

Os ramos que minha avó costumava manipular para realizar suas rezas de cura eram cultivados em um espaço, cercado por cactos (*xique-xique e cardeiro*) para proteger do gado, que pastava solto, ao redor da casa. Nesse cercado, ela tinha por hábito cultivar algumas plantas medicinais, tais como: arruda (*Ruta graveolens*), malva-rosa (*Althaea rosea*), manjerição (*Ocimum minimum, L.*), hortelã (*Mentha viridis*), erva-cidreira (*Melissa officinalis*), alecrim (*Rosmarinum officinalis*), dentre outras espécies de plantas medicinais⁴⁹.

Outra passagem muito nítida em minha lembrança era quando seu marido, Inácio Vito⁵⁰, viajava para o estado do Ceará, nas romarias a Padre Cícero do Juazeiro e a São Francisco, no Canindé. Nessa época, minha avó já havia encerrado suas penitências, alegando serem muito cansativas. No entanto, quando moça chegou a fazer este trajeto a pé.

Embora não participando ativamente desse evento religioso, fazia gosto que todos os anos seu marido cumprisse os votos da romaria⁵¹. Então, nessa época, todas as noites, costumava fazer companhia para vovó. Era uma verdadeira disputa, todos os netos queriam dormir na casa dela. Logo cedo da noite, ela fechava as portas, contava “histórias de trancoso” e depois ensinava os pequenos a rezar.

Com relação às experiências obtidas com as *rezas de cura*, algumas foram marcantes até hoje. Durante este “flash back”, alguns episódios tiveram um significado especial. Um deles foi quando vovó Maricuta me ensinou a rezar para estancar sangramento (hemorragia), ou seja, como se diz entre as rezadeiras, *tomar sangue de palavras*. Na ocasião, ela falava as palavras e eu as escrevia. Segundo ela, esta reza era considerada *forte*. Só podia ser transmitida entre pessoas de sexo oposto⁵². Caso contrário, as forças da reza seriam quebradas. Daí, a razão dela ter passado a reza para mim. Vovó Maricuta me ensinou que, primeiramente, faz-se o sinal da cruz, molhando o polegar direito com o sangue que jorra do ferimento. Depois, faz-se os gestos em cruces sobre o ferimento dizendo as seguintes palavras:

Sangue, estanque em seu corpo, como Jesus Cristo teve no útero. Sangue, estanque em tuas veias, como Jesus Cristo teve na ceia. Sangue, estanque puro e forte, como

⁴⁹ Os nomes científicos de tais espécies de plantas foram pesquisados no Dicionário das Plantas Úteis do Brasil, 1984 e no Novo Aurélio: Dicionário da Língua Portuguesa – Século XXI. Versão 3.0 (2005).

⁵⁰ Hoje aos 94 anos.

⁵¹ Ver Steil (1996).

⁵² Durante as entrevistas que realizei com as rezadeiras, as que permitiram que eu gravasse as orações enfatizaram que só falavam em voz alta por que eu era homem. Dessa forma, não haveria perigo das forças de suas rezas serem quebradas.

Jesus Cristo teve na hora da morte. Sangue, estanque em ti, como Jesus Cristo teve em si. Sangue, estanque, assim como Jesus Cristo nunca mentiu com a sua divina boca. Sangue, estanque, em ti e não é de pingar nenhuma gota. Amém (Informação verbal).

Após dizer estas palavras, reza-se três Pai-nossos, três Ave-marias e três Salve-rainhas. Em seguida, faz-se um oferecimento às cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, dizendo: “assim, como Jesus ficou livre das cinco chagas, fique o doente (diz o nome da pessoa), livre, são e salvo”.

Outro fato marcante envolvendo a prática da reza aconteceu com um dos meus irmãos quando criança. Certo dia, ele estava saudável e, de repente, começou a ficar esmorecido, sem coragem, sonolento e vomitando. No mesmo dia, estiveram alguns familiares lá em nossa casa, vindos de Florânia. Com eles, tinha ido uma moça, que logo se apegou ao menino, na época com três anos de idade. Ela colocou a criança nos seus braços e ficou se *admirando* com o tamanho dos olhos dela. Ao longo daquele dia, meu irmão esteve muito alegre, rindo, características de uma criança saudável. Mas, no fim da tarde, quando os visitantes foram embora, ele adoeceu, apresentando os sintomas acima citados. Como não era fácil o acesso ao posto de saúde dali do sítio, meus familiares chamaram o vizinho que possuía carro, a fim de levar meu irmão para Cruzeta, em busca de socorro médico. Enquanto procuravam o vizinho, minha mãe percebeu que os sintomas apresentados eram idênticos aos de *olhado*⁵³. Assim, chamou vovó Maricuta para rezar seu neto. Quando ela chegou, a criança estava com os olhos fechados e não dava sinal de vida.

Lembro-me bem como se fosse ainda hoje. Ela conduzia alguns raminhos verdes de pinhão branco (*Jatropha pohliana*), mandou alguém segurar o menino no colo, se benzeu e começou a rezar baixinho de forma *cochichada*. E eu, apesar de preocupado com o estado de saúde da criança, estava curioso, sempre atento para ver o que iria acontecer com o menino durante a reza. E o menino, deitado *por morto*, nos braços da minha mãe. Durante a reza, ele começou a abrir seus olhos, a sorrir e a atentar para as pessoas que estavam ao seu redor. Quando a rezadeira concluiu o ritual, ele já estava esperto e conversando. E, sem tomar nenhum remédio ou ter passado por cuidados médicos, a criança voltou ao seu estado normal. Depois daquele episódio, só aumentou o meu interesse e a fascinação para entender a lógica da prática das rezadeiras.

Analisando hoje esta situação passada, momento que estou buscando entender academicamente sobre a prática das rezadeiras, vejo que as atitudes do “feiticeiro iniciante”

⁵³ De acordo com Richeport (1985), o *olhado* apresenta os seguintes sintomas: febre, frio, dor de cabeça e diarreia. Ver também o significado de *olhado* e *quebrante* em Cascudo (2001).

Quesalid, discutidas na obra de Lévi-Strauss (1996) podem ajudar-me a compreender algumas indagações, a respeito do processo terapêutico utilizado durante o ritual da reza. Como é sabido, esse suposto feiticeiro não acreditava que o xamã da tribo tivesse poderes para curar seus clientes e passou a imitá-lo num tom de desafio: “Além de simular crises nervosas, aprender cantos mágicos e técnicas de fazer vomitar, passou a apresentar a doença sob uma forma visível e tangível” (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 204). Quando sua fama se espalhou pela tribo, “até o velho xamã da tribo foi oferecer-lhe presentes e suplicar ao seu jovem rival a dizer-lhe a verdade” (Ibidem, p. 207). Atitudes como estas, e mais o consensus do grupo, corroboraram para que o “feiticeiro iniciante” acreditasse que curava. O resultado de tudo isso, foi surpreendente, o aprendiz adquiriu um reconhecimento maior do que o renomado feiticeiro da tribo.

No meu caso, nunca duvidei nem esnobei a prática da reza, eu só queria ouvir das rezadeiras explicações mais objetivas, não somente que era preciso crer ou ter fé, como elas enfatizavam, quando questionadas sobre o que fazia a pessoa ficar curada. Hoje, entendo que as suas respostas eram sábias, pois a crença do cliente é fundamental, mas outros fatores influenciam no processo terapêutico. Por exemplo, a forma como a rezadeira recebe o cliente, explicando a doença a partir de uma linguagem acessível e compartilhada pelo doente. Sobre esta forma peculiar de atendimento, Boltanski (1989, p. 61) complementa afirmando “que um dos principais méritos que os membros das classes populares reconhecem ao curandeiro reside, principalmente, no fato de que ele explica ao doente a doença que ele sofre”. Outro fator, interessante que Lévi-Strauss (1996) ressalta e, que as rezadeiras usavam e usam para explicar a cura, é a tríplice relação, ou seja, a crença do doente, a crença da coletividade e a crença do próprio feiticeiro.

A idéia de introduzir esta experiência que aconteceu com uma pessoa da família foi justamente para enfatizar a descrição fenomenológica que compõe o arcabouço teórico deste trabalho. E também para mostrar que no processo de pesquisa, o “estar lá” exige dedicação, reflexividade e, acima de tudo envolvimento com o objeto. Uma coisa era ouvir os relatos de curas por parte da clientela e observar a prática da benzeção “in loco” pelas rezadeiras. A outra foi poder sentir na “carne” os sintomas das doenças que, até então eram apenas descritos pelos que já haviam experimentado. Portanto, vivenciar certos fatos que eu só ouvia dos clientes me desafiou a refletir criticamente a respeito da condição de pesquisador e também como alguém que conviveu e partilhou desta prática na comunidade. Acredito que contribuiu muito no meu caso, para o aprimoramento da pesquisa.

1 - O UNIVERSO DAS REZADEIRAS: DIVERSIDADE E SEMELHANÇAS

Nesse capítulo, pretendo abordar algumas questões ligadas ao universo das rezadeiras, quais sejam, as semelhanças que perpassam a prática de algumas delas e o que as diferenciam. Para tanto, investigo o processo de aprendizagem das rezadeiras e através de quem elas tiveram acesso a estes ensinamentos. Destaco, neste tópico, a aprendizagem que se deu através de outra rezadeira e o aprendizado através de experiências sobrenaturais (sonhos, visões, mesmo de nascença). Discuto ainda o uso da oralidade neste processo de aprendizagem, embora haja aquelas rezadeiras que, por serem alfabetizadas, tomaram notas de algumas rezas. Assim, essa baixa escolaridade ou ausência total de formação escolar, é uma questão que será discutida a fim de evidenciar as diferenças entre o saber das rezadeiras e o saber dos médicos. Do mesmo modo, o aprendizado e o saber das rezadeiras difere da formação e do saber específico dos padres e demais religiosos com trajetória mais institucional, por exemplo, o aprendizado em seminários religiosos. Trago para conhecimento do leitor, a partir das simbologias elaboradas pelas rezadeiras, a caracterização de algumas doenças específicas e os diagnósticos que elas costumam fazer. Assim, estas são as doenças que apenas essas mulheres detêm o domínio de intervenção terapêutica, contrastando com o tipo de prática e objetos que correspondem aos médicos, que não têm os conhecimentos necessários para intervir.

1.1 A APRENDIZAGEM DAS REZADEIRAS

As rezadeiras aprenderam a fazer suas rezas de cura de diversas formas. Entre as mulheres que rezam em Cruzeta era comum a aprendizagem através de familiares e vizinhos. Há também aquelas que justificam os seus conhecimentos por meios sobrenaturais, como guias, sonhos e visões. Para Quintana (1999), em detrimento daquelas, essas rezadeiras podem conquistar maior reconhecimento por parte da comunidade, ao contrário das outras, que aprenderam com seus parentes. É recorrente no discurso dessas, a existência de um estado doentio, que desapareceu, a partir do momento, que começam a desempenhar o ofício da reza. Porém, entre as rezadeiras mapeadas na cidade, a maioria afirmou ter aprendido com a mãe, a tia, a avó, uma vizinha, o marido etc. O interesse por esse saber parece estar relacionado com algumas necessidades básicas, quais sejam, o cuidado da saúde da família, dos animais e das plantações. As rezas de cura eram os meios mais acessíveis. “As rezadeiras atendiam desde

casos que envolviam benzimento ao cavalo com bicheira⁵⁴, à cabra e à vaca para darem mais leite, à plantação para que prosperasse, até às pessoas” (OLIVEIRA, 1985b, p. 28). O depoimento de tia Romana, viúva e aposentada, vai ao encontro do que a autora acima mencionou, a preocupação com a saúde de suas crianças:

Minha mãe [Aninha Pêdo] me ensinava, mas eu aprendi mais com uma irmã de mamãe que era moça velha, tia Maria Pêdo. Ela rezava muito, sabia de muitas orações. Aprendi a rezar par me encomendar a Deus quando ia dormir. Agora, as rezas de cura aprendi quando já tinha me casado, já tinha meu primeiro filho. Meu marido vivia hoje aqui... amanhã acolá. Aí, eu tinha muita fé em *olhado*... essas coisas. Então, eu pedi a mamãe para me ensinar e eu aprendi todinha... de cabeça... toda reza (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

Quanto à origem da aprendizagem de sua mãe, essa rezadeira não soube informar. Ela suspeitava que as rezas poderiam ter sido herança da sua avó, ou seja, a mãe da sua mãe. Assim como foram transmitidas para ela. Pelo que consegui observar, esta prática é entendida como algo que pode trazer a cura desde que haja uma predisposição à fé, tanto por parte das rezadeiras quanto do cliente que procura estes serviços. Daí, ser recorrente em suas falas que se as pessoas não tiverem fé, elas não ficam curadas. Então, há um forte discurso que enfatiza a religiosidade católica. O sentido que a fé assume não é simplesmente o de acreditar, mas ser temente às coisas da igreja, seguir os preceitos morais de bondade, idoneidade, honestidade, etc. Na verdade, acreditar nas palavras como coisas sagradas.

Enquanto ela morava próximo aos familiares, não sentia necessidade de aprender as rezas, pois qualquer infortúnio era só recorrer à sua mãe ou à sua tia, que sabiam as rezas de cura. No entanto, quando teve de acompanhar o marido, distante dos familiares, veio o interesse pela aprendizagem das rezas. Acrescentou que na época a única forma de curar as doenças era através das *rezas* e dos *remédios do mato* e que os poucos médicos que haviam estavam bem distantes na cidade. Além disso, cobravam caro pelas consultas e o único recurso era usar o que estava ao seu alcance; no caso, as rezas.

A rezadeira dona Dolores, com sessenta e quatro anos, natural de Cruzeta foi a primeira informante que conheci, cuja única reza de cura que fazia era a de *coser para carne triada*⁵⁵. O seu aprendizado se deu, a partir da sua mãe, que também era rezadeira.

A minha mãe curava de tudo... ela curava de *vento caído*, *olhado*, de *ferida de boca*... só que eu nunca liguei de aprender. Aí, foi tempo que ela cegou e as pessoas vinham com o pé doente pra ela *coser*. Então, ela dizia as palavras [reza], e eu era

⁵⁴ Ferida nos animais, cheia de bichos, vermes. É comum em época de chuva, as moscas depositarem seus ovos em bicheiras. (feridas).

⁵⁵ Ela era casada e mãe de cinco filhos. Tinha três netos e era madrinha de muitos afilhados.

quem *cosia*. Como vinha muita gente eu aprendi. Em 1993, quando mamãe morreu, eu comecei a curar para *carne triada*. Mas, eu só comecei a rezar porque as pessoas que não sabiam que ela tinha morrido chegavam aqui procurando ela pra se rezar. Então, para eu dizer que não sabia, estaria mentindo. Aí, eu comecei a *coser* (Informação verbal, maio/2006. Grifo do pesquisador).

No caso de dona Maria de Neco⁵⁶, moradora da cidade há mais de trinta anos, casada e aposentada, o aprendizado também se deu após o casamento, sobretudo quando já tinha filhos. De tanto buscar a ajuda das rezadeiras no sítio em que morava, acabou aprendendo com elas a rezar: “As pessoas iam rezar minhas em crianças, daí eu me concentrava naquelas rezas e, por fim aprendi” (Informação verbal, maio/2006). Dona Chiquinha⁵⁷, rezadeira que conheci por indicação de dona Maria de Neco, disse também ter aprendido com uma vizinha que sabia rezar. Isso se deu quando era ainda *mocinha*, devia ter uns onze anos de idade: “O povo chamava ela [a rezadeira] nas casas pra rezar. Então, eu via ela rezando. Ela rezava *alto* e, eu aprendi” (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador). Dona Chiquinha é viúva e reside em Cruzeta há dez anos. Antes, tendo morado em Florânia/RN⁵⁸. Com a morte da sua mãe, passou a morar com uma irmã que é cega. Hoje, as duas se sustentam com uma aposentadoria e com a pensão do marido falecido. Além de rezadeira, também se considera uma repentista, e se diverte ao improvisar poemas e, inclusive, ela escreveu um poema, cujo título é “Rezadeiras”

Dona Uda de cinquenta e nove anos, viúva, aposentada e pensionista, católica, mãe de oito filhos, oito netos e seis afilhados, confidenciou algo semelhante. Disse ter aprendido as rezas na *marra*:

Uma velha [rezadeira já falecida] estava rezando meu menino, aí parou na metade da reza, porque uma pessoa passou de carro, para ir se rezar na casa dela. Quando ela viu que era fulano [tinha dinheiro], disse: “termine aí que eu vou rezar a menina de fulaninho”. Eu fiquei sem ação, mas como o que vale é a fé, eu acabei de rezar. E, desse dia pra cá, nunca mais precisei de rezadeira para rezar meus meninos. Aprendi as rezas com um velho que morava aqui perto. Ele já morreu. (Informação verbal, maio/2006. Grifo do pesquisador).

⁵⁶ Em novembro de 2006, dona Maria de Neco sofreu um derrame, comprometendo gravemente as cordas vocais, ou seja, perdeu totalmente a fala. Em janeiro de 2007, ao realizar uma visita, encontrei-a recuperando-se das seqüelas. Embora tenha recuperado um pouco a fala, relatou-me não estar mais rezando, pois ainda sente dificuldade para pronunciar muitas frases.

⁵⁷ Dona Maria de Neco não se reza, costuma pedir ajuda a outra rezadeira. “Quando eu tô com problema de olhado, eu vou bater na casa da rezadeira Chiquinha, ela reza muito bem. Fomos vizinhas, quando eu morava no sítio, em Florânia” (Informação verbal, maio/2006).

⁵⁸ Mensalmente, pagava R\$ 60,00 de aluguel e fazia uma viagem à cidade de Florânia, para receber o numerário da aposentadoria. O motivo de não providenciar a transferência do seu pagamento para a agência dos Correios de Cruzeta é o fato de aproveitar o passeio para visitar a *cova* onde está enterrado o seu marido e também visitar os familiares vivos.

Já se percebe, no discurso desta rezadeira a influência de algum rezador na transmissão desse saber. Mas, o curioso é que durante as minhas investigações não soube da existência de nenhum “curador” na cidade de Cruzeta. Contudo, mais de uma rezadeira tinha atribuído a origem de suas rezas aos ensinamentos advindos destes homens que realizavam práticas curativas. Essa questão da transmissão das rezas ser efetuada a partir das relações de gênero está intimamente relacionada com o poder de cura das *rezas fortes*. De acordo com algumas rezadeiras, as rezas de cura só podem ser transmitidas entre pessoas de sexos opostos. Um rezador só pode ensinar suas rezas para uma mulher e uma rezadeira só poderia ensiná-las a um homem. Caso contrário, o transmissor das rezas perde os poderes de curar para o receptor. Na verdade, o segredo das rezas consiste justamente nessa questão da não transmissão das rezas entre pessoas do mesmo sexo.

A ênfase neste tipo de transmissão é ressaltada até mesmo pelas rezadeiras que obtiveram os ensinamentos através de outras rezadeiras. Percebi isso quando em pesquisa de campo eu solicitava que elas rezassem em voz alta para que eu pudesse ouvir. Dona Maria de Julho Bilino não se recusou em atender ao meu pedido, porém, fez a seguinte observação: “como eu era homem não teria problema nenhum rezar para que eu pudesse ouvir, mas se fosse uma mulher ela não rezaria, pois perderia as forças de suas rezas”. Esse temor se concretiza no dia a dia dessa rezadeira, uma vez que suas rezas não são audíveis. Por outro lado, ouvi a seguinte observação de tia Romana:

Eu não acredito que uma mulher ensinando as rezas para um homem fica com as rezas fortes. Porque quem me ensinou todas as orações foi uma mulher. E nunca que ela perdeu as forças (Informação verbal, junho/2006).

Dona Silvina de Domingo Preto, era viúva e moradora do Sítio Mulungu, município de Cruzeta, até 2004, quando foi morar na cidade. Atualmente, reside numa casa alugada com uma filha e uma neta. A renda familiar é fruto tanto de sua aposentadoria como da pensão de seu falecido marido. Em suas falas, eram recorrentes as lembranças da vivência no meio rural. Gostava de falar dos roçados que plantou e dos potros brabos que amansou e domesticou. Lembro-me de dona Silvina voltando da cidade, cuja estrada ficava em frente à minha casa. Ela sempre andava a cavalo em uma besta de cor branca, sempre foi uma mulher muito batalhadora, acumulando as funções de mãe e pai, principalmente depois que seu marido ficou doente. Interessou-se pelo ofício da reza porque os filhos adoeciam e ela não queria incomodar o curador, conforme relatou:

A vontade de aprender a rezar era porque eu tinha menino pequeno e não queria viver abusando o curador. O pobre do velhinho [seu sogro] era quem vinha curar escorado num bastão. Aí, ele me ensinou as rezas e disse que eu só podia ensinar para outro homem, não podia ensinar para outra mulher, senão quebrava as forças das rezas. Ele falava as rezas e eu aprendi (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Evidencia-se, mais uma vez, a figura do rezador e a relação de parentesco presentes na transmissão dos conhecimentos das rezas de cura. O sogro exerce um papel primordial, por duas razões: além deter os saberes para ajudar nas curas dos males, também exerce uma função de patriarca da família, aquele que dá conselhos e, muitas vezes ajuda na educação dos netos. Algumas pessoas que conheceram esse curador disseram que ele era bastante requisitado para realizar suas rezas, sobretudo, para *apagar fogo* em roçados. Contou-me a rezadeira tia Romana que as rezas dele era tão fortes que ele não precisava ir até o local do incêndio, mesmo rezando à distância, o fogo era apagado.

Dona Silvina, além de ter aprendido as rezas de cura com seu sogro, também aprendeu com sua sogra o ofício de parteira, tendo, inclusive, *pegado* sua primeira neta e muitos meninos da vizinhança. Ela disse ter sido mãe de *imbigo*⁵⁹ de muitos meninos e, contou um caso: “a minha nora é minha *filha de imbigo*. Ela antes de casar foi perguntar ao padre se podia-se casar com meu filho, já que eram *irmãos de imbigo*” (Informação verbal, maio/2006). Com relação ao seu aprendizado, algumas pessoas que conheceram os sogros de dona Silvina – os finados Chico Dindô e Maria Luzia⁶⁰ – falaram que eles trabalhavam em conjunto. A parteira Maria Luzia saía para realizar os partos, enquanto o seu marido, o rezador Chico Dindô, ficava em casa, rezando para que nada de ruim ocorresse com a parturiente. Quando ele faleceu, sua esposa encerrou a sua prática de parteira, o que sugere o trabalho conjunto do casal em práticas terapêuticas e de curas.

Ainda com pouca idade e residindo próximo de uma rezadeira, Joanhina interessou-se por aprender as rezas de cura. Morando em Patos/MG⁶¹ e com idade de cinco anos, despertou o interesse pelas rezas de cura. No entanto, como deixou claro, teve que criar uma estratégia para ter acesso às rezas desta rezadeira. Isso foi necessário, porque a rezadeira mantinha as rezas em segredo, sobretudo das mulheres.

⁵⁹ A parteira é a *mãe de imbigo*. Como forma de agradecimento, as crianças eram ensinadas a tomar a bênção quando a encontrava.

⁶⁰ Fiquei sabendo em conversa com meu pai que Maria Luzia foi quem realizou os quatro partos de minha avó. Portanto, ela era sua *mãe de imbigo*.

⁶¹ O interessante é que, quando se iniciou os contatos com esta rezadeira, por volta de 2003, ela se referia a esse local sempre com a expressão *lá no sul*. E só agora, com a intensificação da pesquisa, percebi que em se tratando dos estados *lá de baixo* no mapa, ela denominava de sul, independente da região em que se localizavam: Centro-oeste, Sudeste ou Sul.

Essa mulher, quando rezava mulheres, falava baixo, para que elas não aprendessem as rezas; nos homens, ela rezava em voz alta, que era para eles aprenderem e dar mais força a reza dela. Tinha um rapaz vizinho da gente com o menino doente. Aí, eu chamei para ir à casa da rezadeira. Chegando lá, ele entrou para o quartinho e eu fiquei do lado de fora. Tinha que aproveitar a oportunidade para aprender a reza [ênfatiza Joaquina]. Eu subi num pé de açafraão bem grande, que cobria o quartinho dela, fiquei bem pertinho da janela. Aí, era ela curando lá e eu, cá de cima, prestando bem atenção. Na primeira vez, eu já peguei uns pezinhos; na segunda vez, foi mais ou menos. Quando foi na terceira vez, eu aprendi a reza todinha (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Percebe-se mais uma vez, a questão da transmissão através de gêneros cruzados, ou seja, é como se a mulher tivesse o poder de destruir a força das rezas. Isso se evidencia de tal forma a ponto da rezadeira realizar dois tipos de performance ritual: ao rezar em mulheres diz as rezas em voz baixa; quando era em homens rezava-os em voz alta. Há uma valorização da figura masculina, como sendo detentora de poderes (as rezas de cura) e que também fortaleceria as rezas da rezadeira. Por outro lado, a necessidade de controlar esse saber para que não viesse a público, fica evidente quando a rezadeira Joaquina relatou que a rezadeira levava os cliente para um *quartinho*, local onde realizava os rituais de cura. Então, a necessidade de se manter em segredo as rezas, talvez esteja relacionada com o controle e o monopólio dessa prática. Daí, não rezar para que as outras mulheres da localidade pudessem ouvi-la. Deixava transparecer que a prática desta rezadeira se situava no âmbito privado. Observando o ritual de cura de Joaquina, consegui perceber uma semelhança entre ela e a rezadeira com que aprendeu a rezar: as rezas eram ditas em voz baixa (cochichadas). No entanto, ela não chegava a estabelecer diferenciação entre os gêneros.

Nota-se no discurso de Joaquina, resquício de determinação e interesse em aprender as rezas. O fato curioso é que essa preocupação com o aprendizado das rezas se deu quando ainda era criança. E, nenhuma outra rezadeira de Cruzeta, demonstrou esse interesse precoce pelo aprendizado das rezas. De acordo com o que apurei entre as outras rezadeiras, a necessidade em aprender as rezas de curas só aconteceu após o casamento ou após o nascimento dos filhos, embora existam as rezadeiras que disseram possuir um *dom de nascença*, porém só passaram a realizar curas na fase adulta. No caso de Joaquina foi diferente. Pouco depois de aprender as rezas, já morando no Sítio Saquinho, município de Cruzeta, realizou sua primeira reza em uma pessoa da família.

A primeira pessoa que eu curei de verdade foi tia Silvina, lá no Sítio Poço da Pedra, logo que cheguei do sul. Ela estava com dor de cabeça. Aí, depois que eu rezei, ela disse: “Apois, não é que a dor de cabeça passou mesmo!” (Informação verbal, abril/2006).

É interessante ressaltar que é a partir dos entes familiares que as rezadeiras realizam suas primeiras curas. Isso também foi recorrente na fala da rezadeira Barica, quando disse ter realizado sua primeira cura no seu filho mais velho que sofria com uma dor de cabeça.

Joaninha vive em Cruzeta há cinco e mora no bairro Bela Vista com seus pais, que são idosos. Sua casa localiza-se em frente à capela em construção, cujo padroeiro é Santo Antonio. No mês de junho, período destinado aos festejos do santo considerado casamenteiro, os moradores comemoraram nove dias de festas, com novenas, leilões e barracas com comidas típicas. No período que passei em sua casa⁶², observando a clientela que buscava ajuda da rezadeira, percebi a predominância de crianças. O horário que a rezadeira recebia mais clientes era a tarde. Segundo Joaninha, já avisava às pessoas que à tarde estava menos atarefada. “A parte da manhã, além de parecer mais curta, eu tenho que fazer o café dos meus pais, dar banho neles, cuidar do almoço e lavar roupa” (Informação verbal, maio/2006). Apesar de preferir rezar no período da tarde, não fazia objeção, quando chegava uma pessoa solicitando os seus serviços. Acredito que muitos já soubessem da sua disponibilidade, porque a maioria só a procurava à tarde. A rezadeira Joaninha tanto rezava em crianças como em pessoas adultas. Durante o período que passei em sua casa, os atendimentos foram basicamente realizados em crianças, cujas mães se queixavam de *olhado*. Houve casos em que a “criancinha” era conduzida até à casa da rezadeira por uma das irmãs, também criança.



Figura 06 - A irmã mais velha com a criança no colo durante o ritual de cura de Joaninha.

A renda familiar de Joaninha é proveniente das aposentadorias dos pais. Ela é muito *vivideira*⁶³. Consegue comprar ovos de galinha caipira, de seus familiares, que vivem na zona

⁶² Frequentei a casa de Joaninha, no período de 08 a 13 de maio de 2006, sempre das 8h às 12h e das 13h às 17h30.

⁶³ Expressão difundida em Cruzeta, para qualificar uma pessoa trabalhadora.

rural, para revender aos vizinhos e negocia peças íntimas para mulheres. Dona Severina, sua mãe, com oitenta e sete anos, também é rezadeira. Porém, Joaquina não permite mais que ela reze, porque sofria de dor de cabeça constantes, que se agravavam quando ela resolvia rezar alguém. Mesmo assim, acrescentou a própria dona Severina: “chegando uma pessoa aqui e Joaquina não esteja em casa, eu curo” (Informação verbal, abril/2006). Além do ofício da reza, dona Severina também foi auxiliar de parteira e *louceira*. Disse ter *segurado* uns três ou quatro meninos: “Eu ficava com a mulher, se ela desse ordem a descansar eu segurava o menino” (Informação verbal, abril/2006).

Dona Severina⁶⁴, mãe de Joaquina, afirmou ter obtido os conhecimentos das rezas através de sua mãe, ainda quando criança. No momento que sua mãe estava rezando os clientes, dona Severina se escondia atrás de um baú para poder ouvir as rezas. “Ela rezava e eu aprendi toda reza que ela sabia rezar, de *olhado*, *vento caído* e *carne triada*”. (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador). Não deu para entender se sua mãe não queria ensinar as rezas em virtude dela ser mulher ou porque ela ainda era criança. Tive dificuldade de conversar com dona Severina para obter esse tipo de informação, uma vez que ela sofria de lapsos de memória. Muitas das perguntas que eu fazia, ela não soube informar. O curioso é que Joaquina, tendo a mãe como rezadeira foi se interessar pelas rezas de uma vizinha. Acredito que a atmosfera secreta que pairava sobre a prática da rezadeira mineira, aguçou seu interesse pela prática.

A rezadeira dona Gilberta reside na cidade de Cruzeta há quarenta e dois anos. Casou-se, pela primeira vez, aos vinte anos e teve três filhos, ficando viúva aos vinte e oito anos de idade. Em 1974, aos quarenta e dois anos, casou-se com o atual marido, com quem teve cinco filhos. Hoje moram com ele, uma filha e três netas. A renda familiar é resultado das suas respectivas aposentadorias. Com exceção desses rendimentos, eles têm uma banca na feira livre de Cruzeta, onde aos sábados, comercializam “fumo de rolo”. Dona Gilberta aprendeu a fazer reza através de sua mãe, que por sua vez, aprendeu com outra rezadeira, Aninha Pêdo. Segundo ela, na adolescência, de tanto observar e acompanhar a sua mãe, quando esta era chamada para rezar as pessoas, acabou aprendendo as rezas de cura:

Uma vez mamãe foi rezar numa moça no Sítio Riacho do Jardim, e ela sempre rezava em voz alta, para eu escutar. Aí, um dia eu disse: “mamãe eu devia ser rezadeira porque já aprendi a reza”. Ela mandou eu dizer as palavras e foram todas

⁶⁴ Casada, oitenta e seis anos, teve três filhos, doze netos e três bisnetos. Nasceu no Sítio Sabão, município de Florânia e tinha como profissão ser louceira. Além de realizar rezas e auxiliar as parteiras na realização de alguns partos.

certas. Depois disso eu disse se chegasse a ocasião de alguém me chamar pra rezar em qualquer criança, eu ia (Informação verbal, abril/2006).

Para esta rezadeira, sua mãe era o exemplo de uma pessoa católica. Ressaltando assim, as dificuldades que a via enfrentar em nome da religiosidade.

Eu digo que ela era religiosa [católica] porque morava na Barra da Caieira e vinha para Cruzeta todas às primeiras sextas-feiras do mês assistir às missas. E mais, vinha a pé. Era devota demais (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Notei nesta fala uma ênfase dada ao sacrifício, que para se conseguir uma bênção de Deus é necessário a doação. O pensamento exposto por dona Gilberta é característico do catolicismo popular, pois como afirma Minayo (1994, p. 68), “uma fé é antes de tudo, calor, vida, entusiasmo, transporte do indivíduo acima de si mesmo”. Contudo, havia uma peculiaridade na prática desta rezadeira que a tornava interessante para essa pesquisa: ela se denominava evangélica. Sua primeira experiência se deu através de um convite feito por uma vizinha para assistir a um culto na Igreja Universal do Reino de Deus⁶⁵. Esse primeiro contato aconteceu em 1995, mas a igreja mudou-se para a cidade de Caicó. Depois, freqüentou alguns cultos da Igreja Assembléia de Deus, mas não gostou. Atualmente, freqüenta os cultos dominicais da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, que está evangelizando em Cruzeta há quatro anos.

1.2 A ESCOLARIDADE DAS REZADEIRAS

Quanto à sua escolaridade, Joanhina argumentou que nunca teve *memória* para os estudos. Até tentou, mas só aprendeu a escrever mesmo o próprio nome. Quanto às rezas, aprendia todas, bastava ouvir uma só vez. Esse caso permite mostrar, a propósito, a baixa escolaridade ou mesmo a sua ausência, bastante recorrente no universo das rezadeiras. Por isso achei crucial discutir esse aspecto para mostrar a diferença entre o tipo de aprendizado das rezadeiras, que não segue a lógica do aprendizado biomédico, por exemplo. O ofício da reza é aprendido e vivenciado cotidianamente. Não é um conhecimento institucional, sistemático e racionalizante, tal como ocorre com o saber do médico ou de um padre que

⁶⁵ Hoje não há mais filial desta igreja em Cruzeta.

passam, respectivamente, pelos crivos da academia e da escola de seminarista. Acredito que seja com base nesse tipo de argumentação racional-científica, que a prática das rezadeiras acaba por ser inferiorizada e discriminada pela medicina. Para tornar-se um médico o profissional tem que dedicar vários anos de sua vida aos estudos científicos da medicina. O mesmo acontece com a formação de um padre. Para que ele esteja apto para realizar as suas atividades religiosas, são necessários vários de anos de estudos até estar preparado para desenvolvê-las. O que não acontece com as rezadeiras, embora elas detenham um tipo de conhecimento que é sancionado e compartilhado pela coletividade onde elas estão inseridas.

Por não dominarem os códigos da escrita, a grande maioria das rezadeiras aprende as rezas de cura através da oralidade, ou seja, ouvindo as rezas e observando os gestos realizados por outras rezadeiras. No entanto, encontrei informantes que já usaram o recurso da escrita para anotar algumas rezas em um caderno⁶⁶. As demais memorizaram as rezas fruto da incorporação observada.

Dona Chiquinha, embora soubesse ler e escrever, disse ter aprendido as rezas de cura observando uma vizinha que sabia rezar. Em suas falas fez questão de enfatizar que, apesar de ter freqüentado a escola por poucos meses, aperfeiçoou a leitura e a escrita, lendo os livros da igreja⁶⁷. Os sofrimentos dos santos eram lembrados por dona Chiquinha, por exemplo, quando contava os martírios pelos quais passou Santa Bárbara. Na ocasião, ela chegou a ficar emocionada. Mesmo sabendo ler, o processo de aprendizagem das rezas de curas se deu a partir da observação da prática ritual de outras rezadeiras, ou seja, através da oralidade. Contudo, o acesso a esse tipo de leitura possibilita que a rezadeira possa lidar com o sofrimento das pessoas que buscam pelas suas curas.

Depois de algumas visitas, dona Chiquinha mostrou uma bíblia que tinha ganhado através de um sorteio realizado pelo padre. Falou também que Deus tinha ouvido suas preces, pois tinha muito desejo de possuí-la. Ela sempre tomava como exemplo o *livro dos missionários* quando se referia à conduta cristã que os católicos deviam seguir. Depois tive acesso a esse livro, se tratava de um catecismo, ou seja, um pequeno livro que orientava aos católicos como ser um cristão na fé. Nele estava escrito como as mulheres deviam se portar diante dos maridos (atitude extremamente submissa), o que as pessoas deviam fazer aqui no plano terrestre para ganhar a salvação, entre outros modos. O livro pertenceu à família do seu falecido marido e foi adquirido em “Juazeiro de padre Cícero”, no Ceará. Na verdade, pelo

⁶⁶ Apenas as rezadeira Francisca de Sebastiana e Dona Leide usaram este recurso.

⁶⁷ Pelo que pude apurar, estes livros tratavam das histórias dos santos, dentre as várias, ela contou a história de vida e sofrimento de santa Bárbara.

conteúdo existente nesse pequeno livro, havia instrução para uma série de atividades religiosas que poderiam ser praticadas por leigos: “tirar terços”, encomendar defuntos, as rezas que deviam ser realizadas antes e depois da confissão etc. Um rito católico muito antigo e que estava neste livro era a ladainha de Nossa Senhora em Latim. De acordo com Bossi (1997, p. 46),” a ladainha tem sua origem na Idade Média, é muito longa e, naturalmente, toda feita de invocações. Algumas muito belas: rosa mística, torre de marfim”. Pelo estado de conservação do livro, não foi possível ver o ano da publicação, nem sua autoria.

Outra informante que, além de saber ler, tinha retornado à escola foi Francisca de Sebastiana, casada, católica, natural de Jucurutu/RN, dona de casa, mãe de oito filhos, quatro netos e dez afilhados. Na ocasião, tinha retomado os estudos na escola, onde estava cursando o Ensino Fundamental no EJA (Educação para Jovens e Adultos). Mas, ela contou-me que, embora tenha crescido observando sua mãe, dona Sebastiana Dantas, rezar, só veio a aprender as rezas quando começou a escrever em um caderno.

Eu aprendi a rezar com minha mãe e com uma mulher que morava em Currais Novos, que passavam as rezas, e eu escrevia. Essa mulher tinha muitas orações boas. Eu vim me interessar por rezas, eu tinha uns vinte e seis anos, já era casada e tinha uns três ou quatro filhos (Informação verbal, maio/2006).

Esta rezadeira acrescentou que, mesmo tendo se interessado pelas rezas ainda quando jovem, só veio a praticá-las, realizando curas nas pessoas, depois que passou por uma experiência de doença.

Eu tive uma doença muito grande e fiz uma promessa a Jesus, que se eu ficasse boa daquele mal, eu ia passar um ano rezando as pessoas, em qualquer lugar eu iria. Para *desmentidura*, *olhado*, para tudo. Neste período, até uma intrigada minha chegou com a menina dela lá em casa, pra eu rezar (Informação verbal, maio/2006. Grifo do pesquisador).

Orgulhou-se de contar sobre sua primeira cura. Rezou a filha de seus patrões, quando morava no município de Jucurutu/RN.

Um a vez a filha da minha patroa adoeceu, e era muito longe da cidade. A menina estava vomitando e com febre, e a mãe chorando desesperada. Aí, ela foi e perguntou a mim se eu não sabia rezar alguma oração. Eu disse, ‘mulher, eu sei muitas, minha mãe me ensinou’. Ela disse, ‘mulher, então, vamos rezar na minha menina que está muito doente e não tem carro pra levar pra rua’. Eu fui, rezei a menina e ela ficou boa. Foi a primeira vez que rezei. E graças a Deus a criança ficou curada. Aí, a minha fé aumentou mais (Informação verbal, maio/2006).

Neste sentido, Oliveira (1985b, p. 40), enfatiza que esse processo comumente é marcado por alguns momentos na vida da rezadeira.

Primeiro, quando ela começa a acreditar na sua capacidade de curar, reconhecendo-se preparada para tanto, ou seja, ela começa a produzir benzeções às pessoas da sua esfera familiar, às pessoas das suas relações consanguíneas, como filhos, irmãos, e sobrinhos. Segundo, quando ela estende a sua prática de benzeção aos vizinhos, amigos e famílias que moram na sua comunidade.

Caso semelhante observei com a rezadeira dona Maria de Chico Brito. Ela relatou que teve oportunidade de estudar, pois, como seu pai tinha melhores condições econômicas, contratou uma professora, por três meses, para ensinar aos filhos a ler e a escrever. As aulas aconteciam na casa de dona Maria de Chico Brito e, após este período, quando a professora foi embora, “à noite eu ia para a casa da minha madrinha que era costureira e, enquanto ela costurava, me ensinava na carta de ABC” (Informação verbal, maio/2006). Como seus pais não aprovavam o namoro com o rapaz, com quem viria a se casar, os dois juntos criaram uma estratégia para trocar *cartas de amor*: “meu marido sabia escrever de primeira qualidade em letra de conta⁶⁸. Isso para ninguém saber o que nós conversávamos nas cartas” (Informação verbal, maio/2006).

Dona Maria de Chico Brito, só aprendeu a reza para curar *carne triada*. Na verdade, o ritual denominado de *carne triada* ou de *coser* é justamente o nome do que causa esse mal. São luxações no corpo causadas por pancadas, quedas, escoriações que venham lesar os tendões, músculos e nervos. Esta reza não serve para curar fraturas, acrescentou a rezadeira. E a forma como ela aprendeu as rezas também estava relacionada à uma situação de extrema necessidade e por que não dizer de desespero:

Eu caí do jumento e fiquei enganchada pelo *estrivo* da sela. Fui dormir só com uma dorzinha pouca. Aí, quando eu acordo é gritando com esse pé direito doendo. Aí, eu só vi ele [marido] pegar uma linha com uma agulha e *coser* pra cá, e puxar pra lá...Foi mesmo que água fria na fervura... aquilo foi aliviando... Eu disse você vai me ensinar essa reza. Pois, é foi assim que aprendi com meu marido (Informação verbal, maio/2006. Grifo do pesquisador).

Percebi algo interessante na narrativa desta rezadeira. O aprendizado através do gênero masculino e o seu nome contendo o nome do falecido marido como uma marca de pertencimento. Então, percebe-se, assim, uma dupla relação, sendo que ficava explícita a origem da força masculina de sua reza, uma vez que era seu marido o rezador. Assim, o que

⁶⁸ Tomando como exemplo a palavra MARIA: o M correspondia ao nº 12, o A ao nº 1, o R ao nº 17, o I ao nº 9, o A ao nº 1. E assim por diante.

se evidencia em Cruzeta atualmente são rezadeiras, cuja origem do aprendizado pode ter sido da participação da figura masculina como rezador.

Como já mostrei, uma situação “limite”, muitas vezes, faz com que uma pessoa passe a se interessar pelas rezas de cura. De acordo com esta rezadeira, nunca passou pela mente realizá-las, só gostava mesmo das rezas das missas, dos terços, das novenas etc. No entanto, uma situação de desespero a fez mudar de opinião. Esta experiência contribuiu para perceber que podia ajudar outras pessoas a se curar deste mal. E, como acrescenta dona Maria de Chico Brito, “quando pensava que não, chegava uma pessoa pulando com uma perna só, na sua porta perguntando se rezava para *desmentidura*⁶⁹” (Informação verbal, maio/2006). Enquanto as outras rezadeiras realizam curas para vários tipos de doenças, como *olhado*, *cobreiro*, dor de dente, *vento caído*, dentre outras, essa rezadeira se limitava apenas em *coser*, ou seja, rezar para *carne triada*. Porém, disse que quando tinha seus filhos pequenos, nunca procurou uma rezadeira. Ela mesma, quando percebia que os filhos estavam com fastio, sonolentos, logo associava aos sintomas de *olhado*. Então, “eu pegava um ramo verde, podia ser de qualquer mato, e dizia as palavras: com um te botaram, com dois eu te tiro. Com as palavras de Deus e da virgem Maria” (Informação verbal, maio/2006).

Dentre as informantes que contribuíram para a realização desta pesquisa, três delas, incluindo as rezadeiras Barica, dona Santa e dona Rita de Ramim, chamaram a atenção pela forma como se iniciaram na prática da reza. A rezadeira Barica, tem quarenta e nove anos, mãe de cinco filhos e três netos, reza há quatorze anos, sabe ler e escrever pouco, e possui casa própria. Ao todo, moram na sua casa dez pessoas. Sua renda familiar é, de aproximadamente, dois salários mínimos. Em sua trajetória de vida sempre esteve muito próxima dos pais. Apesar das dificuldades que enfrentava nunca pensou em abandoná-los para ir procurar emprego de doméstica nas casas. Contou que as outras irmãs, logo cedo, saíram de casa a procurar emprego.

No tempo de criança, toda vida fui *caseira*. Mamãe sempre confiava muito em mim, sabe. Porque eu lutava com os meninos menores, e também porque ela fazia louça e não podia cuidar deles. Tinha as outras irmãs, mas elas não eram muito apegadas às crianças....Depois, quando eu já era mocinha, fui cuidar de três velhinhos que moravam vizinho da gente. Ali, lutei, lutei, mas sempre do lado de mamãe. Quando ela pensava que não, eu estava em casa. Então, chegou o tempo de namorar com Cosme [seu marido]. Depois de casada [no civil], fiquei dentro da casa de mamãe. Então, veio o primeiro filho, o segundo filho. A chegada do meu terceiro filho coincidiu com a época em que *casei no padre* e fui morar na minha casa. Mas, nunca esqueci da minha família, e meus irmãos tudo que queria resolver pedia a minha opinião. E até hoje, estão todos nas suas casas, mas quando penso

⁶⁹ Desmentidura é o mesmo que uma torção.

que não, chegam aqui com um problema para eu resolver (Informação verbal, maio/2006. Grifo do pesquisador).

Falando de sua iniciação como rezadeira, Barica foi enfática ao afirmar que em sua família não havia ninguém que realizasse rezas de cura, com quem pudesse ter aprendido. Seu aprendizado, continuou a rezadeira, foi através de uma mulher bem idosa que apareceu a ela em sonho e ensinou as rezas de curas.

Eu vivia muito doente, então eu tinha a pressão muito alta, e quando ela subia, me levavam para o posto de saúde. Ali, passava sete dias internada... quando foi um dia eu tive um sonho, uma velhinha chegava... Agora era um sonho assim que eu... dormindo... eu ouvia o som ligado, a televisão. Ela chegou e disse que eu tivesse muita paciência, que aquilo que estava acontecendo comigo não ia mais se repetir. Aí, ela perguntou se eu aceitava que ela me ensinasse a rezar. Então, ela me ensinou. Depois ela perguntou se eu já sabia de cor. Eu disse que não, porque tinha muitas *voltas*. Ela disse que eu tinha que aprender, pois neste dia todas as pessoas iriam me dar valor e a necessidade que passava em minha casa ia se acabar... Acompanhei a reza novamente... Rezei, rezei... Quando foi na terceira vez, eu já sabia de tudo, de cor (Informação verbal, maio/2000. Grifo do pesquisador).

Mesmo num tipo de aprendizagem como este a técnica está presente. Ou seja, percebe-se no discurso da rezadeira uma sistematização no ensinamento da reza. Pelo que pude averiguar, independente da forma de obtenção dos ensinamentos de cura, fossem através de outra rezadeira ou até mesmo de seres sobrenaturais. As rezadeiras viam suas práticas como um dom que Deus lhe deu. Talvez pelo fato de poder rezar em alguém e este ficar curado. Qualquer pessoa que se interessar pode aprender as rezas de curas, no entanto, o diferencial é como essa reza será realizada: “tem que ter fé, sem fé é mesmo que nada” afirma dona Santa. O “ter fé” e empenho na realização da prática é o mais importante no discurso da rezadeira tia Romana. Ela ressaltou ser apenas um instrumento de Deus e, para que o cliente fique curado, é também necessário que ele acredite nas rezas.

Não são as palavras da gente que serve. São as palavras de Deus. É um grande merecimento que Deus deu aquela pessoa [rezadeira] para fazer caridade. Mas só serve se o doente tiver fé (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

De acordo com Oliveira (1985b, p. 34), “a descoberta do dom pela rezadeira ocorre paralelamente ao reconhecimento de algum acontecimento forte na sua vida”. No caso da rezadeira Barica, esta descoberta se deu quando atravessava sérios problemas de saúde, o que culminou com o aparecimento dessa *velhinha*, pois em matéria de reza, só sabia mesmo fazer o sinal da cruz. Dona Uda, que também é cunhada de Barica, conversando comigo, falou que não acreditava como Barica conhecia tantas rezas bonitas, pois, antigamente, quando iam

juntas apanhar algodão nos sítios, ela mal sabia fazer o sinal da cruz. Acrescenta dona Uda: “só pode ser uma coisa de Deus”.

Por outro lado, a cliente de Barica, dona Maria de Pedro André, moradora de Cruzeta, confidenciou que, por diversas vezes, teve de vê-la, quando criança brincando de rezar os irmãos, embaixo das árvores: “Eu lembro de Barica menina brincando embaixo dos pés de paus com os irmãos e pegando as folhinhas de velame e curando”. (Informação verbal, fevereiro/2006). Pelo que esta cliente falou, era uma espécie de “brincadeira de casinha”, cujo local era embaixo dos pés de velame. É interessante que, assim como Joaquina, já se estabelecia um germe de interesse pela reza que, posteriormente, se concretizaria numa prática levada a sério por elas e sua clientela.

A iniciação de dona Rita de Ramim, que era casada, católica, mãe de cinco filhos e dez netos, seguiu um pouco a lógica da rezadeira supracitada. Sendo natural do Sítio Riacho de Faca, município de Brejo de Areia/PB, foi neste local onde se deu todo o processo de aprendizagem desta rezadeira. A princípio, quando perguntei como começou a rezar, ela logo foi dizendo que tinha aprendido a rezar apenas da sua *memória*, ninguém tinha ensinado as rezas. Porém, depois de ter retornado, umas três vezes, à sua casa, ela, então, narrou o seguinte fato:

Mamãe disse que eu já nasci doente. Aí, fui crescendo... ela fez uma promessa a Santa Rita, que se eu ficasse *boa*, era para usar um traje preto, atacado até o pescoço, igual ao usado pela santa. Eu era médium, homem de Deus! Eu caía e ficava por morta, mãe dizia. Aí, foi descoberto o meu problema numa mesa de centro. Antes disso, pensavam que eu era doida. Com idade de treze anos, eu corria nos matos, tirava a roupa. Corriam atrás de mim e me amarravam dentro de casa, porque pensavam que eu era louca. Aí, um dia veio um homem que *trabalhava* nessas coisas e disse ao meu pai para me desamarrar, que aquilo não era doença, eu não tinha nada de doidice, eu era *médium de nascença*. Então, meu pai me botou num carro e me levou pra Timbaúba dos Batistas/RN, para um *mestre da Bahia*... foi quem me *doutrinou*. Eu não vi, mas disseram que eu dei um murro tão grande neste homem que ele caiu por cima da mesa de trabalho. Aí, me pegaram e, ele foi me doutrinando... e, foi descobrindo *guias*... descobriu bem uns duzentos só numa hora só. Disseram que só encostado a mim tinha *sete caboclos brabos do mato*. No final, o mestre ensinou uma reza para ser rezada quando eu me perturbasse. É assim ‘quando eu estiver perturbada chame por são Severino, primeiro nossa senhora, segundo o rei tranquilino’ (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Como relatou dona Rita de Ramim, atribuiu à sua mediunidade como a origem de seus ensinamentos que a predispôs à capacidade de realizar curas. Portanto, não aprendeu a rezar com outras rezadeiras. Foi um dom de nascença. Usando um termo de Quintana (1999), o dom não é privilégio apenas das rezadeiras que tiveram uma “aprendizagem sobrenatural”, as que aprenderam observando ou tomando notas das rezas também afirmaram ser portadoras de

um dom dado por Deus. Esta rezadeira acrescentou ter começado a *trabalhar* logo que foi doutrinada. Para isso, o mestre ensinou que fosse colocado um cacho de rosas brancas, um galho de mato verde e um copo com água sobre uma mesa. De acordo com Assunção (2006) estes são alguns dos elementos religiosos usados no culto da jurema. Realmente, como averigüei, havia sobre um altar, na sala da casa dessa rezadeira, um jarro com rosas brancas, vários jarros com flores artificiais e imagens de santos. Disse também que costumava manter uma vela acesa para os *guias*. E uma coisa curiosa, tinha a sua filha mais velha como auxiliar durante os trabalhos. Pois na hora que ficava *manifestada* (transe), era preciso que uma pessoa consciente estivesse presente para ouvir o diagnóstico dado pelos *guias*. Ao indagar sua filha sobre a possibilidade de levar a diante a prática iniciada por sua mãe, ela disse o seguinte:

Olhe, eu sei de tudo, como é, como não é. Quando mamãe morrer e eu resolver continuar... eu sei de tudinho. Agora, por enquanto só quero mesmo ajudar a ela, porque tem de ter uma pessoa uma com ela pra ouvir o que eles têm a dizer (Informação verbal, maio/2006).

Curiosamente, foram poucos os parentes das rezadeiras pesquisadas que demonstraram interesse em dar continuidade à prática da reza. A filha de dona Rita de Ramim foi um dos casos raros que manifestou esta possibilidade. Há também o caso de Francisca de Sebastiana Dantas, que já estava dando continuidade à prática que aprendeu com a sua mãe.

Ah, eu acho muito bom rezar. Eu continuo sim. Se chegar uma pessoa eu posso tá fazendo o que tiver. Se vier com aquela boa vontade em receber a reza, eu vou rezar. Só não gosto de rezar quando vejo que a pessoa não crer na reza (Informação verbal, abril/2006).

Conversando com Barica, ela falou-me que suas irmãs e suas filhas disseram não querer a reza como profissão, pois não tinham paciência para cuidar das pessoas. Esse fato parece bastante paradoxal, considerando o tipo de aprendizado que tiveram as rezadeiras que entrevistei, muitas vezes dependente de uma relação de parentesco.

A experiência vivenciada por dona Santa apresentava uma simbologia semelhante à que ocorreu com dona Rita de Ramim. Dona Santa era natural do Sítio Cumaru, município de Patu/RN, casou-se aos quatorze anos, teve oito filhos, quinze netos, três afilhados e era católica. Morava sozinha em uma casa própria, doada pela prefeitura e sua renda mensal era proveniente do benefício de invalidez, no valor de um salário mínimo. Dona Santa reside em Cruzeta há trinta e seis anos, e rezava desde os dezesseis anos de idade. Em virtude de seu nascimento ter ocorrido no dia de *todos os santos*, ou seja, no dia primeiro de novembro,

recebeu de sua mãe, o pseudônimo de Santa. Relatou também ter chorado na barriga de sua mãe, sinal sobrenatural, que dotaria a futura pessoa com os poderes de vidência. Logo percebi que a rezadeira usava estes fatos especiais para justificar a sua inserção na prática da reza. Outra narrativa que a rezadeira elaborou para justificar o seu processo de aprendizagem, foi a seguinte:

Foi assim... eu digo que foi Jesus..., porque eu ouvi uma voz me dizer assim...em sonho: “Eu vou lhe ensinar a oração de você rezar. Quer aprender?” E disse assim... “Nosso senhor Jesus Cristo quando no mundo vós andastes, todos os males vós curastes, meu Jesus. Curai fulano pelo vosso divino amor. Fulano, com o poder de Deus pai, como o poder de Deus filho e com o poder de Deus Espírito Santo. Serás curada essa doença e retirada para as ondas do mar sagrado. Com o poder de Deus e da virgem Maria, doença saia de cima de fulano, vá procurar lugar nas ondas do mar sagrado, lá onde não mora ninguém. E lá fique e não volte mais cá” (Informação verbal, junho/2006)

De acordo com dona Santa, esta era a reza que realizava para a curar as pessoas que iam à sua casa em busca de ajuda. Ainda acrescentou que repete estas palavras três vezes, seguida de um Pai-nosso e uma Ave-maria. Destacou também que nenhuma rezadeira ensinou as rezas de cura para ela, aprendeu sozinha com Jesus.

Dona Santa foi uma das rezadeiras, depois de Barica e Joaninha, com quem eu criei uma relação de maior proximidade. No fundo eu sabia que ela tinha algo a mais para me contar. Essa intuição foi aguçada desde a primeira vez, que fui à sua casa, em abril de 2006. Dois objetos de decoração, expostos em sua sala chamaram a minha atenção: um quadro com a gravura de Iemanjá e um búzio do mar⁷⁰. Fiz várias visitas, e em uma conversa, ela afirmou que quando tinha, entre vinte e vinte e cinco anos, também *recebia caboclos*. Explicou que foi uma fase ruim de sua vida, pois as coisas aconteciam contra a sua vontade: “Eu só vivia batendo... não dormia de noite, chorava... via coisas que não era pra ver. Eu me manifestava” (Informação verbal, junho/2006). Aos poucos, dona Santa foi falando dos tempos que fazia os trabalhos de *linha branca*. E como tudo começou.

A minha família, meu povo inventou de botar essa mesa para ver se eu melhorava. Nessa época eu morava em Florânia. Eu trabalhava [recebia] com um padre. Era verdade porque diziam que eu rezava uma missa, e eu não sei celebrar uma missa. Eu via caboclos, que conversavam comigo através de gestos. A minha corrente era de Iemanjá, era corrente do bem. Eu lhe juro como eu já vi Iemanjá duas vezes, visivelmente rindo para o meu lado... viva. Era bonita ... as estrelas que saíam das mãos dela eram bem amarelinhas. Mas, não caíam no chão. Quando ela chegava era a coisa mais linda do mundo, era cheiro de incenso no ar. Ela mostrava todo o movimento do mar numa bacia com água. Tudo que a pessoa queria saber ela dizia.

⁷⁰ Ela acredita que ao colocar próximo ao ouvido, pode-se ouvir o barulho das ondas do mar.

Vinha gente de São Vicente ver meus trabalhos. Diziam que nunca tinha visto uma médium como eu (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

De acordo com seu relato, percebe-se a preocupação de encontrar palavras certas que conotem ou aproximem do que é aceitável pela religiosidade católica. Embora, estivesse lidando com práticas e entidades ligadas à tradição afro-brasileira. Enfatizou também o apoio que recebia da sua família, no sentido de continuar a desenvolver esta prática.

Eu tinha uma batina de padre que minha mãe mandou fazer. Ela tinha o maior gosto que eu *trabalhasse*. Porque ela dizia que só era coisa de religião [católica]. Ela queria, mas eu não aceitei. Joguei tudo no mato, porque eu pedi a Jesus para deixar com aquelas coisas. Um dia eu disse, homem, isso é doidice, onde é que tem isso, eu vou acabar com essa história (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

Sobre os tipos de problemas mais frequentes que as pessoas costumavam buscar ajuda para solucionar, dona Santa destacou:

Por exemplo, você negociava e seu negócio estava se acabando... então, a pessoa vinha pedir para eu fazer prosperar, se tava com uma doença eu dizia vá pro médico que não é de espírito, não é de reza. Eu quando estava manifestada ensinava até remédio (Informação verbal, junho/2006).

No decorrer da nossa conversa, dona Santa acabou justificando o verdadeiro motivo pelo qual havia deixado de *botar mesa*:

É porque o povo já chama a gente [rezadeira] de feiticeira. A gente não é... eu tenho aquele desgosto. É que nem dizem comigo... “não queiram negócio com ela, porque é a maior macumbeira do mundo”. O povo daqui de Cruzeta não sabe nem disso, e me chamam assim, imagine se soubesse disso? (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

A rezadeira tia Romana, ao contrário de dona Santa, não se mostrou desapontada quando foi tratada por feiticeira. No entanto, explicou que a diferença básica entre a rezadeira e a feiticeira é o uso das rezas. Então, ela relatou a seguinte experiência:

Fui visitar Vicente Menino [já falecido] quando estava doido. Aí, quando eu fui entrando no quarto que eu disse: Como vai, Vicente? Ele foi logo dizendo: ‘Ah, chegou a feiticeira. Agora você me paga!’ Pois bem, ele me chamou de feiticeira. Muita gente chama de feiticeira quem reza. A rezadeira só faz a reza e crer muito em Deus. A feiticeira não crer nunca em reza. Não sabe nem fazer o sinal da cruz. Aí, quando a gente reza elas fazem pouco. Feiticeira é cosa do cão. (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

O receio de receber o rótulo de feiticeira é uma preocupação moral que perpassa o discurso da grande maioria das rezadeiras, principalmente àquelas que detém uma maior visibilidade na cidade e por aquelas que lidam com outros procedimentos, que não seja apenas a reza. Mais uma vez, retomo aqui o fio condutor para entender esta problemática, a idéia de situacionalidade. Determinada rezadeira pode ser considerada “rezadeira” por um cliente que mora distante, mas, ao mesmo tempo pode ser considerada *feiticeira* por um vizinho que não a simpatiza. Portanto, é preciso ver quais as intenções que estão em jogo.

1.3 DOENÇAS DE REZADEIRAS

As “doenças de rezadeiras” são aquelas, cuja concepção e diagnóstico acabam por ser definidos e elaborados pelas próprias rezadeiras. De acordo com as observações realizadas, algumas doenças de rezadeiras eram as seguintes: *olhado; quebrante; vento caído ou vento virado; espinhela caída; carne triada; isipa, fogo selvagem e mal-de-monte; cobreiro; ferida de boca e engasgo*. Dona Maria de Julho Bilino, casada, católica, natural do Sítio Angicos, município de Acari/RN, aposentada, mãe de seis filhos, treze netos e oito bisnetos, moradora da cidade há quarenta e sete anos, com renda familiar proveniente das aposentadorias dela e do marido, afirmou com orgulho ser detentora de uma prática que os médicos não sabem diagnosticar:

Eu só deixo de rezar quando morrer... em criança principalmente. Pode chegar aqui a meia noite, pode ser quem goste de mim, quem não goste... eu rezo. Já veio menino do hospital pra eu curar... com olhado... já veio. Ainda essa semana vieram dois... que estavam internados, doentes. Doutor nenhum dar jeito a olhado. Quem dá jeito é a reza de Deus (Informação verbal, abril/2006).

A partir do relato elaborado por esta rezadeira, apoio-me em Oliveira (1985b, p. 42) que afirmou que “a rezadeira ao acumular muitas experiências profissionais passa a confrontar mais abertamente o seu saber com o do médico a respeito da cura do quebrante”. Enquanto ao diagnosticar uma determinada doença, o médico faz uma distinção entre o corpo e o espírito; as rezadeiras, por sua vez, lidam de forma complementar, sem estabelecer essa dualização característica do saber e da prática biomédica. Percebi durante as rezas que eram mencionadas características referentes aos problemas do corpo e do espírito. Sobretudo, com

grande ênfase em alguns aspectos estéticos. Para perceber o uso indistinto destas duas esferas, veja um trecho da reza da rezadeira Barica:

[...] Com dois te botaram, com três Jesus benzeria, com as palavras de Deus Pai, o Espírito Santo e a Virgem Maria. Fulano, se tu tiver olhado nos seus cabelos, se botaram no seu tamanho, se botaram no seu corpo, no seu coró, na sua pele, na sua carne, no teu sangue, na sua magreza, na sua gordura, boniteza, na sua feiúra, no seu trabalho, na sua preguiça, na sua riqueza, na sua pobreza, na sua inveja, na sua sabedoria, na sua alegria, na sua doença, na sua tristeza. Se, botaram no seu dormir, no seu acordar, nos seus olhos, no seu nariz, na sua boca, na sua comida, na sua obra e no seu andar, no teu tamanho, na tua cor e na disposição do seu trabalho. Com dois te botaram, com três Jesus benzeria, com as palavras de Deus pai, o Espírito Santo e a Virgem Maria. Ajuda santa mãe de Deus a esse jovem melhorar. Ele está com estresse, depressão e doença. É olhado, é quebrante, é inveja e imaginação. Ele é muito bonito, e, as pessoas botam muito os olhos em cima do trabalho dele. Vamos livrar ele de todo esmorecimento, pancada de vento, tristeza no seu comércio e no seu trabalho. Ajudai, santa mãe de Deus pra ver se ele sobe na vida; cura, santa mãe de Deus pra livrar ele de olhado, quebrante, inveja e tristeza. Reza, santa mãe de Deus pra ele passar esse aperreio, esse esmorecimento que está passando nesse momento. De dor de cabeça e sofrimento, olho grande e olhado, quebrante, inveja e imaginação. Fulano, você vai melhorar. Tenha fé em Deus. Tenha fé na Virgem Maria. Tudo que tiver no seu caminho, de olho grande, esmorecimento no seu trabalho, vai ser retirado com as palavras de Deus Pai e o Espírito Santo. Meu São Sebastião, que é muito poderoso acuda ele. Afaste esse aperreio, este esmorecimento, essa dor no corpo. É tristeza, é tontura e fraqueza, é coceira, é doença, olhado, quebrante e imaginação. Reze, santa mãe de Deus que é pra livrar ele das grades da cadeia; reze, santa mãe de Deus pra defender ele do mal; reze, santa mãe de Deus pra defender ele de acidente; cura, santa Mãe de Deus [...]. (Informação verbal, fevereiro/2006).

No fragmento da reza acima, observa-se nitidamente a tentativa da rezadeira de unir e harmonizar as esferas material e espiritual⁷¹. Ou seja, para que o corpo físico funcione harmonicamente, é necessário a existência de um equilíbrio entre estas duas esferas. Isso é possível, porque a rezadeira levou em consideração, para realizar o diagnóstico, os problemas relatados pelo cliente e, a partir deste diálogo, a rezadeira toma conhecimento das queixas que estão afetando o cotidiano do cliente. Na verdade são sintomas que estão ligados ao corpo, ao espírito e à vida social. Enfim, a doença é entendida como algo que está desequilibrando o dia a dia da pessoa. Percebe-se que o corpo é visto na sua totalidade, o que não acontece com a terapêutica realizada pela medicina oficial. Nesta lógica, o corpo é visto de forma fragmentada, fruto de um conhecimento positivista racional e especializado. Desse modo, a doença é vista separada do todo que compõe o ser humano.

Não importa para o profissional da biomedicina entender como seus pacientes analisam os problemas de saúde e doenças que lhes afetam. Ou, por exemplo, entender quais são os sistemas simbólicos por meio dos quais os pacientes operam a fim de se definir ou se

⁷¹ Sobre esta discussão ver Moerman (1983).

verem como doentes, além de não levarem em conta suas crenças, seus modos de vida etc. O modo racionalizante, bastante positivista, dos profissionais de medicina dispensa o conhecimento do próprio paciente sobre seu corpo e suas perturbações. Portanto, o processo terapêutico realizado pelas rezadeiras e pelos médicos, segue lógicas diferentes. Enquanto as rezadeiras vêem o indivíduo na sua totalidade, estes últimos vêem o ser humano de forma dualística, separando o corpo da esfera simbólico-conceitual.

Ao contrário das outras rezadeiras de Cruzeta que possuíam uma reza para cada tipo e doença, por exemplo, a reza de *olhado* é diferente da reza de *espinhela caída*, que por sua vez, é diferente da reza de *cobreiro*, e assim por diante. A rezadeira Barica não fazia essa distinção, apenas enfatizava que para cada cliente, dependendo dos problemas relatados, a reza mudava. É, como ela mesma costumava dizer, uma reza para cada pessoa.

1.3.1 As doenças e suas rezas

Neste tópico descrevo algumas das doenças que são tratadas pelas rezadeiras, ou seja, aquelas que eu denominei de “doenças das rezadeiras”. Escolhi abordar essas doenças por perceber que seriam estas as mais recorrentes entre as rezadeiras, embora existam outros males que são tratados pelas rezadeiras, como dores, febre, indisposição, etc. O intuito foi mostrar como as rezadeiras se referiam a cada uma delas, as simbologias que usavam para realizar a curas desse males, o diagnóstico e as rezas utilizadas.

- *Olhado*

É uma doença que vai debilitando o indivíduo, aos poucos, até levá-lo à morte, se a pessoa não procurar alguém que reze. De acordo com a concepção de saúde e doença das rezadeiras, o *olhado* só é curado através de rezas, portanto, enfatizam que o médico não ajuda ou soluciona esse mal. É proveniente de um fascínio (admiração) que uma determinada pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano: beleza, forma física e corporal, inteligência

etc., ou em qualquer outro aspecto, seja físico ou espiritual, tanto em seres humanos como animais.

Em pesquisa realizada na região do Baixo Amazonas, Maués (1997, p. 34) encontrou a seguinte definição para o que venha a ser o mau-olhado: “É provocado pelo ‘fincamento de olho’ por seres humanos que têm ‘mau-olho’, podendo atingir pessoas de ambos os sexos e de qualquer idade, bem como plantas e animais”. Os sintomas, geralmente são: *falência* (indisposição), sonolência, *abrição de boca*, inapetência, esmorecimento, falta de ânimo. De acordo com Cascudo (1978, p. 73), o quadro poderá se agravar e pode levar o doente a definhar aos poucos até a morte. Assim, afirma:

O mau-olhado mata devagar, secando, como se a energia vital se evaporasse lentamente. Árvores, flores, animais, mulheres, homens, rapazes envelhecem em poucos meses. As criaturas enrugam o rosto, tremem as mãos, cambaleiam o andar, têm insônias, mal-estar. As crianças são as vítimas preferidas.

Existem alguns sinais percebidos pelas rezadeiras durante a reza que indicam se a pessoa estava com *olhado* e, se foi botado por uma mulher ou por um homem. Algumas rezadeiras ficavam sabendo que o cliente estava com *olhado*, porque durante a reza ou elas bocejavam ou erravam as orações. Caso, o erro ocorresse durante os Pai-nossos, o *olhado* teria sido botado por uma pessoa do sexo masculino. No contrário, se o erro viesse a acontecer durante às Ave-marias, a doença teria sido *botada* por uma mulher. De acordo com a rezadeira Barica, para fazer este tipo de diagnóstico, é preciso ter muito cuidado, pois pode gerar uma situação de injustiça. Na verdade vai mais além, trata-se de uma questão ética. Isso porque a vítima do *olhado* pode tirar conclusões precipitadas e suspeitar da pessoa errada, podendo ocorrer desavenças.

Não se pode sair por aí dizendo que foi *fulano* ou *sicrano* quem botou olhado, porque pode causar inimizades. A gente só diz se foi homem ou mulher, a mãe ou o pai, se quiserem, botem a memória para funcionar e vejam quem se admirou do seu filho (Informação verbal, fevereiro/2006. Grifo do pesquisador).

Nesse caso, a reza teria uma função parecida com o sistema de oráculo abordado por Evans-Pritchard (2005) entre os Azande. Obviamente, que no contexto mostrado pelo autor, a bruxaria desempenhava um papel em todas as atividades da vida cotidiana, portanto estava relacionada com situações estruturais e orgânicas. “Qualquer insucesso ou infortúnio que se abata sobre qualquer pessoa, a qualquer hora e em relação a qualquer das múltiplas atividades da vida, ele pode ser atribuído à bruxaria” (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 49). Daí, a

existência de vários oráculos, inclusive, o oráculo de veneno, para punir aqueles suspeitos de praticar a bruxaria. No contexto das rezadeiras, embora as rezas não assumam tamanha expressão, constatei que estas também poderiam assumir uma lógica que se assemelhava à lógica do oráculo. Sobretudo, a reza contra o *olhado*, já que a rezadeira, durante a reza pode fazer alusão ao sexo da pessoa que supostamente teria *botado o olhado*.

A rezadeira tia Romana, moradora do Sítio Cruzeta Velha, explicou a partir de suas experiências de cura o que seria o *olhado*.

Você está bom de saúde aí, conversando... Que Deus te defenda, se minha *vista* [olho] for ruim e te botar *olhado*... que a gente bota sem querer. Aí, você começa a ficar todo quebrado... dói... você não tem ânimo para fazer nada. Quando você se lembra... se você acreditar... Será que foi tia Romana, quem me botou *olhado*? Vai para uma rezadeira rezar que fica bonzinho (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

O tratamento do *olhado* consiste basicamente no uso de reza específica, ramos verdes e os gestos em forma de cruzeiros sobre o cliente. Para a rezadeira retirar todo o *olhado* será necessário repetir o ritual três vezes, cada uma, seguida de um Pai-nosso, uma Ave-maria e um Glória ao pai. Para tanto, é fundamental que o cliente realize o tratamento durante três dias⁷².

Por existir uma semelhança quanto ao tratamento e os sintomas entre o *olhado* e o *quebrante*, resolvi abordá-los no mesmo item. Portanto, o *quebrante* é proveniente de um fascínio (admiração) que uma determinada pessoa lança sobre qualquer aspecto do ser humano. No entanto, algumas rezadeiras estabelecem diferenças entre estas duas doenças. A rezadeira dona Santa afirmou que o *olhado* é *botado* pelo indivíduo que apenas olha, sem falar nada; enquanto para botar o *quebrante*, a pessoa olha e se *admira* de qualquer aspecto ligado à vítima. Por exemplo, esclarece a rezadeira: “Virgem, como fulano é bonito! É muito sabido! Quando a gente se admira de qualquer coisa no outro, a gente diz benza-te Deus, para não botar *olhado*” (Informação verbal, junho/2006).

A simbologia e as representações em torno do *quebrante*, pesquisadas por Maués (1997, p. 34), vão ao encontro dos relatos estabelecidos por dona Santa.

O *quebrante* é causado pela ‘admiração’ e atinge apenas crianças de pouca idade; resulta da formulação de elogios à beleza ou à saúde do pequeno ser, sem que os mesmos sejam acompanhados da fórmula ‘benza Deus’.

⁷² A recorrência do número três no ritual de cura, de acordo com algumas rezadeiras, estava ligado às três pessoas que compõem a Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Outras remeteram à Sagrada Família: José, Maria e o Menino Jesus.

Ainda sobre o quebrante, Oliveira (1998, p. 61. Grifo da autora), estabelece a seguinte classificação:

O quebrante de bem, conhecido também com *quebrante de casa*, consiste numa força que vem dos olhos, independentemente da intenção de maldade, enquanto que o quebrante de ódio, também identificado como um ‘quebrante de fora’, é por sua vez, *jogado com maldade* sobre as pessoas, exteriorizando relações tensas.

A rezadeira Barica foi enfática ao afirmar que há uma diferença marcante entre o *quebrante* e o *olhado*. “O quebrante é como tivesse sido *jogado* nos ossos. A pessoa fica com todos os ossos *moídos*, parece que levou uma surra de cacete” (Informação verbal, fevereiro/2006). Tia Romana, embora não tenha estabelecido uma diferenciação entre os dois males admitiu que existia uma certa diferença, porque na própria reza para *olhado*, o quebrante é mencionado: “[...] Se for *olhado* ou quebrante vá para as ondas do mar sagrado [...]”. Talvez, o *olhado* seja mais forte, concluiu a rezadeira (Informação verbal, junho/2006).

- *Vento caído* ou *vento virado*

É uma doença específica de criança, e que estava associada a desarranjo intestinal e a desidratação. Os sintomas são fáceis de detectar. De acordo com dona Maria Pedro, viúva, paraibana de São Mamede⁷³, a criança adquire esta doença através de um *susto* (acordar com alguém fazendo barulho). Neste momento, o *bucho* da criança *virava* e só ficava curado, depois de rezar três vezes. Algumas formas de detectar este mal foram transmitidas pelas rezadeiras: a) vômito seguido de diarreia de cor esverdeada; b) o desaparecimento do *calanguinho* ou *risquinho*, localizado no pé da barriga da criança; c) e um pé maior que outro.

Para curar a criança dessa doença, dona Maria Pedro, procedia da seguinte forma:

A gente sabe que a criança ta com vento caído, porque ela fica *obrando* verde. Chega a mãe aqui: “dona Maria, trouxe minha criança para rezar, porque ela está *obrando* verdinho”. O que cura é a camisinha de cabeça para baixo, que levanta, viu. Depois de rezada, a camisinha fica três dias, pois colocando a camisa na porta hoje pela manhã, quando for com três dias você retira na mesma hora (Informação verbal, maio/2006. Grifo do pesquisador).

⁷³ Moradora de Cruzeta há cinquenta anos, tinha oitenta e um anos, vivia de uma pensão, era mãe de quatro filhos e freqüentava o grupo de idosos da cidade.

Na realização dessa reza, dona Maria Pedro não usava ramos verdes, só os gestos em cruz sobre a barriga da criança. Em seguida virava a criança de cabeça para baixo e dava umas *palmadinhas* nas *solas dos pés*. O ritual para curar esta doença acontece da seguinte forma:

Jesus quando andava no mundo tudo que achou levantou. Levante o vento caído de fulano⁷⁴ com o vosso divino amor. Eu me benzo e rezo outra vez, até completar as três. Após cada reza dessa, eu boto a criança de cabeça para baixo e dou três tapinhas nos pés. Depois digo para a mãe, quando chegar em casa tirar a camisinha da criança e estender, de cabeça para baixo, no meio de uma porta, durante três dias (Informação verbal, maio/2006).

Embora eu não tenha presenciado dona Maria Pedro realizando o ritual, consegui captar uma imagem deste mesmo ritual sendo realizado pela rezadeira Barica. Na ocasião, após rezar sobre a barriga da criança, ela virava-a de “ponta cabeça” e segurava-a pelos pés. Em seguida dava três *palmadinhas* nos pés da criança.



Figura 07 - Ritual para curar vento caído

- *Espinhela caída*

A *espinhela caída* é uma doença que a pessoa adquire por esforço físico excessivo. Geralmente, aquelas mulheres que têm filhos de colo se queixam desse mal, outras por ter realizado alguma tarefa doméstica que exigiu esforço além do normal. Tanto a forma de contraí-la quanto os sintomas estão relacionados ao corpo. Segundo algumas rezadeiras, na

⁷⁴ Quando a criança não era batizada, a rezadeira tratava pelo nome de Maria, caso fosse do sexo feminino; de José quando era do sexo masculino. José e Maria, neste caso, remetem aos personagens bíblicos, a mãe e o pai de Jesus.

tentativa de objetivação deste tipo de doença, disseram que era um *nervinho*, localizado no tórax, que se rompia quando o indivíduo fazia esforço físico em demasia. Outras atribuíram à fraqueza. Os sintomas mais comuns eram dores e ardências na região do peito, indisposição e esmorecimento nos braços. Tia Romana foi a rezadeira que mais se esforçou para esclarecer a fisiologia deste malefício.

Eu acho que você já teve de ver seu pai matar um carneiro e abrir. E quando tira o *fato* [víceras], não fica o bofe e o fígado presos por uma *peinha*? Então, nós também temos aquela *peinha*. É aquela *peinha* que cai. Fica na altura do estômago. Quando isso ocorre, você fica com aquela *gastura*⁷⁵. De manhã cedo você não pode nem falar. Existe a espinhela caída que *incha*, aquela que quando a gente mede com o cordão fica faltando e a que *seca*, na hora da medição fica passando (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

Para trazer de volta o que havia *caído*, tia Romana mostrou todo o processo ritual desde o início:

A gente fica na frente da pessoa, pega um pedaço de cordão e mede da ponta do seu dedo *mindim* [anular] até o cotovelo. Aí, dobra de tamanho o cordão e enlaça a pessoa na altura dos peitos, de modo a juntar as duas pontas do cordão. Se tiver a pessoa tiver com a *espinhela caída*, quando juntar as pontas vai ficar uma folga. Se for da que *incha*, as pontas do cordão não se juntam. Só vai até embaixo dos peitos (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

Estes foram os sinais estabelecidos pelas rezadeiras para diagnosticar uma pessoa com *espinhela caída*. Enquanto ouvia a rezadeira relatando os detalhes desta doença, lembrei da análise feita por Evans-Pritchard (2005, p. 48), sobre a materialização da bruxaria, em especial a passagem que os Azande realizavam autópsias em público, em busca da substância orgânica que seria a bruxaria. Segundo ele, se a bruxaria é uma substância orgânica, sua presença pode ser verificada através de um exame *post-mortem*. A tentativa de explicação, no penúltimo trecho da entrevista que, a rezadeira tia Romana, encontrou, de relacionar os órgãos do carneiro morto ao do homem, para, assim, mostrar a fisiologia da espinhela caída, fez-me recorrer aos escritos deste autor a respeito da autópsia feita no corpo daquele que estava com a bruxaria. Diferenças contextuais e culturais à parte, o que possibilitou essa aproximação à luz da teoria foi justamente por perceber que as rezadeiras se esforçavam para objetivar a *espinhela caída* como sendo uma doença que tinha relação íntima com o corpo, o orgânico.

⁷⁵ De acordo com o Novo Dicionário Aurélio: Século XXI: *Gastura* significa fraqueza.

- *Carne triada*

Segundo as explicações dadas pelas rezadeiras, o termo *triada*, estava associado a algo que foi rompido, esgarçado bruscamente. É o caso da torção em um membro, um machucado, uma *desmentidura* (luxação). O nome do ritual realizado para a cura deste mal é chamado pelas rezadeiras de *coser*. Simbolicamente, as elas realizam uma *costura* utilizando uma agulha, um pedaço de linha e um pedaço de pano. O objetivo deste procedimento é juntar os tecidos (nervos e musculosos) que foram rompidos.

Quando algum cliente chega à sua casa procurando seus serviços de cura, dona Dolores afirmou cumprir o seguinte ritual:

Vou lá dentro e peço forças ao divino Espírito Santo para me ajudar a curar aquela criatura, que as palavras que saiam da minha boca não sejam minhas, e sim de Jesus. Graças a Deus tenho obtido resultados. Eu só curo uma vez..., quer dizer, eu não, Jesus. Eu apenas digo as palavras (Informação verbal, maio/2006).

Conforme os seus relatos, após a sua oração individual na intenção do Divino Espírito Santo, a rezadeira pega um pedacinho de pano e uma agulha com linha e, sobre o local em que a pessoa se queixa estar doente, ela cose e pergunta “O que é que eu coso?”. Carne triada, responde o cliente. Em seguida, ela rezava:

Carne triada, osso rendido, nervo torto, junta desconjuntada, veias corrompidas, coração amargurado. Aqui mesmo eu coso com os poderes de Deus e do Divino Espírito Santo. Jesus cura, Jesus salva e Jesus liberta. (Informação verbal, maio/2006).

Por último, a rezadeira repete a reza três vezes, acompanhada de três Pai-nossos e três Ave-marias. Curiosamente, nenhuma rezadeira afirmou ou mencionou que o sucesso da cura era mérito dela. Em seus relatos, fica evidente que elas eram apenas um instrumento de Deus, uma mediadora entre o cliente e a força divina. A respeito dessa discussão, dona Santa se posicionou de forma enérgica:

Meu filho, eu não curo! Pecador que come feijão e farinha, não cura. A gente reza a oração e oferece a Jesus. Quem cura é Jesus, nós não. Eu tô cansada de dizer pra não me chamarem de curadeira, me chamem de rezadeira. Curadeira é Jesus. Eu não tenho poder de curar, eu só tenho poder de rezar a oração (Informação verbal, junho/2006).

Outra mulher que só rezava para *carne triada* era dona Neuza, natural do Sítio Sabão, município de Florânia/RN. Morava em Cruzeta há quatorze anos⁷⁶. Segundo contou, começou a rezar com idade de vinte e dois anos, quando era solteira. A rezadeira que lhe ensinou sabia curar de *olhado* e outros males, mas só ensinou a rezar de *carne triada*. Apesar de haver algumas semelhanças entre o ritual de cura de dona Neuza e o de dona Dolores, percebi algumas diferenças, principalmente em relação aos objetos usados durante o procedimento. Dona Neuza utilizava um *novelo de linha*, ao invés de um *pedaço de pano*. A reza de dona Neuza era bem parecida com a reza de dona Dolores, apresentando algumas palavras diferentes:

O que é que eu coso? Carne triada [o cliente responde]. Carne triada, osso rendido, juntas desconjuntadas, veias corrompidas, carne machucadas. Na intenção de São Furtuoso, tudo isso eu coso, mas não descoso (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

A explicação dada por dona Neuza para o uso da agulha com linha neste tipo de doença, seguiu a lógica da magia simpática, em que o semelhante produz o semelhante. Ou seja, na medida em que os pontos eram juntados no pano, supostamente o mesmo processo, acontecia com os nervos e os músculos rompidos.

- *Isipa, fogo selvagem e mal-de-monte*

A *isipa* também é conhecida por *erisipela* ou *isipela*. É um tipo de inflamação que surge nos membros inferiores. Geralmente, a parte afetada apresenta cor avermelhada, a pessoa sente febre e dores insuportáveis. A analogia feita por tia Romana é a de se assemelhar a uma *queimação*. Sobre os sintomas causados por esta doença, Gomes & Pereira (1989, p. 117-118) tecem o seguinte comentário:

É uma enfermidade cutânea que atinge particularmente os membros inferiores. Surge tumoração local e a pele se apresenta lisa e brilhante, tomando a seguir uma coloração vermelha violácea. Os sinais inflamatórios locais são edema, dor, calor, rubor: a região afetada se torna nitidamente diferenciada da pele sadia. Nos casos mais graves aparecem vesículas que se rompem, deixando escapar um líquido seroso.

⁷⁶ Dona Neuza não era escolarizada. Era viúva e tinha uma aposentadoria e uma pensão. Teve cinco filhos e tinha dois netos, além dos três afilhados de velas e sete de “fogueira”.

De acordo com tia Romana, para se rezar de *isipa* é preciso que a rezadeira esteja gozando de saúde e esteja bem alimentada. “É uma doença tão forte que não se reza em jejum. Se for rezar é preciso botar uma pedra de sal ou um dente de alho na boca” (informação verbal, junho/2006). Para ela, tanto o alho quanto o sal têm poderes de protegê-la desse mal. Para curar a doença esta rezadeira utiliza além das rezas, um *chumaço* de algodão embebido em óleo e gestos em cruz.

A gente molha uma *lanzinha* de algodão e, fazendo cruz em cima da ferida, diz: ‘isipa podre saia de riba de [diz o nome do doente] que a cruz de Deus tá em riba de ti. [Repete o nome do doente] eu curo você de isipa podre, de isipa de sangue, de isipa de ferida. Saia dos ossos, saia do tutano, saia da pele, vá para as ondas do mar e que a cruz de Deus está em riba de ti’ (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

Após repetir estas palavras que enfatizam com veemência a expulsão do mal sob a forma da doença, seguidas de três Pai-nossos e três Ave-marias, a rezadeira oferece para as cinco chagas de Cristo⁷⁷. A suplica alusiva que se faz às insuportáveis dores de Jesus é, na verdade, na intenção de invocar sua clemência.

Souza (1999, p. 116), em pesquisa realizada em Vitória da Conquista/BA, percebeu entre as rezadeiras esta mesma denominação, inclusive com algumas semelhanças entre as rezas.

Esipa do tutano deu no osso,
Do osso deu no nervo,
Do nervo deu na carne,
Da carne deu na pele.

A lógica é basicamente a mesma usada pela rezadeira tia Romana, há uma forte tentativa de expulsar a doença de dentro das entranhas para as partes mais superficiais do corpo.

A *isipa* é conhecida por dona Maria de Neco como *fogo selvagem*. A origem desse nome talvez seja devido à intensa sensação de ardência que este causa na parte do corpo afetada. Pelo que apurei, essa reza é utilizada também em ferimentos causados por queimaduras e feridas de um modo geral. A reza contém as seguintes palavras:

⁷⁷ Sobre o uso dos números nas fórmulas mágicas, Bethencourt (2004, p. 137-138), vai dizer que o número cinco era utilizado, por um lado, como símbolo da totalidade do mundo sensível, por outro como referência às cinco chagas de Cristo.

Ia São Greu e Santa Hungria nas suas longas viagens. São Greu perguntou a Santa Hungria: Hungria, com que se cura raiva e fogo selvagem? Respondeu Santa Hungria: com ramo verde e água fria (Informação verbal, abril/2006).

Além dessa reza servir para curar as pessoas que apresentam os sintomas da *isipa*, dona Maria de Neco também inclui outros males que podem ser curados a partir desta reza. Dentre elas, a rezadeira destacou ferimentos no pescoço e nas orelhas das crianças. Percebe-se no discurso abaixo, a ênfase dada pela rezadeira às suas rezas de curas.

Um dia desse chegou uma mulher aqui com uma menina que a orelha estava que fazia dó, estava quase caindo. A mãe disse: ‘mulher, o que eu faço, pelo amor de Deus? Eu já gastei com tudo no mundo’. Certo, mulher, você gastou tanto dinheiro à toa. Por que você não lembrou das palavras de Deus? [referindo-se às rezas]. A gente procura a reza, se não der certo, a gente procura o médico. Ela disse que não sabia que existia reza para esse tipo de doença. (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

O *mal-de-monte*, embora seja o mesmo que a *isipa* difere-se desta pelas palavras que estão contidas na reza e porque também está indicada na cura de pessoas que sofreram queimaduras. A rezadeira dona Leide relatou que para rezar desta doença usa um ramo verde e diz a seguinte reza:

Santa Sofia tinha três filhas. Uma fiava, outra cosia e a outra na chama do fogo se ardia. Santa Sofia perguntava: ‘com que se cura este mal?’ Respondiam elas: com três Pai-nossos e três Ave-marias (Informação verbal, abril/2006).

Repete-se estas palavras três vezes, seguidas de um Pai-nosso e de uma Ave-maria e oferece às cinco chagas de Cristo. Para que o cliente obtenha êxito no tratamento, é necessário que seja rezado três dias ou, enquanto o pé ou a perna estiver vermelho, acrescentou a rezadeira⁷⁸.

Embora haja diferenças sutis entre as rezas de uma rezadeira para outra, o que se evidencia é uma semelhança que perpassa a prática destas mulheres. Por exemplo, a reza que dona Leide usa para a cura do *mal-de-monte* tem uma enorme semelhança com a que Francisca de Sebastiana Dantas usa para curar de queimaduras.

Santa Sofia tinha três filhas. Uma fiava, a outra cosia. Perguntavam os anjos: ‘com que Sofia curaria?’ Sofia respondia: ‘com três Pai-nossos e três Ave-Marias (Informação verbal, abril/2006).

⁷⁸ Eu falo o pé porque estava curando o pé de uma mulher com esta doença (Informação verbal, dona Leide, abril/2006).

- *Cobreiro*

O *cobreiro*, assim com as outras doenças descritas acima, também tem suas formas de curas através das rezas e benzeduras, apresentando também algumas peculiaridades. Primeiro, o *cobreiro* está relacionado, especificamente ao corpo, ou seja, não é como o *olhado* que, se manifesta, tanto na esfera material quanto na parte espiritual. Segundo, pela sintomatologia que o quadro clínico apresenta: aparecimento de bolhas, vermelhidão, inflamação cutânea, “purido” etc. De acordo com as interpretações fornecidas pelas rezadeiras, o *cobreiro* é causado por alguns animais e insetos peçonhentos⁷⁹. Isso acontece quando estes, em contato com as roupas das pessoas, deixam nelas seus venenos.

Segundo as rezadeiras, se o portador desta doença não procurar ajuda de uma rezadeira, o ferimento se alastra pelo corpo e, quando *a cabeça se encontrar com o rabo*, a pessoa vai a óbito. Veja que pela simbologia que elas constroem a respeito do *cobreiro*, há uma forte relação com a anatomia de um dos animais causadores, mais especificamente, a cobra. A denominação da doença sugere, inclusive, ter sido provocada pelo veneno deixado por este agente causador. A ilustração a seguir mostrar a manifestação desta doença.



Figura 08 - Manifestação cutânea do cobreiro: formação de bolhas e vermelhidão

Os sintomas causados pelo *cobreiro* também são de conhecimento dos profissionais da medicina, sendo diagnosticados a partir de outra terminologia e terapêutica. Como mostra Camargo (2006) no artigo “O cobreiro na medicina popular”, essa enfermidade é provocada por um tipo de vírus.

Herpes zoster, conhecida vulgarmente pelo nome de 'cobreiro', é moléstia causada por vírus epidermoneurotrópico e caracterizada por alterações cutâneas e nervosas,

⁷⁹ Estes foram alguns dos insetos descritos pelas rezadeiras: aranhas, cobras, piolho-de-cobra, lagartixa etc.

com localização unilateral. Apresenta evolução cíclica, cuja duração é, de aproximadamente um mês. Desaparecendo espontaneamente, faz o sucesso dos benzedores e curandeiros.

A rezadeira Joaquina apresentou uma forma bem peculiar de rezar contra esta doença. Digo peculiar porque, enquanto as outras usavam apenas o ramo verde, esta fazia uso de uma “faca” e, levava o cliente até o quintal, onde havia um pé de pinhão roxo. De modo que a planta ficasse entre o cliente e a rezadeira. Em seguida, pegava uma faca e dizia a reza:

Rezadeira: O que é que eu te corto?

Cliente: Cobreiro brabo.

Rezadeira: Eu corto a cabeça e a ponta do rabo. Com os poderes de Deus tu estarás curado (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Com auxílio dessa faca, a rezadeira dava golpes nos galhos da parte de cima da planta, fazendo alusão à “cabeça”, e no tronco como se referindo ao “rabo” do *cobreiro*. Observa-se a preocupação de evitar o alastramento da enfermidade pela parte lesada do corpo. Isso fez-me lembrar do que a rezadeira tia Romana falou: “Dizem que quando o rabo *imenda* com a cabeça, a pessoa morre” (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

- *Ferida de boca*

A *ferida de boca* é uma doença que acomete crianças. São feridas que nascem na boca do recém-nascido, de cor “esbranquiçada”, impedindo a criança de mamar. Portanto, assim como as outras que foram descritas, este mal causa inflamação e dores. No discurso das rezadeiras, só através da reza é que se obtém a cura. A reza consiste nas seguintes palavras:

São Brás, bispo confessor de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nosso Senhor sare estas feridas das guelas, da laringe, dos beiços, da língua, da gengiva. Com a saúde dele dar graças e louvor ao Nosso Senhor Jesus Cristo (Informação verbal, junho/2006).

Na verdade, esta reza é apropriada para as mais diversas inflamações que estejam localizadas nas regiões da boca e da garganta.

- *Engasgo*

Faz-se uso das rezas como procedimento terapêutico para ajudar alguém que fora engasgado ao se alimentar. Nas rezas, é exaltado o santo que protege as pessoas desse mal, São Brás. A rezadeira dona Santa, antes de falar as palavras que compunham a reza para a cura desse mal, fez questão de narrar primeiramente de onde vinha a essência dessa reza:

Jesus saiu no mundo em trajes de *piligrino* [mendigo] para saber quem era bom e quem era ruim. Aí, chegou na casa de um homem muito bom, mas a mulher era má. O dono da casa pediu que a mulher trouxesse uma rede para aquele senhor descansar um pouco. A mulher foi e disse: ‘mas era só o que faltava, você dar rede pra esse velho’. O homem tinha o bom coração e teve pena do velhinho. Então, o dono pegou uma esteira e abriu embaixo da *latada* [alpendre] para o passante dormir. Veja que mulher ruim! [ênfaticamente dona Santa]. Quando a mulher preparou o jantar que era peixe, o marido mandou ela fazer um prato para levar ao velhinho. Ela saltou e disse: ‘vá lá aonde ele tá e diga pra ir embora, pois aqui não tem janta pra ele’. Assim, o marido fez. E o velhinho foi embora. Quando a mulher deu ordem a comer, uma *espinha do peixe* atravessou-se em sua garganta. E aja essa mulher morrendo e vivendo... Aí, foi ela disse: ‘marido, corra atrás daquele velhinho, possa ser que ele saiba rezar para engasgo’. O homem conseguiu alcançar o velhinho e trouxe para que ele desengasgar sua mulher. Ao chegar, o velhinho disse as seguintes palavras: ‘Homem bom, mulher má. Esteira velha, janta nenhuma. Deus e São Brás subam ou desça esse engasgo (Informação verbal, maio/2006. Grifo do pesquisador).

Na verdade, a reza usada para desengasgar um doente, são as palavras pronunciadas por Jesus Cristo, que andava disfarçado de mendigo. Para realizar esta reza, bastava que a rezadeira dissesse estas palavras, seguidas de movimentos de vai-e-vem, na parte externa garganta do doente, com auxílio do polegar.

A idéia de abordar as doenças de rezadeiras e como estas são entendidas por estas agentes foi justamente para mostrar como são construídos os discursos e os procedimentos que confluem para o entendimento e, conseqüentemente, para a cura. Além do mais, há toda uma construção simbólica, pautada em elementos que fazem parte do dia a dia das rezadeiras, que ajudam nesta composição.

1.4 REZA, O SABER DA ORALIDADE

Nas discussões que se sucederam ao longo deste capítulo, propus-me analisar como o processo de iniciação e aprendizado, as diferenças e as semelhanças entre as rezadeiras, seus

procedimentos de curas, as recorrências das rezas e dos tipos de doenças que elas curam. Destaquei a questão da escolaridade das rezadeiras e a lógica presente no que concerne as propriedades de saúde e de doença, envolvendo o homem em sua totalidade, ou seja, a unidade entre a esfera corporal e espiritual. Quanto à problemática da escolaridade, é interessante observar que, mesmo não dominando o processo da escrita ou tendo freqüentado formalmente a escola, essas mulheres aprenderam as rezas a partir da observação ritual e da oralidade. Seu aprendizado de um saber terapêutico específico era bastante diferente daquele adquirido pelos médicos que passaram por um regime específico de saber universitário ou, então, pela formação congregacional dos padres e outros religiosos, que para estarem aptos a realizar suas práticas religiosas tiveram que estudar no seminário. Mesmo assim, os conhecimentos que as rezadeiras detêm, embora não sigam a lógica das práticas consideradas oficiais, são reconhecidos e bastante procurados pelas pessoas da comunidade.

Destacarei algumas características incomuns existentes entre as rezadeiras pesquisadas. Com relação à aprendizagem das rezas pude observar a recorrência do uso da oralidade na transmissão desse saber. Havia aquelas que aprenderam as rezas de curas por observar no dia a dia a prática de outra rezadeira. As futuras rezadeiras ao observar às curas realizadas em seus próprios filhos terminaram por aprender, como foi o caso de dona Maria de Neco. De acordo com o depoimento de algumas rezadeiras, o interesse em aprender as rezas, era para rezar em seus próprios filhos e não mais incomodar as outras rezadeiras. Outras mulheres contaram que aprenderam as rezas através de alguém da família que lhes ensinou as rezas de forma sistemática. No entanto, também observei a existência de rezadeiras que tomaram notas de algumas rezas, neste caso já há o uso da escrita no processo de aprendizagem.

É interessante destacar também a evidência da transmissão do saber das rezas em termos das relações de parentesco e de gênero, sobretudo quando o processo de aprendizagem das rezas se dá a partir de uma relação de afetividade entre entes familiares: a mãe, a avó, a tia etc. Este modelo de aprendizagem é, sobretudo, emocional e afetivo o que o distingue do saber médico. Essa relação do parentesco remete-se a uma outra, propriamente a transmissão das rezas através das relações de gênero e o poder mágico contido nestas rezas. Segundo algumas rezadeiras, as rezas só podem ser ensinadas entre pessoas de sexos opostos, caso contrário, o receptor desse conhecimento anularia as “forças das rezas” de quem o ensinou. Então, em tese, só a pessoa do sexo feminino poderia ensinar as rezas a outra do sexo masculino. Porém, algumas rezadeiras não seguiam essa regra, como foi o caso de tia Romana que recebeu os ensinamentos de cura através de outra rezadeira. Ela enfatizou para mim que

não acreditava que ensinando as rezas para outra mulher as suas rezas perdessem as forças, pois tinha aprendido com outra mulher. Essa preocupação com a transmissão entre gêneros opostos, talvez seja uma estratégia encontrada para restringir, de alguma forma o controle desta prática.

Em se tratando das diferenças entre as rezadeiras estudadas, reportar-me-ei àquelas que tiveram seus ensinamentos através de um aprendizado de nascença ou sobrenatural. Segundo essas rezadeiras, nunca tiveram entes familiares que realizassem curas, nem tão pouco que as ensinassem. Aprenderam as rezas através de sonhos e visões, já nasceram com esse *dom de curar* ou aprenderam da *própria memória*. Portanto, estas rezadeiras diferem quanto ao tipo de aprendizagem das demais rezadeiras existentes na cidade. Embora, estas rezadeiras atribuam a origem de seus conhecimentos a um dom de cura sobrenatural, as outras que passaram por ensinamentos imitativos, também afirmaram ter um dom de cura.

A religiosidade das rezadeiras é também uma característica que compõe a prática destas mulheres. Mesmo que a maioria delas tenha se definido como sendo de religião católica, havia três rezadeiras que comungavam de outras denominações religiosas. Refiro-me às duas rezadeiras que disseram ser também evangélicas e outra da jurema que *recebia caboclos*. Estas eram diferentes das demais porque atuavam no limiar, entre uma religião e outra. Atitude que as demais não faziam. Por não concordar totalmente com a conduta pentecostal, uma das “rezadeiras evangélicas”, relatou-me não ser *evangélica legítima* porque não concordava com a forma de tratamento que os crentes concediam aos santos católicos. Portanto, temendo um castigo de Deus, esta rezadeira não desmerecia os poderes sagrados contidos nas imagens católicas. Essa peculiaridade permite denominá-la de “rezadeira evangélica”. Em relação à rezadeira que recebia caboclos, esta também se diferenciava das demais porque tanto usava as rezas de cura, como *botava a mesa*, ou seja, dependendo do tipo de problema, ela usava uma dessas duas possibilidades para curar o cliente.

2 RITUAL DA BENZEÇÃO: É ASSIM QUE SE REZA EM CRUZETA

O que se encontra no ritual também se encontra no dia a dia...O ritual é um fenômeno especial da sociedade, que nos aponta e revela representações e valores de uma sociedade, mas o ritual expande, ilumina e ressalta o que já é comum a um determinado grupo... Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos [...] (PEIRANO, 2003, p.10).

Neste capítulo tentarei descrever e mostrar a relevância do ritual nas práticas de cura realizadas pelas rezadeiras de Cruzeta. Para tanto, descrevo tal ritual sem a preocupação com as estruturas, dando um certo privilégio à fala do social, ou seja, o modo dos clientes se comportarem antes da reza, como sentam, se choram, como relatam seus problemas, se preferem ir rezar na casa da rezadeira ou na sua casa, etc. Portanto, a atenção estará voltada para as mais diversas descrições do fenômeno e do contexto, ou seja, como estes fatos ocorrem. Nessa abordagem, deve-se incluir também os relatos que os clientes fazem sobre o que sentem ou não, a descrição dos sintomas, a maneira pela qual o doente foi levado a demandar este recurso terapêutico e não a outro.

O guia teórico que conduziu-me durante as discussões contidas neste capítulo foi a fenomenologia. Foi necessário fazer uma série de leituras de autores que permitissem a compreensão e a possibilidade de dialogar com o objeto empírico, no caso, as rezadeiras. Neste sentido, a leitura de autores como Merleau-Ponty (1999), Lyotard (1967) e Csordas (2003), foram desafiadoras e, ao mesmo tempo, produtivas, bem como enriquecedoras. Como aponta Merleau-Ponty (Idem. p. 01), a fenomenologia é também um relato do espaço, do tempo, do mundo vivido. Optei pela via fenomenologia, pois na verdade ela se assemelha ao processo etnográfico utilizado na pesquisa antropológica. Assim, como bem enfatiza Lyotard (1967, p. 09), o estudo dos fenômenos, trata-se de explorar a própria coisa que se percebe, na qual se pensa, na qual se fala, evitando forjar hipóteses. E mais, “a fenomenologia é a tentativa de descrição direta de nossa experiência tal como ela é, ela se deixa praticar” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.01). O processo fenomenológico estabelece uma sintonia fina com a etnografia. Para perceber esse ponto, basta atentar para o que expõe Lyotard (1967, p. 80):

É preciso ir as próprias coisas, descrevê-las corretamente e elaborar sobre essa descrição uma interpretação de seu sentido, é a única objetividade verdadeira [...] A significação consiste em admitir imediatamente que esse comportamento (individual ou coletivo) quer dizer alguma coisa ou ainda que exprime uma intencionalidade.

O que nas palavras do autor caracteriza a fenomenologia, isto é, o processo de descrever a realidade tal qual ela se encontra na sociedade. Na antropologia, este processo seria potencializado pela etnografia. A semelhança mais evidente entre a etnografia e a fenomenologia é a descrição da realidade dada. Na verdade, como esta pesquisa tem um cunho etnográfico, cujo objetivo é descrever a dinâmica da prática das rezadeiras através da

observação participante, ter a fenomenologia como fio condutor deste trabalho ajudou a enxergar o mesmo tema por outras dimensões conceituais.

Embora existam semelhanças entre a antropologia, sobretudo a etnografia e a fenomenologia, Cardoso de Oliveira (1998) faz uma reflexão no texto “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever” que permite ver as diferenças existentes entre estas duas formas de perceber e descrever a realidade existente. Segundo este autor, a etnografia não é, como os fenomenólogos clássicos supunham, uma descrição sem criar hipóteses ou estabelecer explicação. O antropólogo já vai a campo com algumas idéias e tenta entender o “fenômeno” a partir delas. Referindo-se ao antropólogo que escolhe um objeto de investigação e vai a campo pesquisá-lo, Cardoso de Oliveira (1998, p. 19) enfatiza que

Seja qual for esse objeto, ele não escapa de ser apreendido pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade [...]. O observador bem preparado, irá olhar seu objeto de investigação previamente construído por ele.

A abordagem fenomenológica pode cair em certo idealismo e influenciar o observador desprovido de reflexividade que media a compreensão do fenômeno. Isso seria bem diferente do que Geertz (1989) supõe quando fala de uma interpretação das culturas. Se a cultura é o fenômeno, para ela ser interpretada, depende de um plano cultural e conceitual do próprio antropólogo.

Já com relação às análises sobre o processo do ritual construídas ao longo do texto, busquei sustentação teórica nas idéias de autores que dedicaram-se ao estudo do ritual em diversas sociedades, dentre eles, Leach (1996), Tambiah (1985) Peirano (2003) e Rabelo & Mota (2006). Ao longo do texto, o conteúdo etnográfico será iluminado pelas discussões teóricas destes autores e de outros.

2.1 O ESPAÇO DO RITUAL

As informantes com as quais desenvolveu-se esta pesquisa residiam em sua maioria em áreas localizadas na periferia de Cruzeta, situação semelhante à encontrada por Oliveira (1985a) em seu trabalho com rezadeiras na cidade de Campinas/SP. E que nas análises da autora, as rezadeiras ao migrarem para a cidade passaram a se fixar em torno das cidades, sobretudo em bairros ou comunidades que ficam às margens do perímetro urbano. Embora,

existam diferenças enormes entre Cruzeta e Campinas, o que nos interessa é mostrar que há algumas semelhanças, principalmente no que diz respeito, ao processo de moradia: bairros periféricos, com infra-estrutura precária (calçamento, esgoto, água tratada, etc.).

Com relação às condições de moradias das rezadeiras, observei que suas casas eram simples, paredes de tijolos, nem sempre rebocadas, os telhados cobertos com telhas, cuja origem certamente era das cerâmicas do município, o piso quando não era de cimento, era rejuntado de tijolos. Nas paredes, disputando lugares com as imagens de santos encontravam-se os armadores de redes, pois à noite as salas se transformam em dormitórios, principalmente para os filhos homens. Já os quartos ficam restritos ao casal e às filhas solteiras. Nas cozinhas há sempre fogões de lenha, mas já se percebe a presença de fogões a gás. Ou seja, mais um indício que denuncia as origens destas mulheres: a relação com o meio rural. Geralmente, as paredes que separam os cômodos não seguem até o teto, sendo denominadas de “meia-parede”. Os quartos não costumam ter portas, quando sim, há uma cortina.

No mês de outubro de 2006, quando retornei à cidade para novas visitas às rezadeiras, algumas ruas já estavam sendo calçadas, inclusive a rua onde moravam Barica e Joaninha. A falta de calçamento causava um grande problema para as pessoas que ali residiam, principalmente às crianças que nos períodos de estiagem a poeira entrava nas residências, provocando viroses e infecções na garganta. Com as ruas calçadas, outro problema ficou sanado, a encanação do esgotamento doméstico (água servida), que antes era a céu aberto, passando a ser interligada à rede de captação da cidade.

Este problema de saneamento básico já vinha preocupando as equipes de saúde do município. Em conversa com a dentista Daniela Pessoa, ela contou um fato que ilustra bem esta situação:

Uma criança foi levada pela mãe ao consultório médico e lá foi diagnosticada verminose. Então, ela foi medicada e o médico orientou a mãe para depois que a criança tomar a medicação repetir novos exames. No período recomendado, a mãe retornou, repetiu os exames e mostrou ao médico. Para surpresa dele, a criança não havia melhorado, o que fez desconfiar e procurar saber dos hábitos desta família. Ao chegar na residência da família percebeu que havia no meio do quintal um esgoto a céu aberto onde as crianças brincavam na lama.⁸⁰

Então, este discurso ilustra bem as dificuldades relacionadas à falta de saneamento básico nestes bairros, o que acaba trazendo problemas de saúde e transtornos para a população, principalmente em períodos chuvosos. Enquanto eu realizava a pesquisa de campo

⁸⁰ A dentista ficou sabendo deste fato porque faz parte da mesma equipe do PSF, cujo médico também é integrante.

que compõe este trabalho deparei-me com a seguinte realidade: muitos pacientes, entre eles crianças, que buscavam tratamento no hospital e nos postos do PSF queixando-se de febre e diarreia. No entanto, os médicos diagnosticavam, de modo geral como virose.

Embora exista algum avanço nesta área, há ainda muito a se fazer. Em outras ruas, onde viviam outras informantes, a falta de saneamento básico era preocupante. Na rua da *pedreira*⁸¹ e na rua 13 de Maio, ou simplesmente a “13”⁸² além da falta de infra-estrutura, outro problema insiste em perturbar os moradores que ali residem, a falta de segurança e o tráfico de drogas. Dona Rita de Ramim, que mora na *pedreira* há trinta e seis anos, refere-se ao local como o *buraco*. Em frente à sua residência corre a céu aberto o esgoto das casas vizinhas. A rua não é calçada e o mato cresce servindo de esconderijo para vários tipos de insetos. Quando já é final da tarde os moradores não conseguem mais ficar sossegado com tanta *muriçoca* (mosquitos).

Antes de descrever o ritual da reza achei interessante situar um pouco o contexto local, ou seja, partir do bairro para chegar às residências. Dessa forma, chamarei as salas de “espaços terapêutico-religiosos”, por serem nestes cômodos onde acontecem os rituais de curas das rezadeiras e também por serem nestes espaços onde elas expõem os seus santos de devoção, exaltam suas crenças e rezam a clientela. A idéia de espaço terapêutico-religioso que as residências das rezadeiras assumem, possibilita pensar em algo que não seja dicotômico, ou seja, nem só sagrado nem apenas profano, como afirmava Durkheim (1996) a respeito destas duas esferas. Há na verdade, uma complementaridade, por instantes a sala se transforma em local de cura, em outro, num espaço propriamente doméstico onde se assiste à televisão, ouve-se músicas e realizam-se conversas.

Na verdade, as crenças nas coisas sagradas são alimentadas pelo que há no mundo, sejam sistemas de representações, adornos, gestos, falas explícitas e pensadas pelos seres humanos. Então, neste sentido uma depende da outra, o sagrado e o profano se complementam, pois o que é sagrado, só assume este significado se colocado à luz das práticas mundanas. Trazendo esta idéia para a prática da reza, quando atribuí um caráter religioso ao espaço da sala é porque visivelmente encontravam-se ali elementos e adornos que remetiam ou estavam em conexão direta com os seres ditos sagrados, como imagens de santos

⁸¹ A rua da *pedreira* ganhou este nome por ser uma espécie de córrego e também pela existência de pedras que afloravam à superfície. Até meados dos anos 80, este local era reduto das prostitutas que ganhavam seus sustentos realizando a prática do sexo numa casa noturna, chamada de cabaré. As moradias eram subumanas e os casebres eram de taipas cobertos com palhas. Hoje as casa são de alvenarias, mas ainda há muitos problemas de infra-estrutura.

⁸² Esta rua é conhecida pelas pessoas da cidade com ponto de drogas e brigas de gangs.

populares, velas, flores, copos com água para purificar, rosários, algumas plantas como pinhão roxo, entre outros.

O costume de expor as imagens de santos nas paredes das salas não era exclusivamente das rezadeiras. Muitos moradores católicos que residiam na cidade mantinham em suas salas imagens de santos de suas devoção emoldurados e presos às paredes. Aqui reside o fato de convergência entre as rezadeiras e os demais vizinhos, familiares e demais moradores, o fato de comungarem de uma mesma crença religiosa, que é o catolicismo popular.

Mesmo havendo crenças que são comuns às pessoas que se dizem católicas, no caso das rezadeiras, uma especificidade foi observada. Esta diz respeito à terapêutica ou as curas das doenças através das súplicas aos seres sobrenaturais. É que para cada doença as rezadeiras elegem um santo específico para se valerem e pedirem a ajuda divina. Então, era comum existir na casa das rezadeiras imagens de santos que se encarregariam de proteger várias partes do corpo humano. Para dores de cabeça, Nossa Senhora da Cabeça; para “acudir” pessoas engasgadas, São Brás; problemas nos olhos, Santa Luzia; fazer objetos desaparecidos serem reavistos, Nossa Senhora dos Amostres⁸³; livrar de fome, peste e guerra, São Sebastião etc. Outros “santos” populares como padre Cícero e frei Damião, não têm limites quanto ao seu “poder terapêutico divino”. Curam qualquer problema, basta que as pessoas se valham com fé, acrescentou dona Santa.

Quando iniciei a pesquisa com as rezadeiras por volta do ano 2000, a rezadeira Barica rezava os clientes na sala de visitas. Neste ambiente havia dois sofás e alguns tamboretos que serviam de assento para os clientes enquanto aguardavam a sua vez de se rezar. Conversando com a rezadeira ela havia me confessado o desejo que tinha de construir um quartinho onde pudesse atender os clientes fora da sua casa, pois sua família (marido, filhos e netos) não podia assistir televisão ou ouvir o rádio. De acordo com a rezadeira, seu sonho era construir um quartinho com dois cômodos: um, onde os clientes aguardassem a vez de se rezar e o outro onde ela pudesse dispor seus santos, acender as velas e receber as pessoas que buscavam por rezas. Durante este período, houve dias em que o ambiente da sala não comportava tanta gente, as pessoas ficavam sentadas na calçada do lado de fora. Era interessante que na frente da casa havia um cepo⁸⁴ e que este era muito disputado como

⁸³ Esta santa, de acordo com dona Rita de Ramim é muito milagrosa, e seus poderes são invocados para encontrar qualquer quer coisa que tenha sido perdida. Daí, o nome Nossa Senhora dos Amostres, porque se valendo dela, o objeto que estava perdido volta às mãos do proprietário.

⁸⁴ O cepo é um tronco de árvores deitado que serve com acento. De acordo com Aurélio (2005?), cepo é um pedaço de toro cortado transversalmente.

assento pelos clientes. Ouvi muitos clientes dizer: “eu já estou muito bem sentado aqui, então agora não tenho pressa”.

Quando retornei à casa da rezadeira para realizar a pesquisa do mestrado, o marido de Barica havia construído um quartinho ao lado da casa, no “beco”, porém não era o que ela imaginava. Este *quartinho*, como ela se referiu, tinha o teto bem baixo, a ponto dos clientes baterem com a cabeça no telhado, as madeiras da cobertura eram de caibros roliços, e os pilares de sustentação eram forquilhas⁸⁵. O piso era de chão batido (terra natural) e não oferecia conforto para os clientes. O local também servia de abrigo para os passarinhos engaiolados.



Figura 09 - Os atendimentos realizados na sala de visita. (antes)



Figura 10 - Visão do “quartinho” da reza e os clientes aguardando a vez de serem atendidos (atualmente).

Como se observa acima, as cadeiras são poucas e os clientes se acomodam como podem. Alguns ficam sentados, outros de pé. Esta questão da acomodação é curiosa pelo seguinte fato: durante esta pesquisa, como foi exposto anteriormente, tive a oportunidade de observar tanto a clientela das rezadeiras quanto os pacientes dos médicos nos postos antes dos

⁸⁵ Troncos de árvores que fazem a função de colunas.

atendimentos. E percebi que os pacientes quando aguardam a vez de se consultar, reclamam da morosidade dos médicos e de várias outras deficiências no âmbito dos serviços de saúde da comunidade. Em contra partida, os clientes quando estão esperando pelo atendimento das rezadeiras não reclamam. Pelo contrário, ouvi cliente dizer que não tinha pressa, a hora que fosse atendido estava bom. Acredito que há uma diferença crucial entre os serviços que as rezadeiras realizam e aqueles realizados pelos profissionais de saúde. Na verdade, estes profissionais ganham para realizar com o mínimo de presteza o serviço para qual foram contratados, enquanto as rezadeiras atendem não com a intenção de um pagamento, embora recebam “os presentes”. Discutirei mais este assunto mais adiante.

Este novo espaço religioso possibilita durante o dia que a rezadeira realize o ritual de cura nas pessoas que a procuram e, à noite, quando acaba os serviços se transforma em dormitório para a família. Embora ainda não seja como ela almejava, em virtude da falta de condições para construir um ambiente mais acolhedor, a transferência do local de cura do interior da casa para a parte externa da residência trouxe, segundo Barica alguns benefícios: primeiro é que seus familiares puderam ter um pouco mais de sossego já que os clientes não ficavam mais dentro de casa e a outra é que tudo de “ruim” que as pessoas traziam para ela curar ficava dentro da casa e “pegava” nas crianças (seus netos). “Estes meninos só viviam doentes, não tinha uma semana que eles não adoecessem. E o mais velho era brabo, parecia que desconhecia a gente. Só foi Cosme [o marido] fazer isso aqui pra mim, acabou-se”. (Informação verbal, fevereiro/2006. Grifo do pesquisador).

A rezadeira dona Chiquinha morava também no bairro Alto Bela Vista. Logo na entrada da casa há uma “área” com quatro *tamboretas* para as visitas ou os clientes possam sentar-se. Na sala não havia nenhum móvel e em suas paredes havia uma imagem de frei Damião e Nossa Senhora de Fátima. Havia também na sala duas janelas, uma que dava acesso à rua e outra aberta para o quintal. Logo a seguir, uma outra sala, com dois baús, uma televisão 14 polegadas em preto e branco, sobre uma mesinha, um oratório, um pote com *água boa* para se beber e, sobre este, presa à parede, uma copeira contendo copos de alumínio. A casa ainda tinha dois quartos, um fechado e o outro onde dormia dona Chiquinha com sua irmã. Na cozinha havia um fogão à lenha, uma pia de lavar louça e, o *muro* (quintal). Neste, a rezadeira também armazenava a lenha que usava para cozinhar, pois não dispunha de fogão à gás.



Figura 11 - Dona Gilberta ao lado da bíblia

Na casa da rezadeira evangélica, havia sob uma pequena estante, ao lado da televisão, uma bíblia sagrada. Inclusive, quando eu pedi para tirar uma fotografia sua, ela perguntou, se podia ser ao lado da bíblia. Ao contrário das casas das outras rezadeiras, que mantêm, nas paredes das salas, vários quadros com imagens de santos católicos, havia, na casa dessa rezadeira, apenas um quadro com uma gravura representando a pomba do Divino Espírito Santo, derramando um feixe de luzes. Afirmou ainda que assistia assiduamente ao programa de televisão, chamado “Show da Fé”, no canal Band, presidido pelo líder evangélico RR Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus. O momento que mais gostava era quando as pessoas davam seus testemunhos e a pregação do evangelho.

2.2 A RELIGIOSIDADE DAS REZADEIRAS DE CRUZETA

Não é tão simples discutir sobre a religiosidade das rezadeiras de Cruzeta. De acordo com o levantamento, ou melhor, o mapeamento que realizei com algumas rezadeiras da cidade, ao perguntar sobre sua religião, quase todas, responderam ser católicas. Com exceção de dona Gilberta que afirmou ser evangélica. A religiosidade está presente em todo o cotidiano destas mulheres, a começar pelas salas de suas casas, espaços de práticas religiosas onde realizam os rituais de curas, ou seja, locais que costumam receber as pessoas para realizar as curas. Suas residências são duplamente espaços familiares, de vida cotidiana e privada. Portanto, são espaços profanos e também locais onde as atividades religiosas são articuladas no domínio sagrado. Nas paredes internas de suas residências, mais

especificamente, nas salas de estar estão materializadas, digamos assim, as suas crenças. Para exemplificar, destaco a casa de dona Rita de Ramim, pois na sua sala, contei, aproximadamente, quarenta imagens de santos, incluindo quadros e *vultos*. Dentre eles havia São Francisco, Nossa Senhora do Desterro, Santo Antonio, Coração de Jesus e Coração de Maria, São Brás, Cosme e Damião, Santa Rita de Cássia, São Sebastião, Santa Luzia, São José, Padre Cícero, Frei Damião, São Lázaro, Nossa Senhora Aparecida e outros. As quatro paredes, que compunham o ambiente, não dispõem de mais espaço para colocar outras imagens de santos. Havia também, na composição deste espaço sagrado, uma *mesa* com as imagens de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Cabeças, além de muitas flores artificiais coloridas, um copo com água e rosas naturais de cor branca. Na verdade, este local é reservado a realização dos trabalhos com os guias.

A religiosidade também está presente em algumas narrativas de dona Rita Ramim. Uma delas envolvia o tema da vaidade, especialmente, ao se referir com desdém, aos sapatos de salto alto, usados pelas mulheres. De acordo com suas narrativas simbólicas, a forma do sapato feminino é semelhante aos *pés de um bode*. Este animal, no imaginário do catolicismo popular representa a figura de satanás. Ou seja, é comum neste tipo de narrativa, o uso da metáfora *bode preto* quando se referir a satanás.

Dona Santa também narrou uma história semelhante sobre um conhecido seu que foi tocar no inferno. Segundo ela, esse seu vizinho, que era tocador de sanfona, numa certa manhã acordou e falou: “Com todos os diabos, hoje eu toco nem que seja no inferno”. Sua mãe logo repreendeu dizendo: “Ave-maria cheia de Graças. Não diga isso, meu filho!” No fim do dia chegou um cavaleiro montado num belo cavalo e convidou-o para ir tocar numa festa. Ele aceitou, montou-se na *garupa* do cavalo e os dois seguiram viagem. No meio do caminho, o cavaleiro mandou que fechasse os olhos e só abrisse quando o mandasse. Passado alguns instantes, satanás ordena para que abra os olhos e falou que ele estava no inferno. E que sua função naquele local seria tocar para os “cães” dançarem. Na hora do jantar, havia diversas bandejas sobre a mesa, cada uma contendo partes de corpos femininos. Numa havia pernas depiladas, em outra, sobrancelhas feitas, numa outra, mãos com unhas pintadas. Enfim, com esta narrativa, a rezadeira quis mostrar que a vaidade das mulheres não é uma coisa de Deus, e sim de Satanás.

O mesmo espaço religioso foi visto na casa de dona Hosana, viúva, aposentada, católica, natural de Campo Redondo/RN. Ela morava em Cruzeta a cerca de quarenta anos. Nunca teve filhos, mas tinha muitos afilhados. Sua renda mensal era de um salário mínimo e possuía casa própria. Ela era devota do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora Aparecida e

Nossa Senhora Daguia⁸⁶. A casa desta rezadeira foi muito fácil de ser encontrada, pois logo na fachada principal estava escrito, em letras garrafais: “Esta casa pertence ao Divino Espírito Santo”. Segundo dona Hosana, quem *se pega* com o divino espírito santo, nada de mal lhe acontecerá. Assim, ela fazia questão de entregar a casa dela em suas mãos. Seguindo em direção ao interior da residência, logo na sala, a devoção pelos santos estava estampada nas paredes e, em cada recanto do aposento, começando por um cabide de colocar roupas com muitas sacolas. Desde o primeiro momento que fui à casa dessa rezadeira, fiquei curioso de saber o significado de tantas sacolas penduradas. Depois que já tinha estabelecido contato, retornei para outras conversas. Durante esta visita, dona Hosana, explicou que dentro daquelas sacolas havia *peças de roupas*, que os clientes traziam para ela rezar e não retornavam para pegá-las de volta. Percebe-se com isso uma forte presença do que James Frazer (1982, p. 42) tratava por magia simpática, sobretudo da magia por contágio, pois ela “fundamenta-se na crença de que coisas que, em certo momento, estiveram ligadas, mesmo que venham a ser completamente separadas uma da outra, devem conservar para sempre uma relação de simpatia”.



Figura 12 - Peças de roupas deixadas pelos clientes para a rezadeiras rezar.

Além deste fato instigante, que traduziu com veemência a prática religiosa desta rezadeira, outros elementos estavam dispostos na sala, compondo o ambiente. Havia, por exemplo, muitas imagens de santos espalhadas pelas paredes da sala, dentre elas: o Divino Espírito Santo, o Coração de Maria, São Sebastião, Santa Luzia, São Francisco, a Santa Ceia, Santo Expedito, dentre outros. Havia também um altar, localizado em um dos cantos da sala.

⁸⁶ Dona Hosana morava sozinha, mas sua irmã, que residia em uma casa, ao lado da sua, era quem cuidava dos seus afazeres domésticos e fazia a sua alimentação.

Continha duas imagens em gesso, uma de Frei Damião e outra de Padre Cícero, Nossa Senhora das Vitórias e uma porção de rosas naturais secas (desidratadas e desbotadas). Entre estas rosas, havia dois pratos brancos de ágata, contendo em cada um deles, uma vela virgem para ser acesa, acredito eu. Na “banquinha”, local onde ficavam expostos um rádio antigo e uma boneca de pano preto. Dona Hosana falou que o propósito daquela boneca era para expulsar as coisas ruins da sua casa. Mas pelas reticências existentes nas suas conversas, a simbologia da “boneca” não era simplesmente para afastar as *coisas ruins*. Na verdade compunha, como os santos do catolicismo popular, um sistema de crenças sincréticas utilizado pela rezadeira.

2.2.1 Os quintais e a botânica das rezadeiras

No quintal das residências, elas costumam cultivar algumas plantas, dentre elas árvores frutíferas como mamoeiros, goiabeiras, coqueiros, pés de acerola, graviola etc., além de plantas medicinais como mastruz, pimenta, corama santa, hortelã, pinhão roxo e outros tipos. Com os galhinhos (ramos) destas plantas consideradas medicinais que elas realizam parte do seu ritual de cura. Inclusive, Joanhina falou-me que é difícil comprar “remédio de farmácia” quando adocece alguém em sua casa com gripe. Ela mesma faz *lambedores* com as plantas que cultiva no quintal. Apenas não chega a prescrever esses “remédios caseiros” para as pessoas que se rezam, se alguma delas pedir para preparar um lambedor ou garrafada ela disse que faz, principalmente para crianças com catarro preso no peito. Dentre as várias plantas existentes, cito as que são conhecidas: arruda (*Ruta graveolens*), (*Lowsonia inermis* L.), pinhão roxo (*Jatropha grossypifolia* L.), romã (*Punica granatum*), cidreira (*Citrus medica* L.), acerola (*Malpighia emarginata*).

Embora os tipos de plantas sejam recorrentes nos quintais das rezadeiras, havia plantas exclusivas, como a que constatei na casa de dona Chiquinha. Seu quintal tinha uma área restrita, mas bem cuidada e com alguns pés de plantas. Ela cultivava e mantinha em seu quintal uma laranjeira, uma toiceira (arbustos) de cidreira e muitos pés de *boldo do Pará*. Esta erva exala um perfume agradável e é com seus ramos que a rezadeira costuma rezar as pessoas em seus rituais de cura. Percebi também uma preferência por plantas que exalam cheiros, como a arruda, o alecrim, o eucalipto, o manjericão, a mangerona. Em razão dos períodos de estiagem que acontecem em Cruzeta, nem a arruda nem o alecrim conseguem

sobreviver. Dona Uda, falou que a arruda é boa para rezar de *olhado* porque tem o poder de atrair a doenças, mas é muito *sistemática*, é sensível, difícil de cultivar. “A arruda é usada nas rezas porque é apropriada para essas *coisas* [curar doenças]. Caso você não se cure com ela, mas ande com um raminho que ela te livra de muita coisa” (Informação verbal, maio/2006. Grifo do pesquisador).

A casa de dona Hosana também tem quintal, porém ao invés das paredes serem de alvenaria, elas eram de *faxina* (cerca de varas). E, talvez por ela não ter mais condições físicas, havia muito mato e, no meio dele, muitos pés de pinhão roxo. Ao lado da casa, no beco, também havia muito desse tipo de planta. Em dois recipientes com água sob a “banquinha” do rádio, havia vários galhos de pinhão roxo (*Jatropha grossyptifolia* L.), planta preferida por dona Hosana para a realização de suas curas. Logo cedo, ela colhia os ramos e colocava-os em um recipiente com água e, na medida que os clientes vão chegando para se curar, ela utiliza-os. Embora ela não tenha explicitado o motivo de só usar esta planta. Constatei durante as observações que, provavelmente, estes ramos tinham poderes de expulsar o mal, que estava materializado como doença. Percebi também que, em algumas residências da cidade, havia um pé de pinhão roxo plantado, em frente ou na lateral das casas. De acordo com uma moradora, que mantém sempre um pé desta planta em frente à sua casa, ele tinha o poder de absorver qualquer mal que viesse para cima dos donos da casa. Em Cruzeta, o pinhão roxo, também é conhecido como pinhão de São Francisco, pois as cores das suas folhas lembram a cor da túnica que este santo usava.



Figura 13 - Pé de pinhão roxo plantado em frente a uma residência, cujo é objetivo é proteger dos males.

O nome pelo qual esta planta era conhecida na região estava relacionado com a cor roxa que sua folhagem apresentava. Existe também o pinhão branco que é idêntico, porém

suas folhas são verde-claras. Lembro que minha avó Maricuta só rezava, usando ramos desta espécie. No sítio Cruzeta Velha, onde ela residia era comum esta planta, fazia parte da vegetação da região.

Ainda no que, diz respeito aos tipos de plantas para realizar rezas de cura, dona Santa disse que planta nenhuma tira doenças. No entanto, admitiu ter preferências por algumas plantas durante suas rezas.

Eu uso um raminho verde. Não rezo com pereiro (*Pêra bailloniana M.*), velame (*Croton campestris*), e nem com jurema⁸⁷, nem com planta de enfeite de dentro de casa. Eu uso o pinhão roxo nas rezas... tem um pé aqui na frente de casa, e carrapateira (*Ricinus communis*) (Informação verbal, junho2006. Grifo do pesquisador).

A rezadeira Silvina de Domingo Preto, também expôs sua preferência por algumas plantas e justificou o motivo de não usar outras.

Para todas as orações eu uso três raminhos, que são as três pessoas da santíssima trindade. Qualquer ramo eu uso, porque no Monte das Oliveiras tinha toda qualidade de planta. Eu só não rezo com ramos de jurema que é de *feiticeiro*. Planta que tem espinhos também é ruim demais. Mas, que com algaroba⁸⁸ (*Prosopis Algarobilla*) não ofende porque é planta que a gente encontra com mais facilidade, mesmo em ano de seca (informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Durante o período que passei na casa da rezadeira Barica, observando o seu ritual de cura, percebi que não havia uma preferência por uma determinada planta. No seu quintal, havia alguns pés de árvores frutíferas, dentre eles: gravioleira, goiabeira e acerola. E, muitas vezes, observei que ela trazia ramos destas plantas para rezar seus clientes. Mas os ramos que ela mais usou, foram tirados de uma planta que existia em frente a sua casa, chamada *nin indiano* (*Azadirachta indica A Juss*).

⁸⁷ Pelo que observei, os ramos da jurema não são usados durante o ritual de cura porque é a uma planta cultuada pelos catimbozeiros. Sobre o Culto da Jurema, ver Assunção (2006).

⁸⁸ Planta espinhosa.



Figura 14 - Barica colhendo ramos para iniciar a reza de cura.

A rezadeira dona Maria de Neco, apesar de ter preferência por plantas que costuma cultivar no *muro*, disse só não rezar com plantas de espinhos.

Não, não são com todas as plantas que eu rezo. Eu sempre rezo mais com mastruz (*Senebiera didyma*), muçambê (*Cleome heptaphylla*)... Quando não tem muçambê, eu sempre uso o mastruz, mas eu rezo com qualquer planta, não tendo espinhos é a conta (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Para justificar, o não uso de plantas espinhosas nos rituais de curas, dona Chiquinha, deu a seguinte explicação:

Como é que a gente vai tirar o sofrimento de alguém, com um negócio que serviu para fazer uma coroa de espinhos, para ser encravada na cabeça de Nosso Senhor Jesus Cristo? E tem mais, não se deve fazer fogueira de são João nem de são Pedro com lenha de jurema, só quem faz são os feiticeiros. A lenha própria de fazer fogueira em homenagens aos santos da igreja é a de pau de catingueira (*Caesalpinia gardneriana*) e faveleira (*Jatropha phyllacantha*). (Informação verbal, maio/2006. Grifo do pesquisador).

É interessante perceber como existe um sistema simbólico meticulosamente construído pelas rezadeiras que as fazem se autodistinguir dos demais terapeutas religiosos, sobretudo quando se trata do uso das plantas que contêm espinhos. Como bem relatou esta rezadeira, os espinhos trazem dores e sofrimento. Tal qual o feiticeiro, que é visto por elas como aquele agente que realiza seus trabalhos em prol de fazer malefícios às pessoas. Os ramos da jurema, não são usados para auxiliar nas rezas de cura, talvez porque, segundo elas, a jurema fosse a planta preferida pelos feiticeiros. A rezadeira Tia Romana justificou o motivo de não usar plantas com espinhos nos seus rituais de cura. “Você vai num caminho, aí leva uma

espinhada. A primeira palavra que você chama é pelo diabo. Ah, diabo! Por isso que todo espinho é amaldiçoado” (Informação verbal, junho/2006).

De todas as rezadeiras, a que tinha a maior diversidade de plantas em seu quintal era dona Uda. Na verdade, ela tinha duas casas, e entre elas, havia um quintal enorme com muitas plantas medicinais: linhaça, pimenta, erva-doce, endro, corama santa, hortelã, vários tipos de flores, inclusive uma roseira com flores de várias cores e um pé-de-sete-dores. Quando chega algum cliente pra se rezar ela costuma usar os ramos de linhaça, isso porque há um pé no beco, que fica próximo à janela que do interior da casa, a rezadeira pega os galhos.

2.3 O DOM DE CURA E A GRATUIDADE: VETORES QUE DIFERENCIAM O CAMPO TERAPÊUTICO RELIGIOSO E MÉDICO

Um ponto que pode amarrar e separar o que pertence ao religioso e o que pertence e singulariza médico é a questão do dom e da gratuidade. Essa questão é extremamente importante porque envolve a relutância do pagamento, a circulação monetária e o cuidado com o pagamento. Obviamente que a reza está circunscrita numa lógica do dom. No momento que se paga os serviços de reza⁸⁹ com dinheiro se rompe a circulação, a relação, estabelecendo-se apenas um contrato. A questão do dom e da gratuidade é fundamental, pois talvez esteja nela o que vai diferenciar o trabalho realizado pelas rezadeiras dos profissionais de saúde (aqueles que cobram, que são pagos).

Gostaria de notar que o serviço público de saúde é também gratuito e a princípio o atendimento não é pago. Creio que a distinção envolve o tipo de burocratização e especialização do trabalho como um profissional de saúde. Além do ideário de dicotomização corpo e mente que a biomedicina afirma. Não é apenas o tema da gratuidade.

O sentido de gratuidade e da solidariedade é compartilhado e entendido pelos membros da comunidade. O ato de doar é a mola propulsora que mantém a interação entre a rezadeira e o cliente. No instante que ela quebra o pacto da gratuidade, seu dom de curar também perece, porque na hora que se paga, não existe mais um vínculo estreito de afinidade.

⁸⁹ É interessante perceber que embora as rezadeiras aceitem “os agrados e os presentes”, como costuma se referir, se esforçam para que fique claro a não obrigação de um pagamento. Deixam a critério dos clientes decidirem se elas necessitam ser recompensadas pelos feitos. Se a pessoa achar que deve me dar alguma coisa eu recebo, pois não sou tão mal agradecida assim, disse dona Chiquinha.

Estamos lidando com relações recíprocas de doação e solidariedade. Percebe-se claramente na opinião de dona Santa esta preocupação.

Muitas rezadeiras se a pessoa não levar uma coisa [presentes]... faz sacrifício para rezar. Eu não quero receber uma caixa de fósforos, porque a minha oração não é de receber nada. Mesmo quando eu não era aposentada eu nunca no mundo quis nada por reza. Aí vou querer agora? Isso não pode, porque qualquer pessoa pode inventar um meio de vida usando a reza. Eu quero que tenha quem diga que a velha Santa reza pra ganhar (Informação verbal, junho/2006).

Sobre esta questão que envolve o dom da gratuidade Quintana (1999, p. 89) vai dizer o seguinte:

Uma cobrança por parte da benzedeira viria a manchar, a sujar tanto o trabalho realizado como a imagem de quem o realiza. Ao colocar um preço e vender os seus serviços, ela estaria deixando de ter as qualidades de bondade e pureza, as quais lhe possibilitam sustentar um lugar especial em manter o dom.

Na verdade, o dom remete diretamente a um assunto que foi brilhantemente discutido por Marcel Mauss (2003), o seu ensaio sobre a Dádiva. Antes de prosseguir a discussão, necessário se fez definir o que é a dádiva. De acordo com este autor, as dádivas são trocas simbólicas, por onde quem recebe também sente-se na obrigação de retribuir. É uma relação de mútua troca, seja de bens materiais ou simbólicos. Isso fez-me pensar a relação de reciprocidade entre a rezadeira e o cliente, ou seja, enquanto a rezadeira realiza seus serviços de cura sem estabelecer um preço, a pessoa que obteve a cura sente-se na obrigação de retribuir o que recebeu (o restabelecimento da saúde). Assim, “as dádivas circulam tendo com garantia a virtude da coisa dada” (MAUSS, 2003, p. 236).

Alguns clientes se sentem na obrigação de agradar as rezadeiras porque percebem o esforço e o desgaste realizados por essas mulheres, ou seja, além de cuidarem da casa, dos filhos, elas ainda cuidam das pessoas que buscam por rezas. Em muitos casos, quando os clientes chegam à casa de uma rezadeira, ela está cuidando dos afazeres domésticos. E, nesse momento, interrompe os seus afazeres para atendê-los. Então, de acordo com os clientes, os *presentes* são para recompensá-las pelo desgaste e, ao mesmo tempo, em agradecimento pela boa vontade de rezar.

Outro fator interessante que verifiquei enquanto estava realizando esta pesquisa foi a dedicação e a tenacidade com que estas mulheres realizam suas rezas. Esta situação fica mais evidente quando perguntadas se elas pensam em deixar de rezar.

Olhe, o dom de curar foi uma bênção que Deus me deu. Isso eu digo a todo mundo, porque passei muitos casos assim.... sofrendo, sabe. Mas nunca fui de chamar nome [blasfemar], nunca fui de chegar nas casa dos vizinhos contando a minha situação. Aí, quando foi um dia Deus viu que eu sofria calada , sem chamar nome. Graças a Deus sou muito feliz com a reza que eu rezo (Informação verbal, rezadeira Barica, fevereiro/2006. Grifo do pesquisador).

Na fala das rezadeiras, o aprendizado das rezas foi um presente obtido através de Deus e que, implicitamente, ela terá que retribuir, realizando curas nas pessoas que procurarem por seus serviços. Pois, não se tem o “direito de recusar uma dádiva” (MAUSS, 2003, p. 247). O não ter direito de recusar no contexto da benzeção, significa poder rezar em qualquer criatura, seja homem, animal ou vegetal. “Não meu filho, eu não cobro. Deus me livre, eu não vou vender as palavras de Deus. Rezo e não quero um tostão furado” (Informação verbal, dona Maria de Júlio Ubilino, abril/2006). Quando o recebimento do dom envolvia um problema de saúde, como foi o caso de Barica e de dona Rita de Ramim, esta responsabilidade de rezar sem olhar (e diferenciar) a quem lhe procura e até quando (o tempo que) Deus permitir é seguida à risca, pois, de acordo com dona Rita de Ramim, parar de rezar significa ter de volta tudo de ruim que passou antes de ser “doutrinada”:

Eu era médium de nascença. Aí foi meu pai me levou a um mestre da Bahia que me doutrinou. E ele foi me doutrinando, e foi descobrindo guias. Disse que só de encosto em cima de mim tinha sete caboclos ruins do mato. Então, logo que eu cheguei, comecei a trabalhar e o mestre me ensinou que eu botasse um cacho de rosa branca na mesa e um galho de mato verde. Eu sempre mantenho um copo com água na mesa (Informação verbal, maio/2006).

De acordo com este depoimento, percebe-se claramente a consciência que a rezadeira tem em cumprir os ensinamentos que o dom lhe impôs, caso contrário teme voltar a conviver com os “guias malfeitores” que lhe faziam desmaiar e correr mata adentro. Enfim, “em caso de renúncia ou abandono das dádivas os indivíduos sofrerão as penas cabíveis” (MAUSS, 2003. p. 247).

A obrigação de dar e retribuir, elementos cruciais da dádiva estão nitidamente presentes no processo da benzeção, tanto por parte da rezadeira quanto da clientela. No caso da rezadeira ela não pode provar que possui o dom da reza a não ser realizando gratuitamente suas curas (doar). De acordo com Mauss (2003, p. 243), “um chefe só conserva sua autoridade sobre sua tribo e sua aldeia se provar que é visitado com frequência e favorecido pelos espíritos, e ele não pode provar esse dom a não ser distribuindo”.

“Já a obrigação de retribuir dignamente é imperativa. Perde-se a face para sempre se não houver retribuição” (MAUSS, 2003, p. 250). Embora, no campo da benzeção não se

chegue a tal extremo, a pessoa que usa os serviços se sente na obrigação de presentear a rezadeira, porque da próxima vez que retornar sabe que será bem recebido por ela.

Embora esse retribuir não esteja explicitamente concretizado num pagamento, os clientes sentem-se na obrigação de agradar as rezadeiras em troca da reza. Observei que os clientes ao chegarem às casas das rezadeiras sempre conduziam alguma coisa numa sacola de supermercado. Na verdade, era uma forma encontrada de retribuir pelos serviços oferecidos por elas. Evans-Pritchard (2005, p. 97) observou situação comum entre os Azande quando estes buscavam ajuda dos adivinhos:

Aqueles que desejam consultar os adivinhos trazem pequenos presentes, que colocam diante do homem de cujos poderes oraculares desejam usufruir. Estes presentes podem ser pequenas facas, anéis, piastras, mas consistem mais freqüentemente em pequenas medidas eleusina, feixes de espigas de milho e pratos de batata-doce.

Em se tratando das rezadeiras, os presentes mais comuns eram de gêneros alimentícios, como um quilo de açúcar, um pacote de fubá, um pacote de macarrão, etc. Algumas vezes, presenciei o pagamento sendo feito com dinheiro. Quando a pessoa dava o dinheiro fazia questão de dizer: “Tá aqui dona fulana para você comprar um quilo de carne ou uma fruta que você gosta”. Talvez fazendo esta associação com as necessidades básicas, o caráter do pagamento ficasse em segundo plano, pois, como bem frisou Araújo (2004, p. 245), “os clientes agradam as rezadeiras talvez por causa da saúde restabelecida, em sinal de agradecimento”. Pude observar também que nem sempre as pessoas traziam algum presente no primeiro dia de tratamento. Como a rezadeira sempre orienta a seus clientes a retornar mais de uma vez, de preferência três rezas, da segunda ou última vez estes traziam presente para ela. Como supõe o autor acima, talvez como forma de agradecimento de poder gozar de saúde.

O dom, como bem coloca Rabelo e Mota (2006, p. 16), em seu trabalho sobre as mulheres evangélicas, “também lança a mulher em um novo e ampliado circuito de relações”. Embora as autoras estejam retratando uma realidade de crença religiosa diferente do contexto das rezadeiras, a questão do dom é algo incomum. Neste sentido, observei que através do dom da cura, as rezadeiras conseguem ampliar suas redes de relações na própria comunidade e até fora. No caso de Barica isso fica evidente quando ela diz que hoje se sente feliz quando as pessoas falam com ela na rua, quando chega alguém de posse em sua casa, quando é chamada para ir rezar nas casas das pessoas, ou até em outra cidade.

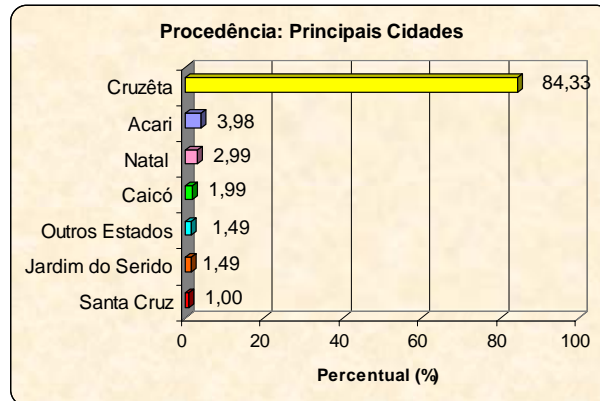


Figura 15 – Gráfico apresentando a Procedência da clientela da rezadeira (dados do pesquisador).

A figura acima permite observar um pouco da procedência da clientela da rezadeira Barica durante o mês de fevereiro de 2006. Veja que em sua maioria, 84,33% das pessoas atendidas são de Cruzeta, em seguida, 3,98% são provenientes de Acari, 2,99% de Natal, 1,99% advindas de Caicó, de outros estados representam 1,49%. Ainda que a clientela esteja maciçamente concentrada em Cruzeta, como era de se esperar, há pessoas de outras localidades que também buscam seus serviços de cura.

Da mesma forma que a atividade da reza desenvolvida por algumas rezadeiras não limita-se apenas em realizar curas em casa. Elas estão dispostas ir aonde o mal esteja desarmonizando, seja na cidade ou no campo. Era comum chegar um moto taxista na casa de Barica, a mando de algum cliente para ela ir rezar.

2.4 INICIANDO O RITUAL: “COM DOIS TE BOTARAM, COM TRÊS JESUS BENZERIA...”

A rotina das rezadeiras começa cedo. Era sete horas da manhã e eu já estava sentado na calçada da casa de Barica. Chegava e ficava embaixo do pé de nin indiano (*Azadirachta indica A Juss*) aguardando a chegada dos primeiros clientes para se rezar. Não demorava muito, começava a chegar gente. “Barica tá?”, perguntavam a mim. Às vezes, eu falava que sim, outras dizia que não sabia. Mas, mesmo assim as pessoas já entravam pela porta do *beco* e falavam: “Barica, vou entrando! Eu vim pra você passar um raminho em mim” E iam até à cozinha onde ela estava fazendo seus afazeres domésticos, geralmente cuidando do almoço dos filhos que trabalhavam nas cerâmicas, e que por volta das dez horas, um motoqueiro

passava recolhendo as marmitas para levá-las até eles. Nesse momento, a rezadeira parava o que estava fazendo e vinha até o “quartinho” rezar o cliente.

O início do ritual de cura conduzido pela rezadeira se inicia quando ela pega o ramo. Para isso, elas cultivam no quintal ou em frente da casa plantas que fornecem este elemento essencial que auxilia na realização da reza. Em seguida, com o cliente já sentado, a rezadeira senta-se frente à frente com ele e dá-se início à conversa ou, fazendo uma analogia com o procedimento entre o médico e o paciente, à consulta. Neste momento, o cliente passa a relatar seus problemas que poderão ser de ordem espiritual, material ou social. De acordo com Duarte (1986), os problemas de ordem espiritual também estão associados às doenças dos nervos, ou ao nervoso. A rezadeira Barica costumeiramente denominava de *nervoso* ou, de modo similar o *estresse*, a *depressão* ou o *problema da cabeça*. O que se caracterizaria como problemas materiais eram as doenças que afetariam diretamente o corpo físico, como por exemplo, dores de dente, dores de cabeça, crises renais etc. E por último, as doenças sociais, que seriam aqueles desequilíbrios que afetam o cotidiano das pessoas, como falta de emprego, desavenças familiares, gravidez na adolescência, entre outras. Após este longo diálogo, a rezadeira faz o sinal da cruz e continua o ritual da reza, agora pronunciando a oração e fazendo gestos em formas de cruz, com a mão direita, por todo o corpo do cliente.

Um aspecto crucial que baliza os gestos sagrados durante o ritual da reza é a utilização da mão direita. Na verdade há uma construção simbólica em torno desta parte do corpo que a institui de poderes extraordinários. Ou seja, é com a mão direita que se pede a bênção, que se faz o sinal da cruz, entre outros gestos sagrados⁹⁰. Sobre dualismo da mão direita e da mão esquerda, Hertz (1980, 100) acrescenta que “a tradição religiosa impregnou de superioridade a mão direita com discurso sobrenatural”. Esta distinção é também reproduzida pelas rezadeiras durante a benzeção. Algumas chegam a ficar em pé na frente do cliente com a mão esquerda apoiada nos quadris. Nestes casos, como observa o autor, a mão esquerda é apenas um membro coadjuvante.

De acordo com a rezadeira Barica, o ritual da reza, ao contrário, do que muitos imaginam não é tarefa fácil. É preciso ter muita sabedoria e *puxar pela mente* para entender o que as pessoas sentem, e mais, saber dar uma orientação correta.

É o seguinte, se eu fosse rezar uma pessoa só passando um ramo pra lá e pra cá, tudo bem, eu rezava até mil pessoas por dia. O caso é que você inicia a reza e

⁹⁰ Lembro-me quando criança, por ser “canhoto”, eu nunca sabia ao certo quais das mãos pedir a bênção aos avós, aos padrinhos etc. Geralmente pedia com a mão esquerda, aí vinha aquela resposta: “com esta mão não, com a outra” (direita).

começa a estranhar que não tá dando certo. Eu vou e abro a oração... a oração quando você abre é como se fosse abrindo uma mala. Aí, você ver tudo que tá acontecendo com aquela pessoa. É uma coisa que já vem na mente, você trabalha com a mente. Quando chega em cima, já percebe erro. Ali você já compreende o que tá dando certo e o que tá dando errado. Você vai catando nas carnes, o corpo daquela pessoa todinho, como se fosse catando feijão. Ali você conhece que a pessoa não tá bem. Quando eu vejo que a reza é pra mim eu continuo, mas quando vejo que não é pra mim, eu fecho a oração e mando procura outra pessoa lá de fora. (Informação verbal, fevereiro/2006)

O status que as rezadeiras possuem na comunidade é fomentado por “uma tradição que é, ao mesmo tempo, exotérica e esotérica” (BALANDIER, 1997, p. 94), ou seja, a primeira seria o conhecimento acessível a todos, enquanto a segunda, é o saber hermético e oculto, compreensível apenas pelas agentes de cura. Segundo este autor, esta forma de pensar a realidade na sua totalidade coletiva, propicia às rezadeiras, ser “detentoras de poderes que lhe permitem comandar as forças, agir sobre o mundo, as coisas, os seres vivos, os homens” (1997, p. 112). Isso, porque essas mulheres pertencem a um corpo de especialistas que são escolhidas, a partir de um processo de iniciação, conferindo-as, portanto um poder que as diferencia das demais pessoas existentes na comunidade.

O diálogo que antecede a reza, entre o cliente e a rezadeira é fundamental para o sucesso da cura. Segundo Oliveira (1985b), na benzeção a atitude da rezadeira é democrática por dois motivos: primeiro, porque ela oferece um espaço para o cliente colocar o seu problema da forma como ele sabe e julga adequado; segundo, porque a rezadeira não desapropria o cliente das suas sensações e sintomas e, por último, porque ela lhe indica várias alternativas viáveis para a resolução dos problemas. É ressaltada ainda a experiência do calor humano e do saber ouvir entre o paciente e a rezadeira, ou seja, a benzeção é veiculada por meio de um profundo respeito pela vida, de uma forte valorização da solidariedade e pela proximidade nas longas e calorosas conversas. Resumindo, Oliveira (1985b, p. 49), vai dizer:

As benzeções são respostas a problemas e ansiedades concretas, pessoais, familiares ou de terceiros. Problemas que se situam em três níveis: 1) num que exprime a relação das pessoas com o seu próprio organismo (a maior parte das doenças); 2) num que exprime a relação das pessoas entre si mesmas (conflitos profissionais, afetivos, conjugais); 3) num que exprime a relação das pessoas com os deuses (os casos de demanda, loucura).

Durante o ritual, alguns clientes estendem os braços apoiando-os sobre as coxas, com as palmas das mãos para cima. A idéia é permitir que flua uma interação entre a rezadeira e a pessoa. Como dizem as rezadeira “faz mal” cruzar as pernas ou braços durante a reza, esses

gestos fazem com que o efeito da reza seja neutralizado. Dona Hosana falou que era a mesma coisa que torcer contra quando cruzamos os dedos.



Figura 16 - Cliente com as palmas das mãos para cima durante o ritual de cura

Esta passagem do ritual da reza possibilita fazer um aporte teórico, entre a prática e a teoria, como a análise que Rabelo e Mota (2006, p. 8) fazem a respeito das práticas corporais entre as mulheres evangélicas da Igreja Pentecostal Deus é Amor.

Enquanto técnica corporal, orar requer o posicionamento correto do corpo. Envolve a prática habitual e repetida de um conjunto de gestos e posturas... Posicionar-se para a oração é cultivar não apenas a capacidade de pôr à distância as preocupações cotidianas, e as habilidades de afastá-las.

Para uma melhor compreensão da analogia acima, se faz necessário diferenciar os termos orar, usado pelos evangélicos, e o rezar, difundido pelas rezadeiras e seus clientes. Em síntese, “orar requer um esforço para afastar o pensamento das inquietações além de ser uma habilidade que precisa ser aprendida” (RABELO & MOTA, 2006, p. 8). Esta atividade sagrada, tanto pode ser realizada em conjunto, quanto individualmente. Por seu turno, o ato de rezar desloca o comando ou a condução das rezas a uma determinada pessoa, no caso aqui, a rezadeira. Durante as pesquisa de campo, ouvi com frequência os clientes dizerem: “rezadeira fulana, eu vim para a senhora me rezar”, ou, então, “a rezadeira tal já me rezou e não serviu”. Embora haja semelhanças no tocante ao ritual de cura entre as rezadeiras de Cruzeta, percebi no ritual da rezadeira Barica, algumas peculiaridades: a reza audível e o envolvimento que promove no cliente durante este ato. Esta questão me fez pensar sobre o que disse Mauss (2003, p. 60) a respeito dos ritos mágicos, embora algumas rezadeiras realizem seus rituais publicamente e explícitos.

Mesmo quando é obrigado a agir diante do público, o mágico busca evadir-se, seu gosto se faz furtivo, sua fala indistinta, o médico-feiticeiro, o curandeiro que trabalha diante da família reunida, murmura entredentes suas fórmulas, dissimula seus passes e envolve-se em êxtases fingidos ou reais.

Ainda que entre as rezadeiras houvesse aquelas que se encaixam neste perfil elaborado pelo autor acima, muitas delas não realizam seus rituais sob a égide do segredo e às escuras. Dentre as rezadeiras com quem mantive contato, as que mais se reservaram em revelar as informações relativas ao ritual foram dona Hosana e Marina. A reza de dona Hosana é “entredentes”, como disse Mauss (2003), já a rezadeira Marina também se recusou a rezar para eu ouvir, dizendo que ela mesma aprendeu as orações e, por isso, não podia rezar para outras pessoas ouvirem. Essa questão que envolve a recusa de falar as rezas de forma audível remete mais vezes ao que foi discutido no capítulo anterior a respeito do controle desse conhecimento e do aprendizado das rezas.

No caso do ritual praticado por Barica, há uma forma de envolver o cliente, de convidá-lo a estar presente e, mais, de induzi-lo a participar ativamente do processo ritualístico que trará de volta o equilíbrio seja corporal, espiritual ou social. Na realidade, “é na ação que homens e mulheres de carne e osso buscam transformar interesses ideais em realizações concretas” (PEIRANO, 2003, p. 47). Vejamos um trecho da reza realizada por esta rezadeira, onde fica visível a citação das partes afetadas do corpo, ao mesmo tempo em que se faz súplicas aos santos para ajudar no restabelecimento daquele mal. Um fato interessante também observado no discurso é que ela sempre diz que para cada pessoa é uma reza diferente. Essa afirmação só foi possível devido ao diálogo no início do ritual, pois é a partir deste primeiro contato que a rezadeira consegue “personalizar a reza”. Durante o momento da reza, será criado um discurso, cujo propósito é tentar reverter ou equilibrar a situação caótica vigente. Daí, se perceber a preocupação com a neutralização do mal através das palavras sagradas: “Com dois te botava, com três Jesus benzeria...”

Em nome do pai, do filho e do espírito santo. Amém. Fulano, Deus te fez, deus te criou. Jesus por fulano passou. Benze o corpo de fulano de tanto olhado, quebrante, inveja. Fulano, se você está doente, é de dor no corpo, é de sofrimento, é estresse, é doença, é olho, quebrante, é inveja e nervoso. Com dois te botaram, com três Jesus benzeria com s palavras de Deus pai e o Espírito Santo e a Virgem Maria. Fulano, se tu tiver olhado nos seus cabelos, se botar no seu tamanho, se botar no seu corpo, se botar no seu cor, se botar na sua pele, se botar na sua carne, se botar no teu sangue, se botar na sua magreza, na sua gordura, boniteza, na sua feiura, no seu trabalho, na sua preguiça, na sua riqueza, na sua pobreza, na sua inveja e no seu olhado, na sua sabedoria, na sua alegria, na sua doença, na sua tristeza; Se botarem no seu dormir, no seu acordar, nos seus olhos, no seu nariz, na sua boca, na sua comida, na sua obra e no seu andar, no teu tamanho, na tua cor e na tua disposição do seu trabalho. Com dois te botava, com três Jesus benzeria com as palavras de

Deus pai, espírito Santo e Virgem Maria. Ajuda santa mãe de Deus a esse jovem melhorar. Ele está com estresse e depressão e doença. É olho quebrante, é inveja e imaginação. Ele é muito bonito, e as pessoas botam muito os olhos em cima do trabalho dele [...] (Informação verbal, fevereiro/2006).

Pelo que pude perceber e comprovar, faz sentido quando a rezadeira afirma que para cada cliente há uma reza diferente, embora alguns trechos sejam comuns aos rituais de cura realizados por todas as rezadeiras como a passagem “Em nome do pai, do filho e do espírito santo, Amém”, ao iniciar a reza, e a referência ao *olhado* como a origem do problema quando recita a frase “Com dois te botaram, com três Jesus benzeria com s palavras de Deus pai e o Espírito Santo e a Virgem Maria”. No entanto, “as formas verbais e sua seqüência têm duas dimensões: uma que inclui a interação do homem com os deuses e, por outro lado, sugerem que pacientes e participantes experienciem a passagem da doença para a promoção da cura” (TAMBIAH, 1985, p. 178). Esta idéia sintetiza bem o fato desta rezadeira usar em seus rituais palavras audíveis, induzindo ou convidando o cliente a participar e, conseqüentemente, entender seus problemas a partir de um sistema de representações simbólicas que são facilmente assimilados.

Como bem chamou atenção Tambiah (1985, p. 175), “a palavra é uma ação”. Ação esta que envolve não apenas as palavras, mas gestos, súplicas aos santos e interação corporal. Assim durante o ritual para curar de *espinhela caída* a rezadeira levanta os braços do cliente para cima com intuito de “levantar” o que havia caído. Isso se explica porque “os rituais exploram um número de formas verbais que nós associamos com orações, músicas, soletração, discursos, bênçãos” (TAMBIAH, p. 176).

Ainda sobre a substancialidade da palavra no ritual, Tambiah (1985) faz uma diferença entre a oração e a soletração, de modo que é também pertinente pensar a prática da reza. “A soletração deve ser dita para retirar uma doença e é uma invocação audível e uma súplica, enquanto a oração é feita a uma alma acompanhada de um sacrifício” (TAMBIAH, 1985, p. 178). Embora sejam definidas separadamente, a priori elas comungam entre si no ritual de cura da benzeção. Ora, ao mesmo tempo que a rezadeira junta esforços para restabelecer o equilíbrio material e espiritual a uma determinada pessoas, ou seja, a cura; ela também está realizando um sacrifício, que são as súplicas aos santos.

Na prática da reza, dependendo do tipo de doença que o cliente se queixe, a rezadeira faz uso de rituais de cura diferentes. Cito, com exemplo, o ritual para curar a *espinhela caída* e para melhor retratá-lo capturei algumas imagens seqüenciais que mostram o envolvimento corporal realizado pela rezadeira. Na verdade, a *espinhela caída*, de acordo com Souza (1999,

p. 132) é o nome vulgar do apêndice xifóide, uma cartilagem localizada na porção terminal do osso externo (osso dianteiro do peito, que se articula com as costelas). Tanto as rezadeiras como os clientes atribuem sua origem ao excesso de peso, ou seja, a pessoa que está com as *arcas ou espinhela caída* foi porque pegou em peso além do normal. Segundo as rezadeiras é comum a mulher que tem “filhos de braço” ficar com a espinhela caída, pois o hábito de conduzi-los nos braços a faz ficar doente. Os sintomas mais frequentes são dores na “boca do estômago”, cansaços nos braços e nas pernas. Alguns clientes quando eu perguntava o que sentiam, eles simplesmente falavam que sentiam um “acabamento” na altura do estômago com uma “gastura”⁹¹. Embora, eu tenha percebido que a maioria dos clientes que chegava à casa da rezadeira se queixando deste mal era mulher, os homens também ficam com as arcas caídas, porém recebe outra denominação, *peito aberto*.

Como a rezadeira sabe que o cliente está ou não com as *arcas caídas*? Primeiramente, ouve o cliente, se os sintomas coincidirem com o que a ela acredita ser provocado pela queda das *arcas*. Então, ela faz uso de um cordão. Em seguida, pede para a pessoa esticar o braço e mede do dedo mínimo ao cotovelo (1). Feito isso, dobra-se o tamanho do cordão e enlaça o cliente na altura dos peitos (2). Se caso ficar alguma folga, está comprovada a existência da *arca caída*. Caso tenha dado positivo após a “técnica do cordão”, a rezadeira continua o ritual de cura, agora fazendo uso do ramo verde, dos gestos e dos movimentos corporais (3) e (4). Após terminar a reza, repete-se o procedimento com o cordão, se a folga desaparecer é sinal que a *arca caída* levantou (5).



Figura 17 - (1) Ritual para verificar se a cliente está com as *arcas caída* (antes).

⁹¹ De acordo com o Dicionário Aurélio, este termo significa fraqueza e mal-estar.



Figura 18 - (2) A folga é o sinal que a cliente estava com as *arcas caída* (antes).



Figura 19 - (3) Após a verificação, prossegue-se o ritual agora com auxílio do ramo verde.



Figura 20 - (4) Durante o ritual, além de rezar, a rezadeira Barica levantava os braços da cliente.



Figura 21 - (5) Final do ritual – após nova verificação, a *espinhela* havia voltado para o lugar.

O que havia de incomum nas práticas das rezadeiras que curavam esse mal, era o uso da técnica de verificação e a interação corporal, ou seja, ficar passando as mãos embaixo dos braços e dos peitos do doente. Assim, além dessa interação junto ao cliente, a rezadeira tia Romana fala as seguintes palavras: “Deus quando andou no mundo três coisas curou, arca, espinhela e vento caído levantou. Vem arca para o seu lugar” (informação verbal). Contudo, Barica além de fazer uso destas, também usava o raminho verde para dar prosseguimento ao ritual. Na opinião de Pereira e Gomes (1989, p. 30), para a eficácia da benzeção, além das palavras recitadas, ocorre a presença de elementos da Natureza, participantes de propriedades relativas ao domínio do mal, tais com a água, o fogo, o ar, a terra e a vegetação.

Em nossa cultura, aprende-se desde cedo que a cor verde representa a esperança, acredita-se que dias melhores virão, que seremos curados de algum mal, etc. Na prática da benzeção, quando alguém busca ajuda de uma rezadeira para curá-la de um mal qualquer é porque acredita ter esperança que irá obter a esperada cura. Então, o ramo verde, peça chave neste ritual está simbolizando a esperança que o cliente tem de ficar curado. Sendo assim, Pereira e Gomes (1989, p. 35) além de atribuir o caráter da esperança ao ramo também mostram a relação íntima deste com a tradição cristã.

É comum que o benzedor agite no ar o ramo utilizado no processo ritual, num gesto de triunfo sobre o mal. Faz parte da tradição cristã – e também da oriental – a representação simbólica do ramo verde como índice de vitória. Não se trata de vitória externa, já que a própria festa do Domingo de Ramos, no cristianismo, foi a antecipação da morte vergonhosa de Cristo na cruz. Mas o verde representa a imortalidade, pela afirmação da vida eterna: uma decisiva vitória íntima, espiritual.

Esta frase *agite no ar o ramo* me fez lembrar de algo que aconteceu quando estava visitando a rezadeira dona Santa. Era fim de tarde e conversávamos sobre vários assuntos, quando chegou uma cliente dela com a criança doente. Perguntei qual era o problema e a mãe da criança falou que era dengue e que já tinha levado ao médico. Esta já era a segunda vez [retorno] que esta criança estava sendo curada. Então, dona Santa mandou a mãe sentar-se e colocar a criança no colo e foi fora da casa, ao quintal, buscar três ramos de uma planta de folhas verdes escuras, conhecida por *maravilha*.⁹²

⁹² Com as flores desta planta, segundo dona Santa, Jesus tomou o seu primeiro banho.



Figura 22 - Dona Santa repetia as rezas três vezes e para cada uma ela usava um novo ramo.

Ao retornar, sentou-se numa cadeira de balanço em frente à mãe que estava com a filha no colo e se benzeu em cruz, dizendo em voz alta as seguintes palavras: “Pelo sinal [ela fazia um gesto em cruz na testa], da santa cruz [outra na boca], livrai-nos Deus nosso senhor dos nossos inimigos [um terceiro gesto em forma de cruz no tórax]. Em nome do pai, do filho e do espírito santo. Amém!” (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador). Em seguida, segurou um dos ramos com a mão direita e os outros dois segurou com a esquerda. Com a mão direita iniciou os movimentos em cruz, dizendo as seguintes palavras:

Noosso senhor quando no mundo vois andava, todo mal vois curava. Curai fulano [diz o nome do cliente] com o vosso divino amor. Fulano [repete o nome do cliente], com o poder de Deus filho, com o poder de Deus espírito santo, será curado. Retirai essa doença para as ondas do mar sagrado. Força de dentição, quebranto, olhado, inveja, ambição, mau desejo e má vontade. Vá procurar lugar nas ondas do mar sagrado, lá onde não mora ninguém. Não vem mais nunca cá. Eu confio em Jesus do céu, serás curada (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).⁹³

Após o término de cada reza, a rezadeira ainda rezou um Pai-nosso, uma Ave-maria, e um Glória ao pai. À medida que repetia a reza, um novo ramo era utilizado. Daí, o uso de um ramo de cada vez. Só após a última repetição é que a rezadeira ficou de pé e rezou a Salve-rainha. Em seguida fez oferecimento da reza dizendo:

Ofereço essas três orações, meu senhor Jesus, com essas três Ave-marias, esses três glórias ao pai e essa salve-rainha, que agora rezei na intenção de vois para curar fulana [diz o nome da pessoa]. Toda doença que está perseguindo ela, retirai para as ondas do mar sagrado. O divino espírito santo, o menino Jesus, a virgem mãe de Deus, o sagrado coração de Jesus, os anjos e os santos da minha devoção: são Severino do Ramo, nossa senhora das Dores, roguem a Jesus para curar fulana e

⁹³ A referência que a rezadeira faz ao “mar sagrado”, na verdade acredito que ela estava se referindo ao Mar Morto.

retirar essa doença para as ondas do mar sagrado. Amém (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

Ainda sobre o uso do ramo verde na reza, fiquei surpreso com a resposta que dona Santa forneceu-me quando perguntei porque os ramos murchavam ao término da reza. “O significado de ficar murcho é porque a gente balança e ele murcha”. E foi mais além, “esse galho de ramo não cura ninguém, é só pra fazer a cruz. Meu filho, ramo nenhum atrai doença. Eu uso o ramo porque o povo só tem fé em galho de ramo” (Informação verbal, junho/2006). Quando pensei em fazer essa pergunta imaginava de antemão que ela iria formular uma resposta cheia de significados místicos, por exemplo, o ramo murchava porque absorvia o mal que estava na pessoa. Mas depois analisando esta resposta à luz da teoria, lembrei do que o Clifford Geertz (1989, p. 41) falou:

A vocação essencial da antropologia interpretativa não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição respostas que outros deram – apresentando outros carneiros em outros vales – e assim incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem falou.

Atentando para as palavras de Geertz, procurei buscar as respostas não em mim, mas nos discursos explicitados pela rezadeira. Se o ramo é algo coadjuvante no ritual da reza, por que o tabu de não rezar com ramos de plantas de espinhos, tipo jurema, algaroba e velame? Na verdade, como já abordei no início, plantas que possuem espinhos em seus arbustos não servem para rezar. E, se o ramo não auxilia na reza, por que dona Santa antes de colhê-lo pede autorização: “Quando eu vou rezar, eu tenho que pedir a Jesus... Jesus eu vou pegar esse ramo e peço para ti curar fulano”. (Informação verbal, junho/2006).

Embora o uso do ramo e a reza sejam as técnicas rituais de cura que mais se evidenciam, outros meios também foram observados, como a confecção de chás e lambedores. Uma vez cheguei à casa de Joanhina e a encontrei juntamente com seus pais com uma gripe muito forte. Ela falou que já tinha gasto cinquenta reais com “remédios de farmácia” e não tinha visto resultados. Então, havia feito um lambedor com vários tipos de ervas, raízes e cascas de árvores, entre elas *casca de angico*, *cominho do mato*, *batata de purga*, *folhas de babosa* (Aloe Vera) e *casca de canela*. Ela trouxe uma colher, inclusive, para que eu experimentasse. Estava engarrafado em uma recipiente de refrigerante e parecia um mel bem consistente. O sabor era meio amargo e adstringente, porém camuflado pelo perfume da canela se tornava saboroso e palatável.

No caso de dona Maria Pedro, além de rezar para *vento-caído* em criança⁹⁴, disse receitar um chá para as pessoas que se queixavam de dores de cabeça fortes (enxaqueca). Antes de revelar a origem de tal remédio, a rezadeira me fez guardar segredo alegando o seguinte motivo: “você não diga a ninguém porque se disser... a pessoa que vier tomar o chá sabendo do que é feito não melhora” (Informação verbal, abril/2006). Como bem afirmou Mauss (2003, p. 63), o segredo faz parte da natureza do rito mágico. De modo que neste ritual para curar dores fortes de cabeça, a rezadeira faz questão de manter em segredo a procedência do remédio. No início, quando comecei a conversar, ela falou-me do “antídoto” ao qual imaginei que fosse advindo de algum tipo de excremento (fezes secas ou coisa parecida)⁹⁵. Na verdade, o cliente nunca poderá saber da procedência do remédio que tomou, “porque quando der outra crise é para matar”, enfatizou dona Maria Pedro. A matéria-prima da qual a rezadeira se utilizava para fazer esse remédio era proveniente de um adorno usado pelos homens e que “quanto mais sujo e suado, melhor”, enfatizou a rezadeira. O curioso foi que ela falava o procedimento insinuando que eu aprendesse.

Quando você vir uma pessoa chorando com dor de cabeça... você bote a água no fogo e rasgue um pedacinho [ingrediente principal] e deixe ferver até dar um xicara. Aí, você dá para a pessoa beber. Então, você amarra a cabeça dela e deita um pouquinho. A enxaqueca vai embora. Já curei muitas aqui em Cruzeta (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Além da questão do segredo, outro fato chamou-me atenção. Este remédio não servia para homens, apenas para mulheres. Talvez pelo fato do antídoto ter sido usado e conter no objeto substâncias produzidas pelo corpo do homem. Mas, outra restrição também foi observada no ritual das rezadeiras, sobretudo no que diz respeito ao aprendizado das *rezas fortes*. De acordo com as rezadeiras algumas rezas só podem ser repassadas ou aprendidas entre sexos opostos. Por exemplo, uma mulher só pode ensinar ao homem e vice-versa. Lembro que minha avó ao ensinar-me a reza para “tomar sangue de palavra”, disse que só era possível porque eu era homem. Caso esta regra seja quebrada, a força da reza de quem ensinou, passaria para àquela que aprendeu.

⁹⁴ Esta rezadeira reza apenas para cura de vento-caído e enxaqueca. Como dona Maria Pedro pediu-me segredo quanto a matéria-prima da confecção do chá, achei prudente não revelar no texto.

⁹⁵ Antigamente era comum quando as crianças estavam com sarampo receitarem para um chá chamado “flor de toco”, ou seja, fezes de cachorro secas. A origem *flor de toco* é porque os cachorros costumam fazer suas necessidades sobre pequenos troncos de árvores cortadas.

2.5 ASPECTOS CORPORAIS: O ATO DE BOCEJAR, SALIVAR E OS ARREPIOS COMO PROVA DO MALEFÍCIO.

Durante as observações que realizei com as rezadeiras, principalmente no momento do ritual de cura. Alguns fatos me chamaram atenção, como por exemplo, as reações tanto no corpo das rezadeiras quanto nos corpos dos clientes. Antes de decidir seguir pela via fenomenológica não saberia como abordar estas situações que são tão subjetivas e sutis ao mesmo tempo. Irei descrever apenas o que eu consegui identificar nos semblantes, nos gestos e nas reações corporais dos atores envolvidos no momento que acontecia a reza.

Ficar atento ao ato de bocejar tem um significado crucial no ritual de cura para neutralizar o *olhado*. Pois é este gesto tão simples e “natural” na vida do ser humano que revela também se o olhado foi botado por uma mulher ou se botado por um homem. Além do bocejar como sinal que é difundido entre as rezadeiras para saber a origem do malefício, pude perceber outras reações, desta vez nos corpos dos clientes e no meu próprio corpo. Enquanto ficava atento observando a rezadeira rezar as pessoas, percebi que algumas pessoas durante o ritual começavam a se espreguiçar e a bocejar de forma tão profunda que os olhos lacrimejavam. O mais interessante era que estes clientes quando chegavam, aparentemente, não estavam cansados. Geralmente, as pessoas começam a bocejar quando estão sonolentas e cansadas. Não era essa a situação. Em alguns casos, percebi que a rezadeira Barica bocejava com tanta espontaneidade que os olhos ficavam cheios de lágrimas. Após ela rezar dizia que o *olhado* era muito forte e não sabia como aquela criatura estava viva, de tanto *olhado* que havia sobre ela. Era comum dizer que o cliente estava muito *carregado*. Também presenciei casos em que ela teve “arrepios”. Neste dia estávamos no “quartinho”, então chegou uma cliente que morava em Jucurutu/RN, mas que estava em Cruzeta na casa de uma parenta. Ela estava com um câncer na garganta e, segundo ela, por ter muita fé na reza de Barica, acreditava que não seria necessário fazer cirurgia. Quando chegou a sua vez, eu saí do *quartinho* para tomar um pouco de ar, pois fazia muito calor. De repente, Barica saiu assustada dizendo que havia passado um *vulto branco* entre ela e a cliente, e que lhe havia deixado toda *arrepitada*. Então, a rezadeira trouxe um vidro de colônia de alfazema⁹⁶ e passou em seus braços e nos braços da cliente. De acordo com Barica, se eu estivesse no interior do “quartinho” também teria sentido a mesma sensação de arrepio.

⁹⁶ A alfazema é usada como defumador para afastar os maus espíritos.

No caso de Joaninha, quando a pessoa estava com muito *olhado*, ela não demonstrava com o ato de bocejar e sim com excesso de saliva na boca. Segundo descreveu, se a pessoa estivesse com muito *olhado*, ela ficava com a *boca cheia d'água*. Aliás, falou também que não reza com ramos de pinhão roxo porque quando começa a rezar sente o gosto de *seu leite* (seiva amarga e adstringente) na boca.

Como se percebe, o corpo no ritual de cura é um elemento essencial, pois tanto manifesta os sintomas dos clientes, como ajuda as rezadeiras a encontrar um melhor diagnóstico. No caso da rezadeira Barica, ao iniciar o ritual de cura, ela “puxa para si” o que a pessoa disse estar sentindo, e a partir deste momento sabe interpretar o problema com maior exatidão, já que pode “sentir” em seu próprio corpo o mal que atinge a pessoa:

Você pra rezar tem que puxar muito pela mente, não é chegar meter o pau a rezar e pronto. Você tem que saber o que é e o que não é. Quando eu abro a reza eu vejo tudo que você tem, é como um livro na minha vista (Informação verbal, fevereiro/2006).

Este poder de “ver” as coisas que estão acontecendo ou irão acontecer com os clientes que a procuram a rezadeira talvez seja uma das qualidades que a faz ser tão procurada pelas pessoas da comunidade e até de outras cidades vizinhas. Era comum alguém chegar para ser rezado e falar da seguinte forma: “Barica eu vim aqui para você ‘ver’ se vai dar certo eu realizar tal viagem, tal negócio, tal cirurgia etc”. Então, fica explícito a partir deste caso a predisposição à vidência que as pessoas atribuem à esta rezadeira. Segundo ela, há períodos, porém, que consegue “ver” as coisas e outros não. Perguntei se ela nunca tinha observado que influências externas poderiam está afetando esta percepção. Como resposta ela falou que isso acontece quando ela está doente ou muito estressada.

Outro episódio curioso, envolvendo a crença na reza, aconteceu recentemente, quando eu estava realizando a pesquisa com os clientes da rezadeira Barica. Tudo começou quando uma determinada cliente chegou à casa da rezadeira. No momento, a rezadeira encontrava-se fazendo alguma atividade doméstica na cozinha. Então, apresentei-me e comecei a conversar com esta cliente, perguntei onde ela morava, há quanto tempo conhecia a rezadeira etc. Ela por sua vez, já foi afirmando que eu não morava em Cruzeta, porque nunca tinha me visto. Nesse instante, a rezadeira entrou e disse: “ele é daqui, mas faz muito tempo que mora em Natal. É o filho mais velho de Maria Letícia e está fazendo uma pesquisa sobre a minha reza” (Informação verbal, fevereiro/2006). Quando Barica terminou de pronunciar essas palavras, a cliente foi logo indagando: “Você é filho de dona Maria Letícia? Meu Deus, ela só tem filhos

bonitos. Como você é bonito, tem a pele tão branquinha, os dentes brancos, o cabelo muito bem cortado”. Continuou com adjetivos que não tinham fim e, só parou, porque rezadeira a chamou para iniciar a reza.

Após esses elogios e admirações, não sei como explicar, mas a verdade é que fui, instantaneamente, acometido por uma *lerdeza* no corpo. Um sono repentino abateu-se sobre mim, além de uma sensação de estar carregando um peso sobre as costas. Sentia a sensação de estar cansado. O ritual acabou e, esta pessoa não parava de se admirar da minha pessoa. Quando ela saiu, a rezadeira olhou pra mim e disse: “Francimário, se nunca alguém te botou *olhado*, dessa vez, você não escapa!” (Informação verbal, fevereiro/2006). Foi, então, que ela *passou um raminho* em mim. Durante o ritual, a rezadeira abriu a boca, várias vezes, e os olhos lacrimejaram. Estes sinais, compartilhados pelas rezadeiras, comprovam que a pessoa estava com *olhado*. Assim, como destaca Rabelo e Mota (2006), apoiando-se em Michel Foucault, em seus estudos sobre “A experiência religiosa e a construção do corpo feminino no pentecostalismo”, a entrega ao sagrado neste tipo de culto envolve uma relação de muita proximidade do corpo e sua disciplina, já na prática da reza os corpos das rezadeiras e dos clientes são também fundamentais para o diagnóstico dos males. Logo que Barica iniciou a reza eu comecei a espreguiçar-me, era como se algo, quisesse sair de dentro de mim. Sentia o meu corpo todo doído. Parecia que tinha feito exercícios físicos no dia anterior. E, o mais surpreendente, quando a rezadeira acabou de rezar eu já me sentia bem melhor, com outro ânimo. De acordo com ela, a *admiração* da mulher sobre mim foi o que me fez adoecer. E, se eu não tivesse sido rezado, teria ficado adoentado, de cama, acrescentou a rezadeira, pois, os sintomas começam com desânimo no corpo, sonolência e vão se agravando com febre, vômito e fraqueza.

Esta experiência foi interessante porque me fez refletir sobre algo que só ouvia nas falas dos clientes. Eu nunca tinha passado por esta vivência antes. Minha mãe falou que quando eu era criança, ninguém nunca me botou *olhado*. Esta foi a primeira vez, que pude sentir os sintomas. Avalio positivamente isso que aconteceu, pois como bem enfatizou Favret-Saada (1980) aquele que não tem sido “pego” pela feitiçaria [*olhado*] não pode falar a respeito. Portanto, de acordo com opinião da autora, para que o pesquisador possa apreender o verdadeiro significado da feitiçaria é necessário que ele vivencie os sintomas desta, no meu caso, vivenciei os sintomas do *olhado*. Esta experiência contribui para germinar um amadurecimento enquanto pesquisador, sobretudo por proporcionar o exercício de uma análise reflexiva.

2.6 O RITUAL EM DOMICÍLIO

Neste tópico abordo as experiências que vivenciei quando acompanhei a rezadeira Barica em três rituais fora de sua casa. O primeiro foi realizado na cidade de Acari, o segundo, em uma recém operada, em Cruzeta. Geralmente, este tipo de ritual é solicitado na impossibilidade do cliente se deslocar até à residência da rezadeira. Em alguns casos essa “reza em domicílio” acontece quando o cliente está doente, no entanto, pode acontecer da rezadeira ser solicitada para benzer a casa do cliente.

2.6.1 A reza como prevenção dos males

A reza ou benzeção como ritual de cura tanto pode acontecer na residência da rezadeira ou não na casa do cliente. Neste sentido, diferencia-se de muitos rituais de cura, como por exemplo, do candomblé ou da umbanda que o pai-de-santo possui um local específico para realizar o ritual. Rituais estes, cuja “cerimônia mágica não se faz em qualquer lugar, mas em lugares qualificados” (MAUSS, 2003, p. 83). Embora exista um local onde as rezadeiras curam as pessoas que é a sua própria residência, no entanto elas podem rezar em outros locais. Algumas rezadeiras, como dona Santa e Barica, disseram curar as pessoas nas ruas, embaixo de árvores, nas casas dos clientes quando estes estão impossibilitados de ir até elas, nos sítios para rezar animais e plantações, e também no hospital. Realmente, isso ocorreu com frequência durante o período da pesquisa. Eu tive a oportunidade de acompanhar a rezadeira Barica em curas domiciliares, tanto na cidade de Cruzeta como na cidade vizinha de Acari. A realização deste tipo de serviço prestado pela rezadeira é mais uma maneira que ela encontra para ampliar as estratégias de curas, já que reza na presença do cliente, através de peças de vestuários, apenas através do nome ou endereço da pessoa que deseja reza, através da fotografia, em animais, em objetos (casas, carros), e em domicílio.

Observei que a rezadeira faz a seguinte distinção quando se trata da realização do ritual. Há uma reza que, como ela afirma, serve para tudo, para livrar a pessoa, a família, a casa, o estabelecimento comercial da inveja, do *olhado*, e conseqüentemente, para trazer prosperidade, tranqüilidade e harmonia, enfim prevenir contra as coisas ruins. E há um outro ritual, mais específico, que trata da cura das doenças do corpo. É muito comum aos clientes

que realizam um procedimento médico como, por exemplo, uma cirurgia, buscar ajuda da rezadeira antes e depois da operação. Sobre esse caso, abordarei com detalhes logo em seguida.

No dia 02 de fevereiro de 2006, acompanhei a rezadeira Barica que foi rezar um cliente em Acari, que ficava numa distância de dez quilômetros. Saímos de Cruzeta por volta das duas da tarde. Ela, o marido e o neto foram em uma moto e eu, em outra, guiada pelo moto-taxista. Neste dia, fazia um sol muito forte. A pista parecia tremer de tanto calor. Quando a rezadeira me convidou a acompanhá-la, alertou para o seguinte fato: “talvez a dona da casa não receba você bem porque ela é muito *cismada*. Tudo ela *entoa* na cabeça, ela tem problema de depressão” (Informação verbal, fevereiro/2006. Grifo do pesquisador). Ao chegarmos Barica me apresentou-me aos donos da casa, por sinal muito simpáticos, e falou que eu estava realizando uma pesquisa da “universidade” com as rezadeiras de Cruzeta e, que tinha me chamado para vê-la rezando fora de casa. Pelo aspecto da casa, percebi que a família vivia economicamente bem. Em seguida, fiquei sabendo que eles eram donos de um supermercado na cidade. Barica chegou a benzer a loja. Assim, como acontecia em sua casa, quando o cliente queria ter uma conversa em particular com ela, eu os deixava a sós⁹⁷. Sendo que depois ela falava o problema para mim. Nos casos em que eu não recebia permissão, a conversa sempre girava em torno de assuntos pessoais: relacionamentos entre marido e mulher, problemas envolvendo namorados etc., assuntos que envolviam uma relação de segredo e confiança de muitos anos entre a rezadeira e pessoa. Em alguns casos, quando o cliente saía, Barica dizia assim para mim: “era homem na jogada!” Não era o caso do problema deste casal.

Permaneci na sala, enquanto eles conduziram Barica até quarto do casal e lá ela realizou a reza. Após uns quarenta minutos, eles saíram e eu pude conversar com os proprietários. Embora eu já previsse que não teria acesso ao ritual de cura completo, eu tinha curiosidade de saber qual seria a impressão sobre mim e também sobre o trabalho que estava desenvolvendo. O senhor, antes de mais nada, perguntou de qual família eu fazia parte em Cruzeta, pois tinha muitos conhecidos por lá. Falei, mas ele não conhecia. Ainda que a rezadeira já tivesse falado um pouco dos meus propósitos com esta pesquisa, esclareci melhor e ele achou muito interessante, dizendo que era preciso mesmo que alguém mostrasse o valor

⁹⁷ Logo no início da pesquisa, quando pretendia entender qual a opinião dos clientes sobre a prática das rezadeiras e as práticas realizadas pelos profissionais da medicina, isso me incomodou um pouco. Porque em alguns casos, no meio do ritual eu era convidado a me retirar. Depois quando redirecionei o foco do trabalho, isso não se tornou uma limitação. É claro que em alguns casos eu continuei tendo que me retirar, mas em muitas rezas eu pude observar o ritual inteiro, desde a o diálogo inicial, a reza e o diagnóstico dado pela rezadeira.

que as rezadeiras possuem na vida das pessoas. Neste meio tempo, sua filha que é universitária, se aproximou e falou: “Eu não sabia que tinha pessoas que estudassem esse tipo de assunto!” (informação verbal). Para ela era algo sem importância, que não era digno de aprofundamento científico.

Então, o homem me contou que desde jovem tinha muita fé em rezas e que ficou sabendo da existência da rezadeira Barica através de um grande amigo que vivia em Cruzeta. Na primeira vez, foi à casa desta rezadeira, mas depois deste dia mandava buscá-la ou pagava a um moto-taxista para trazê-la até sua residência. Conversando com ele percebi também o motivo que o fazia ter confiança nas rezas. Segundo ele, era de origem pobre e conseguiu tudo que tinha através de muito esforço. Orgulhou-se ao dizer: “comecei vendendo água na rua⁹⁸ e hoje tenho um recurso que dar para eu viver com a família” (Informação verbal, fevereiro/2006). Mas a moral da história foi que este senhor disse ser alvo de muita inveja⁹⁹ e *olho grande* por parte dos moradores da cidade. Daí, o motivo de sempre chamar a rezadeira para afastar o *olhado* e preveni-lo contra esses fatores externos.

De acordo com Barica, há clientes que ela não pode negar uma visita e uma sessão de reza, ou seja, é só eles chamarem que ela faz de tudo para ajudá-los. Embora, eu não tenha presenciado essa distinção em relação aos atendimentos realizados em sua casa, mas algumas pessoas e outras rezadeiras insinuaram que a rezadeira Barica só reza as pessoas quando estas levam alguma coisa (presentes, dinheiro etc). Mas, eu ouvi muito Barica dizer: “vou à casa de fulano, porque não posso faltar. Ele me dá muito as coisas. Quando penso que não, ele chega com um quilo de carne para eu comer com meus filhos” (Informação verbal, fevereiro/2006). Aos poucos, fui percebendo o motivo da dedicação. Na verdade, é que estes clientes são generosos no tocante aos presentes. Por exemplo, neste dia que Barica foi rezar esta família em seu domicílio, ela recebeu itens alimentícios em trocas¹⁰⁰ das rezas, que arrumados completaram duas caixas de mercadorias (cesta básica), inclusive uma delas eu ajudei a conduzir na volta para casa.

Acompanhando a rezadeira em serviço além das fronteiras de sua casa, fez-me enxergar e vivenciar o reconhecimento que esta rezadeira possui, e que, até então eu só ouvia falar através dos clientes. Alimentava, de certa forma, uma expectativa: será que por ser fora

⁹⁸ Vender *água boa* na cidade é uma prática comum até hoje. Geralmente, a água doce, como se fala, é trazida de cacimba, poços tubulares ou açude, e é transportada em barris, carro de tração animal ou carros pipas. Conversando com algumas pessoas que têm o hábito de comprar esta mercadoria, o fato se dava pelos seguintes motivos: primeiro, porque a água usada para abastecer a cidade é salobra (salgada) e, segundo porque a água apresenta um saber muito forte de cloro.

⁹⁹ A inveja ou olho grande seria o que causaria o olhado.

¹⁰⁰ Não vou me referir como pagamento porque a rezadeira não dita um preço, dessa forma o termo que melhor conduz com esta relação é a troca.

do seu ambiente natural (espaço religioso), havia algo diferente no ritual? Embora o processo ritualístico acontecesse com se fosse em sua casa - as rezas idênticas, os ramos - havia diferença, sobretudo no que diz respeito à disposição do espaço. A residência dessa família em Acari era espaçosa, com móveis sofisticados. Isso já sinalizava que o ritual seria diferente do realizado em sua própria casa. Outro fator foi que Barica arrumou-se, botou roupa nova para fazer essa visita. Situação que ela não costuma fazer quando estava em casa recebendo as pessoas para rezar. Portanto, concordo com a afirmação de Tambiah (1985 apud Peirano, 2003, p. 11), quando diz que o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica e é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos. Porém, não acredito que os rituais sejam estáveis. Eles podem ser remanejados diferentemente, conforme a audiência e às pessoas que lhe fazem parte.

2.6.2 A complementaridade na busca da cura: o tratamento com a rezadeira e com o médico

Em Cruzeta, acompanhei também a rezadeira Barica em atividades domiciliares. Há, porém, um caso em específico que pretendo descrever em detalhes por entender ser de grande relevância para enriquecer as discussões que estão sendo elaboradas neste texto. Trata-se do ritual de cura de uma cliente pós-operada para a retirada de cálculo biliar, popularmente conhecido como “cirurgia de vesícula”. Maria Lúcia é uma grande amiga, e foi quem apresentou-me no ano de 2002 à maioria das rezadeiras da cidade. Portanto, foi uma informante preciosa e que agora contribuiu para que eu pudesse acompanhar a rezadeira Barica durante sua cura. Na verdade, quando ela chegou do hospital pedi-me para eu dizer a esta rezadeira que fosse até à sua casa para rezar. Como nesta época eu estava realizando a etnografia da prática da sua reza, dei o recado e no final do dia fomos à casa da enferma.

De acordo com a rezadeira já se tornou rotina ser chamada para rezar em pacientes que realizaram cirurgias. No caso desta cliente, antes de passar pelo procedimento cirúrgico foi se rezar para que tudo ocorresse bem durante o ato. É uma outra possibilidade de obtenção de cura, desta vez através do fortalecimento da fé. Pois, como afirmou a cliente, ela tem muita fé na reza de Barica e queria saber o que a rezadeira tinha a dizer, se deveria fazer a cirurgia ou não.



Figura 23 - Barica rezando uma cliente recém operada

Ao chegar, a rezadeira foi ao quarto onde se encontrava a cliente deitada sobre a cama. Perguntou como tinha sido a cirurgia e que ela havia rezado para que ocorresse tudo bem. Lembro-me que a cliente queixava-se de muita dor na incisão da cirurgia. Em seguida, Barica retirou-se e foi até o quintal e colheu uns raminhos do pé de graviola. Sentou-se ao lado da cama, fez o sinal da cruz e deu continuidade ao ritual. Após rezar, alertou-a para que não fizesse esforço físico, pois podia forçar a área do “corte” e causar uma *rotura* (hérnia). Chamou a atenção para isso porque uma outra cliente fez esta mesma cirurgia e foi pegar em peso e criou no local da cicatriz um caroço que teve de ser retirado novamente.

Durante este período, observei que os clientes atribuíam uma capacidade de vidência à rezadeira: “Barica, quero que você veja para mim”; “eu vim aqui para você ver se vai dar certo eu viajar; se aquela pessoa com quem estou é a pessoa certa, se aquele emprego vai sair”, assim por diante. Segundo a rezadeira, no momento que *abre a oração*, ela *vê* tudo que se passa com o cliente:

A oração quando você abre é como se fosse abrindo uma mala. Aí, você ver tudo que tá acontecendo com aquela pessoa. É uma coisa que já vem na mente, você trabalha com a mente. Quando chega em cima, já percebe erro. Ali você já compreende o que tá dando certo e o que tá dando errado. Você vai catando nas carnes, o corpo daquela pessoa todinho, como se fosse catando feijão. Ali você conhece que a pessoa não tá bem. Quando eu vejo que a reza é pra mim eu continuo, mas quando vejo que não é pra mim, eu fecho a oração e mando procura outra pessoa lá de fora (Informação verbal, fevereiro/2006).

De acordo com o senhor José, morador de São José do Seridó/RN, ele não procura mais um curador que existe lá porque, no final da reza, ele não diz mais nada. Então, o

“diagnóstico preciso”¹⁰¹ executado pela rezadeira é também um dos motivos que impulsiona os seus clientes a acreditar nas suas rezas. As preocupações e incertezas que inquietam o cotidiano dos clientes remetem à uma situação vivenciada por Leach (1996, p.241) entre os Kachin da Alta Birmânia sobre os adivinhos.

Recorre-se a adivinhação com muita frequência para todos os tipos de propostos: onde devo construir minha casa? X é uma noiva adequada para meu filho Y? O que aconteceu com o búfalo que perdi semana passada? Amanhã será um dia propício para ir à feira? Todas essas perguntas e uma infinidade de outras similares e dissimilares podem se respondidas por adivinhação [...]. Na prática, todos os procedimentos de adivinhação exigem interpretação pelo adivinho e certas pessoas são conhecidas como especialmente peritas [...]. Na realidade é bastante claro que o adivinho exerce um poder assaz considerável, pois suas interpretações afetam a ação econômica e dentro de limites amplos essas interpretações são isentas de qualquer restrição.

Embora existam diferenças cruciais no que diz respeito ao contexto onde Leach (1996) realizou sua pesquisa é interessante pensar como as pessoas de diferentes sociedades elegem algumas outras de seu meio social para orientá-los na condução dos problemas cotidianos. No caso da rezadeira que detêm uma capacidade de vidência semelhante ao adivinho, sua atuação pode atingir desde situações ordinárias do cotidiano até problemas relacionados à vida social e econômica dos clientes. Por exemplo, era comum presenciar pessoas à procura dos serviços das rezadeiras para ajudar a conseguir empregos, realizar curas em estabelecimentos comerciais para aumentar as vendas, enfim, decisões que também afetariam a vida econômica destes clientes. Um caso curioso envolvendo essa questão foi de um homem que chegou à casa da rezadeira Barica pedindo para ela rezar em seu carro, pois não estava conseguindo trabalho (fretes). Ou seja, como seu sustento dependia dos fretes que realizava, ele foi pedir para a rezadeira “ver” o que estava acontecendo.

Enquanto estive em campo não conseguia compreender a lógica desse “ver” que era tão comum para os clientes na hora de buscar ajuda da rezadeira. Só com o distanciamento físico “do campo” é que consegui compreendê-lo. Manter-se em alerta ao que Geertz (2002) chamou de “estar aqui” e “estar lá”, como sendo duas idéias e contextos que a priori são diferentes, mas que dialogam, foi fundamental para a compreensão deste fato etnográfico. Ou seja, o dom de “ver” as coisas que os clientes atribuem a esta rezadeira é também um fator que a diferencia das demais. “Eu gosto de ir lá em Barica porque depois da reza ela já diz o que se passa com você, se vai dar certo ou não. Ela vê na hora, não deixa pra depois. Já as outras rezadeiras só dizem vamos esperar, o que for será” (cliente, informação verbal). Pelo

¹⁰¹ Ver Santos (2003).

que observei, essas rezadeiras que não desenvolveram essa habilidade de ver são procuradas apenas para rezar em crianças ou para doenças como *olhado*, *espinhela caída*, *cobreiro* etc. Em se tratando de outros problemas de ordem pessoal, que envolvam relacionamentos amorosos, conflitos familiares, namoro, gravidez na adolescência¹⁰², falta de emprego, doenças dos nervos (depressão), etc. os clientes recorrem à rezadeira Barica. A capacidade de “ver” que as pessoas atribuem a esta rezadeira, coloca-a numa posição de prestígio diante das outras rezadeiras da cidade. Segundo Weber (1994), há três tipos puros de dominação legítima: de caráter racional, de caráter tradicional e carismático. De acordo com a trajetória de vida desta rezadeira, percebe-se que a emanção do seu status advém de um “caráter do carismático”. Ou seja, “um tipo de dominação que é baseado na veneração extraordinária da santidade, do poder heróico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas” (WEBER, 1994. p. 141). Já o poder adquirido pelos médicos e pelos padres é pautado pela dominação de caráter racional, cuja premissa, continua o autor, baseia-se na crença da legitimidade das ordens estatuídas. Então, é interessante perceber que, embora as rezadeiras não sejam contempladas com o tipo de status inerentes aos profissionais da medicina e aos padres, elas conseguem através da influência carismática, deter um reconhecimento perante a comunidade fruto desse tipo de autoridade.

Esta questão da vidência também permite pensar a prática da reza como sendo um oráculo, cuja análise Evans-Pritchard (2005) sustenta brilhantemente. No contexto das rezadeiras quando os clientes falam: “fulana, eu vim aqui para você ver se...”, na realidade estão atribuindo a ela qualidades de adivinho. Neste caso, a reza funciona como um oráculo, já que ao seu término há um diagnóstico que confirmará ou não as expectativas do cliente. Neste sentido, os Azande concebem os adivinhos como um de seus muitos oráculos (EVANS-PRITCHARD, 2005. p. 91).

A relação de complementaridade entre a prática realizada pelas rezadeiras e a prática dos médicos fica evidente no caso dessa cliente que tinha realizado um procedimento cirúrgico, mas que buscou também a cura através das rezas. Percebe-se nitidamente a limitação do saber médico, a partir da atitude da cliente, ou seja, ele consegue, talvez resolver os problemas relacionados ao corpo físico, mas há uma outra lacuna, que a medicina deixa em aberta, que é a esfera moral. Então, é nesta que a rezadeira realiza suas curas, ocasionando assim, o que se poderia entender como uma complementaridade.

¹⁰² Durante o período que estive na casa de Barica, vieram duas adolescentes se rezar pedindo que a rezadeira visse se elas estavam grávidas, pois estavam suspeitando. Porém, ainda não haviam procurado o medico para realizar o teste de gravidez.

2.7 RITUAL DE DESCARREGO

O descarrego, como consta no dicionário Aurélio (2005) significa livrar-se do que pesa, aliviar-se, esvaziar-se. Embora não tenha encontrado, dentre os autores trabalhados, nenhum que tratasse deste tema, não foi difícil abordá-lo apenas à luz das observações e relatos da rezadeira. Na verdade, o sentido que Barica deu ao ato de *descarregar-se* foram os mesmos encontrados naquele dicionário. Com uma ressalva, ela deu uma interpretação própria. O curioso nisso tudo foi a relação do guardar segredo com o ato do descarrego. Para compreender melhor, transcrevi um trecho de um diálogo desta rezadeira que aponta para tal afinidade:

Olha, aqui por dia eu recebo muitas pessoas com problemas familiares que vem desabafar comigo, sabe. Gente com todo tipo de problema vem conversar comigo. E aquilo eu tenho que ficar pra mim. Porque conversa de dois, não é para três. Se só tem nós dois aqui e você me conta um segredo. Da minha boca não sai. Agora se sair é da sua boca. Aí, quando é de noite, negócio de nove horas, eu vou para debaixo de um pé-de-planta [um pé de goiabeira seco, no fim do quintal] e vou descarregar tudinho. Porque minha cabeça já está cheia demais de tantos problemas. Peço perdão a Deus por aquelas pessoas, e também peço forças para elas se acalmarem e não vivam em reboição. Eu descarrego ali e vou me deitar (Informação verbal, fevereiro/2006. Grifo do pesquisador).

De acordo com Barica, o *descarrego* consiste em mentalizar os problemas que ouviu e entregar nas mãos de Deus para que ele tome conta. E também pede forças aos santos para que eles possam tirar todas as coisas ruins que possam ter *pegado* durante as rezas que realizou nas pessoas. E o local escolhido é o quintal da sua casa. Ela contou que, quando todos da casa já estão dormindo, dirige-se até o pé de goiabeira e embaixo dele realiza as ações descritas acima. O curioso vem a seguir. Barica fez questão de conduzir-me até o local para mostrar em que estado se encontrava a planta. A goiabeira estava morta, seca. A explicação dela para tal fato foi que, de tanto *descarregar* as “coisas ruins”, a planta não resistiu e morreu.



Figura 24 - Local onde a rezadeira realiza o ritual de descarrego.

Hoje ainda continua a realizar o *descarrego* embaixo desta árvore seca, porém colocou um pé-de-arruda¹⁰³ apoiado no meio dos galhos.

De tanto problema que eu descarrego em cima daquela árvore, ta ali seca, seca, perante Nosso Senhor Jesus Cristo. Francimário olhe aí pra você ver que não é mentira minha. Agora que este pé de arruda [pendurando no tronco da planta], todo dia eu agou [rega]. Então é o seguinte: eu faço minhas orações e a cabeça tá cheia [dos problemas dos outros], aí quando é de noite eu despejo tudo ali [embaixo da árvore] nesse pé de pau. Você tá vendo aí o resultado [a planta secou]. Tem gente que acha que é uma brincadeira a pessoa rezar... e aquilo sai e pronto. Mas, aquilo [o problema do cliente] ficar martelando na minha cabeça, e eu fico guardando, guardando... Aí, quando é na hora de eu ir dormir, que não tem mais ninguém [clientes], tá tudo em silêncio. Eu tomo meu banho de preparo [com folhas de eucalipto, arruda e alecrim] e venho descarregar aqui [embaixo da árvore]. Todo segredo que aquela pessoa [cliente] me contou eu enterro aqui debaixo (Informação verbal, fevereiro/2006. Grifo do pesquisador).

Então, este momento que a rezadeira Barica escolhe para si é um ato de esvaziamento de tudo que ela absorveu dos clientes no momento do ritual de cura. De certa forma, seria também o encerramento do ritual, o seu descanso. Isso fica mais evidente quando ela enfatiza: “eu, para rezar, tenho que puxar para mim o que a pessoa está sentindo” (informação verbal). Esta tarefa, no seu dizer exige muito esforço mental, pois “compreender o que a pessoa está sentindo não é tarefa fácil”, prosseguiu a rezadeira.

Enquanto os clientes contam com a rezadeira para desabafar e falar sobre angústias, sabendo de antemão que ela guardará segredo do assunto tratado, por sua vez a rezadeira não goza desse privilégio. A única saída encontrada, que alivia esta carga, é o ritual de *descarrego*. Então, as pessoas contam os segredos para a rezadeira, e esta desabafa fazendo

¹⁰³ De acordo com a rezadeira, tanto a arruda, quanto o pinhão roxo são plantas que ajudam a retirar as coisas ruins, pois possuem o poder de atraí-las.

preces a Deus, aos santos e depositando todos os males na árvore. E assim segue o ciclo diariamente, com exceção do domingo, que normalmente ela não reza. A não ser em uma criança que esteja com muito *olhado* e que não possa esperar até a segunda-feira. Mesmo assim só reza na intenção, não *puxa a doença* para ela.

O intuito de mostrar em detalhes o ritual de cura praticado pelas rezadeiras foi para permitir que se tenha uma breve noção de como estas mulheres desempenham suas curas no dia a dia. Procurei descrever também, minuciosamente, alguns aspectos considerados relevantes para a pesquisa no geral. Segui a dinâmica do ritual: mostrando o que acontece antes do ritual, sua preparação, seu desenvolvimento e o ritual de descarrego realizado pela rezadeira após o final de seu dia de trabalho com as rezas. Este último, embora seja realizado de forma individual, a rezadeira conta com um suporte sagrado. É um ritual de descarrego, portanto, com a ajuda de seres sobrenaturais. Enfatizei ainda alguns rituais que aconteceram fora do espaço terapêutico-religioso, ou seja, os rituais e domicílio.

Essa questão do *descarrego*, por ser uma prática mais comum nos rituais de matriz afro-brasileira, também é utilizado por uma rezadeira que se diz católica. Portanto, o uso desta atividade religiosa, remete ao tema que denominei de “trânsitos religiosos” que será discutido no capítulo seguinte.

3 FUNDO RELIGIOSO COMUM: PLURALIDADE E COMUNIDADE DE CRENÇAS ENTRE AS REZADEIRAS DE CRUZETA

As religiões dos brasileiros diferem e, em alguns casos, opõem-se profundamente. No entanto, não formam blocos estanques: existem pontes, relações e transferências de sentido (SANCHIS, 2001, p. 10).

A decisão de discutir a pluralidade de crenças se deu em virtude do que foi abordado no capítulo que tratou da diversidade das rezadeiras. Neste mostrei a existência de informantes que comungavam de religiões aparentemente contrárias à religião católica, ou seja, rezadeiras evangélicas que se afirmavam também com sendo católicas e rezadeira adepta do culto da jurema que também se dizia ser da religião da igreja. Diante deste quadro, Sanchis (2001, p. 10) foi enfático ao dizer: “As religiões dos brasileiros diferem e, em alguns casos, opõem-se profundamente. No entanto, não formam blocos estanques: existem pontes, relações e transferências de sentido”. Essa idéia que o autor coloca dar uma breve concepção do que seja essa pluralidade de crenças que pretendo discorrer ao longo deste último capítulo.

Portanto, a seguir abordarei o problema da comunhão de crenças religiosas e as práticas de saúde que estão presentes entre as rezadeiras de Cruzeta. Resolvi seguir através deste viés depois de observar a presença de diversas práticas e concepções religiosas que coexistem na prática da benzeção. A decisão de aprofundar esta discussão surgiu a partir do momento em que encontrei uma rezadeira evangélica que continua rezando as pessoas. Mas o que torna possível uma rezadeira evangélica? Em princípio, do ponto de vista das doutrinas e dos campos de significados envolvidos, seria um caso incompatível. Mas como bem enfatiza Sanchis (2001, p. 23), essas diferenças são efetivamente vividas sob formas de indecisão, cruzamento, porosidade, pertença dupla, trânsito, contaminação mútua e/ou empréstimos reciprocamente criativos. No momento que um determinado indivíduo “aceita Jesus”, ou seja, se torna crente¹⁰⁴, as práticas religiosas consideradas “não oficiais” passam a ter sentido de pecado, coisas do diabo, etc. Isso não foi, porém, o que aconteceu com a rezadeira evangélica. Ao mesmo tempo, que freqüentava uma determinada igreja pentecostal, ela não concordava com a forma de tratamento destinado aos santos católicos e à Nossa Senhora pelos crentes. Continua, mesmo assim, rezando as pessoas.

A questão da indecisão e indefinição era muito presente no discurso das rezadeiras que comungavam de religiões, a princípio, incompatíveis com suas práticas. Por exemplo, dona Rita de Ramim, que recebia caboclo, afirmou que no início, quando começou a *fazer trabalhos* se sentia culpada. No entanto, disse ter sido autorizada por frei Damião a continuar realizando tais obrigações. Situação parecida observei na conversa com a rezadeira evangélica. Ela relatou que não concordava com a forma como os crentes se referiam às

¹⁰⁴ Crente é o nome do pentecostal, é a palavra de toda a hora em sua boca e temos visto que equivale aos melhores adjetivos da religião: “entregue para Cristo”, “salvo”, “eleito”, “santo” (BRANDÃO, 1980, p. 264). Em Cruzeta, a população, para se referir a um adepto evangélico trata-o por “crente”.

imagens dos santos. Disse ela: “Meu filho eu não gosto de um lado da lei evangélica porque alguns desfazem dos santos” (Informação verbal, dona Gilberta, abril/2006).

Então, diante desses casos observados durante o trabalho de campo, procuro expor como se processam esses “trânsitos” que tanto perpassam as crenças religiosas, quanto as práticas médicas oficiais. Na verdade, buscarei entender como opera a relação entre rezadeira e a igreja católica, a rezadeira e a lei evangélica, e também a rezadeira e os profissionais de saúde. Embora tenha percebido uma certa escassez de literatura que discutisse com propriedade a perspectiva de um “fundo religioso comum”, recorri ao material etnográfico, ou seja, busquei refletir sobre com os fatos observados em campo. Acredito que a obra “Fiéis e cidadãos: percurso e sincretismo no Brasil”, de autoria de Sanchis (2001), será de grande serventia para as discussões ao longo do capítulo, pois, este “fundo religioso comum” está intimamente relacionado com a pluralidade de crenças religiosas.

3.1 OS ELOS DE MEDIAÇÃO: A CIRCULARIDADE NAS TRANSMISSÕES DOS SABERES E CRENÇAS

Os adornos, imagens de santos populares, altares, bonecas pretas, a bíblia sagrada, rosários, flores de plásticos, velas brancas, peças de roupas para serem rezadas, ramos de pinhão roxo, televisão, entre outros, estavam dispostos abertamente e conviviam lado a lado nas residências ou nos “espaços terapêutico-religiosos” das rezadeiras. Esses objetos religiosos ou não, dão pistas para analisar a facilidade que estas mulheres têm em transitar por crenças religiosas diversas, sobretudo a rezadeira evangélica e a rezadeira da jurema.



Figura 25 - Mesa (altar) onde dona Rita de Ramim costuma realizar os trabalhos de cura

Em sua sala, a rezadeira dona Rita de Ramim, mantém em sua sala uma “mesa” que expõe algumas imagens e enfeites em homenagens aos santos e aos seus guias. Nas paredes e móveis, percebe-se uma enorme quantidade de imagens de santos (quadros) e no altar pode-se constatar a existência de uma imagem de Nossa Senhora Aparecida protegida por um plástico por causa da poeira, uma imagem pequena de Santo Antônio, uma outra Nossa Senhora, alguns jarros com flores vermelhas e um recipiente de vidro com galhos de plantas em homenagem aos seus guias.



Figura 26 - Parte dos adornos que compõe o espaço terapêutico-religioso de dona Hosana

Nas paredes da sala de dona Hosana, tal qual a sala de dona Rita de Ramim, havia muitos quadros com imagens de santos. É como se suas crenças religiosas estivessem impregnadas por todos os lugares da vida cotidiana, comungando de um mesmo status. Não havia a necessidade de distinguir o que era da religião católica ou de outras crenças religiosas, como por exemplo, de matriz afro-brasileira. Dividindo o mesmo espaço observa-se que sobre

à mesa, atrás do rádio, havia uma “boneca preta” e logo abaixo desta um recipiente contendo alguns ramos de pinhão roxo. O significado desta “boneca”, também conhecida por alguns como “bruxa” representava a expurgação das coisas ruins. Acreditava-se, portanto, que este tipo de adorno tinha o poder de expulsar o mal que por ventura vinha a se instalar nos lares. Para facilitar o seu trabalho, dona Hosana já colhia logo nas primeiras horas da manhã alguns ramos de pinhão roxo para serem usados durante os rituais de cura.



Figura 27 - O altar de dona Hosana

Em outro espaço da sala observa-se um altar com vários enfeites, sobretudo rosas coloridas, naturais e artificiais e mini-garrafas de refrigerantes com galhos de plantas. No centro deste “santuário” estavam as imagens de Padre Cícero e de Frei Damião. Em frente de cada imagem havia dois pratos, um contendo duas velas apagadas e o outro apenas com resíduo de velas já usadas. Segundo dona Hosana, estas velas eram trazidas pelos clientes para que ela fizesse as rezas e depois oferecê-las na intenção dos santos. Pelo que observei, esta rezadeira costumava pedir aos clientes que trouxesse velas para acender para os santos. Em volta deste altar, na parede e sobre uma cadeira, havia sacolas contendo peças de vestuários.

De acordo com Araújo (2004, p. 88), o fato de ser rezadeira, curandeira, pai-de-santo etc., não impede que a pessoa procure a religião católica para confessar-se e comungar. Com exceção da rezadeira evangélica, todas disseram ser “católicas”, inclusive uma rezadeira que, além de rezar, também recebia entidades de “caboclos”, se justificou dizendo que se confessou com frei Damião, durante suas missões¹⁰⁵. Na ocasião, ele disse o seguinte para ela:

¹⁰⁵ “As missões de frei Damião” como costumavam se referir os moradores, era uma semana de evangelização que este frei realizava na cidade. Durante este período aconteciam várias atividades religiosas como missas campais (fora da igreja), geralmente, num palco armado em frente à matriz, confissões individuais, pregações matinais, entre outras.

“Minha filha cumpra o dom que Deus lhe deu. Agora só não queira fazer o mal ao próximo” (Informação verbal, dona Rita de Ramim). A rezadeira conta este fato como prova cabal de ter sido autorizada por um *santo* a realizar seus trabalhos de curas. O ato de confessar com este “*santo do povo*” tirou de seus ombros uma culpa e acusação, tal como a feitiçaria, de estar realizando uma prática ilícita e moralmente desqualificada pela Igreja Católica. Sobre este conflito, Medeiros (2001), vai dizer que no âmbito rural, onde a hegemonia do catolicismo ainda é freqüente, muitas pessoas atingidas por esse mal sentem e, às vezes, desenvolvem sentimentos de culpas. Acredito que não seria bem uma espécie de culpa que atormentava o dia a dia desta rezadeira, mas a pressão e as cobranças feitas pelas pessoas consideradas católicas que conviviam com ela. Então, o receio de estar cometendo um ato ilícito aos olhos da religião católica e dos seus devotos contribuía para que a rezadeira entendesse estar cometendo um sacrilégio ao praticar uma religião que exigia dela a incorporação de caboclos.

Dona Rita de Ramim contou com entusiasmo o fato de ter sido este *santo milagroso*, o responsável pela confissão do seu casamento. Há nos discursos das rezadeiras, que são devotas de Frei Damião uma relação de proximidade latente e também de confiança. De um lado, por elas terem assistido às missas celebradas por ele e, por outro, de terem conseguido a oportunidade de confessar-se e receber suas orientações. Ouvi de uma rezadeira a seguinte observação: “Frei Damião viveu entre nós. Eu vi e falei pessoalmente com ele”. Na verdade, ela referia-se às *missões* evangelizadoras que este frei realizava não apenas em Cruzeta, mas no interior de todo o Nordeste. Geralmente, este evento durava uma semana e mobilizava toda a comunidade católica local. Neste sentido, apesar da sua imagem estar entre os santos que compõem o espaço terapêutico-religioso das rezadeiras, percebe-se que ele possui um status diferenciado. Nas casas das rezadeiras, pude ver fotografias, quadros e imagens em gesso que retratavam a figura deste “santo do povo”. Em algumas casas, encontrei imagens de Frei Damião em altares enfeitados com flores artificiais e fitas coloridas, nas paredes das salas, nas estantes, até sobre a geladeira.

Refletindo sobre as representações de cura no catolicismo popular, Minayo (1994, p.64) mostra que, mesmo a igreja oficial não aceitando suas práticas, “ela trata com uma atitude de respeito, de prudência, de receio, na tentativa de capitalizar o fenômeno para evangelizar”. Embora a autora esteja tratando de um fenômeno que é a peregrinação de fiéis a um santuário na cidade de Porto de Caixas (RJ), para entender a cura através deste ritual. É relevante, para este trabalho enquanto referencial teórico, porque possibilita a ampliação das idéias a respeito do tema das rezadeiras, que também pertence a este universo religioso. O que

a autora discute pode ser percebido claramente no discurso mais institucional da Igreja Católica, representado aqui pelo padre de Cruzeta.

Que existe rezadeira aqui eu sei, porque nós estamos fazendo um trabalho das Missões Populares e dentro deste há entrevistas em determinadas áreas da sociedade. Foram feitas entrevistas com benzedeadas famosas e tudo isso está num relatório (Informação verbal, padre Amaurilo, maio/2006).

Na verdade, são estratégias que permitem aos representantes da igreja conhecer de perto para evangelizar. É um dispositivo de controle para manter sob atenção as práticas religiosas ditas não oficiais ou clandestinas, entre elas a prática das rezadeiras, mas estão associadas direta ou transversalmente ao catolicismo. Este controle se apresenta em todos os aspectos e searas onde a religião católica atua¹⁰⁶. E continuando sobre o que achava da prática de cura realizada pelas rezadeiras o padre teceu o seguinte comentário:

Eu penso assim.... não posso fugir às regras da igreja. Eu sou favorável àquilo que não prejudique a ninguém. Desde que seja uma coisa que propicie o bem ao outro, que não vá de encontro à fé cristã. A escala de relação do bem e do mal é muito ambígua. É preciso ter cuidado. Aquilo que é bom para mim pode não ser para você. Mas, a questão das benzedeadas eu não vejo que possa ferir, desde que não parta para um curandeirismo barato e, que no caso das rezadeiras não é (Informação verbal, Padre Amaurilo, maio/2006).

Mesmo existindo estes intercâmbios com outras crenças religiosas, a maioria das rezadeiras ao ser indagada sobre a sua religião definiu-se católica ou como elas mesmas diziam *da lei da igreja*. Isso é bem o que Sanchis (2001, p. 11) apontou: “o cristianismo no Brasil tornou-se plural”. E entre as rezadeiras não poderia ser diferente. Esta pluralidade de crenças está presente no cotidiano, seja nos objetos sagrados religiosos, nas rezas, nas crenças e nas visões de mundo.

Estas mulheres conseguem organizar no seu cotidiano experiencial elementos que, por um lado, estão ligados à religião católica e, por outro, remetem às correntes evangélicas e às afro-brasileiras. Há, na verdade, uma fronteira tênue entre estes trânsitos de crenças religiosas, inclusive estas mediações vão além das imagens, o próprio linguajar diz muito sobre essa comunhão de crenças. Por exemplo, o uso de termos e palavras como *carregado*, *caboclos brabos*, *vultos brancos*, *descarregos*, *encostos* etc. No caso de dona Gilberta, rezadeira evangélica, a televisão é o meio de comunicação pelo qual ela assiste ao programa transmitido pela IIGD, chamado “Show da Fé”. Todos os dias à tarde, ela costuma assistir às pregações

¹⁰⁶ Cito como exemplo, a realização de cerimônias matrimoniais coletivas que aconteceram em dezembro de 2006. E, foi a partir do Projeto Santas Missões, que foram mapeados os casais que não eram “casados na igreja”.

proferidas pelo pastor. Afirmou também que preferia assistir as pregações pela televisão, ao invés de ir para a igreja. O interessante neste caso, é que ao lado da televisão encontrava-se uma bíblia sagrada aberta no salmo vinte e três¹⁰⁷. A bíblia como se sabe é o livro sagrado dos cristãos e contém todos os dogmas para os fiéis seguirem. E nesta lógica da mediação, o aparelho de televisão, durante a transmissão dos cultos, possibilitava uma prática religiosa, mesmo se temporariamente e não definida em termos de uma frequência assídua ao espaço da igreja.

Ao chegar à casa desta rezadeira já se percebe uma diferença básica entre esta e as demais. Não vi nenhuma imagem de santo nas paredes ou sobre os móveis. Seria esse o primeiro sinal da moral evangélica na vida de dona Gilberta? No entanto, ao conversarmos, percebi que a fé nos santos católicos estava calcada em suas ações e concepções, nem tanto nas imagens. Pode-se pensar, sobretudo, na sua contrariedade de cortar os laços e a crença religiosa com alguns santos e figuras católicas, como Frei Damião e Nossa Senhora. Isso fica claro quando enfatiza que teme um castigo por ousar desqualificá-los. Prefere permanecer na fronteira e nas margens existentes entre os evangélicos e os católicos. Ou seja, as experiências vividas no catolicismo popular foram tão intensas que dona Gilberta não conseguiu se desvencilhar dele para “renascer em Cristo” como costumam falar os fiéis que se convertem à lei evangélica.

As discussões teóricas de Bakhtin (1993) a respeito da dinâmica da cultura popular através da obra de Rabelais, são pertinentes neste momento porque mostram como os intercâmbios culturais aconteciam na Idade Média. Elas lançam luzes para compreender os significados desses “trânsitos religiosos” percebidos na prática da benzeção em Cruzeta. E que envolvem valores da religião católica oficial, da lei evangélica, do culto da jurema e, porque não, da medicina oficial. Embora o trânsito, os fluxos e intercâmbios entre as crenças religiosas sejam mais evidentes, há também as trocas de informações que se orientam em mãos duplas, que seria o caso da relação entre as rezadeiras e os profissionais de saúde. Para tanto, o entendimento do conceito de circularidade, estabelecido por este autor é interessante, porque ajuda a entender a dinâmica dos intercâmbios culturais entre as religiões, as rezadeiras e a biomedicina.

As interações culturais entre as elites e as camadas médias e baixas não aconteciam apenas de cima para baixo. Para o autor supracitado, esta dinâmica seguia um processo que denominou de “circularidade”. Pode-se pensar nos festejos públicos, tal como o carnaval, que

¹⁰⁷ “O senhor é meu pastor e nada me faltará...”. Havia também na parede da sala, sobre a porta que acesso aos outros cômodos, um quadro com os dizeres deste salmo.

reunia tanto o povo quanto a elite eclesiástica, um momento que permitia intercâmbios de informações e elementos culturais. Assim, Bakhtin (1993, p. 09) evidencia como se estabeleciam estes fluxos:

Elaboravam formas especiais do vocabulário e do gesto da praça pública, francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre indivíduos em comunicação, liberados das normas correntes das etiqueta e da decência. A segunda vida, o segundo mundo da cultura popular constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um mundo ao revés.

Este processo de transmissão cultural em espiral abole a idéia de que apenas as elites são formadoras de opiniões e os que fazem parte da cultura popular só absorvem. No momento em que todos estão em praça pública, se estabelece uma troca mútua, simultânea de símbolos culturais que partem de ambas as partes – fruto da interação. Ginzburg (1995, p. 24), ao discutir a relação do moleiro Menocchio com as elites eclesiásticas, logo no prefácio de sua obra, sinaliza sua proximidade com a análise elaborada por Bakhtin: “É bem mais frutífera a hipótese de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante”. Assim como Bakhtin, Ginzburg (1995, p. 13) percebeu a dinâmica cultural:

É possível resumir no termo “circularidade”: entre a cultura das classes dominantes e a das classes subalternas existiu um relacionamento circular feito de influências recíprocas, que se movia de baixo para cima, bem como de cima para baixo.

Isso não quer dizer que haja um nivelamento entre as duas classes que são hierarquicamente diferentes: “temos, por um lado, dicotomia cultural, mas, por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica” (GINZBURG, 1995, p. 21). Estas discussões servem de fio condutor para uma maior compreensão da dinâmica cultural existente entre as múltiplas crenças das rezadeiras e as instituições religiosas e médicas, ditas oficiais.

Barth (2000), por sua vez, contribui para esta discussão mostrando como a tradição do conhecimento é transmitida diretamente pelo guru ou pelo iniciador ao grupo em que eles atuam. Enquanto o mérito do guru reside em repassar seus ensinamentos de modo que todos aprendam, portanto um conhecimento acessível e didático, o iniciador, por sua vez, tenta ocultar de seu público verdades essenciais. Ou seja, enquanto a tradição do conhecimento do guru prioriza a disseminação do saber, a do iniciador está pautada em uma atmosfera de mistério. Na verdade são duas tradições com lógicas diferentes, porém que se encarregam de transmitir conhecimentos.

Trazendo essa discussão para o campo empírico das rezadeiras, pode-se pensar a transmissão do conhecimento através de duas perspectivas. Entre as rezadeiras existem aquelas que, diante do repasse de seus conhecimentos, se comportam tal qual o iniciador, atribuindo o poder de suas rezas ao segredo, ao mistério e, conseqüentemente, fazem o controle desse saber aos demais do grupo. Por seu turno, outras não fazem restrições quanto ao ensinamento desse conhecimento a outras pessoas, neste caso, aproximam-se do tipo de tradição inerente ao guru. Repare que, no caso do iniciador a ênfase do seu conhecimento reside no segredo e, conseqüentemente, na força da tradição. É evidente que o iniciador também prepara seus iniciados. Contudo, “sua tarefa é pôr em ação esse conhecimento de modo a fazer com que os noviços sejam afetados por sua força, e não simplesmente explicá-los a eles” (BARTH, 2000, p. 146). Neste caso, a evidência na tradição está pautada no segredo, assim como ocorre no contexto daquelas rezadeiras que acreditam que o poder de suas rezas reside no fato de controlar e manter sob segredo os conhecimentos religiosos que são pertinentes à sua prática. Na verdade, como bem enfatiza este autor, o iniciador consegue evocar uma sutil experiência de mistério e construir uma tradição de conhecimento complexa e dinâmica. O interessante dessa idéia é porque remete à transmissão do conhecimento via ritual, crucial para a manutenção do prestígio do iniciador. A aprendizagem dos iniciantes através de um processo ritual permite que estes reelaborem os conhecimentos adquiridos a partir de suas próprias experiências. Portanto, como enfatiza Barth (2000, p. 147) espera-se dos iniciantes que sejam transformados pelos ritos em si, e não pelo que lhes foi transmitido do conteúdo do rito. Embora tanto o guru quanto o iniciador transmitam seus conhecimentos de forma diferente aos demais integrantes do grupo, o importante é que ambos estão contribuindo para a manutenção e perpetuação da tradição do conhecimento. A respeito do processo de transmissão dos conhecimentos das rezas, este foi discutido no capítulo sobre “a diversidade e semelhanças entre as rezadeiras”.

3.2 O DILEMA DA REZADEIRA EVANGÉLICA: “EU SOU CATÓLICA, MAS SOU CHEGADA À EVANGÉLICA”.

A questão do pertencer ou não à religião católica, foi percebida através de dois aspectos. Em primeiro lugar, todas as rezadeiras, ao serem indagadas, se identificavam como católica, à exceção da rezadeira evangélica. Por outro lado, um número muito pequeno dizia

freqüentar de fato às missas, as novenas, se confessar ao padre etc. Portanto, elas participavam minimamente das atividades desenvolvidas pela Igreja Católica. De acordo com dona Giselda o ambiente dessa igreja não lhe oferecia o conforto espiritual necessário para que se sentisse à vontade.

Um dia desse e fui à igreja católica, me sentei, e quando me ajoelhei começou a me dar uma dor. Eu disse: Virgem Maria! Eu vou sair daqui! Era uma dor atravessada! Você imagine, numa igreja que eu fui rezar e me dá uma dor! Eu sai me benzendo. E me considero católica, mas tô assim com essa religião minha mesmo. É o que eu quero. (Informação verbal, novembro/2006).

Quando a rezadeira fala *essa religião minha*, não é no sentido de criar uma determinada religião e arrebanhar adeptos. Na verdade, é ter a flexibilidade de transitar por religiosidades e crenças diferentes, no caso dela entre a religião católica e a evangélica. Sobre esta postura, Sanchis (2001. p. 36. Grifo do autor) dá a seguinte explicação:

O *campo religioso* é, cada vez mais, o campo das religiões, pois o homem religioso, na ânsia de compor um universo para si, sem dúvida cheio de sentido, mas de sentido-para-si, subjetivo, tende a não se sujeitar às definições que as instituições lhe propõem dos elementos de sua própria experiência.

Ainda sobre esta liberdade de transitar por religiões distintas, Birman (2001, p. 61) afirma que,

O indivíduo contemporâneo deteria um poder maior de escolha, portanto, ganharia a liberdade de transgredir dogmas, ultrapassar fronteiras, desobedecer ortodoxias e sobretudo desrespeitar a unidade doutrinária que estas divisórias buscam defender.

Fica evidente por parte de dona Giselda a obrigação de freqüentar a igreja por uma questão moral e de princípios, porém não de prazer.

Eu vou lá rezo uma Ave-maria e um Pai-nosso e sai toda desmantelada [ela quis dizer que erra as orações]. Uma coisa me atrapalhando. Agora, que eu sempre vou à igreja porque mamãe [já falecida] me aparece pedindo para eu ir lá. Deus me perdoe, por caridade! Eu já deixei de ir até às missas dos velhos, quando chego lá fico doente. Você já pensou? A pessoa vai para uma igreja católica e faz é adoecer? (Informação verbal, novembro/2006. Grifo do pesquisador).

O discurso dessa rezadeira é semelhante ao de dona Rita de Ramim, ambas enfatizam queixar-se de algum problema de saúde, com nítida referência corporal. Ressaltando que esta última não é simpatizante da lei evangélica, e sim do culto da jurema.

Eu vou à missa, mas já faz um bocado de dia que não vou. Um tempo desse eu fui... de lá pra cá não fui mais. Eu vivo doente, chego nos cantos não posso ficar em pé... as minhas pernas doem demais... Quando eu chego na igreja tá tudo cheio [não há local para sentar]. Eu rezo aqui mesmo com os santos da minha casa [as imagens espalhadas pelas paredes de sua casa] (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

“Eu rezo aqui mesmo com os santos da minha casa”. Esta frase é emblemática, sobretudo porque enfatiza bem o papel de mediação inerente aos santos católicos. Pois, de tanto conviver cotidianamente com seus santos, dona Rita de Ramim acredita que tanto fazia ir à missa, como simplesmente rezar fazendo preces aos santos espalhados pela sua casa. Afinal, muitas dessas imagens também estão dispostas no interior da igreja.

A experiência de lidar com os aspectos religiosos, permite, como bem colocou dona Giselda, ter a liberdade de escolher e fazer o que quiser, no que diz respeito às suas crenças. “Eu vou naquilo que simpatizo e me dá vontade” (Informação verbal, novembro/2006). Além desse status de poder participar das reuniões da religião católica sem a obrigação imposta pela instituição. Outro fato imprescindível estava presente em seu discurso: “Sempre vou à igreja evangélica, eu gosto de ouvir o evangelho. Onde tiver o crente, sendo para ouvir evangelho, a palavra de Deus, eu vou” (Informação verbal, novembro/2006). Isso lembrou-me de uma passagem que a neta desta rezadeira falou quando cheguei à sua casa: “Aqui tem mais santos do que na igreja católica!” (Informação verbal, novembro/2006)¹⁰⁸. Não sei se chegava a tanto, mas o fato é que havia muitas imagens de santos, em quadros e em vultos¹⁰⁹. Logo que cheguei para conversar com dona Giselda, ela conduziu-me até o quarto e mostrou-me várias imagens de santos, a maioria tinha sido de sua mãe. Para cada santo, dona Giselda tinha uma história para contar. À medida que ia falando os nomes das imagens dos santos, ela lembrava de um fato marcante. Ao ver a imagem de santo Onofre, ela lembrou do filho. Neste sentido, as imagens criam uma espécie de mediação entre os entes queridos.

Frei Damião, Nossa Senhora dos Desterros, Coração de Jesus e de Maria, Padre Cícero, São Geraldo. Meu filho é louco por este santo [Santo Onofre], ele faz muitos votos a ele. São Benedito, Nossa Senhora das Dores, São Roque, São João Batista. Nossa Senhora dos Impossíveis, José [seu filho] trouxe para mim da festa de Acari (Informação verbal, novembro/2006. Grifo do pesquisador).

Ao contrário de alguns ex-católicos que destroem os santos ou passam a desqualificá-los, sua neta evangélica pareceu-me compreensiva quanto à convivência com a prática da reza e às devoções aos santos que sua avó despendera às imagens. Chegou, inclusive, a afirmar que tinha prazer de cuidá-los. Quando perguntada sobre o que achava de sua avó ser rezadeira, a

¹⁰⁸ Essa neta de dona Giselda, atualmente é crente da Igreja Cristã Evangélica.

¹⁰⁹ Geralmente, os santos em formas de esculturas são denominados de vultos.

neta construiu um discurso, deixou claro sua opção religiosa, mas reconheceu que a prática das rezadeiras tinha um valor cultural:

Não me atinge. Eu sou evangélica, tenho as minhas crenças, mas respeito a opinião dela. Olhando pelo lado cultural acho interessante. Agora pelo lado espiritual, não me deixo influenciar (Informação verbal, novembro/2006).

Embora a influência de sua neta evangélica contribuísse para que dona Giselda passasse a simpatizar-se pela lei protestante, a postura moral dos católicos durante às missas era um fator que decepcionava a rezadeira.

Um dia desse eu disse lá na igreja católica: olhe, eu sou religiosa, mas eu gosto de ir à igreja dos crentes, porque ninguém ver crítica como essa igreja daqui. Só se ver aquele povo que fica nas portas da igreja observando como as pessoas estão vestidas. Só não sou crente, como se diz *diplomada*, mas eu gosto dos crentes porque eles têm educação. Ninguém ver na igreja de crente esse *qui qui* [chacota], essa sem vergonhice (Informação verbal, novembro/2006. Grifo do pesquisador).

Assim, como esta rezadeira, Dona Gilberta afirmou que sua simpatia pelo *lado evangélico*, se concretizou também por não concordar com os modos dos católicos vestirem-se e comportarem-se no interior da igreja.

Na igreja católica [os fiéis] visa mais a pessoa andar muito lorde [bem arrumados]... e olhar para roupas, para o calçado. Lá [evangélica] não. É por isso que eu gosto mais da evangélica. A gente vai simples e ninguém fica reparando (Informação verbal, junho/2006. Grifo do pesquisador).

Não era esta a opinião que dona Santa tinha a respeito dos evangélicos. Cito como exemplo, o comentário que ela fez, enfatizando o modo de vestir-se dos crentes: *engravatados*. Ou seja, para ela são os crentes quem andam bem arrumados, de terno e gravata. Essa questão que envolve o cuidado com o corpo e a aparência com base no vestuário foi muito bem observada por Rabelo e Mota (2006, p. 07) entre as mulheres protestantes:

[...] a aparência precisa refletir o estado de pureza interior. Entre as mulheres há uma preocupação clara com a beleza, visível no arrumar dos cabelos e na escolhas das roupas, principalmente aquelas usadas para cultos importantes e dias de festas na igreja.

No entanto, o que fez dona Gilberta não ser *evangélica legítima*, termo enfatizado por ela, foi porque os crentes desfazem de Frei Damião e dos santos. “Eu não gosto, porque temo um castigo” (Informação verbal, abril/2006). Está evidente nesta fala a posição de fronteira

assumida pela rezadeira. Não ser “evangélica legítima” permite a ela, ao mesmo tempo, partilhar de alguns dogmas do pentecostalismo e também continuar rezando nas pessoas. A rezadeira questionou ainda a pouca importância de Nossa Senhora para os evangélicos, que falam de Jesus como se ele tivesse sido encontrado, nascido sem mãe. Um outro fato curioso que percebi durante as conversas com dona Gilberta foi com relação às reuniões presididas pelo pastor Marcos. Segundo ela, este líder religioso demonstrava-se amigável ao padre de Cruzeta e isso fez com que a rezadeira se identificasse. Ao final do culto, o pastor rezava um Pai-nosso e oferecia ao padre. Em conversa que tive com o líder católico, confirmei que havia realmente uma relação amistosa entre ele e o pastor, sobretudo quando o padre afirmou que costumava visitá-lo em sua residência. Porém, conseguia separar a amizade dos votos religiosos que cada um tinha que seguir.

Procurei saber se havia alguém na família dessa rezadeira que era convertido ao pentecostalismo. Nesse caso, queria saber se houve algum incentivo, por exemplo, por parte de um filho. Dona Gilberta tinha uma filha evangélica que morava na cidade do Rio de Janeiro, mas pelo que apurei não foi a conversão desta filha que a motivou a simpatizar-se pela doutrina evangélica, uma vez que faz mais de vinte anos que não a vê. Sobre este tipo de motivação dentro do seio familiar, Van Den Berg (2000, p. 67) afirma que “a influência de um filho(a) nessa conversão é também marcada por fazer de seus adeptos militantes religiosos dentro do próprio lar”.

A fronteira que separa uma religião de outra é tênue. Acontece intercâmbio com mais frequência do que se imagina. Quando me deparei com essas rezadeiras que demonstravam simpatia pela igreja evangélica temi por não encontrar na literatura suporte teórico que ajudasse no direcionamento das análises. No entanto, consegui alguns textos que abordaram essa questão. A exemplo disso, Brandão (1980, p. 281) relata em sua pesquisa, o caso de um presbítero que, desenganado da medicina, procurou um curandeiro:

O presbítero de uma das seitas, conhecido dos Prados à Vila Isaura pelo seu poder de cura e “dom da palavra”, teria chamado em casa “um índio curandeiro de Jacutinga”, quando descobriu que estava enfermo e que nem os recursos da medicina nem os da fê estavam dando resultado.

Na realidade, o que torna interessante a prática das rezadeiras evangélicas é que elas se situam numa zona de fronteira, cuja demais não têm domínio. Ou seja, elas atuam ambigualmente nas margens de uma religião e outra. Esse caráter ambíguo faz com que elas mantenham suas crenças aos santos, continuem rezando e também participando dos cultos evangélicos, seja indo às igrejas pentecostais ou assistindo aos programas através da televisão.

No entanto, pude averiguar que alguns crentes não aceitam o fato de uma rezadeira ser evangélica. A crente com quem conversei falou que antes de ter “aceitado Jesus” estava se preparando para ser freira, mas decepcionou-se com a rotina do convento. Após assistir um culto evangélico decidiu mudar de religião. De acordo com ela, sua família fez uma verdadeira “revolução”, inclusive o padre e as freiras da cidade, todos se voltaram contra ela. Evangélica da Assembléia de Deus por quase trinta anos, essa “irmã” criticou o fato de uma rezadeira se considerar evangélica e a amizade existente entre esse pastor e o padre. Para ela:

A rezadeira que se diz evangélica deve ser novata na igreja e não deve saber nada. E não deve frequentar os estudos bíblicos. Essa igreja dela é muito liberal. Até o pastor é amigo do padre [...] Eu tenho certeza que as igrejas evangélicas não admitem esse tipo de coisa. Uma rezadeira ser evangélica? (Informação verbal, evangélica da Assembléia de Deus, junho/2006).

Na verdade, a expressão de indignação contida nas falas dessa informante evangélica foi semelhante ao que aconteceu com a atitude dos fiéis do presbítero anteriormente citado. Eles não aceitaram o fato de seu líder procurar os serviços de um curandeiro, pois ele mesmo, em seus sermões, inferiorizava e denominava as práticas de curas como não sendo “coisas de Jesus”. Talvez compartilhando do mesmo ponto de vista dessa informante: “Pra mim toda rezadeira tem um negócio de catimbozeiro”. O que se percebe é uma árdua tentativa de discriminar a prática das rezadeiras. Como afirma Loyola (1984, p. 74):

Os protestantes acusam os pais e mães-de-santo de feiticeiros e denunciam suas práticas como ‘impuras e culposas’, devido ao uso ritual do tabaco, do álcool e de formas de expressão corporal sensuais ou sexualmente ambíguas, associando, assim ao diabo, o símbolo do mal. Embora não se evidencie neste estudo a dinâmica das regiões afro, por outro lado, não posso deixar de perceber que algumas pessoas, incluindo esta crente, costumam se reportar às práticas das rezadeiras como sendo uma prática de feitiçaria.

Além de desqualificar, chamando-as de catimbozeiras, a informante crente enaltece a prática da biomedicina quando questiona a eficácia das rezas ressaltando o conhecimento científico que os médicos detêm: “Como é que a rezadeira vai saber que a pessoa está com *arca caída*, se nem o médico sabe?” (Informação verbal, junho/2006). Obviamente, que esta informante não entende a prática das rezadeiras como uma lógica terapêutica diferente da lógica dos médicos. Todo esse discurso era para enfatizar que as pessoas não deviam estimular a prática das rezadeiras. No entanto, falou que sua irmã levava os filhos para uma rezadeira curá-los e que seu pai falava da existência das pessoas que tinham o *olhar mal*:

Se alguém estivesse mordido de cobra e uma dessas pessoas chegassem.... o doente se sentia mal e, caso não cuidasse ele morreria. Mulheres de resguardo também não podiam ser vistas por este tipo de pessoa. Mas, isso era involuntário (Informação verbal, evangélica da Assembléia de Deus, junho/2006).

A comunidade de crença da qual comungam essas rezadeiras, ao mesmo tempo evangélicas e católicas, permite a elas construir uma visão de mundo diferente e complexa, pois conseguem reelaborar suas práticas a partir de elementos e fragmentos religiosos visivelmente contrários. Esse intercâmbio e trânsito religiosos possibilitam a estas rezadeiras atingir uma esfera que as outras não conseguem. Talvez elas não sejam conhecidas por suas rezas, mas, com certeza, elas são diferentes por apresentar essas características específicas.

3.3 RE-AFIRMAÇÃO DIANTE DA RELIGIÃO CATÓLICA: A REZADEIRA DA JUREMA E O PADRE.

A rezadeira que, além de rezar, também realizava *trabalhos* assume assim, tal qual a rezadeira evangélica, um status diferenciado perante a comunidade. Era o caso de dona Rita de Ramim que tanto rezava em crianças com *olhado*, *venta caído*, *espinhela caída* e outras doenças e também *botava mesa*. Ela tinha a possibilidade de recorrer às duas esferas religiosas, ou seja, curava usando apenas as rezas e as suplicas aos santos – portanto apoiando-se nas práticas do catolicismo popular - e, ainda, dependendo da especificidade do problema, ela pedia ajuda aos guias (caboclos).

Talvez não seja o caso das rezadeiras evangélicas, haja vista não ser do conhecimento de todos da cidade, que estas também comungam dos dogmas da igreja evangélica. Mas, com relação à rezadeira da jurema, essa sim, perante as demais adquire um status de inferioridade e desqualificação, sobretudo porque as rezadeiras que se dizem apenas católicas, se referem a estas que realizam trabalhos envolvendo elementos religiosos de matriz afro-brasileiros, como sendo *feiticeiras*. Para ter uma idéia até a planta jurema é abolida dos rituais de cura por ser considerada um elemento exclusivamente usado pelas especialistas em feitiços. Como bem enfatizou Barica, esta rezadeira tinha mais *preparos*, o que conseqüentemente, a tornava alvo de críticas destrutivas por outras rezadeiras que apenas rezavam. Além de ter um diferencial a mais, dona Rita de Ramim permanecia numa linha tênue e até mesmo ambígua: recebia caboclos e, ao mesmo tempo se dizia católica.

A rezadeira que recebia caboclos tinha noção da ambigüidade que vivenciava sua prática. A prova disso é, que embora se denominasse também católica, ela dificilmente freqüentava à igreja. De acordo com o padre da cidade, a rezadeira é aquela senhora de muita devoção, piedosa que, com todo carinho, conversa e escuta. Cria-se um laço entre ela e a pessoa a ser tratada. Ao se ultrapassar o estereótipo do que seria uma rezadeira, já pode desembocar em outra idéia, de o que o padre denominou de “curandeirismo”. É justamente, convivendo entre a prática da reza e a prática do curandeirismo, que dona Rita de Ramim está situada. Se por um lado ela elabora sua prática com base nos elementos da religião católica, por outro, busca comungar de crenças e técnicas específicas da invocação dos caboclos. A prática da reza, é aparentemente aceita pela Igreja Católica, enquanto a prática do fazer *trabalhos* é vista como uma prática ilícita, equivocada, inconsistente e, até, pecaminosa em termos religiosos. Pelo que observei nas falas do padre, as rezadeiras não são vistas como uma ameaça aos dogmas da religião católica: “Eu não vejo que as rezadeiras possam ferir, desde que não partam para um curandeirismo” (Informação verbal, abril/2006).

Dona Rita de Ramim afirmou que, em alguns casos, costumava receitar chás e banhos com ervas medicinais ou *cheirosas*, como ela se referiu. São *preparos* indicados pelos *guias*.

Eu indico banho de alecrim pra lavar a cabeça quando o doente tá com *costipação*¹¹⁰, doente de *ramo*. A gente pega a hortelã miúda, depois faz um chá e mistura com um pouquinho de café” e dar pra pessoa tomar (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Enquanto algumas rezadeiras da cidade acreditavam que as forças de suas rezas tinham uma relação íntima com as pessoas com quem aprenderam as rezas, no caso de curadores. Para dona Rita de Ramim, suas forças estavam concentradas nos vários guias que ela recebia:

A jurema é forte... eu não estou dizendo que tem sete caboclos em cima de mim. Se eu for puxar pelos guias que eu tenho... não sei nem quantos. Zé Pilintra, Cabocla Jurema, Caboclo Severino da Silva da Bahia, Zé Pelintra Pequenino, eu também trabalho com aquele dali [aponta para as imagens de Cosme e Damião que estavam na parede] (Informação verbal, abril/2006. Grifo do pesquisador).

Acredito que pelo fato dela não ter passado pelo mesmo tipo de aprendizagem que a maioria das rezadeiras da cidade, ou seja, através de alguém da família ou coisa semelhante, ela usava o argumento de que seus poderes de cura eram de *nascença*. Obviamente para

¹¹⁰ *Costipação* é o mesmo que apanhar um ramo, ou seja, a pessoa estava dormindo e saiu na chuva. Daí, apresentar dores de cabeça forte. Ou então, tomou café e, em seguida tomo água fria.

chegar a essa conclusão, ela se embasava na experiência sobrenatural que passou na fase criança.

A relação da clientela e dona Rita de Ramim, neste ponto não sei como dizer porque durante as vezes que fui à casa dela, nunca coincidiu de presencia-la rezando em uma pessoa. Nem tão pouco a ver realizando os trabalhos de curas na mesa. Quando eu estava em pesquisa ela me convidou para eu ir assistir a ela realizando um trabalho, no entanto ela adoeceu e cancelou os trabalhos. E também coincidiu com o término do prazo para concluir a pesquisa de campo.

Por outro lado, se percebe na dinâmica da prática desta rezadeira um intercâmbio entre elementos do catolicismo e outros relacionados, com o que ela denominou de *mesa de trabalhos*. Na verdade, pela manipulação de elementos e técnicas como flores, jarros com água, flores brancas, cheguei a conclusão que poderia haver uma relação com o culto da jurema. Ainda mais porque dona Rita de Ramim sempre enfatizava os “caboclos que recebia”. Havia no discurso dela uma forte preocupação na tentativa de valorizar a sua prática de forma a trazer o mais próxima possível da religião católica. Era comum ouvi-la dizer “aqui são meus santos da igreja”, nas suas falas também era recorrente as palavras religiosas, sobretudo suplicas como: “Valei-me minha nossa senhora, meu padrim frei Damião!” (Informação verbal, maio/2006). Para esta rezadeira trabalhar recebendo guias, não se caracterizava como uma prática ilícita, até porque ela usou o argumento da confissão que teve com este frei. Esse fato permitiu que ela pudesse transitar com fluidez entre o que seria aceito pela religião católica e sua prática de cura de nascença.

Vejo que há comunhão de crença na prática desta rezadeira. Começaria enumerando algumas características que proporcionam este trânsito religioso, sobretudo quando se observa as paredes da casa desta rezadeira e as paredes das salas de outras rezadeiras. Trata-se das inúmeras imagens de santos que estão dispostas. Acredito que a recorrência deste tipo de decoração religiosa está presente nos “espaços terapêutico-religiosos” da maioria dessas mulheres, com exceção de dona Gilberta, que em sua casa não havia imagens de santos. O que não ocorreu com dona Giselda, pois mesmo se denominado também evangélica, mantinha muitas imagens de santos em seu quarto.

Podia-se observar também nas falas de dona Rita de Ramim elementos que eram aparentemente contrários aos usados na religião católica, sobretudo quando ela falava que se *manifestava* quando ia realizar os “trabalhos na mesa”. É interessante perceber também a tentativa de tornar sua prática religiosa menos ilícita, quando enfatizava que não trabalhava para fazer o mal às pessoas. Isso talvez estivesse relacionado com a proximidade que

mantinha com o catolicismo, que prega fazer o bem. Porém, sabe-se que estes termos, por si só são ambíguos, ou seja, com bem enfatiza Sanchis (1997, p. 225), uma ambigüidade que não deixa o mundo de modo maniqueísta dividido em ‘bons’ e ‘maus’, e que também significa ambivalência dos seres. De certa forma, não sei se uma pretensão, no sentido de aproximar sua prática da religião católica, mas há uma tentativa percebida a partir do seu discurso. No que diz respeito à relação desta rezadeira com os evangélicos, ela foi enfática ao dizer que não simpatizava com eles, sobretudo quando eles passavam em sua casa querendo entrar para fazer os *discursos*. Contou que uma vez, chegou um crente em sua casa e disse para ela jogar fora os quadros de santos porque não serviam para nada. Ela disse que o expulsou de sua casa e hoje ele entra em todas as casas da vizinhança, porém não entra em sua casa. Com isso se percebe, que há uma relação de aproximação de sua prática com elementos da religião católica, sobretudo no que diz respeito a imagens dos santos que também estão presentes em sua mesa.

3.4 AS REZADEIRAS E SUA CLIENTELA

Neste item pretendo discutir os elementos que contribuem para a relação entre as rezadeiras e sua clientela, as razões que levam os clientes a procurar uma determinada rezadeira e não outra, como é construída a relação de confiança entre o cliente e a rezadeira, além de mostrar um pouco o perfil destes clientes. Desenvolvo também sobre outros fatores como, por exemplo, a predisposição para ouvir os problemas dos clientes, a comunhão dos elementos católicos por parte das rezadeiras. Ao longo das discussões, farei uso de dados obtidos através de pesquisa quantitativa a respeito da clientela da rezadeira Barica por entender que esses dados são significativos e dão uma noção geral do universo das rezadeiras, sobretudo quem são as pessoas que procuram pelos seus serviços de cura. Além disso, como esta rezadeira tem uma maior demanda de clientes na cidade, isso pode dar uma visão mais geral sobre a clientela de todas as rezadeiras. Pelo que observei a maioria das pessoas que buscam os serviços de cura das rezadeiras disseram compartilhar dos mesmos códigos religiosos que elas, ou seja, dizia ser católica.

3.4.1 Perfil da clientela da rezadeira Barica

Em sua maioria, a clientela das rezadeiras é formada por mulheres. Embora o gráfico abaixo mostre a clientela da rezadeira Barica, observei esse fenômeno em todas as outras por onde realizei a pesquisa. Não entanto, não atribuo essa demanda ao fato de serem as mulheres apenas mais necessitadas de rezas. Na verdade, acredito que, pelo fato da maioria ter como ocupação profissional, ser “do lar”, e estar mais presente no dia a dia dos filhos lidando com os problemas de saúde destes, acabam por procurar as rezadeiras bem mais que os homens.

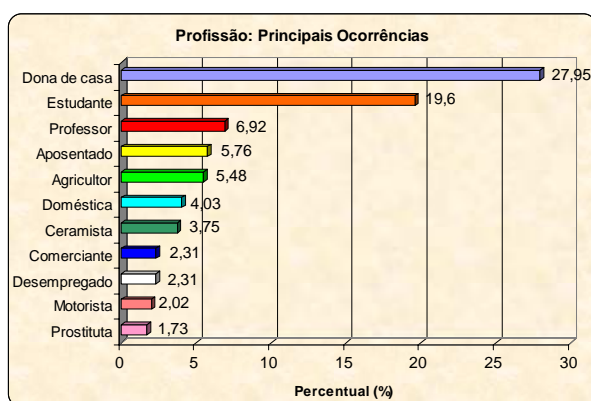


Figura 28 – Gráfico da profissão da clientela (dados do pesquisador)

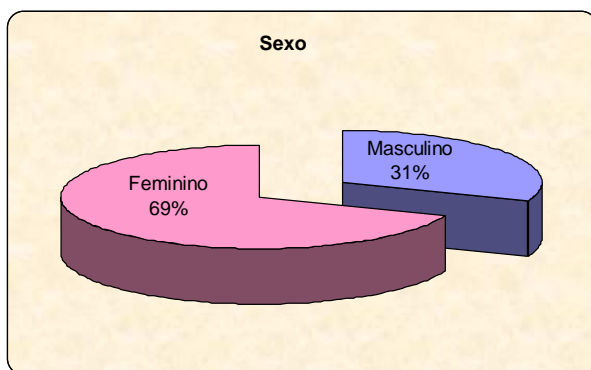


Figura 29 – Gráfico do sexo da clientela da rezadeira Barica (dados do pesquisador)

Embora a figura 29 mostra que 69% da clientela atendida pela rezadeira Barica era do sexo feminino e apenas 31% do sexo masculino. Presenciei por diversas vezes, alguns homens desacompanhados das esposas conduzindo os filhos para a rezadeira curar. Suponho que a demanda do gênero feminino tenha sido proveniente dos tipos de problemas e pela relação de confiança que estas estabelecem com a rezadeira.



Figura 30 – Pai acompanhando a filha durante o ritual de cura

Era comum que muitas mulheres tivessem uma conversa em particular com a rezadeira. Este caso, geralmente, tratava-se de desavença familiar, casos de adultérios etc. Embora eu não tivesse acesso ao conteúdo desta conversa, Barica, após a saída da cliente, resumia em poucas palavras o teor da “consulta”. Em outros casos, observei também a grande incidência de adolescente que procuravam a ajuda da reza para “ver” se estava realmente grávida. Nestes dois casos percebe-se uma forte confiança depositada na figura da rezadeira. E muitas destas adolescentes nem tinham ido ao médico, nem tão pouco tinham conversado sobre o assunto com alguém da família.

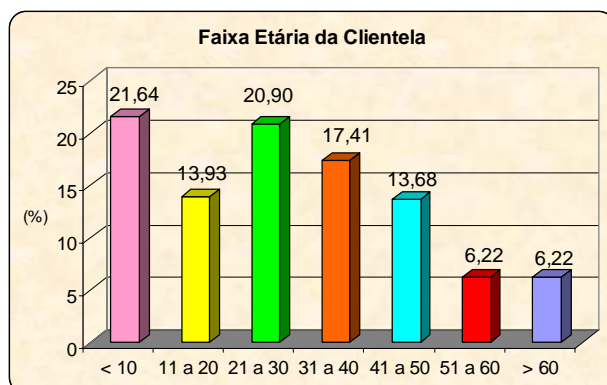


Figura 31 – Gráfico da Faixa etária da clientela (dados do pesquisador)

Os resultados presentes na figura 31 mostram as faixas de idades dessa clientela e dialogam com algumas informações fornecidas na figura 30. Percebe-se que 21,64% dos entrevistados tinham idade até 10 anos, que em sua maioria eram crianças conduzidas até à casa da rezadeira pelas mães e, em algumas vezes pelos pais. Neste caso, a maior queixa que as mães tinham era de *olhado*. Por outro lado, 13,93% dos clientes, eram adolescentes e jovens buscando ajuda da rezadeira para resolver problemas de namoro e suspeita de

gravidez. Já as pessoas com faixa etária entre 21 a 30 anos, portanto 20,93% da clientela, buscavam ajuda para uma série de problemas como, por exemplo, conseguir emprego, passar em concursos, reconciliar namoros, pedir rezas como proteção entre outros.

A figura 32 nos dá a nítida noção de que esta rezadeira atua significativamente na zona urbana. Na verdade, embora existam rezadeiras nos sítios, muitos clientes aproveitavam o dia de feira da cidade (sábado) para ir se rezar com Barica. Mas, ocorria também que pessoas da zona rural ia se rezar em qualquer dia da semana. Percebi, enquanto estava realizando pesquisa sobre a reza de Joanhina, que nesse dia a rezadeira recebia muitos clientes que moravam nos sítios.

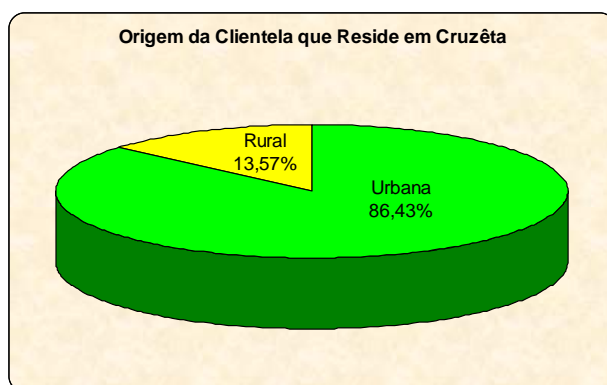


Figura 32 - Gráfico da origem da clientela (dados do pesquisador)

De acordo com os dados acima, a grande maioria da clientela da rezadeira, a saber 86,43%, residia na zona urbana de Cruzeta. Enquanto que apenas um pequeno percentual de 13,57% era originária da zona rural. Embora este percentual seja baixo, a rezadeira enfatizava que, diversas vezes, foi realizar rezas de curas em clientes que residiam nos sítios¹¹¹. Com uma ressalva, as “doenças” não eram as mesmas enfrentadas pelos clientes que residem na cidade. Geralmente, eram problemas relacionados às necessidades diárias: curas em animais¹¹², curas preventivas contra o *olhado* em plantações, etc. Em outra pesquisa, realizada em 2002, tive oportunidade de observar a rezadeira Barica rezando um cavalo de um homem que morava na zona rural. Na ocasião a queixa principal era que o animal estava sem querer se alimentar. E o dono do animal suspeitava de *olhado*. Durante o ritual, não percebi diferença acentuada entre as palavras da reza usada para curar o cavalo daquelas usadas em seres humanos, exceto a pronúncia do nome do animal.

¹¹¹ Durante o mês de fevereiro de 2006, Barica não foi acionada para ir rezar nos sítios, pois se isso tivesse acontecido eu teria ido junto.

¹¹² Vacas leiteiras que diminuíram a produção leite depois que uma determinada pessoa se admirou do ubre (tetas).



Figura 33 - Barica rezando um cavalo

Para dona Giselda, existem rezas próprias para animais e outras para seres humanos. Acrescentou ainda que as rezas podem mudar dependendo do tipo de animal, ou seja, para os animais “abençoados” como vacas, burros, cavalos, ovelhas etc., a reza é igual à usada para curar os problemas de gente. Ao tratar da cura de porcos há, uma reza específica e os ramos devem ser galhos grandes. Os gestos não são em formas de cruz e obedece a direção da traseira para a cabeça do animal. Veja um trecho da reza:

Porco nascido, porco criado, quais foram esses malditos olhos que te botaram esse olhado? Se foi na gordura, na boniteza, na comida, no cuidar, que ele seja desterrado para as ondas do mar sagrado (Informação verbal, novembro/2006).

Tia Romana, assim como dona Giselda, fez restrição quanto ao tipo de reza usada para curar suínos e caprinos. Para ela, estas espécies de animais são consideradas *amaldiçoadas*. Para curá-los, ela usa uma reza específica fazendo uso de uma vassoura: “Bruto se foi olhado que te botaram, a cruz de Deus tá em riba de ti” (Informação verbal, junho/2006).

A confiança que a clientela deposita em algumas rezadeiras é tanta que, muitas vezes, antes de buscar ajuda do médico, passam primeiro pelo ritual da cura para obter a opinião da rezadeira. Dependendo do diagnóstico fornecido pela rezadeira é que buscam ajuda médica. Caso contrário, passam a fazer o tratamento só através das rezas. Nos casos em que a rezadeira recomenda procurar um médico, o tratamento é realizado de forma complementar, ou seja, fazem uso tanto da medicação como das rezas.

Eu tive uma dor nas pernas, quando eu andava queria cair. Era aquele negócio puxando pra baixo. Vim aqui em Barica, fiquei boazinha. A gente aqui é melhor atendida do que no hospital (Informação verbal, cleinte, fevereiro/2006).

Esse grau de confiança se estabelece porque a rezadeira propicia ao cliente condições de espaço e interação que facilitam a ele/ela expor seus problemas, tendo a certeza que ela vai ouvi-lo e tentar ajudá-lo. De fato, a relação envolvendo confiança é crucial para alimentar a “fé” que os clientes depositam na rezadeira. Era comum ouvir comentários como “eu só tenho fé em fulana, pois ela já sabe de todos os meus problemas” ou, então, “ela é tudo pra mim, é mesmo que ser uma mãe”. Essa cliente contrastou a relação que mantinha quando precisava dos serviços médicos e a relação que estabelecia com a rezadeira Barica:

Eu me sinto mais aliviada, mais a vontade, desabafo tudo com ela. Doença de *olhado* eu não sei ir pra nenhuma rezadeira a não ser ela. Eu nunca me abri [contou os problemas pessoais] para outra rezadeira a não ser pra Barica. Só se for uma coisa muito grave que eu precise contar para o médico, caso contrário eu só falo os sintomas. A medicação vale, mas acho melhor a reza (Informação verbal, cliente, fevereiro/2006. Grifo do pesquisador).

Esta fala fez-me reportar a um tema interessante recorrente na antropologia da saúde. Trata-se das discussões sobre o “efeito placebo” que, na concepção de Moerman, para existir a eficácia da cura no tratamento de saúde deve-se levar em consideração os aspectos mentais e corporais do doente, pois “ser uma pessoa é ter uma mente e ter uma mente é estar habilitado para usar símbolos” (MOERMAN, 1983, p.249). No contexto onde as curas são realizadas, a eficácia dos tratamentos se expressa através da manipulação de símbolos entendidos tanto pelo doente quanto pela rezadeira. Embora este trabalho não aborde as discussões em torno do xamanismo, aproximo esta prática à das rezadeiras por entender que elas também se utilizam da linguagem simbólica para realizar suas curas. No caso desta cliente, a intimidade é tão intensa que fica evidente não apenas a existência da confiança, mas de um envolvimento emocional e afetivo. No final da sua fala, há um ponto que pode servir de reflexão para os profissionais da saúde que lidam com a lógica da biomedicina: a “medicalização não resolve tudo”. É preciso que o ser humano de “carne e osso e sentimentos” entre em ação. Como bem enfatiza Moerman (1983, p. 248) a concepção popular deste dualismo corpo e mente envolve uma maior complexidade conceitual do organismo, onde a pessoa tem uma ‘mente e um corpo’. Na verdade o autor está mostrando que tanto o corpo quanto a mente são partes de um todo que devem ser tratados de forma complementar, portanto, não se pode separar estas duas esferas no momento da realização de uma cura. Nas conversas com a clientela, tanto nas casas das rezadeiras quanto no hospital ou no âmbito do PSF, era recorrente a falta de sensibilidade por parte, não apenas dos médicos, mas também dos técnicos administrativos, no tocante a dar informações precisas e de forma polida.

Embora tenha acatado a idéia de Morman (1983) onde ele atribui a prática xamânica como sendo provida de símbolos, fiquei pensando também, a partir da fala da cliente acima, que ela procura a rezadeira Barica por motivos também afetivos (confiança), o que daria uma dimensão complementar, ainda que igualmente simbólica. Na verdade, isso implica que a cliente só busca ajuda desta rezadeira. Neste caso, não é apenas o fator simbólico que conta na hora da escolha, há outros elementos que influenciam desde a decisão até o fortalecimento dos laços com a rezadeira.

O conceito de líder carismático em Weber (1994) possibilita entender como esse sentimento de confiança da clientela para com a rezadeira se estabelece no dia a dia. Quero deixar claro que o conceito de dominação proposto pelo autor baseia-se numa relação onde há aqueles que impõem as ordens e outros que as recebem. Então, a dominação é relacionada com a hierarquia, onde há relações de poderes aparentes. Não foi esta a intenção quando relatei o tipo de dominação carismática para exemplificar o caso da rezadeira Barica. Na verdade, a partir das observações, percebi que algumas características construídas pelas rezadeiras, como a simpatia, o saber ouvir, a sensibilidade para lidar com os problemas enfrentados pelos clientes, contribuem para que haja uma atmosfera de familiaridade entre ambas as partes. É um processo que vai adquirindo firmeza e maturidade ao longo das visitas, ou seja, a partir de cada uma delas, os laços afetivos vão se estreitando. Na opinião do padre da cidade, o que impulsiona as pessoas a procurar ajuda das rezadeiras é o que denominou de “empatia”:

Tem gente que diz: olhe depois que eu conversei com você tô mais leve. A pessoa adocece, o menino... a doença é tendenciosa a nos levar para abaixo. Isso é mais psicológico do que a própria doença. O psicólogo não cura ninguém, ela vai te ajudar a sair daquilo. Ele tem técnicas para te ajudar. Na questão das rezadeiras, a metodologia é semelhante. Elas são honestas ao dizer que não são elas quem cura. A questão da fé vai se mesclar com o psicológico (Informação verbal, padre Amaurilo, maio/2006).

Há um elemento contido nesta fala que é interessante de ser ressaltado: o fator psicológico. Ao contrário da informante “crente” o padre não desqualifica a prática das rezadeiras. No entanto não acredita que ela possa curar alguém doente. Na verdade, para ele, há influência da dimensão psicológica, subjetiva do cliente, que é ativado quando a rezadeira se disponibiliza a conversar e ouvir os problemas deste. Mas, eu gostaria de acrescentar que é a rezadeira quem direciona e faz o doente entender simbolicamente o mal que está lhe afligindo. O interessante nesta fala é perceber a relação que o padre estabelece entre o fator psicológico do doente e a fé. Ele atribui o sucesso da cura através das rezadeiras como sendo

um processo onde “a fé se mescla com o aspecto psicológico”. Confesso que fiquei surpreso quando ele se apoiou num discurso da ciência para explicar uma prática religiosa, ou seja, ele usou o discurso acadêmico para desqualificar a prática das rezadeiras. Talvez, não tenha sido essa a intenção, até porque ele não se mostrou adverso ao opinar a respeito das práticas de curas destas mulheres. Imaginei que esse ponto pudesse ter sido produto de alguma leitura que ele tivesse realizado a respeito da eficácia da fé, sobretudo aqueles autores que atribuem a cura a partir do viés psicológico. Outra ressalva, é que a fé para ele não está exclusivamente ligada ao plano religioso. Há outras esferas, a saber a psicológica, que ele usa para justificar a cura realizada pelas rezadeiras.

A confiança que a clientela deposita sobre as rezadeiras, atua como um feito cascata: é alimentado pelo carisma da rezadeira, mas, ao mesmo tempo, isso impulsiona a própria clientela a usar de forma complementar os serviços médicos e as rezas.



Figura 34 - A mãe medicando a criança enquanto aguarda a vez de rezar a criança.

O caso desta cliente é emblemático para pensar a questão da complementaridade. Ela já tinha consultado a criança com um médico, inclusive tinha recebido a medicação na própria farmácia do hospital. Contudo, quando retornava do hospital, passou na casa da rezadeira para rezar a criança. Repare que neste momento ela estava abrindo a embalagem do frasco de remédio para fazer a criança tomar.

3.5 FLUIDEZ ENTRE O SABER MÉDICO E O SABER DAS REZADEIRAS

Percebi nas falas dos médicos uma relação amistosa entre eles e as rezadeiras, sobretudo quanto às práticas de curas que elas realizam. Dr. Sérgio ressaltou as características pertinentes à rezadeira Barica e comentou sobre as práticas de cura que ela realizava nos pacientes que freqüentavam seu consultório.

Bom, eu só conheço uma rezadeira aqui que é a Barica, inclusive muitos pacientes dizem que levam os filhos para ela rezar. Eu cuido dos netos dela, eu vejo que ela é uma pessoa muito inteligente. Sempre que ela vem aqui fica me perguntado sobre isso, sobre aquilo (Informação verbal, junho/2006).

Quando o médico falou que a rezadeira era inteligente, ele referia-se aos tipos de perguntas que ela fazia durante o período da consulta. A apropriação criativa de práticas e termos médicos por Barica é perceptível nos rituais de curas com seus clientes, sobretudo quando se percebe algo do tipo: *Você já fez o exame da mangueira?* (exame de endoscopia digestiva), *já bateu uma chapa?* (exame de radiografia) etc. Com relação à prática de indicar algum medicamento aos clientes, não presenciei nada semelhante durante o período que realizei pesquisa. Até uma cliente de Jucurutu/RN, que se curava de um câncer nas cordas vocais, perguntou a Barica após a reza se ela não sabia de um *remédio do mato* que servisse para aquela doença. A rezadeira disse que não sabia, mas que o melhor mesmo era ela continuar fazendo as *aplicações* (sessão de quimioterapia em que esta cliente estava se submetendo na Liga Contra o Câncer em Natal). Sobre essa “circularidade” de saberes, a rezadeira relatou um caso envolvendo seus conhecimentos e os conhecimentos médicos.

Barica: Tem problema aqui que através da cura eu tenho descoberto muita coisa. Porque um dia desse chegou uma senhora aqui com a barriga inchada, se queixando de muita dor. Já tinha ido pro médico, só que ele passava uma injeção e mandava ela pra casa. Só que ela não agüentou mais o desespero, né. Aí, veio se rezar pra ver se era *gases*, alguma coisa assim. Quando eu comecei a rezar, descobri que era um *caroço*. Ela perguntou que *caroço* era aquele. Eu disse que era um caroço e que estava muito inflamado... e era problema pra médico. Ela falou que já tinha ido e ele não tinha resolvido o problema. Mas volte lá de novo, você tem que pedir um *ultra-som*, porque se não pedir esse exame, você nunca vai ver o resultado da doença. Ela voltou ao médico e ele passou um *ultra*. Ela bateu e não *acusou* nada. Então, ela voltou aqui muito desesperada dizendo que era *feitiço*. Porque só Deus era quem ia desmanchar esse feitiço de cima dela. Eu tornei a fazer a mesma cura e disse que o problema dela era um *caroço* e já estava muito inchado. Você tem que fazer uma *tomografia* ou qualquer coisa. Senão você vai morrer. Ela tornou a voltar pro médico, e ao chegar ao consultório, ele diz:

Médico: Você já fez um ultra que Dr João passou. Fazer mais o quê?

Paciente/Cliente: Mas a rezadeira disse que era um *caroço*!

Médico: Como foi que ela soube?

Paciente/Cliente: Ela viu na reza.

Médico: Você não tem nada.

Paciente/Cliente: Tenho porque me dói muito e me incomoda.

Barica: Aí, foi ele passou outra ultra. Quando chegou em Natal que bateu o exame era uma vesícula grande. Foi casão de cirurgia.¹¹³ (Informação verbal, fevereiro/2006. Grifo do pesquisador).

A partir deste discurso pode-se observar uma série de elementos que vai desde a confiança existente entre a rezadeira e o cliente, passando pela apropriação dos termos médicos por parte da rezadeira até a questão de saber ouvir atentamente os clientes quando estes relatam os sintomas que os afligem. Por exemplo, quando a rezadeira diz: “volte lá de novo, você tem que pedir um *ultra-som*, porque se não pedir esse exame, você nunca vai ver o resultado da doença”. Ela está chamando a atenção para a limitação da sua prática, mas por outro, possibilita e encoraja o cliente a buscar outros meios de conseguir a cura. De acordo com alguns clientes, o que diferenciava esta rezadeira das demais existentes na cidade, era a capacidade que ela tinha de mostrar soluções. Quando ela não conseguia resolver o problema, já falava logo em seguida. Mas também quando não conseguia resolver, não protelava. Esta realidade vivenciada pela rezadeira pode ser entendida como uma relação de complementaridade ou até mesmo de ajuda, como menciona o próprio médico:

Eu acho muito interessante esse trabalho que as rezadeiras fazem, inclusive me ajudam. Porque aqui tem muita gente com problemas psicológicos. E por qualquer coisa, uma briga com o marido já vem aqui pedir antidepressivo. Eu sou cauteloso, mas se estas pessoas pegarem um médico que não queira ouvir seus problemas, passa logo *diasepan* para elas ir para casa. E como as rezadeiras não têm outras atividades para realizar, a não ser receber essas pessoas para ouvi-las. Então, elas podem ouvir e orientar, porque nós aqui não temos tempo para isso (Informação verbal, dr. Sérgio, maio/2006. Grifo do pesquisador).

Este médico foi apontado por alguns informantes como sendo o único médico da cidade que conversava e dava atenção às pessoas durante a consulta médica. Veja que ele chega a relacionar os problemas familiares como sendo um motivo para alguns pacientes pedir para ele receitar antidepressivos. Pelo menos nestes casos, ele está privilegiando o diálogo (o ouvir), enquanto o paciente privilegia o consumo de medicamentos. Só que de acordo com os clientes que conversei, na maioria das vezes são os médicos quem costumam priorizar ver ao invés do ouvir. Uma cliente comentou o seguinte: “tem vez que eu vou ao médico, bem não chego na porta do consultório ele já está com a receita na mão”. Fica evidente na fala desta cliente o que Moerman (1983), ao refletir sobre o efeito placebo, denominou de “característica bimodal da biomedicina”, ou seja, ao invés do médico privilegiar ambos aspectos corporais e mentais do paciente, elege apenas a esfera corporal

¹¹³ Neste diálogo fica evidente, a doença sob a visão do paciente e, sob a perspectiva do médico. Seria o que Helman (2003) denomina, respectivamente, de perturbação e de patologia.

para atuar. Embora se perceba uma certa relação amistosa entre os profissionais de saúde a respeito da prática realizada pela rezadeira na cidade, um outro fator que causa preocupação é a questão da ausência de “interação entre o médico e o paciente”. A opinião do médico sobre as rezadeiras parece meio ambígua. Ao mesmo tempo em que afirma que elas os ajudam, também desqualifica a prática da reza quando insinua que elas não têm outras atividades a desempenhar a não ser “ouvir” os problemas das pessoas. No entanto, talvez por desconhecer a rotina destas mulheres que rezam, este médico tenha sido infeliz ao afirmar que elas não teriam outra atividade. É como se apenas o trabalho realizado pelos médicos fosse importante. Uma vez, que esta atividade é produto de um tipo de saber especializado e dominante, que passa pela formação universitária, enquanto as rezadeiras não usufruem desse mesmo tipo de saber. Portanto, a posição social delas não lhes permite que desfrutem do status e da autoridade de doutoras, ao contrário dos médicos. Contudo, observa-se que algumas rezadeiras acumulam uma tripla jornada de trabalho, ou seja, cuidam dos afazeres domésticos, dos filhos e dos maridos e, ainda, dos clientes que chegam às suas casas em busca de rezas. Na verdade, o que os médicos deveriam também fazer, que era ouvir seus pacientes, acabam por favorecer as rezadeiras, que ouvem seus clientes.



Figura 35 - Barica rezando os clientes em meio à rotina doméstica

Não existe por parte da maioria dos médicos o mínimo interesse em entender o contexto sócio-cultural e econômico que o paciente está inserido muito menos de entender as rezadeiras. Nem a preocupação de estabelecer uma linguagem que seja acessível ao paciente. Sobre esta questão Boltanski (1989, p. 44) diz o seguinte:

É em primeiro lugar uma barreira lingüística que separa o médico do doente das classes populares, pois a utilização pelo médico de um vocabulário especializado redobra a distância lingüística, devida ao mesmo tempo a diferenças lexicológicas e sintáticas, que separam a língua das classes cultas das classes populares.

Essa barreira lingüística que separa o médico do paciente é visivelmente observada por este quando necessita de ajuda de um profissional da biomedicina. De acordo com alguns clientes com quem conversei durante o período que visitei às rezadeiras, um “bom médico” é aquele que estabelece o mínimo de diálogo e interessa-se em conhecer o estado de saúde (perturbação) que a pessoa está atravessando. Frases com conteúdos semelhantes foram bastantes citadas: “Doutor fulano, quando a gente chega ao consultório, ele não olha nem pra cara da gente”. Separei a seguir alguns relatos emblemáticos que sintetizam bem esta realidade que envolve, não apenas a questão da relação médico e paciente, mas a linguagem usada pelos profissionais de saúde:

Com toda ruindade, ter que pegar ficha, eu prefiro dr. Sérgio porque tenho mais contato com ele. Eu me identifiquei muito com ele a ponto de falar sobre os meus problemas com meu marido. Eu conversava sobre minhas coisas com ele. Eu tenho ele como médico e como amigo (Informação verbal, Cliente, 37 anos, maio/2006).

Uma cliente ao referir-se a um determinado médico da cidade enfatizou a sua falta de cuidado para com os pacientes. Segundo ela, por pouco não perdeu a sua vida e a de seu filho, o que poderia ter sido evitado se este profissional tivesse posto em prática o uso do diálogo em suas consultas.

Tem um médico aqui que não liga muito para os pacientes. Se fosse por ele quando eu fiquei grávida desse menino [criança de colo] e chegou a hora dele nascer. Se dependesse da vontade desse médico tinha morrido eu e a criança. Ele só fazia dizer que quando chegasse o dia de nascer, ele nascia. Se eu não tivesse procurado médicos em outra cidade, eu hoje não estava aqui [tinha falecido]. Era caso de *cesária* e ele não dizia. Esse médico nem dar atenção pra gente. Ele só sabe se o paciente é homem ou mulher porque a voz é diferente. (Informação verbal, Cliente, 24 anos, maio/2006. Grifo do pesquisador).

Esta atitude de procurar outros médicos fora do município onde morava mostra que a paciente acreditava que poderia encontrar outro profissional que a atendesse de forma digna, ou seja, que desse a ela a atenção que o médico de sua cidade havia negado. Se, um bom médico, como algumas pessoas colocam, for aquele profissional de saúde que tenta estabelecer um diálogo com o doente, é provável que esta paciente o considere assim. Fica evidente também nestes relatos a ausência do que seria uma consulta, pois não foi permitido à paciente expor o seu ponto de vista a respeito do que estava afetando-a. Segundo Helman (2003, p. 139) para que a consulta tenha êxito, deve haver um consenso entre as duas partes sobre a causa. Com a prática da reza e, acredito, que em outras práticas de cura popular, isso é diferente. O cliente não tem apenas a oportunidade de falar sobre seus problemas, como

encontra nas palavras e ações da rezadeira um nível de confiança e encorajamento para conseguir superar a doença. Veja um pequeno fragmento de um diálogo entre a rezadeira Barica e uma cliente portadora de câncer:

Barica: Dona Maria não vá se desesperar! Eu peço muito em nome de Deus que a senhora não vá se desesperar. O que mais adoece é o desespero.

Dona Maria: É, mas eu tenho muita fé em Deus.

Barica: E lute. Não é porque a senhora tá com esse problema que vai botar na cabeça que vai morrer. A senhora tem um problema que muitas pessoas também estão passando. Eu dou força. Lute. Levante a cabeça (Informação verbal, fevereiro/2006).

Além de se preocupar em manter o cliente com a “auto-estima” em alta e, com isso, encontrar força interior para “lutar” contra a doença, a rezadeira Barica citou outros casos semelhantes envolvendo clientes que alcançaram o sucesso da cura:

Barica: O que eu tenho pra dizer do velhinho [que também tinha câncer] é que os médicos deram apenas três meses de vida e ele hoje tá aí. Eu queria que a senhora visse, gordo parece um bichão.

Dona Maria: É, né. Se não tivesse vindo aqui já tinha morrido.

Barica: Mulher, o pobre do velho... Encheram tanto a cabeça dele que ele não saia mais de casa [depressão]. Aí, o médico disse que não adiantava operar mais não, porque senão ele morria mais ligeiro. É tapar os ouvidos e não levar em conta o que o povo diz (Informação verbal, fevereiro/2006. Grifo do pesquisador).

Como a prática da reza não se nutre apenas de crenças, súplicas aos santos e ramos verdes, outras práticas culturais que estão em contínuo processo de elaboração, como as experiências cotidianas, contribuem para a manutenção deste ofício perante a coletividade. Portanto, os casos observados e vivenciados, tanto pelas rezadeiras quanto pelos clientes, servem de exemplos para enfatizar a eficácia dos tratamentos. O uso de outros “casos de sucessos”, ou seja, cura que a rezadeira teve êxito são usados para ajudar outros clientes em situação semelhante a reorganizar e encontrar dentro de si, forças para lutar contra o mal que lhes afligem. Na verdade, esta idéia seria a lógica do efeito placebo que leva em consideração uma harmonia ente a esfera corporal e espiritual do doente. Para Moerman (1983, p. 241), a doença é uma aflição do corpo, enquanto a percepção do tratamento está no aspecto da mente. E, neste caso, o autor critica a concepção da biomedicina por ignorar e, até mesmo negar esta terapia mais abrangente. Isso fez-me pensar no que Boltanski (1989, p. 61) afirmou sobre a terapêutica desenvolvida pelos curandeiros:

Parece que um dos principais méritos que os membros das classes populares reconhecem ao curandeiro reside, principalmente, no fato de que ele explica ao

doente a doença que ele sofre. Além disso, o curandeiro utiliza uma linguagem imediatamente acessível aos membros das classes populares e fornece explicações que contém representações da doença que despertam alguma coisa no espírito das classes baixas: as representações da doença que o curandeiro tem, são efetivamente próximas das representações latente dos membros das classes populares.

O autor destaca em sua fala uma das principais diferenças apontada pelos clientes das rezadeiras: “a escassez de diálogo entre pacientes e os médicos”. E é, justamente, se apropriando da linguagem recorrente no meio médico que algumas rezadeiras, reelaboram suas práticas. Vale frisar que não é com intuito de “aparecer” diante de sua clientela que a rezadeira faz uso desse artifício. Talvez seja por entender que a prática médica está embasada em princípios científicos, que estas mulheres se apropriam de alguns termos recorrentes na biomedicina com o intuito de tornar suas práticas mais eficientes.

São fluxos de saberes que se re-alimentam, mas que a prática da reza, por ser destituída do saber acadêmico, aproveita estas frestas para se reelaborar, bebendo na fonte de uma prática oficial, institucionalizada pela ciência. Mas seria “uma prática aprendida no convívio do cotidiano e praticada por pessoas que não passaram pelas universidades” (OLIVEIRA, 1985b, p. 10). Ou seja, o fato de um médico acreditar nas rezas ou, como disse a rezadeira, enviar pacientes para se curar, contribui para que a prática da rezadeira adquira prestígio perante a comunidade.

Pelo que observei era mais comum que as rezadeiras se utilizassem dos termos usados pela biomedicina mais do que os médicos pelos termos usados por elas. Neste caso, vem à tona um outro assunto que foi discutido no tópico que tratou da “escolaridade das rezadeiras”. Há uma diferença crucial entre o aprendizado das rezadeiras e o saber dos médicos. Estes últimos são formados em uma universidade, enquanto as mulheres que rezam adquirem seus conhecimentos no dia a dia. Portanto, notei com mais frequência a reelaboração da prática da benzeção a partir do uso de alguns termos da biomedicina do que o inverso. Porém, se há uma forma dos médicos aprender ou passar a usar um determinado procedimento das rezadeiras, este seria a incorporação do diálogo com o paciente. Obviamente que não sugiro que os médicos abandonem seus métodos científicos de cuidar das doenças, no entanto, se se espelhassem nesse procedimento simples e fundamental entre as rezadeiras e os clientes, poderia ser um diferencial relevante, sobretudo porque haveria um ganho significativo por parte da própria população que é atendida pelos profissionais de saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início deste trabalho fica evidente a minha relação de proximidade com o tema abordado, as rezadeiras, sobretudo porque havia parentes próximos a mim que desenvolviam esta prática no dia a dia. Isso, de certa forma, encorajou-me a mergulhar neste universo para tentar entender um pouco mais a sua dinâmica. O período de pesquisa foi muito gratificante, porque se por um lado, possibilitou-me aprimorar os conhecimentos acadêmicos, por outro, permitiu-me elaborar uma auto análise (BOURDIEU, 2005) a partir da minha trajetória com as rezadeiras e a universidade. Assim, a relação que estabeleci com as rezadeiras além de me fazer enxergar a minha posição crítica enquanto pesquisador, também me impulsionou a observar que os outros conhecimentos, que conviviam com o saber das rezadeiras. Algumas vezes, elas fazem até uso dos termos e jargões da biomedicina. Falo isso me reportando à passagem onde uma rezadeira utilizava idéias e termos da biomedicina para reelaborar sua prática terapêutica. Na verdade, não havia intenção de simplesmente aparecer ou ganhar notoriedade diante do pesquisador ou do cliente. Havia por trás disso, uma preocupação de aproximar sua prática de uma outra, legitimada pela ciência. Neste sentido, fica evidente que o ofício da reza, sobretudo a terapêutica de cura e seu ritual estão em constante processo de reelaboração influenciados pelo contexto em que estão inseridos, além dos outros conhecimentos e práticas com quem este ofício está relacionado.

Para entender melhor como se estabelecia a fluidez desses saberes, apoiei-me dos conceitos de circularidade discutido por Bahktin (1983) e depois por Ginzburg (1995). Acredito que os fluxos dos saberes entre a rezadeira e o médico não acontecem apenas em uma direção, Podem se concretizar em diversas direções, ou seja, de baixo para cima ou, mais especificamente, das classes pobres em direção às classes mais abastardas, bem como o inverso, de cima para baixo. Há um fluxo cultural que se realimenta de forma espiralada.

É evidente que as leituras que abordavam o tema das rezadeiras foram fundamentais para se estabelecer um diálogo entre o que era observado empiricamente e as idéias tratadas pelos autores. Uma das minhas preocupações era, então, não repetir o que estes pesquisadores já haviam investigado e descoberto. De preferência, era minha intenção trazer novas idéias que pudessem contribuir para a ampliação da discussão a respeito desta prática. Era recorrente, nas diversas leituras que realizei, a ênfase dada à religião destas mulheres, sobretudo que elas eram católicas, sua origem rural e os tipos de doenças que curavam. Alguns autores, embora chegassem a abordar o processo de iniciação, não aprofundavam

como isso acontecia. Aqueles que abordavam a prática em um contexto urbano não mostravam como era a relação dessas agentes com outras denominações religiosas, por exemplo, o pentecostalismo, a prática e o saber médico. Acredito que este trabalho traz algumas reflexões pertinentes para pensar as relações, as mediações e os conflitos existentes entre as rezadeiras, os médicos e os evangélicos. Analiso essas mediações a partir do que pode ser pensado como um fundo religioso comum ou uma comunidade de crenças. Na verdade, apoiar-me nesta idéia de uma comunidade de crenças religiosas surgiu a partir de comentários sugeridos por Luiz Fernando Dias Duarte. Isso só foi possível porque dentre as informantes que colaboraram com esta pesquisa, havia duas que eram evangélicas e, por último, uma outra que recebia caboclos da jurema.. Ou seja, ao mesmo tempo que elas diziam comungar de práticas religiosas aparentemente incompatíveis com a religião católica, continuavam a alimentar suas crenças através de elementos religiosos do catolicismo popular, como por exemplo, a devoção aos santos. O fato dessas mulheres comungarem de crenças diferentes permitia que elas se mantivessem em um espaço fronteiro. Essa zona de fronteira, meio ambígua, possibilitava estas mulheres se diferenciarem das outras. Por outro lado, esse fenômeno lança questionamentos para se analisar uma crescente inserção das denominações evangélicas na sociedade, sobretudo nas camadas economicamente desfavorecidas.

No primeiro capítulo, que trata das diferenças e semelhanças inerente às rezadeiras e sua práticas terapêuticas, discuto, sobretudo, como elas adquiriram os conhecimentos das rezas, se foi através de um homem, de mulher, portanto, o aspecto da diferença do gênero, quais os tipos de cura que costumam realizar e as circunstâncias em que aprenderam este saber específico. Por observar que a maioria delas tinha baixa escolaridade, procurei fazer também uma análise privilegiando como este saber que era adquirido a partir da observação e se diferenciava dos saberes institucionalizados dos médicos e dos padres. Enfim, procurei, nesta parte do trabalho, mostrar um pouco das interações culturais e sociais que estão associadas ao ofício da reza. Como se evidenciou, cada um desses tipos de terapêuticas assumem lógicas contrárias quando dizem respeito ao tratamento das doenças. No caso do saber médico, ele está pautado numa racionalização científica, pois a doença é vista apenas como sendo inerente ao corpo. Já no modelo de cura estabelecido pelas rezadeiras, a lógica da cura tem como pressuposto um equilíbrio entre a esfera corporal e espiritual do cliente.

Um outro ponto que achei pertinente enfatizar foi a significação que era atribuída a alguns tipos de plantas. Como se sabe, algumas são imprescindíveis para a realização da maioria dos rituais de cura realizados pelas rezadeiras. Há aquelas que são apropriadas para as rezas e outras que, como dizem as rezadeiras, *ofendem*. Por exemplo, plantas que contenham

espinhos em seus galhos não são usadas para a realização dos rituais de cura. De acordo com a explicação das rezadeiras, este tipo de planta não era usado porque remetia às dores que Jesus Cristo teve de suportar, uma vez que ele foi coroado como uma coroa de espinhos. Esse tipo de classificação sinaliza para um fato que diz respeito à lógica desta prática. Não é porque as rezadeiras não seguem um modelo científico que seu ofício seja isento de sentidos, há uma lógica que dinamiza e dá ordem aos significados. É interessante destacar, sobretudo que esta lógica é construída a partir de códigos religiosos que são difundidos e compartilhados pelos clientes, tanto é que eles sabem muito bem que certas espécies de plantas são mais usadas nos rituais e outras não. Ainda que, a preferência fosse por plantas isentas de espinhos, algumas espécies eram mais solicitadas do que outras como, por exemplo, os ramos do pinhão roxo, a arruda, o manjeriço, o alecrim, etc. As rezadeiras acreditavam que estas plantas por serem consideradas “repelentes contra as coisas ruins”, possibilitavam uma eficácia maior na cura dos males.

Seguindo raciocínio semelhante ao uso das plantas nos rituais de cura, destaco os adornos existentes nos “espaços terapêutico-religiosos” das rezadeiras, um outro fator que contribui significativamente para a realização e eficácia do ritual de cura. Na verdade, as imagens de santos, os rosários, as velas, as flores, os altares, “a mesa”, as bonecas pretas funcionam como elementos intercessores e são vistos pelas rezadeiras como mediadores entre elas e os seres sobrenaturais. É através dos santos, por exemplos, que estas mulheres realizam as suplicas em favor de seus clientes, e são através destes seres e objetos que as rezadeiras reelaboram suas crenças religiosas.

Outro aspecto que considero relevante e merece uma certa ênfase, é a questão da transmissão cruzada dos saberes através dos gêneros, ou seja, algumas rezadeiras atribuíram “as forças de suas rezas” ao curador que as ensinou. Neste caso, era comum, enquanto estava realizando a pesquisa, ouvir alguma rezadeira falar que não podia ensinar suas rezas para outra mulher porque corria o risco dos poderes de suas rezas migrarem para a iniciante. Quanto a isso, não encontrei obstáculo, quando pedia para elas rezarem em voz alta para que eu pudesse ouvir. Na certa, como eu sou do sexo masculino, caso viesse a aprender, estaria contribuindo para fortalecer as forças de suas rezas. Elas acreditam que quando ensinam para um homem, estas passam a ter mais poderes. Então, essa relação cruzada, invertida de gênero me fez observar que alguns anos atrás havia muitos rezadores no município de Cruzeta. No entanto, hoje, a prática da reza de cura é quase predominantemente desenvolvida por mulheres. Achei muito interessante este fato porque mostrar como esta prática se adaptar às dinâmicas impostas pelo contexto que estão inseridas. Ou seja, alguns anos atrás, talvez fosse

uma prática, não digo predominante, mas com uma parcela bem significativa de homens realizando rezas de cura.

Além do fator da transmissão do conhecimento através dos gêneros observei que, em muitos casos, os agentes encarregados de disseminar as rezas eram pessoas ligadas à família, ou seja, estes saberes partiam das mães, dos pais, dos maridos, dos sogros etc. Portanto, observa-se uma ênfase nas relações de parentesco quando se trata da transmissão dos conhecimentos das rezas.

Na verdade, esta é apenas uma das formas de ingressar na prática das rezas. Há a possibilidade das rezadeiras adquirirem também seu conhecimento através do que elas denominam “dom de nascença”, até que “aprenderam da própria memória”. Esse tipo de ensinamento está associado algum tipo de problema prévio de saúde ou algum problema espiritual que a rezadeira tenha sofrido. Durante esta fase de atribulação, as rezadeiras que tiveram esse tipo de aprendizagem, afirmam ter recebido todos os conhecimentos de forma sobrenatural.

Um outro fator que torna este trabalho interessante foi ter utilizado leituras que permitisse seguir por uma perspectiva fenomenológica. A partir desta pude encaminhar as discussões sem a preocupação de discutir em profundidade as estruturas que subjazem à prática das rezadeiras, sobretudo no capítulo em que abordo o ritual de cura. Mostro e descrevo as técnicas rituais que estão presentes na prática da reza, assim como a descrição dos lugares e ambientes onde as rezadeiras moram e vivem, a descrição dos espaços terapêutico-religiosos, as ações que elas realizam, enfim, a fenomenologia permitiu que eu mostrasse o ritual como um todo, permitindo, assim, enfatizar suas nuances. Esta perspectiva foi também crucial para entender os significados que o corpo assumia na benzeção. Com isso, pude descrever as reações corporais percebidas durante o ritual de cura, tanto por parte da clientela quanto das rezadeiras. Dentre elas, destaco alguns gestos realizados pelas rezadeiras no momento das rezas, a posição dos clientes receberem as rezas e, também, para tentar entender algumas reações que ocorreram comigo enquanto estava realizando a pesquisa, sobretudo, quando me “botaram olhado”. O corpo, na composição do ritual, também funciona como auxílio na eficácia das rezas, sobretudo quando é a partir do ato de “bocejar” que a rezadeira sabe se o *olhado* foi “botado” por um homem ou se foi botado por uma mulher.

Por último gostaria de enfatizar o fundo religioso e a comunidade de crenças que perpassam a prática das rezadeiras. Acredito que uma das contribuições deste trabalho foi ter atentado para entender como outras denominações religiosas e práticas terapêuticas, como por exemplo, o pentecostalismo, a jurema e a biomedicina, são articuladas pelas rezadeiras para a

reelaboração das suas práticas terapêutico-religiosas. Concluo entendendo que essa comunhão de saberes possibilitou realizar um cruzamento entre as diversas denominações religiosas e diversas práticas terapêuticas, tais como o padre, o pastor evangélico, os crentes, os dentistas e os médicos da cidade de Cruzeta, todos articulando-se, de uma forma ou de outra, com o universo social e o ofício das rezadeiras.

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Cleides. Medicina popular: técnica ou crença. **Comissão maranhense de folclore**. São Luís: Boletim 18, p. 6-7, Dezembro, 2000.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina rústica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 .

ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres**: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

AURÉLIO, Novo Dicionário. **O dicionário da Língua Portuguesa**: Século XXI. Editora Nova Fronteira, versão 3.0. [2005].

BAKHTIN, Mikhail. Apresentação do problema. In: **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento** – O contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 1-50.

BALANDIER, Georges. A desordem trabalha escondida. In: _____. BALANDIER, Georges et alii. **A desordem** – elogio do movimento. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997. p. 93-120.

BARTH, Fredrik. O guru e o iniciador: tradições de conhecimento e moldagem da cultura no sudeste da Ásia e na Melanésia. In: **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 141-165.

BERREMAN, Gerald D. Etnografia e controle de impressão em uma Aldeia do Himalaia. In: ZALUAR, Alba (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975. p 124-171.

BETHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia**: feitiçarias, adivinhos e curandeiros em Portugal no Século XVI. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

BIRMAN, Patrícia. Conexões políticas e bricolagens religiosas: questões sobre o pentecostalismo a partir de alguns contrapontos. In: SANCHIS, Pierre. (Org.). **Fiéis e cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EUERJ, 2001. p. 59-86.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. 2 ed. **Tradição contradição**. In: _____ et alii. (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997. p. 31-58.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de auto-análise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo**: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde da família**: uma estratégia para a reorganização do modelo assistencial. Brasília: Ministério da Saúde, 1997.

CAMARGO, Maria Tereza L. de Arruda. **O cobreiro na medicina popular**. Disponível na internet: <http://www.aguaforte.com/herbarium>. Acesso em 02 set. 2006.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília 15; São Paulo: UNESPE, 1998. p. 17- 35.

_____. O Mal-Estar da ética na antropologia prática. In: _____. VÍCTORIA, Ceres et alii (Org.). **Antropologia e ética**: o debate atual no Brasil. Niterói: Editora da UFF, 2004. p. 21-31.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1978.

_____. **Nomes da terra**: Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Global Editora. 2001.

CORREIA, M. Pinto. **Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Floresta, 1984.

CRUZ, Salete Aparecida da. **As benzedeadas de Vera Cruz**: cultura popular e a escola pública no Oeste Paulista. 2001. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Marília, 2001.

CSORDAS, Thomas J; KATZ, Jack. **Phenomenological ethnography in sociology and anthropology**. London: Sage Publications, 2003.

DUARTE. Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/CNPq, 1986.

_____. A outra saúde: mental, psicossocial e físico moral? In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa; ALVES, Paulo César. (Org.). **Saúde e doença**: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. p. 83-91.

DURKHEIM, Émile. Definição do fenômeno religioso e da religião. In: **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 3 -32.

ELLEN, R. F. Producing date. In: **Ethnographic research**. Academic Press. 1984.

EVANS-PRITCHARD, E. Edward. **Bruxaria, oráculo e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005 (Coleção Antropologia Social).

_____. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRAZER, James George. **O ramo de ouro**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1982.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Estar aqui: de quem é a vida afinal. In: **Obras e Vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GÓES, Terezinha de Jesus M. **Noções de Geografia e História do município de Cruzeta**. Rio Grande do Norte, RN. Recife: Editora de Pernambuco, 1971.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.

HELMAN, Cecil G. Interação médico-paciente. In: **Saúde, doença e cultura**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 109-145.

HERTZ, Robert. **A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa**. In: *Religião e sociedade*, n.6. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1980. p. 99-128.

LEACH, Edmund Ronald. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia estrutural**. 5 ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996. p. 193-214.

LINS DE BARROS, Myriam. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LOPES, Fátima Martins. **Índios, colonos e missionários na colonização da Capitania do Rio Grande**. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 2003.

LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde**. São Paulo: Difel, 1984. (Coleção Corpo e Alma do Brasil).

LYOTARD, Jean-François. **A fenomenologia**. São Paulo: Difusão européia do livro: São Paulo, 1967.

MARTÍN, Eliane Cordeiro Sánchez. **Religiosidade popular: santos, magos e feiticeiros**. O universo religioso na Comunidade Rural do Ligeiro. 1998. 161f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) - Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1998.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. “Malineza”: um conceito da Cultura Amazônica. In: BIRMAN, Patrícia et alii. (Org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EDURJ, 1997. p. 32-45.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____. A prece. In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 230-323 (cap. I e II)

MEDEIROS, José Augusto de. **Seridó**. Rio de Janeiro: Borsal Editor, 1954.

MEDEIROS, Bartolomeu Tito Figueirôa de. Dona Rosinha do Massapé: a cura espiritual pelo toré. In: SANCHIS, Pierre. (Org.). **Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EUERJ, 2001. p. 103-116.

MELO, Bruna Tayse Queiroz de. **Rezadeiras: representações e recontextualizações**. 2003. 78f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Representações da cura no catolicismo popular. In: _____; ALVES, Paulo César.(Org.). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. p. 57-72.

MONTERO, Paula. A percepção popular da doença e sua reinterpretação religiosa. In: **Da doença à desordem: a magia na umbanda**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. **Seridó norte-rio-grandense**: uma geografia de resistência. 2004. 448f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2004.

MORAIS, Glória Cristina de Oliveira. Festas católicas, rezadeiras, curandeiras e encantados. In: **Entre parentes**: cotidiano, religiosidade e identidade na Serra de Porta Alegre/RN. 2005. 156f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2005.

MOERMAN, Daniel E. Physiology and symbols: the anthropological implications of the placebo effect. In: **The anthropology of medicine, from culture to method**. _____ et alii (Org.). Manchester: Bergin and Garvey Publisher, 1983. p. 240-253.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985 a.

_____. **O que é medicina popular**. São Paulo: Brasiliense, 1985b.(Coleção Primeiros Passos).

_____. Representações sociais sobre doenças: os magos da ciência e os cientistas da magia. In: **Ciências Sociais e saúde bucal**: Questões e perspectivas Bauru: EDUSCS - Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, Maria Rita de Cássia. **Cachimbo, rede e rosário**: mudanças sociais, memórias e tradições. 2003. 135f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2003.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Parteiras? Experientes? E poções**: o dom que se apura pelo encanto da floresta. 2004. 318f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

QUINTANA, Alberto M. **A Ciência da benzedura**: mau olhar, simpatias e uma pitada de Psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.

RABELO, Miriam C. M; MOTA, Sueli Ribeiro. O senhor me usa tanto: experiência religiosa e a construção do corpo feminino no pentecostalismo. In: GROSSI, M. Pilar; SCHWADE, Elisete. (Org.). **Política e cotidiano**: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade. Florianópolis: ABA/Nova Letra, 2006.

RICHEPORT, Madeleine. **Terapias alternativas num bairro de Natal**: estudo na Antropologia médica. Natal: Editora Universitária, 1985.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Deadly words**: witchcraft in the Bocage. London: Cambridge University Press. 1980.

SANCHIS, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: _____. (Org.). **Fiéis e cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 9-57.

_____. O mal à brasileira. Um posfácio: o mal, a ética, a política e o Brasil. In: BIRMAN, Patrícia et alii. (Org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997, p. 222-232.

SANTOS, Francimário Vito dos. **Rezadeiras**: prática e reconhecimento social. 2004. 92f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Ciências Sociais, Natal, 2004.

SANTOS, Vaneska Tatiana Silva. **Reestruturação socioespacial do seridó norte-riograndense**: desafios e veredas construindo uma ‘nova’ realidade. 2005. 221f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Departamento de Geografia, Natal, 2005.

SILVA, Maria do Rosário. **Rezar, curar**: um caso de persistência cultural no Seridó. Mneme, Caicó. V.3, nº 05, abr/mai, 2002. www.serido.net (acessado em 20 de maio de 2005).

SILVA, Wagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua magia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SOUZA, José Josberto Montenegro. **Cultura e saberes populares em comunidades rurais do Vale do Rio Jaguaribe, Ceará**. 2004. 117f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUZA, Liliane Cunha de. **Doença que rezador cura e doença que médico cura**: modelo etiológico Xukuru a partir de seus especialistas de cura. 2004. 139f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

SOUZA, Grayce Mayre Bonfim. **Ramos, rezas e raízes**: a benzedura em Vitória da Conquista. 1999. 186f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

SOUZA, Maria José Francisco de. **Rezas e benzeções**: a apropriação desses saberes populares em Barra do Dengoso. 2003. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o Santuário do Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

TAMBIAH, Stanley Leyaraja. The magical power of words. In: **Culture, though and social action: an anthropological perspective**. Cambridge: MA, Havard University Press, 1968.

VAN DEN BERG, Irene de Araújo. **Louvar, orar e converter**: estudo etnográfico sobre um grupo carismático e seus adeptos. 2000. 78f. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2000.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: **Individualismo e Cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.p. 121-132.

_____. O desafio da proximidade. In: **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003. p. 11-19.

VIEIRA, Ana Cristina. **Chás, doses e fé**: um estudo antropológico dos sistemas de saúde da Ilha de Santa Catarina na primeira metade do Século XX. 2001. 121f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar**: Medicina, Religião, e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889 – 1928. Santa Maria: Editora da UFMS; Bauru, EDUSC. 1999.

WEBER, Max. Os tipos de dominação. In: **Economia e Sociedade**. 3 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994. p. 139-198. cap. III.

WEIGAND, Valéria Rodrigues. **Curadores e rezadores**: a exclusão social do sistema oficial de saúde nos seringais de Xapuri/Acre. 2002. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

WITTER, Nikelen Acosta. **Dizem que foi feitiço**: curadores e práticas de cura no interior do Brasil (Santa Maria, RS-1845/1880). 1999. 193f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

Endereços de sites acessados:

www.ibge.org.br. Acesso em 25 de junho de 2006.

www.idemarn.gov.br/secretaria. Acesso em 25 de junho de 2006.

www.capes.org.br. Acesso em janeiro de 2006.

ANEXOS

Anexo 01



Figura 36 - A cidade de Cruzeta margeada pelas águas do açude

Anexo 02

| AÇUDE | LOCALIZAÇÃO (atual) | RIO BARRADO | CAPACIDADE (1.000 m³) | CONSTRUÇÃO | |
|----------------|----------------------|------------------------|-----------------------|-------------|-------------|
| | | | | Início | Conclusão |
| Mundo Novo | Caicó | Pedra Branca | 3600 | 1912 | 1915 |
| Acari | Acari | Acauã | 285 | 1915 | 1917 |
| Serra Negra | Serra Negra do Norte | Riacho Espinharas | 57 | 1915 | 1920 |
| Cruzeta | Cruzeta | Riacho São José | (1) 29753 | 1920 | 1929 |
| Totoró | Currais Novos | Totoró | 39947 | 1932 | 1933 |
| Itans | Caicó | Barra Nova | 81000 | 1932 | 1935 |
| Cerro Corá | Cerro Corá | Currais Novos | 900 | 1937 | 1938 |

Fonte: MORAIS, Ione Diniz Rodrigues. 2004, p. 411.

(1) No final da década de 1980 foi ampliado passando a comportar 35.000.000 m³.

Figura 37 - Açudes públicos construídos pelo DNOCS no Seridó — 1912-1938

Anexo 03

| DOENÇAS | O QUE É | SINTOMAS | COMO ADQUIRE | COMO TRATAR |
|--|---|---|---|---|
| CARNE TRIADA | Dores musculares, torção de membros, luxação, desmentidura. Não se enquadram aqui fraturas ósseas. | Dores no local lesionado e inchaço. | Através de mau jeito, torções quedas etc. | O tratamento consiste no uso de reza específica, agulha, linha e um pedacinho de pano ou novelo de linha. O tratamento consiste, primeiramente, em verificar se o paciente está com as arcas ou os peitos abertos: mede-se, com auxílio de um cordão do dedo anular, até o cotovelo. Em seguida, dobra-se de tamanho, e envolve, na altura do tórax do cliente. Ao juntar as duas pontas, se houver folga é sinal que o cliente está sofrendo desse mal. |
| ARCA OU ESPINHELA CAÍDA (mulher) e PEITO ABERTO (homem) | Segundo algumas rezadeiras, é um “nervinho” ou “peinha” que se rompe, quando o indivíduo faz esforço físico. Outras atribuem à fraqueza. | São dores e ardências na região do tórax, indisposição e esmorecimento nos braços. | Esforço físico em excesso e fraqueza: em mulheres pode ocorrer, por elas carregarem os filhos no colo; em homens é provocado por esforço além da capacidade. | |
| MAL-DE-MONTE | São inflamações na pele: feridas, queimaduras, erisipelas, sarnas e furúnculos. | Dores fortes, queimação e ardência. No caso de erisipelas, as dores são associadas “a perna está pegando fogo” e enrubescimento da pele. | | O tratamento consiste no uso de rezas e ramos verdes. |
| CAMAPAINHA CAÍDA | Segundo a rezadeira dona Leide é quando aquela “campainha” que fica na garganta, entre as amídalas, cai sobre a língua, impossibilitando o cliente de se alimentar. | Dor de garganta, tosse e inapetência. | Através de crise de garganta | O tratamento consiste no uso de reza e ramos verdes. Durante o ritual de cura, a rezadeira dar leves puxões de orelhas, de cabelos e faz massagens no lado externo da garganta. Usa-se um pé de pinhão roxo ou branco e uma faca. Dona Joaninha posiciona o cliente à sua frente, de modo que, o pé de pinhão fique no meio. E com a faca diz: “O que é que eu corto” (pergunta a rezadeira). O cliente: “cobreiro brabo”. A rezadeira: “Eu corto a cabeça e a ponta do rabo. Com os poderes de Deus tu estarás curado”. [dando golpes nos galhos superiores (cabeça) e no tronco (rabo)]. O tratamento consiste primeiramente em verificar o desaparecimento de um “vinco” ou “calanguinho” |
| COBREIRO (herpes-zoster) | Ferimentos causados pelo contato da roupa, pela qual, passaram cobras, arranhas, víboras etc. Daí, origem do nome popular ser associado à cobra. | Irritação na pele, seguida de dores e pus. As rezadeiras atribuem a esta enfermidade características inerentes a seus causadores: “o cobreiro tem um rabo e uma cabeça, caso venha se encontrar o enfermo morrerá”. | Através de picadas de alguns insetos (aranhas, lagartixa, víboras, etc) ou vestígios destes insetos deixados em peças de roupas, durante o processo de lavagem e secagem. | |
| VENTO CAÍDO OU VIRADO | É uma doença específica de criança que está associada a desarranjo intestinal e desidratação. | A criança fica vomitando e com diarréia (cor esverdeada). | Susto (acordar a criança de forma brusca enquanto ela dormia). | |

| | | | | |
|--|---|--|---|---|
| | | | | <p>que existe na barriga da criança. Para verificar, a rezadeira coloca-a de cabeça para baixo. Se não aparecer é sinal que o vento da criança está virado. Feito isso, inicia-se o ritual de cura: reza-se fazendo cruzeiros na barriga da criança, sempre colocando a criança de ponta cabeça com intuito de "levantar o que havia caído". Em seguida, leva-a até a porta, e bate os pés dela na parte superior da porta. Finalmente, aconselha-se a mãe, que ao chegar em casa retire a camisa da criança e estenda, de ponta cabeça, no meio de uma porta, por três dias.</p> |
| <p>OLHADO</p> | <p>É uma doença que vai debilitando o indivíduo, aos poucos, até levá-lo a morte, se não procurar alguém que reze. É proveniente de um fascínio (admiração) que uma determinada pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano: beleza, feiúra, gordura, inteligência etc.</p> | <p>Os sintomas, geralmente são: fálência, sonolência (bocejamentos), inapetência, esmorecimento, falta de ânimo Neste caso, haverá dores de cabeça, seguida de vômito, diarréia, perda de peso. Embora este mal acometa, freqüentemente as crianças, o olhado pode ser "botado" em homens, mulheres e animais.</p> | <p>Na realidade, segundo as rezadeiras, há pessoas que já nascem como os "olhos maus" para botar o olhado. Para tanto, basta olhar para a pessoa para que esta venha a adoecer.</p> | <p>O tratamento consiste basicamente no uso de reza específica, ramos verdes e gestos, em forma de cruzeiros sobre o cliente. Para a rezadeira retirar todo o olhado, será necessário repetir o ritual três vezes.</p> |
| <p>QUEBRANTE</p> | <p>Na realidade, a maioria das rezadeiras não diferencia olhado do quebrante. No entanto, a rezadeira Barica descreveu com sendo um olhado muito forte que foi jogado nos ossos, pois o doente fica "todo moído".</p> | <p>Semelhante ao olhado. Embora algumas rezadeiras caracterizem o quebrante como sendo um olhado forte ou um olhado em um estágio avançado.</p> | <p>O processo é igual ao olhado.</p> | <p>Ver o processo usado para tirar o olhado.</p> |
| <p>ESTANCAR SANGRAMENTO (TOMAR SANGUE DE PALAVRA)</p> | <p>Este procedimento é em casos de hemorragias ou perda de sangue (em seres humanos e em animais)</p> | <p>Perda de sangue.</p> | | <p>O tratamento consiste em molhar o polegar direito com o próprio sangue do ferimento, onde está sangrando, e realizando movimentos em cruzeiros sobre o local (fazendo pressão) diz as palavras.</p> |
| <p>RAMO DE AR</p> | <p>Geralmente, é quando o indivíduo está dormindo e sai bruscamente para o lado de fora (contato com ar frio). Está dormindo e levanta-se sem calçar as sandálias, chega como o corpo quente e toma água.</p> | <p>Em casos mais simples, podem ocorrer dores de cabeças e inchaço nos olhos, mas em casos mais extremos pode haver paralisia facial.</p> | <p>Mudanças de temperaturas: quente/frio.</p> | <p>Consiste em rezar com ramos verdes. No caso de paralisia facial, receita-se purgantes à base de óleo de carrapateira Não é o caso das rezadeiras em estudo. Elas apenas limitam-se a rezar.</p> |

**FOGO
SELVAGEM**

É uma irritação que dar no pescoço e a trás das orelhas das crianças.

Vermelhidão no pescoço da criança, feridas e secreção.

Consiste em rezar com ramos verdes, dizendo as seguintes palavras: “Ia são Greu e Santa Ungria em sua longa viagem. São Greu perguntou a Santa Ungria: Ungria com que é que cura raiva e fogo selvagem? Respondeu Santa Ungria a São Greu: com ramo verde e água fria”. Reza-se três Pai-nossos e três Ave-marias.

BICHEIRAS

Ferida nos animais, cheia de bichos, vermes. É comum, em época de chuva, as moscas depositarem seus ovos nas bicheiras. (tapurus).

Ferida exposta, que se não for tratada pode matar o animal.

Através de ferimento causado por outro animal, arranhões nos arames das cercas; é comum também em umbigo de filhotes de vaca, ovelha e cabras.

A rezadeira dona Silvina de Domingo Preto reza a bicheira com o ramo verde, dizendo as seguintes palavras: “Males que comem, eu não rezo. Caia [os tapurus] de um em um, e vá para as profundas dos infernos. Amém, Jesus”. Não é preciso repetir, pois segundo ela, os bichos começam a cair na hora.

ENGASGO

Aquilo que impede a fala, de alimentar-se.

Incomodo na garganta ao dar o glote. Impossibilidade de alimentar-se.

Engasgo com pedaço de osso, espinha de peixe etc.

Através de rezas específicas, fazendo o sinal da cruz na garganta do doente.

Figura 38 - Quadro das doenças de rezadeiras

Anexo 04

As rezadeiras conhecidas em 2001



Figura 39 – Rezadeira Barica



Figura 40 – Rezadeiras Francisca e Sebastiana Dantas – Filha e Mãe



Figura 41 – Rezadeira dona Dolores



Figura 42 – Rezadeira Joaquina



Figura 43 – Rezadeira dona Rita de Ramim



Figura 44 – Rezadeira dona Santa



Figura 45 – Rezadeira dona Sebastiana



Figura 46 – Rezadeira dona Severina mãe de Joaquina



Figura 47 – Rezadeira dona Maria de Neco



Figura 48 – Rezadeira dona Hosana



Figura 49 – Rezadeira tia Romana



Figura 50 – Rezadeira dona Maria Pedro

Rezadeiras contactadas em abril de 2006



Figura 51 – Rezadeira dona Leide



Figura 52 – Rezadeira dona Lica



Figura 53 – Rezadeira dona Maria de Chico Brito



Figura 54 – Rezadeira Marina



Figura 55 – Rezadeira dona Chiquinha



Figura 56 – Rezadeira dona Gilberta



Figura 57 – Rezadeira dona Neuza



Figura 58 – Rezadeira dona Uda



Figura 59 – Rezadeira dona Silvina de Domingo Preto



Figura 60 – Rezadeira dona Maria de Julho Bilino



Figura 61 – Rezadeira dona Giselda. Esta rezadeira era a única que eu não dispunha de fotografia sua. Quando retornei à Cruzeta para pedir tal registro, ela sugeriu que eu a fotografasse realizando uma cura. Então, como eu também tinha ido com o intuito de que ela me rezasse, aproveitei a oportunidade e tirei esta foto dela me rezando.

Anexo 05

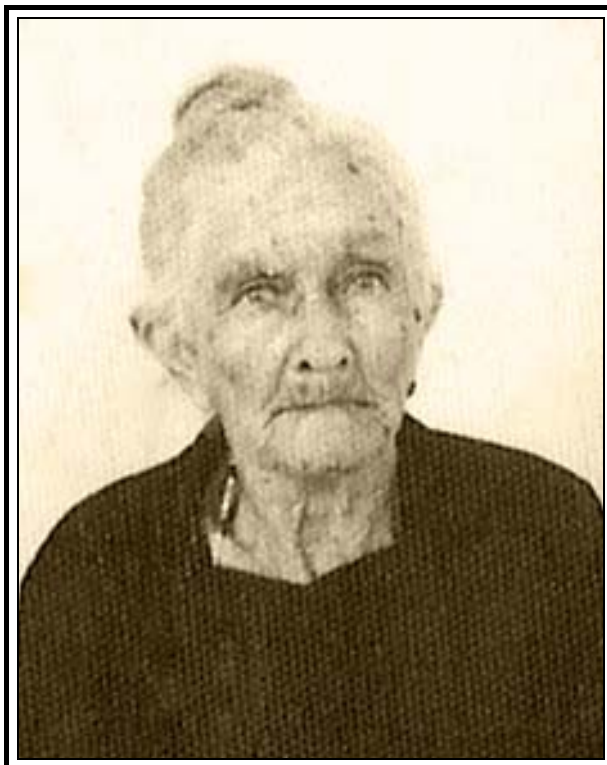


Figura 62 - Rezadeira Aninha Pêdo, minha bisavó paterna (mãe)



Figura 63 – Rezadeira Maricuta, minha avó paterna e filha de Aninha Pêdo (filha)